



FRANCISCO SCATTOLIN



O LOBISOMEM DA VILA MARIANA

Francisco Scattolin

Créditos

Capa: Pedro Cruvinel

Edição Independente, dezembro/2022

Todos os direitos da obra reservados a Francisco Scattolin Filho

Contatos:

f.scattolin@gmail.com

Instagram: @fscattolinf

PRÓLOGO

Sítio São João, Piedade.

Trinta dias depois da lua cheia de 30 de julho.

Eram onze da noite. Leonardo tragava o fumo para dentro dos pulmões enquanto a observava atentamente. Com os dedos finos e trêmulos e a voz vacilante, ela desligou, a pedido, o gravador de voz sobre a mesa na varanda. Foi Leonardo quem escolheu o fim de noite para conversarem pela primeira vez. Foi Leonardo quem escolheu o São João; e foi Leonardo quem pagou, a peso de ouro, pelos serviços dela a domicílio. Agora, ele percebia o receio da psicóloga ao seu lado, sozinha naquele sítio onde ninguém podia socorrê-la. *Por quem ela teme?*, ele se perguntou, curioso ao ver a lata de spray de pimenta despontando na bolsa aberta da doutora.

Aline se ajeitou no assento de madeira, apertou o cachecol contra o pescoço e afastou, só um pouco, a cadeira para trás, tentando parecer discreta, mas ele percebeu. Leonardo não quis acreditar que o medo era do que ele podia fazer com ela. Também não quis acreditar que tivesse a ver com a sua aparência, com a cicatriz profunda no rosto em formato de garras, inutilizando o olho esquerdo — por isso o lampião a querosene, pendurado em um gancho de ferro na parede, atrás dele. Havia energia elétrica no sítio; havia uma lâmpada comprida e fluorescente instalada sobre a cabeça dos dois, mas estava desligada. Ele não queria que ela visse. Não queria que a doutora decifrasse as expressões em sua face enquanto estivesse contando o que viu e o que fez; ou que ela enxergasse a vergonha que ele sentia. Ele nem ao menos queria contar a história, mas pensou que o princípio... Bem, o princípio ele devia contar.

A MORTE E A LUA

I

São Paulo, capital.

16 de junho (Quarenta e quatro dias antes da lua cheia de 30 de julho).

Sentavam-se à mesa da sala, em um sobrado residencial na Conselheiro Rodrigues Alves, em frente ao Instituto Biológico. À cabeceira, Tobias Muller esforçava-se para compreender os argumentos. As propostas eram cheias de cálculos, hipóteses, minúcias, taxas de juros; exigiam rapidez de pensamento, e isso ele não tinha mais. Os detalhes escaparam quando a tontura e a vertigem lhe fizeram reviver a lembrança do derrame.

O doutor Bauer — não confiava no Doutor Bauer — disse que a recuperação fora completa. “O senhor vai longe”, afirmara... mas e o medo? O medo nunca deixaria de ser traiçoeiro e seria capaz de sequestrá-lo ao menor gatilho; ao menor sinal de desconforto que destoasse das dezenas de sintomas que o incomodavam no dia a dia.

Enjoado, Tobias desviou o olhar para o resto da casa em busca de conforto e familiaridade. Depois que vendesse a Brasitel, só o que lhe sobraria era a mansão na Vila Mariana, com os seis dormitórios no andar superior e a ampla área de convívio no térreo.

Olhou para a decoração em tons de marrom e cinza com objetos que não combinavam entre si: um punhado de utensílios coletados a esmo, dispostos por ele próprio, alguém que não tinha a menor ideia de como parecer elegante. Os móveis, em madeira maciça, não haviam trocado de lugar desde que se mudara para lá, em 1974. Esquecida no canto, a cristaleira guardava conjuntos de porcelana imaculados.

O olhar de Tobias avançou um pouco mais, para além da porta de correr escancarada que deixava entrever um jardim espartano — sem árvores, sem fontes, sem estátuas decorativas.

Cercada por um gramado malcuidado, a piscina vazia tinha azulejos faltando e ervas daninhas grassando no rejunte encardido.

Desinteressado da negociação e do comprador — *Um garoto! Garotos como este nunca sofreram; são frouxos. No meu tempo, jamais juntaria o que eu juntei!* — Tobias levantou-se e caminhou ladeando as estantes da sala, onde albergava uma pequena biblioteca.

Livros técnicos de administração e engenharia dividiam espaço com os troféus conquistados pela Brasitel à época em que a empresa fora referência em inovação na indústria. As estantes mais baixas exibiam exemplares recém-adquiridos sobre suas mais recentes obsessões: o religioso, o oculto e o pagão.

A disposição dos volumes era caótica. Os temas guardavam pouca relação entre si: umbanda, candomblé... Histórias do folclore nacional e estrangeiro disputando espaço com antologias sobre o misticismo europeu e africano, livros sobre teorias conspiratórias, a farsa do homem na lua e o terraplanismo.

A obra completa de Allan Kardec, com ensaios psicografados por espíritos de luz, aparecia intercalada com o Alcorão, a Bíblia e o Talmude. Espremidos no fundo da prateleira, livros de autoajuda escritos por *coaches* quânticos e estudos sobre ufologia.

A verdade, bem sabia Tobias, era que, aos 89, a idade avançada e a solidão lhe atormentavam. Parecia não haver livro, autor ou assunto capaz de deixá-lo em paz. Além da lembrança do derrame que volta e meia lhe assombrava, sofria com dores crônicas na coluna. Simone, a fisioterapeuta de três vezes na semana, fazia massagens, aplicava choques em suas costas, alongava-o. Virava do avesso seu corpo entrevado e sedentário. Aquela hora estirado na maca era uma experiência quase erótica. Arrepiava-se dos pés à cabeça enquanto Simone pressionava entre as vértebras e os músculos com a junta dos dedos.

O velho Tobias coçou a cabeça. Por que a Brasitel tinha que ir? Parecia injusto ter de se livrar da empresa que fundara sozinho em 1968. Aqueles, sim, foram bons tempos, quando fabricava aparelhos telefônicos na Mooca em um galpão de sete mil metros quadrados; quando fez fortuna com o mercado residencial vendendo telefones de gancho, aquelas belezinhas que enviavam impulsos elétricos ao se girar os números com os dedos no painel de acrílico.

Com a chegada dos celulares, a Brasitel migrara para o mercado empresarial. Aparelhos quadrados e robustos, de teclas, integrados a soluções de PABX. Os ventos mudaram de direção; e não demoraram para parar de soprar por completo. A Brasitel se tornara um mamute em agonia. Sem saúde para corrigir a anacronia da empresa, Tobias precisou sacrificar a cria. Sustentar um casarão na Vila Mariana não era barato.

Tobias Muller despertou de suas divagações quando ouviu a cifra. O doutor Osmar Stabile, seu advogado, havia, enfim, convencido o garoto a pagar o que ele queria. Tobias era, de fato, dono de um mamute — mas o mamute era caro pra diabo. Setenta milhões de reais pelos galpões na Mooca, em Jaboticabal e Ribeirão Preto; pelo escritório comercial de dois andares na Avenida Paulista; pela marca nacionalmente conhecida da Brasitel.

Ele suspirou. Não dispunha de tempo ou saúde para gastar setenta milhões, o que é sempre uma conclusão triste de se chegar.

Tobias olhou mais uma vez para além da sala e das prateleiras. Sua casa pareceu-lhe um monumento à frustração de um pobre homem rico: festas nunca celebradas, casamento e filhos que não vieram, vida que nunca houve. Sequer tinha com quem celebrar o negócio — além, talvez, do próprio Osmar Stabile.

O doutor Stabile apertou as mãos dos dois garotos, Max Bezerra e Leonardo Andrade, e entregou uma cópia do acordo impressa em letras garrafais para Tobias. Ele virou as páginas uma por vez, demorando-se em cada uma delas — mas não leu nenhuma. Assinou a última com a caligrafia trêmula, as letras bêbadas ondulando sobre a linha horizontal. Em seguida, tossiu com força, devolveu as páginas ao advogado e pediu licença para retirar-se.

Na solidão do seu quarto, com a lombar latejando, escolheu um livro dentre os sete empilhados sobre o aparador e deitou a cabeça no travesseiro. Setenta milhões livres para dispor. Era bem verdade que nem todo o dinheiro do mundo seria capaz de dar jeito às questões da vida e da morte.

Mas Tobias Muller não pensava assim.

II

Eram oito da noite no Chardy, o restaurante quatro estrelas Michelin. Fernanda Bruni pediu *escargot à bourgogne* para petiscar e *canard à l'orange* como prato principal. Comemorava o primeiro aniversário de casamento com João Menezes, sabendo que aquele seria, também, o último — mas ela não ia chorar por isso. Não mesmo.

O chef Molinet foi pessoalmente à mesa do casal pedir milhões de desculpas e explicar que não havia laranjas. “O Chardy não é casa para causar esse tipo de decepção aos clientes”, ele disse, e, após desculpar-se novamente, ofereceu o *foie gras* como entrada-cortesia.

Fernanda fez cara de nojo, mas aceitou. Nunca havia provado *foie gras*, fígado de ganso alimentado à força, até a exaustão e a morte, em prol da arte culinária.

Horas antes, havia contado para João, o marido-promotor, que ele não poderia ser pai. Não com ela, pelo menos. Fernanda insistiu para manterem os planos para a noite. A reserva estava agendada desde abril, e Deus sabia o quanto era difícil conseguir mesa em uma sexta à noite no Chardy.

Depois da sobremesa, contaria a segunda parte da revelação ao esposo. Contaria a ele que sempre soube que não podia ser mãe. Desde quando decoraram o quarto de criança em amarelo, com motivos de personagens da Disney; desde a compra do enxoval e do carrinho de bebê, em Orlando. Desde a lua de mel sem camisinha.

Bom, para ser justa, ela sabia desde muito antes da Riviera de São Lourenço, da festa na casa de conhecidos em comum quando os dois se conheceram e ele disse que queria ser pai depois de passar horas se gabando sobre quão foda ele era, sobre quantas dezenas de milhares de reais ganhava por mês e sobre a família tradicional que morava em Higienópolis.

À mesa, João estava irrequieto. Os dedos dele tamborilavam sobre a toalha branca imaculada do Chardy; seus olhos felinos passeavam pelo salão, escapando dos dela. Fernanda notou a pressa dele ao mastigar os escargots borrachentos; ao engolir o *foie gras* sem guarnição; ao trocar o pato com laranjas pelo substituto mais simples e rápido que havia no cardápio. Quando estava nervoso, João ficava

aéreo. Seus pensamentos voavam longe, anos à frente, e nesses momentos ela poderia tirar a roupa na frente dele, ficar nua em pleno restaurante, que João sequer notaria.

Desinteressada por chamar a atenção do marido, Fernanda espiou os fregueses do Chardy: os casais namorando, as mesas com famílias completas e felizes, os sorrisos, as interjeições de prazer a cada garfada. Foi quando, para a sua enorme surpresa, no canto do salão avistou um conhecido de infância.

Max?

Sim, era ele. O filho dos Bezerra, o sitiante. Seu colega de classe durante o ginásio e o colegial.

Mal podia acreditar em seus olhos: ele vestia um colete preto elegante por sobre a camisa branca e uma gravata azul estreita justa no colarinho. Empertigado, com um corte de cabelo moderno, exibia no pulso um relógio brilhante que devia custar o preço do carro dela.

Estava diferente *demais*, era verdade — mas os traços não mudam. É sempre possível enxergar a criança por trás do rosto de um adulto, especialmente para uma exímia fisionomista como Fernanda Bruni.

De volta ao Planeta Terra, João Menezes começou a falar sobre novos tratamentos, sobre como *ela* não deveria desistir. Disse que se *ela* perseverasse, poderia ser mãe. Quis dizer, mas não disse, que *ela* ia achar alguém.

Fernanda não queria ouvir. Sabia onde aquilo terminaria. Continuou atenta à mesa vizinha, hipnotizada. Nunca esperaria encontrar um pedaço do seu passado em pleno Chardy. Aquilo era tão fora de contexto quanto o Chef Molinet oferecer uma porção de polenta e ovo colorido no lugar do pato sem laranjas. *Max virou um homem bonito, fica charmoso em um terno bem cortado. Por que não devolveu o olhar uma vez sequer? Não me reconheceu?*

Fernanda pensou que havia perdido o frescor da juventude, quando os homens torciam o pescoço para vê-la desfilar, inventavam assuntos para impressioná-la e se apaixonavam feito os garotos do Santo Agostinho ao descobrirem a puberdade.

— Você está me ouvindo?

— Estou — ela disse, sem estar, e João se contentou.

O marido garfou o suflê de *gruyère* e deixou escapar uma interjeição de prazer. Devia estar pensando nas crianças que prometera aos pais. Dona Júlia queria um netinho; seu Toni, um novo herdeiro. Ela pediu licença para ir ao toalete e ele esboçou uma expressão de ternura que a intrigou.

Fernanda queria ar puro; afastar-se por um momento, tomar coragem para voltar e terminar tudo. Não era justo fazer aquele casamento durar mais um minuto

que fosse. Se lhe servia de consolo, estava certa de que João também queria um final para a mentira em que se meteram — possivelmente, ainda mais do que ela.

No caminho para o toalete, passou pela mesa de Max Bezerra e o viu gesticulando para os senhores calvos e barrigudos que o acompanhavam. Eles faziam caras e bocas enquanto Max falava; depois retrucavam, como se não acreditassem nele. Ainda assim, Fernanda teve a sensação de que era questão de tempo até que o conterrâneo os convencesse. Max transpirava confiança; tanto quanto os amigos promotores do marido que Fernanda detestava.

Ela ajustou o vestido com discrição, desfazendo as dobras do tecido. A renda descreveu curvas suaves e provocantes. O tubete preto valorizava a cintura e o bumbum empinado conquistado na rotina diária na academia. Por alguma razão que lhe fugia, ela queria ser cobiçada; e não, não era vaidade.

Depois de passar pela mesa de Max, olhou para trás. Os colegas dele a despiram com os olhos, mas Max a ignorou. Fernanda riu ao notar que o velho conhecido aproveitara a distração deles para cobiçar, à distância, a recepcionista do Chardy. Ao menos, ele tinha bom gosto — a morena era, mesmo, linda.

— Quer um lenço, amor?

Assim que ela voltou do toalete, ele estendeu o guardanapo de pano dobrado.

— Não é o fim do mundo. — Ele disse.

Como João conseguia ser tão previsível? Ela sempre adivinhava o que ele estava pensando sem que ele precisasse dizer palavra. Bastava assumir que fosse algo sobre ele próprio e estaria sempre certa. Daquela vez, é claro, ele avaliou que ela fora até o banheiro chorar por sua causa. O tom condescendente não deixava dúvida. Ela sentiu uma raiva súbita subindo pelo esôfago quando viu João engolindo o bocado final da sua porção de *crêpe Suzette*.

— Já terminou?! — perguntou, observando o prato dele vazio e os rastros do recheio na porcelana feito resquícios de um crime.

— Desculpe, amor, não te esperei. Seria um pecado deixar esfriar. Experimente o seu, ande. Está ótimo.

Não foi a sobremesa, nem a infertilidade. Tampouco o casamento fracassado. Foi Max, ou, antes, o passado longínquo a que ele remetia. Ninguém nunca enterra o seu passado de verdade.

Uma vontade irrefreável de explodir com tudo naquele exato instante se apoderou de Fernanda — e, com ela, paradoxalmente, um desânimo mórbido e quase depressivo. Ela pensou em Carleto morto; e nos próprios pais, morrendo. Pensou em Piedade, e um gosto amargo lhe subiu à boca, contaminando a sobremesa. Teria de retornar, uma vez mais, derrotada e amaldiçoada. Por que

aquela cidade teimava em trazê-la de volta contra a sua vontade? Por que *não sentia*?

Subitamente, veio algo; fugaz, como uma fagulha se dissolvendo em contato com o ar. Sentiu pena do marido, mas, por Deus, foi breve. João Menezes era um canalha feito ela, ou pior. João Menezes não tinha as desculpas que ela tinha.

Fernanda admirou o prato decorado, a porcelana fina desenhada em branco e azul. O *crêpe Suzette* era lindo, úmido, amarelo-ouro. Parecia delicioso — mas só parecia. Estava gelado, e metade do prazer se esvai quando o calor vai embora.

— João, a gente precisa conversar.

Ele paralisou. Devia ter achado que ela imploraria, e ele não queria aquilo. Há coisas que ficam melhor não ditas.

— Não pode esperar, querida? Logo estaremos em casa, e sozinhos a gente pode...

— Eu nasci estéril — ela o interrompeu e ele pareceu ter levado um murro no queixo. — Sempre soube. Desde sempre.

— Não estou compreendendo.

— Nunca pude ter os seus filhos.

Era sempre assim.

Quando o foco da discussão não era João, ela precisava desenhar para fazê-lo entender.

— É o que tem a dizer? — ele perguntou, incrédulo.

— Eu não te amo, João.

O promotor recebeu as palavras da esposa como uma punhalada nas costas. Fernanda mediu as reações dele, atenta. Não teve dúvidas de que o fato de ter sido feito de idiota o feria mais do que a revelação de que ela não o amava.

— Como pôde?! — Chorando, ele empurrou a cadeira para trás com os pés, derrubando-a ao mesmo tempo em que se levantava com agilidade. As pupilas dilataram, injetadas, e ele gritou com a voz esganiçada. — Como?!

— Sinto muito.

João Menezes levantou a taça de vinho tinto cheia até a borda e atirou a bebida no rosto e no colo de Fernanda. Ela respondeu atirando de volta o prato com o *crêpe Suzette* frio, tingindo de amarelo a camisa branca do marido.

E Max enfim reparou na antiga colega de classe.

III

Trecho do diário de Leonardo Andrade.

Elaborado a pedido da psicóloga Aline Cavalcante, a respeito do acontecido no ano de 2002.

“Era noite de lua cheia no São João, e ela brilhava, enorme, iluminando as fileiras entre os pés de alcachofras. Aquele mar de plantas a perder de vista formava um longo corredor de paredes verde-escuras de um metro de altura. Era bonito de ver. Pouca gente sabe, mas a parte comestível da alcachofra, que a gente vê nas gôndolas do supermercado, é a flor imatura. A desabrochada é bela e exótica, mas não tem serventia. Para consumi-la, é preciso arrancá-la do solo; roubar-lhe a beleza e a maturidade.

Naquela noite, nós íamos fundar o Grêmio Valente. E o nosso clube merecia nascer em grande estilo. Precisávamos honrar o nome dele, o que queria dizer que a coisa toda exigiria um ato memorável de coragem.

Depois de meia hora, e um ou dois quilômetros, ultrapassamos a plantação e alcançamos a entrada da floresta. O riacho serpenteando por entre os pinheiros e a mata indicava o caminho até a cachoeira. Só que parecia distante demais. Escuro demais.

Recuei diante da vegetação fechada. Era como se ela não nos quisesse por perto. Olhei para a turma. Do alto dos nossos onze anos de idade, meus melhores amigos — Carleto, Max, Rica e Rafinha — também recuaram.

Nossa imaginação criava perigos mortais entre a entrada da mata, o caminho que margeava o curso d’água e a cachoeira onde fundaríamos o Grêmio Valente.

Íamos mesmo fazer aquilo?

Lembro de ter pensado na minha mãe. Dona Vivian ia me matar se eu morresse de um jeito tão estúpido, entrando na mata à meia-noite para fundar um clubinho infantil.

— Vem, Léo!

Segurando uma lanterna que parecia um farol de caminhão, o Carleto me chamou. Endireitei a postura, chequei os equipamentos e afivelei a mochila. Às

vezes, é só disso que a gente precisa — não de coragem, mas de uma ordem bem dada.

Hoje eu penso que quando seguíamos o Carleto a gente achava que trazia um pouco dele para dentro de nós. Um pouco da sua coragem, da sua liderança e — por que não? — um pouco do seu status.

O Carleto era o que a gente queria ser.

(...)”

IV

Apartamento do aniversariante Max Bezerra.

27 de junho (Trinta e três dias antes da lua cheia de 30 de julho).

Escorregando na beirada do sofá que dividia com desconhecidos, Leonardo observava Max distribuindo doses de *Blue Label* como se fosse Coca-Cola. Era noite de festa na cobertura duplex do amigo — a primeira comemoração no seu apartamento recém-adquirido.

O imóvel era de dar inveja. Fazia Leonardo sentir-se dentro das páginas de uma revista de decoração.

Na sala de estar, predominavam tons neutros entre o cinza-claro e o grafite. Havia móveis de design nas áreas de convívio, uma porção deles, e pinturas abstratas com cores berrantes sobressaindo nas paredes brancas-gelo. Pasmado, Léo estimou a distância entre o começo do sofá e a porta pivotante no hall. Seu apartamento inteiro cabia naquele espaço.

Na semana anterior, havia acompanhado Max até o Chardy, quando o amigo-patrão encomendou o serviço de *catering* da casa para o seu aniversário. O Chardy oferecia aos *habitués* a experiência de levar o melhor da culinária gaulesa a residências de fino trato. Nada mais chique, afinal, do que oferecer aos seus convidados *Cassoulet* e *Coq au Vin* preparados *in loco* pelo Chef Molinet.

O serviço exclusivo do Chardy incluía os garçons e a *conciERGE* Renata — uma morena jovem e esguia com quem Max parecia achar que o direito de flertar estava incluído na fatura astronômica cobrada pelo restaurante.

Léo entornou dois goles graúdos do uísque doze anos. Seria uma noite longa e desconfortável, que de algum modo ele deveria suportar. O álcool ajudava, era claro. Sempre imaginou que aquela vida de bonança seria a *sua* vida; que conquistaria algo parecido com aquilo assim que se formasse em Direito na USP e começasse a trabalhar nos melhores escritórios da capital.

Não foi bem o que aconteceu.

Estava desempregado, e há catorze anos sem notícias de Max Bezerra, quando topou com ele, no ano anterior, na seção de embutidos do supermercado. Quase não o reconheceu: o velho amigo trajava um belo terno grafite, calçava

sapatos lustrosos de couro e ostentava uma gravata lisa de seda combinando com o mostrador verde do relógio.

Não quis cumprimentá-lo na ocasião, para não correr o risco de ter de responder à pergunta “o que tem feito da vida?”. Ensaçou dar meia-volta com o carrinho de compras, mas trocaram olhares desavisados e, a partir dali, dissimular tornou-se impossível.

O encontro aniversariava naquele exato dia, que calhava de ser a data em que Max comemorava anos. O que mais surpreendeu Leonardo à época foi que, tão logo começaram a conversar sobre o passado, entre linguças, salames e salsichas, ele se lembrou do aniversário do amigo e parabenizou Max com os olhos marejados.

— É um Bang & Oluffsen, Leonardo.

Max, no meio da roda de convidados, apontou para os recortes na calha de gesso de onde partiam os alto-falantes dinamarqueses. — Cristalino, não é?

O jazz contemporâneo de Dave Koz ecoou, gostoso e melódico, no sistema de som embutido no teto. O Max Bezerra com quem Léo dividira a infância jamais ouviria aquele tipo de música.

— Quem quer enganar? Você prefere Tonico e Tinoco — Léo caçoou. — Que tal? Pelos bons tempos?

Léo sentiu Max encará-lo com fúria; viu o rosto ruborizado do amigo pedir licença da roda e ele caminhar discretamente ao seu encontro. Ouviu Max trincando os dentes enquanto falava baixinho em seu ouvido.

— Não houve bons tempos, Leonardo, não sei a que se refere. Só existe o futuro... — Ele apanhou um tartine de hadoque oferecido pelo garçom. — O passado eu enterrei naquela cidade de merda. Sugiro que faça o mesmo — completou, pesando o sotaque. *Merrrrda*.

Quando Max lhe deu as costas, Dave Koz cedia lugar a uma playlist de New Age. O *chef* Molinet apareceu na sala para anunciar que o jantar começaria a ser servido.

Interjeições de antecipação pulularam, para a satisfação do cozinheiro. Apressaram-se, todos, para se sentarem ao redor da mesa retangular de jacarandá, uma peça majestosa e espessa com bordas lascadas que lhe conferiam uma aparência rústica calculada. Havia catorze cadeiras, e logo Léo percebeu que era o convidado ímpar. Renata ensaiava buscar outra cadeira na cozinha quando a campainha tocou e ela desviou do caminho.

Léo não fazia parte daquele lugar. Por mais que quisesse... por mais que sentisse que o mundo lhe devia, as pessoas ali não o tratavam como igual. Não passava de um ajudante, um acessório; um secretário de Max. Assim, Léo foi, ele próprio, buscar uma cadeira na cozinha. A que encontrou era leve, de plástico

rígido. Tinha o encosto baixo e o assento bambeava. Imaginou a vergonha em ter de pedir àqueles esnobes para abrirem espaço para a sua cadeira destoante. Poderia ser pior?

O pai costumava dizer que sim, que as coisas sempre podiam piorar; e, sobre isso, odiava admitir, o velho tinha razão. Um cadeirão de bebê. Um cadeirão de bebê seria mais humilhante. Léo suava, indeciso, quando viu a porta de entrada semiaberta e um princípio de discussão. Foi saber o que era.

Do lado de fora, no hall, viu dona Raimunda vestida de preto dos pés à cabeça e com uma pequena mala florida e surrada nas mãos. Há quantos anos não via aquela senhora? Ela discutia com Renata.

— Filho, essa mulher não me deixa entrar!

Renata recuou. O queixo dela despencou, como nos desenhos animados.

— Perdão, senhor... Eu não podia imaginar que...

— O que a senhora quer aqui? — Max a interrompeu.

— Preciso conversar com você. Serei rápida, prometo. Amanhã volto ligeiro pra Piedade — ela falava, mas Renata, a porta e Max continuavam na mesma posição. — Hoje, se preferir — dona Raimunda barganhou.

Max parecia avaliar a situação. Um homem como ele — o homem que se tornara, ao menos — jamais respondia emocionalmente aos problemas. Léo teve a nítida impressão de que ele ponderava suas opções com frieza e cálculo, como quando avaliava companhias falidas. No caso de dona Raimunda, a companhia era a pequena (e incômoda) matriz. Será que ele iria se desfazer dela?

— Renata, encaminhe a senhora ao quarto de empregada para que passe a noite, por favor... e, se ela estiver com fome... — Encarou Renata, não a mãe.

— Estou um pouco, sim... — disse Raimunda.

— Sirva-lhe algo.

— Vou buscar outra cadeira — disse a *hostess*.

— Não! — Max colocou-se no meio do caminho e indicou, com discrição, o corredor de serviço. — Na cozinha, por favor.

— Quem é? — perguntou Waisberg, o neurocirurgião amigo de Max, que por ali passava procurando o banheiro.

Léo odiava Waisberg.

— É a nova doméstica — Max respondeu. — Errou o dia e a hora. Elas nunca acertam, não é mesmo?

V

Dona Raimunda acomodou a mala ao pé da cama de solteiro. Não fez menção de desfazê-la. Sentou-se sobre o colchão barato de espuma e sentiu como era macio. Macio demais. O cômodo sem janela era pequeno e abafado, e ela se perguntou como era possível que houvesse um quarto tão apertado em um apartamento com uma sala daquele tamanho. Sem ter o que fazer — e ela sempre tinha o que fazer no São João —, contemplou a parede branca sem adornos por minutos a fio, imóvel, o olhar vazio.

Raimunda estava cansada, a viagem acabara com ela. O ônibus, o metrô lotado, o táxi caro e demorado, a Avenida Paulista congestionada. Era gente demais, apressada demais. Transitar por São Paulo era de amassar o seu peito, de esvaziá-lo inteiro de ar. Ela fazia noção de que seria assim, de que largar o São João para vir à capital exigiria aquilo tudo dela. Se não precisasse, se não sentisse que devia ao filho, jamais teria vindo.

De repente, a fome venceu o cansaço. O buraco no estômago, insuportável, engolia as tripas por dentro. Ela abandonou a mala no quarto e foi à copa. Pediu um prato bem cheio, para comer de colher.

— Quer companhia?

Ela viu um jovem adentrando a área de serviço, puxando a cadeira branca de plástico para perto dela e se sentando. Não gostou.

— Não pertenço àquela mesa. — Ele indicou com o queixo a sala de jantar.
— Posso comer a sobremesa com a senhora?

— Aqui também não pertence.

Raimunda era simples, mas sabia reconhecer nuances. As expressões nos rostos das pessoas quando queriam disfarçar surpresa. As pessoas achavam que ela não entendia, e era melhor assim. O rapaz esperava que ela fosse agradecida. Que ela se humilhasse em agradecimentos porque ele a tratara com educação. Ela não ia fazer isso.

O rapaz a encarou, e ela se surpreendeu porque reconhecia aquele rosto. Talvez houvesse se precipitado em julgá-lo — afinal, ele era seu contrterrâneo. Não importava. Não carecia pensar demais a respeito. Na dúvida, ela o receberia com pedras na mão. E Raimunda tinha pontaria.

— Aqui é mais fácil — ele respondeu, cortando o *cannoli* com garfo e faca.
— A senhora não me reconheceu? — ele retomou, provavelmente incomodado com o silêncio dela.

Dona Raimunda continuou comendo, sem desviar a atenção do *sofiotti* de queijo de cabra e nozes. Era esse o nome da comida, segundo o rapaz que encheu o prato para ela. Ela devorava a massa uma colherada atrás da outra, mastigando com pressa. O garoto havia mudado bastante, era claro, mas como esquecer o rosto de Léo Andrade, o melhor amigo de Max? Vinte anos não seriam suficientes para apagá-lo da memória.

— Vai figo e mel. É o que dá o toque adocicado no final.

Ficar quieta e de boca cheia não funcionaria.

— Você é o filho do prefeito Nonato.

— Ex-prefeito — Léo corrigiu.

Nonato fora desleal para com ela e Brito, e isso ela jamais iria esquecer. Levar o menino para longe deles? Pagar do bolso os estudos do garoto? Onde já se viu levar o filho dos outros para a capital? Além do mais, faculdade não tinha serventia. O menino devia herdar o São João e as alcachofras, e não romper com eles para se aventurar em São Paulo. O patrocínio de Nonato Andrade foi uma facada no coração dela, e Raimunda sabia que aquilo tinha a ver com o Carleto porque, depois dele, todos — *todos!* — na cidade viraram as costas para ela e Brito.

— Continuam amigos, vocês dois?

— Eu não sei se ele tem amigos. — Léo encheu a boca com o maior pedaço de *canolli* que foi capaz de mastigar. — Seu filho é um cara complicado.

— Ele é, sim. — Raimunda parou de comer e encheu o copo com água até a boca. — Não é culpa dele — disse, de um modo quase casual, meneando a cabeça de leve como quem tivesse absoluta certeza da origem do mal.

— Vai dizer que a culpa é do Carleto? — o rapaz perguntou, e pela primeira vez Raimunda ficou surpresa de verdade.

— Não. — Ela o encarou nos olhos pela primeira vez, sem piscar. — É minha. Eu nunca devia ter tido filho. Maldito o dia em que ele nasceu.

VI

Trecho do diário de Leonardo Andrade.

“O trajeto contornando o riacho era tortuoso. Perdi o senso de direção e, com ele, os referenciais do São João: os pés de alcachofra, o engenho e a sede do sítio, o casarão dos Bezerra.

Às vezes, quando o terreno ou a vegetação exigiam, nos distanciávamos da margem. A água sumia de vista, mas eu ouvia ela correndo ao encontro do mar, chocando-se contra os galhos caídos e as pedras espalhadas sobre o leito raso.

Havíamos percorrido um bom caminho mata adentro quando a cachoeira trovejou. Corremos ao encontro dela, balançando os fachos das lanternas à procura da queda d’água. Fui o primeiro a avistá-la. Fiquei sem palavras diante da beleza do platô em formato de ferradura. A água escorria em filetes, como uma cortina de contas.

Por trás da queda, uma gruta estreita avançava além do véu da cachoeira. A gruta onde fundaríamos o Grêmio Valente.

É claro que faltou eu contar que o São João era o sítio dos Bezerra, a família do Max. Ficava a dez quilômetros de estrada de terra do centro de Piedade. O acesso era difícil, e os meus pais achavam os Bezerra reservados demais. A cidade inteira achava. Eram caipiras, essa é a verdade — todos éramos, de um jeito ou de outro, mas os Bezerra não tinham televisão colorida, telefone fixo ou conta no banco. Lembro como se fosse hoje da cara amarrada de Brito Bezerra quando, naquela mesma tarde, papai estacionou a Silverado e saltamos da caçamba para pousar no sítio. O Max era vivo. Sabia que o seu pai jamais deixaria ele trazer os amigos para dormir, por isso não contou. Seu Brito bem podia ter mandado papai dar meia volta com a gente em cima, e a história teria sido diferente. Mas não mandou. Ninguém contrariava o meu pai-prefeito e passava impune — e seu Brito, eu sei, já tivera os seus problemas com a prefeitura. O olhar que ele dirigiu para o filho, porém, me fez gelar a espinha.

Do mesmo modo que o primeiro mergulho na cachoeira.

— Fundadores do Grêmio, afundar!

Foi assim que pulamos: depois do Rica gritar essa frase que é quase um trocadilho. O Carleto se livrou do moletom preto com capuz, da camiseta do

Metallica e da calça jeans surrada, ficando só de cuecas. Depois, tomou impulso e mergulhou nas águas turvas da cachoeira. Pulamos atrás, menos o Rafinha. Ele ficou com medo. Da água escura, da noite, de bicho escondido. De congelar no frio que fazia no rio.

A gente costumava brincar que o Rafinha era o mais covarde dos piedadenses, e talvez ele fosse mesmo. Lembro do Rica pressionando ele o quanto pôde, ameaçando expulsar ele do Grêmio se não pulasse. O Rafinha começou a chorar, coitado, a soluçar de verdade, e o Carleto interveio. Disse que na volta decidiríamos sobre a expulsão dele do Grêmio. Até lá, resolvemos deixar ele de guarda na margem, e eu confesso que gostei da solução. O apoio de retaguarda me fez sentir mais seguro, mesmo sabendo que o apoio era o Rafinha. Naquela época, a gente cuidava um do outro.”

VII

Os convidados partiram depois da sobremesa e do expresso amargo de torra escura. Agradeceram a recepção — *Inesquecível! Tudo estava ótimo!* — e parabenizaram Max pelo aniversário uma última vez.

A equipe do chef Molinet foi embora pouco depois, às onze, carregando baús de compensado com talheres e utensílios do restaurante. Haviam deixado a cozinha brilhando e a louça no armário, lavada e enxugada. Esfregaram pano úmido e desinfetante sobre a bancada e o piso, eliminando os vestígios de gordura. Quando terminaram, foi como se não tivesse ocorrido jantar algum na cobertura.

Renata seria a última da equipe a deixar o apartamento, após acompanhar o casal Ibanez até a saída; Juan e Carmen eram o tipo de convidado que não vai embora nunca. Max pediu a Renata que os despachasse, e presenciou a hostess ouvindo uma longa história sobre como os espanhóis haviam raspado o tacho das economias de uma vida de trabalho (e a vultosa rescisão paga pelo Santander, que os trouxera ao Brasil) para abrir uma adega de vinhos no térreo de um sobrado na Major Maragliano. Moravam no andar superior, junto com a filha adolescente que queria ser artista e estudar na Belas Artes.

As pessoas se sentiam confortáveis com Renata para contar detalhes das suas vidas, mesmo sem conhecê-la. Max não pôde deixar de sentir uma ponta de inveja das habilidades da jovem. Queria provocar esse tipo de reação nas pessoas, mas estava ciente de que gerava o efeito contrário. O curioso era que ele também se via submetido à mesma atração por Renata. Sentia-se à vontade perto dela.

À vontade demais.

— Agradecemos a preferência, Max. O Chardy estará sempre à disposição — Renata despediu-se, entrou no hall do elevador e apertou o botão de chamada.

— Fica mais um pouco. Está cedo ainda.

— O último ônibus passa à meia noite — ela respondeu, apertando o botão de chamada pela segunda vez, mas o elevador já estava parado no andar. Ela esboçou um sorriso tímido, entreabrindo os lábios.

— Eu te levo depois, Rê. — Ele tirou do bolso a chave do carro, a logomarca alemã virada para cima.

Rê? Sabia que não devia tê-la chamado de Rê, mas chamou, e não sabia por quê. Fora mais forte do que ele; como se alguém, um terceiro, estivesse lhe soprando as palavras.

Um terceiro sem pudores.

A porta do elevador abriu e Max imediatamente a obstruiu, arrastando com os pés um vaso de antúrios vermelhos para impedi-la de fechar. Os rostos dos dois ficaram próximos, a um palmo de distância, e o quadril dele quase roçou no dela. Ele a puxou pela cintura com a mão direita e enlaçou seu pescoço com a esquerda para beijá-la, como quisera desde a primeira vez em que a viu no restaurante, mas nunca teve coragem de dizer.

Aterrorizada, ela virou o rosto, e ele roçou o nariz na sua orelha.

Renata correu para dentro do elevador. Tropeçou no vaso, que caiu junto com ela no interior da máquina. As flores e a terra úmida preencheram o piso lustroso de mármore ao lado de cacos de cerâmica de tamanhos variados. Max continuou segurando a porta por um instante, paralisado, enxergando a lágrima solitária que escorregou pelo rosto de Renata quando ela se levantou assustada, patinando nos montinhos de terra.

Ele se perguntou por que fizera aquilo, mas não pediu desculpas nem encontrou respostas. Envergonhado, apenas liberou a porta em silêncio e recuou de volta ao hall e para dentro do apartamento. Sentiu o interior da cabeça latejando, o miolo dela. Sensações de raiva e inadequação explodiram dentro dele, mas não sabia o que eram nem por que surgiram. Sabia, apenas, que eram mais fortes do que ele.

Max se deitou no sofá da sala. Tentou entender, recompor-se, mas o miolo da cabeça continuava vivo e crescendo, e ele receou que o seu crânio não fosse capaz de contê-lo.

Pensou na mãe. Ela aguardava por ele na cozinha. Teria de lidar com ela imediatamente. Antes, porém, passou no escritório e abriu o cofre escondido atrás do quadro de Anita Malfatti.

VIII

— Não tenho cheque, dona Raimunda. Ninguém mais usa nos dias de hoje.

Na copa, a mãe tomava café na companhia de Leonardo; ambos quietos, como dois estranhos.

— De quanto estamos falando?

— É isso que pensa de mim? — Ela levantou a cabeça. — Acha que vim pedir dinheiro?

— Acho. Diga de quanto precisa e terminamos com isso. Estou com uma dor de cabeça descomunal. — Ele sacou um rolo gordo de notas do bolso e começou a contá-las na frente dela.

Max viu Léo saltar da cadeira, a expressão de indignação estampada em seu rosto. Ainda que percebesse a hostilidade no gesto do amigo, não viu ameaça. Chegou a desejar, inclusive, que Leonardo lhe acertasse um soco na cara. Sim, era isso. Um soco bem dado! Faria bem a todos. Léo se sentiria mais homem. Max, mais humano.

A um passo de distância, viu Leonardo fechar o punho direito; viu seus dentes cerrados, sua respiração entrecortada. E continuou contando o dinheiro.

— Cinco mil está bom — disse Raimunda.

Léo relaxou os dedos. Max apanhou um bolo de notas e chegou perto da mãe. Agora ela falava a língua dele.

— Aí está. — Atirou o maço sobre a mesa. — Tem um pouco a mais, pode contar se quiser. Agora, se me dá licença, vou deitar no meu quarto. Quando quiser ir embora, é só bater a porta. Ela tranca sozinha.

— Eu não vim pelo dinheiro.

— Claro que não, dona Raimunda. — A enxaqueca agora era como milhares de agulhas espetando seu cérebro inchado. — Veio ver seu filho. Tomar um chá com bolachas, jogar conversa fora. Perguntar se estou namorando, se penso em casar. Dizer que eu não posso ficar sozinho para sempre, e que a senhora merece netinhos. Quer saber como andam os negócios, se não estou trabalhando demais, estragando a saúde. Veio contar como estão o sítio e as alcachofras, e reclamar do Seu Brito. De como o meu pai está velho e ranzinza. Acertei?

— Vim dar notícia — ela respondeu, grossa, digerindo a provocação do jeito bruto que ele odiava.

— Não sei a história que veio contar, minha mãe, mas se está pensando que vai arrancar mais do que está sobre a mesa, pode tirar o cavalo da chuva.

— Max, pega leve... — Léo interveio.

— O dinheiro é pro enterro — ela entregou. — Não quero nada teu, e não peço nada por mim.

— Quem morreu? — Max cruzou os braços e inclinou a cabeça levemente para a frente.

— Seu pai. De ontem para hoje. Posou comigo. Mas não levantou, não.

A mãe só podia estar enganada, ou fazia troça dele. O pai, morto? Seria possível? Brito era forte como o próprio São João. Como poderia ter acontecido?

Max engoliu em seco. Não queria acusar o golpe, não na frente da mãe, mas a notícia lhe atingira em cheio, com mais força e precisão do que o soco prometido por Léo o teria feito. Ficou paralisado por alguns segundos no centro da área de serviço, no meio do caminho entre a mãe e o amigo. Depois, em um gesto contínuo, escondeu o rosto, pressionando a testa e os olhos, e escorregou as mãos para cima, deslizando-as por sobre os cabelos curtos. Sentou-se à mesa da área de serviço e arrastou a cadeira para perto de dona Raimunda.

— Ele morreu há muito mais tempo. Tome. — Retirou a carteira do bolso e entregou o resto das notas que lá estavam. — Chame um táxi e volte já para Piedade. Não quero você aqui.

— Max, por favor... — Léo tentou intervir.

— O enterro é amanhã, às quinze horas — disse dona Raimunda, já em pé, caminhando na direção do quarto de empregada onde buscaria a mala de mão.

— Eu não vou.

— Como quiser. É como eu disse, só vim dar notícia.

— Nunca mais volte.

— Não pretendo. É você quem visita, da próxima vez.

IX

Trecho do diário de Leonardo Andrade.

“Com um a menos, nadamos, os quatro, para além da queda d’água, onde entramos em um mundo à parte. Um mundo escuro e molhado, onde a voz fazia eco e nada se podia ouvir do que ficara para trás. A nossa gruta.

Max levantou o lampião de querosene, embrulhado em um saco grosso de plástico que ele teve o cuidado de não deixar mergulhar. Na escuridão completa da gruta, ele o acendeu, pendurando-o em uma reentrância de rocha.

Era hora de iniciarmos o ritual de fundação, mas o que começou de verdade foi a confusão das relíquias fundadoras, os artefatos que oficializavam a criação do Grêmio.

O primeiro erro foi meu. Como primeiro-secretário, fiquei encarregado de escrever a ata, mas o papel e a caneta voltaram inutilizados do mergulho. Minha falha passaria despercebida (quem liga para atas, afinal?), não fosse a mancada-mor do Rica.

O filho da mãe não arranjou os anéis de prata da Duda.

A irmã mais velha do Rica, a Duda, era artista plástica, ou coisa que o valha. Fazia correntes de miçangas, pulseiras de couro, brincos de palha e de crochê e porta-copos com palitos de sorvete coloridos. A Duda era boa, eu achava — embora, como mamãe dizia, aqueles enfeites ripongas não davam a ela o direito de se achar artista plástica. Mas o que nos fez pirar mesmo foram os anéis de prata em formato de caveira que ela fez depois de um curso em Sorocaba. Aquilo era trabalho de ourives, isso sim! E seriam perfeitos para identificar os membros fundadores do Grêmio Valente. O diabo era que ela queria 10 reais em cada peça, e 10 reais era dinheiro demais naquela época.

Incumbimos o Rica de roubar os anéis e deixar na bolsa dela o valor justo: 1 real de cada. Acontece que a Duda pegou ele no pulo, e o Rica não apenas não conseguiu os anéis como torrou a nossa grana em gibis na Banca do Jairo.

O fiasco das relíquias não parou nos anéis. A relíquia final, a adaga do compromisso, era responsabilidade do Max — mas quando o Carleto a pediu, o Max não estava com ela.

O Carleto descascou ele, eu nunca o vira tão fora de controle. Ele gritava e as veias do pescoço repuxavam. “Putá merda! Como vamos fazer o pacto sem a adaga? Vocês não levam nada a sério! Está um frio do cacete aqui dentro, estou tremendo e ninguém trouxe nada do que combinamos!”. Foi algo mais ou menos assim o que ele disse e devo dizer que tinha lá sua razão. Mesmo porque, não era só o Carleto quem tremia. Era maio, começo de inverno. Piedade fica na Serra do Mar, e isso quer dizer que faz um frio danado na cidade. Depois do fracasso com as relíquias, ficou difícil fingir que suportávamos a cachoeira.

O Max, porém, tinha os seus motivos. Ele havia providenciado a adaga, mas resolveu deixá-la com o Rafinha na margem. Disse que o Rafinha pedira a adaga para se defender caso surgisse algum animal, e eu acreditei porque o Rafinha era meio besta com essas coisas.

Nosso presidente respirou fundo. Ouvimos o som da cascata e inalamos a umidade da gruta enquanto cada um por si julgava em silêncio o crime de covardia do Rafinha.

Max foi o primeiro a falar. Disse que não dava para fundar o Grêmio sem o Rafinha. Que ele era um pouco covarde, era verdade, mas que estava lá com a gente, no meio da mata. Quantos viriam? Era quase meia-noite e estávamos no coração do São João, escondidos, sem contar para os nossos pais. Ele tinha que ser do Grêmio!

Lembro de ter concordado com o Max, e de ter dito que registraria o posicionamento em ata quando chegasse em casa. O Rica também apoiou, mas que moral ele tinha para condenar o Rafinha depois do fracasso com os anéis?

O nosso apoio ao Rafinha sensibilizou o Carleto, que fez um discurso bonito sobre a nossa amizade que eu não conseguiria reproduzir porque me emocionou de verdade. O que eu lembro foi que, um após o outro, estendemos os braços na altura do espelho d’água. Com as quatro mãos sobrepostas, explodimos ao grito de “Grêmio Valente!” e resolvemos cair fora dali. Acho que falo por todos quando digo que nunca passamos tanto frio na vida.

Assim, atravessamos de volta a cachoeira, alegres e leves de espírito. Retornamos até a borda do riacho para buscar o Rafinha. Acontece que não o encontramos em lugar nenhum. E todos ali sabiam que não havia a menor chance do Rafinha ter resolvido voltar sozinho para o sítio.”

X

Piedade.

Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida.

Caminhar por entre os túmulos do Cemitério Municipal. Perder-se nas vielas estreitas e claustrofóbicas tomadas por sombras lúgubres. Sentir o cheiro úmido de cimento molhado pela chuva da véspera. Foi mais difícil do que Léo imaginava.

Trazia recordações sombrias.

Léo lembrou da morte da mãe, há oito anos. De como aquilo mexeu com ele e alterou a sua percepção sobre a vida, a morte e a cidade. O episódio parecia longínquo, superado — mas revisitar o silêncio do cemitério na Rua da Liberdade e passar pelo túmulo onde ela fora enterrada fez a memória avivar.

Naquele dezoito de março, também viera de carro da capital. As ruelas do cemitério, porém, estavam abarrotadas de gente barulhenta. Rezas, pêsames, cochichos... não identificava de onde partiam, mas reverberavam por entre as veias daquele labirinto de dor e morte.

À época, seu pai ainda era o prefeito, em seu terceiro mandato. Leonardo, formado há poucos anos, advogava em São Paulo. Penava em um turbulento início de carreira, relegado a tarefas inglórias e mal remuneradas em um escritório bambambã especializado em fusões e aquisições.

Bancar os ternos de grife e as *happy-hours* nos bares da moda implicava sublocar o apartamento para dois estudantes da São Francisco. Os estágios deles pareciam mais interessantes do que o seu emprego de advogado júnior.

Para a sua surpresa, no entanto, trabalhar em São Paulo e ser um doutorzinho da capital significava para a gente simples que o abordava que ele havia atingido um tipo de sucesso além da imaginação. Não sabiam a verdade: ser o filho do prefeito Nonato não passava de uma nota de curiosidade aos ouvidos dos engravatados da Faria Lima. Um jeito de lembrarem dele com ironia; de treinarem a criatividade com alguma piada preconceituosa sobre como um *fariálimer* acreditava ser a vida no campo, a meros cem quilômetros da Praça da Sé.

Deslumbrados, idealizando o desconhecido, seus conterrâneos ignoravam o seu mais bem guardado segredo. Algo que Léo não admitiria para si próprio; uma conclusão óbvia para um raciocínio que tentava, em vão, evitar — ele, Leonardo Andrade, era medíocre. Não venceria em lugar algum do mundo que não fosse a terra do pai.

Dona Vivian sabia. Nunca disse nada a ela — nunca disse nada a ninguém —, mas ela sabia. Para a mãe, ele sempre seria o pequeno Leozinho, e ela o queria por perto. Podia ser trabalhando na prefeitura, sob a sombra do pai, ou advogando em um escritório de sobreloja na rua Fidalga. Ela não se importava — mas ele, sim. Importava-se e muito. Léo queria vencer, e tinha de ser longe. Precisava provar ao pai o quanto era especial.

— Pode dar uma mãozinha, meu filho?

A voz rouca e envelhecida do padre Silvano lhe devolveu à realidade, e ele se reuniu ao pequeno cortejo segurando uma das alças do caixão junto com Celestino, o floricultor, Valdomiro, o coveiro, e o padre Silvano.

Dona Raimunda não carregava. Com o rosto seco de lágrimas, trajava um vestido preto de renda que cobria o corpanzil robusto dos pés à cabeça. Sua expressão era de alívio.

A verdade era que Brito e os Bezerra não eram populares na cidade. A morte do Carleto pesou sobre a família que evitava a comunidade em um sítio impenetrável. Não participavam das feiras, das festas, nem da missa dominical. Corria em Piedade o boato de que o São João era amaldiçoado, e que o mal trotava a cavalo por aquelas bandas quando a noite caía.

Colaborou para a má fama, do sítio e da família, o fato de que Brito e Raimunda não compareceram ao enterro do garoto. Max, Léo lembrou, fez questão de ir. Passaram a cerimônia chorando abraçados.

O impacto que a morte de um garoto feito o Carleto causava em uma cidade pequena como Piedade equivalia ao de uma bomba nuclear. Um animal selvagem havia matado o menino amado por todos; a criança-prodígio com um futuro brilhante desperdiçado sem motivo. *Faz a gente pensar*, Léo ponderou consigo mesmo enquanto carregava o caixão.

Valdomiro baixou o esquife até a sepultura com a ajuda de uma corda grossa entrelaçada. Brito seria enterrado em uma cova comum nos fundos do cemitério, identificada por uma plaquinha de plástico com o seu nome e a data do falecimento.

Os presentes ouviram em silêncio as breves orações do padre Silvano antes do coveiro deslizar a tampa de concreto sobre a sepultura e preenchê-la com terra vermelha.

Dona Raimunda não disse nada. Léo notou que era como se ela ignorasse a presença dele, a do padre e — pasmem — a do próprio marido morto. Antes da última pá de terra, ela virou as costas e foi embora pisando firme, sem dizer palavra.

Quando acabou, Leonardo apertou o passo em direção à rua. Tinha pressa. Se veio ao enterro, foi porque, de algum modo, pareceu-lhe absolutamente obrigatório. Mais tarde, quando houvesse oportunidade, contaria a Max o que viu, tinha certeza que ele ia querer saber — e teria de saber avaliar a reação do amigo.

Antes de tomar o rumo da estrada para São Paulo, dirigiu pelo centro. Um passeio curto, porque Piedade era mesmo assim: breve e desinteressante, como as cidades rurais costumam ser. Escondido atrás do insulfilm do carro, passou devagar, em segunda marcha, em frente à casa do pai.

A caminhonete de Nonato estava na porta. A luz da sala acesa; as janelas, abertas. Mas Léo não parou. Fazia um ano que não se falavam. Léo desejou que o motivo fosse uma briga homérica em que ambos tivessem dito o quanto haviam se decepcionado um com o outro... mas não foi.

Acelerando, contornou a praça e avançou pela rua Fidalga, onde viu a placa discreta do consultório odontológico do Rafinha pendurada ao lado do letreiro luminoso da padaria do seu Miguel.

Cuidando para não dirigir devagar demais, seguiu avançando. Uma centena de metros adiante, viu a loja de carros usados do Rica, da qual ficara sabendo por uma postagem no Instagram. Resumia-se a um estacionamento amplo e vazio, semicoberto com telhas Eternit, e um escritório nos fundos. Estava fechada, com um aviso de “passa-se o ponto” escrito em vermelho colado às grades do portão. Outro negócio falido. Por que não estava surpreso?

O Rica e o Rafinha jamais haviam deixado a cidade, razão suficiente para ter perdido o contato com eles. Cogitou que pudesse encontrá-los no enterro, mas a realidade era que a dupla jamais superara o episódio no São João e resolvera esconder-se em Piedade. Rafinha, na profissão do pai. E o Rica pulando de negócio em negócio, falindo um depois do outro enquanto esgotava a grana da família no processo.

Prestes a tomar o rumo de São Paulo, a caminho da SP-250, um aviso luminoso acendeu no painel do carro. A gasolina estava na reserva, e Léo encostou no Autoposto do Almir, à beira da estrada.

Enquanto o frentista completava o tanque e enxaguava o para-brisas, desceu para comprar cigarros. Começara a fumar há duas semanas — e, sim, “começar” quer dizer que nunca havia fumado antes.

Pela vitrine embaçada da loja de conveniência, parcialmente encoberta com latas de óleo lubrificante empilhadas, ele viu o carro dela, um SUV coreano,

estacionar atrás do seu Peugeot. Escondido entre as latas no display, admirou ela chegando.

Continuava linda.

Fernanda largou as chaves nas mãos do frentista, desceu do carro e entrou na loja de conveniência.

O coração dele disparou. Seu rosto esquentou, e ele suou como se estivesse dentro de uma sauna.

Os anos foram bondosos com a Fer. Continuava esguia, com o mesmo rosto fino e delicado e as pernas compridas de modelo apertadas no jeans azul com rasgos no joelho. Tingira o cabelo de loiro, para a decepção dele, mas Léo não deu bola. Ele poderia acostumar-se com o novo visual.

Recebera notícias do segundo casamento dela há um ano, por um conhecido em comum. Casara-se com um promotor público da capital de nome composto e berço de ouro, e foram morar em Moema, um bairro vizinho ao seu. Uma pena que nunca tivera a sorte de encontrá-la caminhando na rua, em uma padaria da moda, ou no trânsito congestionado. Ou, quem sabe, em um posto de gasolina.

São Paulo é grande demais para reencontros.

Ela abriu a geladeira e pegou uma garrafinha de água. Sem aliança no dedo. Léo escolheu uma revista aleatória ao lado do balcão. Folheava-a com avidez, sem prestar atenção nas páginas; por sobre a revista, lia Fernanda.

Pagou pelos cigarros e a revista com uma nota de cem reais e voltou ao carro. Ela olhava de longe, curiosa, mas ele não soube ao certo se o havia reconhecido.

Atirou a revista no painel. Era uma revista pornográfica, bem barra-pesada. A loira na capa exibia os seios siliconados e a figura de uma estrela dourada cobria-lhe as partes íntimas entre as pernas escancaradas em posição ginecológica.

Envergonhado, engatou a primeira marcha e arrancou com pressa. Não queria que Fernanda o visse. Não queria ter de falar com ninguém na cidade. Queria voltar, é claro, mas não assim; não como uma fraude. Queria voltar como o vencedor que esperavam que ele fosse.

XI

Piedade.

Residência da família Bruni.

Como um mísero almoço pode dar tanto trabalho?

Fernanda gemeu para fechar a torneira da pia, que continuou gotejando. Ela suspirou, lamentou as unhas lascadas descascando, e espiou o jardim da casa dos pais através do vitrô da cozinha.

O sol reinava sobre a tarde sem nuvens, mas o clima continuava frio. No corredor, louças empilhadas umas sobre as outras: panelas de inox riscadas, um pirex, três pratos rasos, talheres de mesa e um par de xícaras de porcelana.

Seus pais não abriam mão do café bem coado para terminar o almoço. No último Dia dos Pais, Fernanda dera uma máquina de expresso para seu Antônio junto com uma sacola de cápsulas de variados sabores: ristretto, arábico, amêndoas tostadas, cappuccino, entre outros de que ela não recordava mais.

Gostava de dar presentes que facilitavam a vida deles, especialmente porque facilitariam a dela por tabela. Os pais, no entanto, não colaboravam.

A cafeteira jazia esquecida no armário mais alto da cozinha, ao lado da máquina de fazer sorvete que a mãe comprou por impulso. O café que a filha passava, Mirtes dizia, era mais amoroso que o da maquininha.

Semelhante e trágico destino teve o filtro de água que esfriava em três temperaturas, presente de João no aniversário da sogra. Mirtes agradeceu, achou uma graça o acabamento prateado e os botões iluminados — *dá para encher o copo no escuro!* Só que — *desculpe a sinceridade, eu sou assim!* — preferia o sabor da água do galão de vinte litros; desde que, é claro, carregado pelo sogro, o marido ou a filha.

Quando Fernanda encostou a porta da cozinha, eram duas da tarde. Os raios solares incidiam sobre o pergolado do jardim, e ela imaginou que aquele espacinho privilegiado pela natureza estaria quentinho, aguardando por ela. Poderia estender a rede que trouxera da última viagem ao Nordeste e trocar mensagens no celular com as amigas de São Paulo. Podia, ainda, preencher o cadastro no *SweetMatch*, o aplicativo de namoro dos bem-de-grana da capital. Seria divertido, no mínimo.

Biscoitar online com as suas melhores fotos e depois fuçar o perfil dos pretendentes. A Laís dizia que havia ótimos partidos por lá. Ótimos.

Fernanda controlou a empolgação. Sentiu um desânimo melancólico que partiu de dentro do peito e a deprimiu sem razão, fazendo-a lembrar de que não era capaz de amar ninguém. Seus dois casamentos, com o cirurgião plástico argentino e com João Menezes, não passaram de desculpas para escapar de Piedade e dos pais. Sempre soube que estava condenada.

Sempre? Não. Sempre, não.

Para ser precisa, *sempre* era advérbio que não se aplicava à situação, embora vinte anos fosse tempo demais para uma jovem de trinta e dois. Tempo suficiente para, vez por outra, fazê-la esquecer da sensação de quando era, apenas, a filha do dono do cartório; a garota mais bonita da sua turma, apaixonada pelo único menino que não tinha medo dela.

Era inquietante como continuava capaz de se transportar para aquela manhã de sexta-feira do ano de 2002, a véspera maldita, como se os fatos tivessem acontecido há poucas horas, e não há duas décadas.

A pele do seu rosto chegava a queimar, ruborizada, do mesmo jeitinho de quando viu os corações vermelhos na lousa com os dizeres “C&F” flutuando em seu interior. Fernanda jurou Laura de morte por revelar o seu segredo na frente da turma — mas, no fundo, aprovou a brincadeira da amiga. O empurrãozinho despertou em Carleto a vontade de convidá-la para um sorvete na Praça Matriz. Um programa a dois, sozinhos. Ele e ela. Um encontro que não deu tempo de acontecer.

No meio daquela algazarra, a professora Helena de Literatura entrou na sala e apagou a aula de Geografia no quadro negro, com os rios da Bacia do Prata distribuídos em um mapa que, de tão caprichado, parecia desenhado por um cartógrafo.

Parou quando viu os coraçõezinhos.

— Deixa eu adivinhar... Carlos e Fernanda? — ela brincou.

A turma foi à loucura, emitindo um “Hããã...” arrastado e cheio de malícia, seguido de gritinhos histéricos obcecados em constrangê-los a qualquer custo. Fernanda ficou mais vermelha do que as molduras dos coraçõezinhos de Laura. Enterrou o rosto entre os braços, inclinando-se sobre a carteira, e torceu para que a professora esquecesse dela e começasse a aula de vez.

Não adiantou.

Quando levantou os olhos devagarinho, os colegas riam e provocavam. Olhou em volta: em meio à bagunça, dois meninos em silêncio.

Carleto sorria na sua direção. Ele era fácil de ler, até para uma garota de onze anos. O coração de Fernanda galopou. Teve certeza: era recíproco! Ele

gostava dela tanto quanto ela gostava dele. Sorriu de volta, sentindo-se acolhida. A vergonha, antes invencível, pareceu microscópica diante do amor correspondido. As provocações dos colegas já não incomodavam. Ainda assim, por um breve instante, desviou o olhar. No canto esquerdo da sala, colado na parede, viu Leonardo quieto — e tão vermelho quanto ela minutos atrás. Com os olhos em fogo, ele encarava um Carleto alheio à sua presença. Seus lábios tremiam, e ele parecia prestes a chorar. Só Fernanda notou quando ele se levantou e saiu correndo da sala, escondendo o rosto.

A jovem se pegou pensando no quanto a vida poderia ter sido diferente sem o trauma do primeiro amor sete palmos debaixo da terra em um caixão lacrado. Sem aquela merda de cidade que a puxava de volta na primeira oportunidade, aprisionando-a a cada movimento feito areia movediça. Sem os pais, que dependiam dela para buscar o pão na esquina, e os ex-maridos canalhas de quem ela nunca gostou e a quem enganou sem culpa ou remorso.

Em defesa própria, relativizava; eles também nunca gostaram dela. Não como o Carleto — e certamente não como o idiota do Léo Andrade, o filhinho covarde do ex-prefeito que morria de medo de mulher.

A pergunta que Fernanda evitava se fazer era o quanto naquilo tudo, em sua vida fútil e vazia, era culpa do destino. Por alguma razão, a vida fizera dela uma esposa-troféu — e se isso aconteceu, ora, devia ser porque, em algum grau, ela permitira.

Esposas-troféu, ela sabia, serviam para serem exibidas em festas no trabalho, na piscina do clube, em posts de Instagram e viagens a Paris.

Eram uma aquisição, como carros alemães, casas na Riviera e Romanees-Contis inclinados em suportes de adegas climatizadas; e, como toda aquisição, esposas-troféu não precisavam pensar. Era melhor que não pensassem.

Esposas-troféu só precisavam de um bom regime de separação de bens, e a esse respeito ela nunca criou problemas. Mesmo porque não entregava o produto completo: a segunda maior obrigação das esposas-troféu, perdendo apenas para a de permanecer magra e bonita, era parir filhos-troféu. E, para isso, Fernanda não servia.

— Você precisa ir ao mercado, Nanda — Mirtes apareceu na cozinha, interrompendo os devaneios da filha. Decerto notara que o barulho metálico da água caindo na pia havia cessado. A mãe tinha um radar para essas coisas.

— Que bom ter você com a gente, ficamos tão sozinhos quando você vai para São Paulo — ela disse, melosa, escrevendo a lista de compras à caneta.

— Posso deixar pra outra hora, dona Mirtes?

Mirtes empacou na porta da cozinha, papel e caneta em riste, sobrancelhas franzidas para baixo.

— Quer que a sua mãe velha e doente saia de casa pra fazer compras, filha? Não vê como o meu pé está inchado? — Arregaçou a barra da calça.

— Não foi o que eu quis dizer, mãe. — Fernanda desviou o olhar dos pés de Mirtes. Não fazia diferença se estavam inchados ou não. Em qualquer caso, era pior retrucar. — Dá aqui essa lista — respondeu, afastando da imaginação os momentos de lazer e ócio no jardim, esticada sobre a rede.

Enquanto lia a extensa lista de compras, que compreendia de produtos de limpeza a guloseimas oleosas que ignoravam os problemas cardíacos do pai e o ácido úrico da mãe, a campainha tocou. Mirtes correu para atender o portão. Movia-se com agilidade, como quem pudesse ir e voltar do supermercado carregando quarenta sacolas de compras se fosse necessário.

— Nanda está ocupadíssima, Ricardo. Eu aviso que você veio, sim? Agora chispa, vamos!

— A-ham! — Fernanda pigarreou, e a mãe a olhou de viés, expondo o rosto enrugado. — Com licença, dona Mirtes? Pelo visto, é pra mim.

— Não se esqueça das compras. — Mirtes chamou a filha de lado, como quem fosse cochichar; mas falou ainda mais alto: — Não fique de conversa com esse vagabundo. Não mudou nada dos últimos anos pra cá.

Fernanda meneou a cabeça. Embora odiasse as intromissões da mãe, não estava a fim de falar com o Rica. Ele era o tipo de pessoa que podia ficar décadas sem falar com alguém e, ainda assim, continuar se achando íntimo. Além disso, o filho da mãe sempre fora um especialista em achar um jeito de irritá-la.

— O que você quer, Rica? Estou ocupada.

— É assim que me recebe, Fer? Puxou a mãe?

Ah, se eu pudesse dava um murro no fuço desse atrevido!

Rica sacou uma maçã do bolso e a mordeu. Fernanda se perguntou quem, no mundo, andava com maçãs no bolso.

— Aposto que divorciou, acertei? Só assim para dar o ar da graça em nossa humilde cidade.

— Tchau, Rica! — ela rosnou. Desta vez, ele passara dos limites. Fernanda começou a fechar o portão. Rica colocou o braço magricelo na frente.

— Espera! Espera! Eu vi o Léo ontem, passeando de carro na cidade.

— E eu com isso? Que me interessa o Léo?

— Interessa que ele é apaixonado pela senhorita. Ah, você sabe, oras! Digo, a cidade inteira sabe... e agora que você está solteira, sabe como é...

Fernanda fez menção de fechar de novo o portão, e ele deslizou o corpo pela fresta entreaberta como se fosse um cabo de vassoura.

— Seu Brito morreu, foi por isso que ele veio.

— Também não me interessa pelo seu Brito, Rica. Que insistência! Não tem o que fazer? Quer assunto pra fofoca? Mais tarde você volta e fala direto com a minha mãe, que tal? Aposto que ela gosta de fofoca mais do que desgosta de você.

— Pois eu me interessa pelo falecido — ele continuou. — Bom, não a ponto de ir ao enterro e tudo, mas... Sim, digamos que eu me interessa por ele.

— O Max veio?

Se a morte do pai não fosse razão suficiente para ele voltar a Piedade depois de tanto tempo, o que mais seria?

Rica franziu o cenho e recuou para a calçada, retirando o braço e o resto do corpo do caminho do portão.

— Não quer mesmo saber do Léo?

— Não... e, se quer saber, não me trouxe notícia alguma. Eu mesma vi o Leonardo ontem no posto de gasolina, com uma Playboy na mão — Fernanda riu. — Agora, se me dá licença, Rica...

— Ok. Se é assim... — Rica pareceu encerrar a conversa, mas mudou de ideia. Seus olhinhos brilharam e ele penteou os cabelos para trás. — Quer jantar comigo, Fer? Eu cozinho um macarrão instantâneo pra gente e abro um vinho de São Roque... Vinho tinto, dos melhores da região. Já te disse que você continua lindona igual nos tempos do colégio?

— Se enxerga, garoto. Não sou pro teu bico.

— Não sou mais garoto, Fer — ele disse, maroto, virando as costas para ir embora, sem qualquer indício de que tivesse se sentido ofendido. — Não custa tentar, não é?

XII

Trecho do diário de Leonardo Andrade.

“O Carleto gritou pelo Rafinha. Disse que ele foi aceito no clube e tudo. Eu também gritei, várias vezes, uma mais forte que a outra. Bom, gritamos todos... mas nada do Rafinha aparecer.

Nada.

O silêncio era a nossa única resposta, e assim, ficamos quietos por um instante, à espera, para ouvi-lo melhor. Foi quando escutamos, vindo do interior da mata, um uivo medonho.

Era agudo e arrastado, como o de um lobo, e vinha de perto da clareira onde o nosso amigo deveria ter ficado montando guarda.

Os pelos do meu braço arrepiaram. Tentei voltar a gritar pelo Rafinha, mas minha voz saiu baixa, fininha. Eu temia que alguém — ou alguma coisa — além dele nos ouvisse.

Ao meu lado, o Max e o Rica não piscavam; eles apenas olhavam de um lado para o outro da mata, mudos. Procurei pelo Carleto, mas ele já não estava entre a gente. Subia a margem, na direção da clareira.

O Rica tentou alertá-lo de que era uma péssima ideia sair da água, mas acho que só eu ouvi. Um segundo depois, o Carleto já estava em terra firme. O filho da mãe nem ao menos tremia. Devia ser a adrenalina.

Com dois passos largos, ele atingiu a clareira e eu fiquei torcendo por ele à distância, nutrindo um sentimento que era dos mais incômodos: um misto de orgulho e vergonha.

A única luz que o iluminava era o brilho da lua através das copas das árvores e dos arbustos; suficiente para eu vê-lo abaixar e pegar a lanterna do chão.

Notei — todos notamos — o vulto que cresceu por trás dele e, ao mesmo tempo, alguém se atirou na água, vindo não sei de onde. Escutei o barulho do mergulho, e vi a cabeça do Rafinha emergindo pouco depois.

Só de lembrar da cena, marcada a ferro em minha memória, vem um nó na garganta. O vulto atrás do Carleto, concluí, não era o Rafinha; porque o vulto atrás do Carleto continuava ali, parrudo e indefinível.

Era negro, como a água que nos congelava... e alto, muito alto, como homem nenhum em Piedade. Havia um par de olhos: mortos, apagados e distantes feito pedras opacas de ônix.

Carleto ligou a lanterna e apontou involuntariamente na direção do bicho. Os olhos explodiram como rubis de fogo. Foi só o que vi: o vermelho refletido nos olhos da criatura que avançava contra o meu amigo-irmão.

A lanterna do Carleto escorregou da sua mão e caiu na terra. O feixe potente desenhou uma linha rasante sobre o solo; primeiro sobre a terra batida, depois sobre a vegetação rasteira. Uma dezena de metros adiante, iluminou o pé do tronco da copaíba.

A psiquiatra que os meus pais pagaram à época disse que quando estamos com medo o cérebro raciocina em termos de fugir ou lutar. Os hormônios do estresse fazem o coração acelerar e bombear jatos de sangue para os órgãos e músculos, acelerando a respiração e preparando a ação imediata. Disse, também, que o medo prejudica a capacidade de pensar com clareza. Que embaralha as lembranças a respeito de um acontecimento traumático, inserindo elementos ilógicos ou irracionais. Pode ser que ela esteja certa. É até provável que esteja. Mas o que ela sabe de verdade?

O que eu sei é que, com a cabeça para fora d'água, ouvi o Carleto. Sei, também, que estava escuro demais, barulhento demais. A cachoeira rugia, e o animal também rugia, como forças da natureza.

Ereto sobre as patas traseiras, o gigante avançou sobre o meu amigo com fúria e destreza, saltando um par de metros a cada passada. Quando dei por mim, a sombra negra agarrava o Carleto pelas pernas e o arrastava para dentro da mata.

O Max quis ir atrás, preciso dar esse crédito a ele, porque eu mesmo me encolhi, encarapitado como um bicho encurralado. O Rica olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas para baixo e o topete escorrido sobre a testa. Não disse nada. O Rafinha chorava, ganindo feito um cachorro perdido e arregaçando a barra da camiseta para esconder os olhos. Quando o Max gritou que ia atrás do Carleto, eu e o Rica o seguramos enquanto ele insistia que precisava da mochila na clareira.

O Rica deu uma prensa nele, que diabos ele achava que podia fazer?

— Um revólver — ele rangeu, concentrado. — Eu trouxe o revólver do meu pai.”

XIII

O céu estava negro como nunca sobre a Vila Mariana. Do *lounge* na cobertura, era possível observar as estrelas, uma porção delas. Esboços de constelações. Não se lembrava de um céu estrelado como aquele em São Paulo, provavelmente porque nunca havia reparado. Sempre ocupado, sempre faminto — mas, agora, ele podia. Max havia atingido o topo do mundo. *Eu sou a estrela, afinal.*

Orgulhoso, transbordou a taça de espumante e devolveu a garrafa ao balde com gelo. O líquido escorreu pela borda e umedeceu os seus dedos. Ele admirou as bolhas subindo desde o bojo. Elas nunca paravam. Era como se a bebida estivesse viva, respirando.

Solitário, caminhou até o parapeito e contemplou a cidade lá embaixo. Pensou em Piedade, no pai e no São João, mas logo mudou de ideia. Para os diabos com o passado, o futuro era dele. Só dele. E a noite estava apenas começando.

O arquivo com o contrato assinado pelo Conselho da Brasitel chegou escaneado em sua conta de e-mail. Não havia mais volta, estava sacramentado. Sentiu um friozinho gostoso na barriga. Nunca havia adquirido uma empresa do porte da Brasitel. Setenta milhões! Uma pechincha por uma empresa que, só pelos imóveis, valia mais, muito mais. Os investidores que emprestaram a grana ficariam exultantes.

É claro que havia trabalho pela frente, modernizar o mastodonte era um desafio e tanto; mas o potencial... *Ah, o potencial!* Era i-ni-ma-gi-ná-vel. A nova Brasitel proveria acesso à internet, serviços de telefonia, geraria conteúdo digital... As opções estavam à mesa, bastava saber se servir.

Max encheu uma segunda taça e a colocou ao lado da primeira. Ficou olhando para o delicado parzinho de cristal e se sentiu levemente melancólico. Quando o telefone tocou, alcançou rápido o aparelho no bolso. A foto de Leonardo vestindo camisa social, paletó e gravata apareceu na tela.

Não, eu não preciso falar com esse perdedor. Não hoje.

Precisava comemorar. Com Renata, a hostess do Chardy. Sim, Renata. A morena de olhar indefeso, seios firmes, postura de bailarina. Depois de virar o primeiro copo, ele riu envergonhado. A moça não ia querer vê-lo pela frente nem pintado de ouro. *Será?* Bom, pintado de ouro talvez ela quisesse. Por coincidência, era precisamente o caso.

Ele procurou o contato na agenda. Encontrou a imagem dela sorrindo em uma selfie, exibindo duzentos dentes brancos perfeitamente alinhados. Trajava um vestido de festa. No recorte editado da fotografia, contornos de braços e cabelos alheios despontavam no que antes fora uma alegre foto em grupo.

Ligou.

Enquanto o telefone tocava, ofereceu um brinde à lua cheia. A olho nu, enxergou uma enorme cratera em seu polo inferior, e se pegou pensando no tamanho que devia ter para ser vista àquela distância. Por que nunca havia reparado nela? Enxergou as diferenças de tonalidade refletidas na superfície, do cinza-escuro ao prata-cintilante. A natureza jamais lhe parecera tão sedutora, tão irresistível.

Ao continuar olhando para a lua, porém, encarando-a como se estivesse subordinado a ela, o astro começou a brilhar, incandescente, como se fosse o próprio sol.

Estava ficando louco?

Max se debruçou sobre o parapeito e olhou na direção do Ibirapuera, de onde avistou o bairro, a Avenida 23 de Maio e o parque. Os carros transitavam normalmente, os pedestres caminhavam, os boêmios conversavam nas mesas de bar.

A noite seguia, mas o sol continuava brilhando lá em cima. Será que só ele via?

Renata, atende! Por favor!

Aflito, cerrou os olhos com toda a força, mas a luz não diminuiu, pelo contrário. A explosão prateada atravessou suas pálpebras como se fossem feitas de plástico-filme. Ato contínuo, uma enxaqueca lancinante o fez derrubar o telefone, que despencou no chão quando Renata atendeu.

Max cobriu os olhos, transtornado, mas o brilho prateado trespassou suas mãos com a mesma facilidade com que vencera as pálpebras fechadas. Gritou de dor, e caiu ao lado do celular, contorcendo-se. A taça de espumante espatifou-se no contato com o solo, dividindo-se em centenas de cacos. Notou o suor vertendo do rosto, do peito, do corpo todo; de um minuto para o outro, seu corpo, outrora são, estava ensopado e febril.

Do outro lado da linha, Renata o xingava, mandava-o à merda e ele escutava com absoluta nitidez, mesmo distante do alto-falante. Ela chorava ao

vomitou seu ódio sobre ele, mas Max não seria capaz de contra-argumentar. Ocupado apenas com a própria dor, mal reuniu forças para rastejar até a sala. A polpa dos dedos e o joelho sangravam contra o vidro esmigalhado.

Max sentiu as orelhas e o nariz ferverem. Seu corpo devia estar acima dos quarenta graus. Era como se fosse derreter. A camisa encharcou e ele se livrou dela, manchando-a com sangue. O calor continuava aumentando, e ele se lembrou do forno à lenha de dona Raimunda, das toras de madeira virando brasas e cinzas na cozinha, do cheiro chamuscado da fuligem. Max afrouxou o cinto e rastejou até o sofá, que tentou escalar sem sucesso.

Uma memória tão íntima quanto remota retornou, cada vez mais viva. O presente se fundiu ao passado, como se fossem, ambos, elementos de uma mesma ilusão. Piedade, o pai, o São João... Ele não queria voltar. Não podia... mas, de algum modo, sentiu que precisava. Fazia vinte anos que vira Carleto morrer. Vinte. Finalmente, sua visão escureceu; Seu Brito e Carleto surgiram em sua mente. Seu próprio pai assassinando o amigo, seria verdade? *Pai, por quê?! A dor de cabeça aumentou, era impossível resistir. Soluçando, Max Bezerra enfim desmaiou.*

XIV

Apartamento de Renata Santos.
Edifício Cecília. Vila Mariana.

A lembrança do som selvagem e agonizante fez Renata rolar sobre a cama de solteiro, embrulhada entre o lençol e a manta de microfibra.

Os primeiros urros partiram próximos, reproduzidos pelo alto-falante do telefone com uma nitidez desconcertante. A dor dele era primal, profunda, e ela teve certeza de que não se tratava de um truque barato.

Depois, o som distanciou, perdeu volume. A sensação era de que continuaria se afastando até ficar inaudível e ele agonizar por completo — e foi o que, de fato, aconteceu. O monstro sofreu de verdade, e ela ouviu. Foi do jeito que ela queria, ou quase. Queria ter *visto* Max rastejar, como ela rastejara no elevador imundo de terra. Que morresse, desejou, ele merecia. Um a menos no mundo, que falta podia fazer?

Pulou da cama com os lábios secos e o coração palpitando. Checou o relógio na cabeceira; onze da noite. Fazia três horas desde que Max ligara. Cambaleou, desnorreada, até a cozinha do apartamento de um dormitório que dividia com a amiga. Jéssica não dormia em casa desde que começara a namorar, e ela odiava passar as noites sozinha em São Paulo.

Encheu um copo com água no filtro até o líquido transbordar e molhar os seus dedos. Bebeu metade. O restante, despejou no vaso com a espada de São Jorge no canto da sala.

Sem sono, deitou-se no sofá com as pernas esticadas sobre o descansa-braços e escolheu um romance no Kindle. Um suspense policial, o seu gênero predileto. A primeira cena descrevia um assassinato ritualístico, ou coisa que o valha. Jorrava sangue desde o primeiro parágrafo.

Pensou de novo em Max. Desistiu do livro e ligou a televisão baixinho para distrair-se com as tele vendas, um de seus *guilty pleasures* inconfessáveis. O canal repetia a propaganda de uma loja de carpetes em loop contínuo.

Crédito fácil é na Persiana, a magia do seu tapete sem cheque voador!

Um espaço no seu cérebro, porém, martelava uma ideia fixa e indesejada. O sofrimento de Max alugava aquele espacinho, ocupando um território que não podia ser dele. Pena, propriamente, não sentia. Mas o sentimento de revanche diminuía, como que satisfeito, dando lugar a um inconveniente senso de responsabilidade. O homem podia ter morrido — ou, pior, *estar morrendo*. Ela devia avisar alguém. A polícia? Os bombeiros? Não, não queria ter de se envolver, dar o nome, explicar quem era e o porquê da ligação; explicar que Max queria comê-la, que ele achava que ela era uma puta. Max não valia o esforço — mas ela não conseguia dormir com a culpa. Era melhor do que ele.

No notebook, consultou os arquivos do trabalho. Na pasta "Restaurante em Casa", a planilha "M.Bezerra_VilaMariana" organizava os contatos dos clientes, o cardápio contratado, os valores e todo o resto. Abriu a aba "Convidados" e passou pelas células com nomes e números à procura do convidado que lhe parecera mais humano: Leonardo Andrade. O celular dele apareceu em itálico, e ela discou.

Por que estou me metendo?

Ele atendeu rápido.

— Leonardo? Leonardo Andrade?

— *Ele mesmo* — a voz soou surpresa; ou teria sido preocupada?

— Aqui quem fala é Renata Santos. Desculpe o horário, o senhor talvez não se recorde de mim. Nos conhecemos no jantar do Dr. Bezerra.

— *Renata... A recepcionista. Sim, eu me lembro. Como conseguiu o meu telefone? É alguma emergência?*

— Talvez seja — respondeu, relutante, apreensiva com a reação do rapaz. — É o seu amigo, Max Bezerra. Ele me ligou. Estava passando muito mal.

— *Max? O Max tem uma saúde de ferro. Explique direito, por favor...*

Saúde de ferro. Que tipo de homem pode ter uma saúde boa o suficiente para causar incredulidade o simples fato dele estar passando mal?

— Olha, foi ele quem ligou, não sei explicar a razão. Não somos amigos e, para ser sincera... não quero saber dele. Não me importo. Acontece que ele me ligou e passava muito mal, parecia que ia morrer do outro lado da linha.

Por um momento, Renata duvidou de si mesma. Será que tinha certeza do que ouvira? Poderia jurar que o cretino estava prestes a bater as botas, mas e se estivesse enganada?

— Eu achei que precisava avisar alguém, é só isso — ela continuou, tentando diminuir a importância da informação.

— *Tentou a mãe dele?*

— O nome dela não está na lista de convidados. E do jeito que eu vi ele tratar a mãe... Quero dizer, talvez não fosse a melhor opção, de todo modo.

— *Fez bem em ligar, Renata. Durma tranquila. Eu irei até ele.*

XV

Trecho do diário de Leonardo Andrade.

“Max trazia na mochila o velho Colt 1851 do seu Brito, a arma que o pai guardava na parede da sala sustentada por um par de pregos bem grossos. Era um revólver decorativo — pelo menos foi o que pensei.

O Rica ficou maluco! Achou que o Max tinha pirado. Disse que a merda daquela pistola era mais velha que o avô dele, e que ia explodir na mão do Max se ele atirasse. Eu concordei, mas fiquei quieto. Até porque o Max começou a chorar. Recordo dele dizendo que aquilo estava errado, que éramos o Grêmio Valente e que ninguém era deixado para trás. Estávamos em quatro, ele disse, podíamos com quem quer que fosse.

A voz dele saía em falsete, quase sumindo. Estava claro que nem ele acreditava naquilo, mas, ainda assim, foi difícil convencê-lo a se esconder com a gente de volta na gruta, onde ficamos calados por longos e intermináveis minutos que pareceram consumir duas noites inteiras, ouvindo apenas o rugido da cachoeira.

O frio era insuportável, e fez a gente perceber que, de um jeito ou de outro, íamos morrer ali. O Rafinha tremia feito um motor de barco; a pálpebra do seu olho esquerdo piscava em espasmos. Ele se apoiou na parede de pedra da gruta e tentou se aquecer esfregando os braços embaixo d’água.

A expressão de pavor dele, a pálpebra tremendo incessantemente e os braços histéricos agitando a água turva. Aquilo foi me enervando. Eu o segurei pelo colarinho com uma mão, e com a outra fiz sinal para que ficasse quieto.

De repente, um corpo imenso pulou da copa das árvores e caiu no riacho; o baque provocou uma onda que atingiu a gruta em cheio. O Rafinha engoliu dois litros de água, e o Rica tentou escalar a parede limbosa.

Uma figura veio à tona, camuflada pela noite e a cascata. Escutamos e, pior, *sentimos* os braços daquele ser remando na nossa direção.

— Nadem! Vamos! Pra fora, agora! — Max gritou, e disparamos na direção da margem. Nem sei dizer se cruzamos o caminho do monstro, porque a coisa toda foi ligeira feito raio e trovão.

Na margem, eu corria, descalço e de cuecas, sem olhar para trás. Tentei acompanhar o Max, que era quem conhecia o São João, mas perdi ele de vista. Pisei em galhos quebrados, plantas espinhosas e pedras pontiagudas. Não demorou e me vi sozinho. Senti meus pés rasgarem no chão traiçoeiro. Eu sangrava — no peito, nos joelhos e nas solas — mas não parei; apenas estendi os braços para abrir caminho na mata fechada.

Chorando, de raiva e desespero, parei diante de um barranco de terra largo e extenso a perder de vista. Devia ter uns três metros de altura. Forcei a escalada segurando as raízes dos arbustos, cravei as unhas na terra até perdê-las e deixar os dedos em carne viva, mas não adiantou. O paredão era íngreme demais.

Era impossível sair dali. Se o bicho estivesse no meu encalço, era certo que me mataria; precisava dar meia volta, fugir para onde estava a besta, torcendo para que ela não me visse.

Talvez tenha sido a mistura do desânimo com o medo, ou a esperança que tinha se esvaído, mas o cansaço veio de uma só vez. Minhas pernas desabaram, o peito esvaziou. Eu me sentei no chão e abracei os joelhos. Estava imundo, coberto de terra dos pés à cabeça. O sangue vertia de um corte profundo no tornozelo que eu sequer me dera conta.

Pensei de novo nos meus pais.

À minha esquerda, ouvi um farfalhar de folhas secas. Recolhi uma pedra no chão, a mais próxima. Era grande feito um paralelepípedo.

— Quem está aí? — perguntei, sem elevar o tom de voz. — Carleto? É você?”

XVI

Às noites de sexta, Léo costumava assistir a filmes e séries sozinho em casa — um programa repetido aos sábados e domingos, invariavelmente. Esta madrugada, porém, estava na calçada da rua França Pinto, passando frio, com o braço apoiado no portão metálico e o ouvido próximo ao intercomunicador.

Léo odiava trabalhar para Max. Odiava o jeito como o amigo-patrão contratava à parte o filé do trabalho em escritórios renomados como o Rossato&Penteado ou o Stabile&Vargas. Se não confiava em seu trabalho, por que não o dispensava? Pelo passado em comum? Para humilhá-lo? Não importava a razão, aquilo o fazia se sentir como se precisasse de Max para sustentá-lo. E, no entanto, lá estava ele em pé na calçada, como um cãozinho fiel pronto para socorrê-lo.

— O carro está aqui, sim — disse o porteiro da madrugada, depois de espiar as câmeras de vigilância.

— Então me deixe entrar. É urgente!

— De modo algum, senhor, eu sinto muito. É uma da manhã.

O porteiro parecia ter boa vontade, mas não vacilou. Regras eram regras. Quando o interfone toca nove, dez, onze vezes e ninguém atende, não há o que se possa fazer. Léo não tinha cara de golpista, mas quem poderia saber com certeza? No começo do ano, o zelador do Ouro Branco, um edifício vizinho ao seu, liberou a entrada de uma patricinha meiga carregando inofensivos cadernos universitários. Ela sacou um revólver da bolsa, rendeu a portaria e deixou entrar a gangue que limpou os vinte e quatro apartamentos do prédio.

— Ele me telefonou. Estava prestes a desmaiar! — Léo mentiu, mas não muito.

Quando Renata ligou, logo se lembrou dela. Pouca gente telefonava para ele; menos gente ainda à meia-noite. Renata Santos, a hostess; a morena simpática que recebia os convidados em um elegante vestido com as costas de fora. Recordava-se dela, era claro. Não conhecia garotas interessantes com muita frequência. *Deve ter sido sério*, pensou, *para ela ligar daquele jeito*. Max contou o que fizera com a moça no elevador, era de se estranhar que ela se preocupasse com ele.

Por outro lado, será que ela estava certa do que tinha ouvido? Talvez não fosse o caso de envolver a polícia, os bombeiros e o atendimento de emergência... e se o

encontrassem morto lá dentro? E se encontrassem coisa pior? Precisava torcer para que ele estivesse bem... e vivo! *Bem vivo*.

— Desculpe, senhor, se o doutor Max está passando mal, o senhor chama o SAMU. Ambulância, bombeiro e polícia eu deixo entrar. O senhor, não. — A voz metálica encerrou a conversa.

Léo recuou, resignado. Estivera algumas vezes no condomínio de Max, mas nunca tão tarde. Voltaria na manhã seguinte, quando o sol raiasse. O porteiro da manhã o conhecia, talvez lhe deixasse entrar. E, se estivesse correto, Max estaria recuperado. Venderia saúde e, principalmente, atenderia interfonos.

— Senhor! Senhor!

A voz metálica de novo. Ecoou na calçada silenciosa.

— O doutor Max atendeu. O senhor pode subir.

*

O elevador abriu para o hall, e Leonardo deu com a porta do apartamento escancarada.

Enxergou a sala imaculada: as almofadas cinza apoiadas contra o encosto do sofá; os controles-remotos da televisão e do sistema de som alinhados em cima da mesa de centro. Sobre o aparador e a mesa de jantar, nada de estranho ou fora de lugar.

— Entre, Léo, entre! — Ouviu a voz, distante, que veio da cozinha. Chegou em bom volume, entusiasmada. — A porta está aberta, não faça cerimônia.

Há vinte anos Max não o chamava de Léo. Quando moraram juntos, na Bela Vista, o tratamento já havia mudado. A partir da adolescência, ele virara, para Max, pouco além de um estranho ou de uma bagagem pesada. Virou Leonardo — o que era tão formal para amigos de infância quanto tratar os pais por Vossa Excelência. Léo lamentava não poder retribuir a gentileza e chamá-lo por algo mais extenso do que o monossilábico “Max”.

A caminho, Léo se pegou imaginando quão raro deveria ser para Max frequentar a cozinha. A empregada preparava as poucas refeições que ele fazia em casa, e os afazeres domésticos simplesmente não faziam parte da sua rotina. Guiado por um ruído baixo e borbulhante, ficou sem ação ao ver o amigo sorrindo defronte o balcão de *silestone*.

A camisa branca dele, rasgada e manchada de sangue, estava encharcada de suor. A calça social, de tão amassada, parecia ter sido retirada debaixo de pilhas e mais pilhas de roupas esquecidas no cesto. Como se não bastasse, Max fedia. Talvez fosse o suor, talvez fosse o sangue; ou, quem sabe, houvesse algo apodrecendo no lixo da cozinha. O odor era úmido, azedo. *Vivo*.

— Estou passando um café. Sente-se, vamos, sente-se... — Max largou o coador sobre o balcão e ofereceu assento à mesa de serviço, arrastando a cadeira. A mesma mesa em que humilhara dona Raimunda, três dias antes.

Léo mediu o amigo. Percebeu o quanto estava hiperativo. Os olhos injetados não piscavam; o pé direito marcava o ritmo no piso enquanto ele aguardava o café ficar pronto. Max abriu e fechou todas as portas do armário antes de encontrar o jogo de xícaras de porcelana — e, quando as encontrou, derrubou um par delas no chão.

— Café bem forte, do jeito que papai fazia — ele adicionou quatro colheres generosas de açúcar e entornou a dose sem hesitar, de um gole só. O líquido fervia, mas não houve reclamação, apenas uma careta de incômodo. — A que devo a honra?

— Vim ver se está bem.

Léo recebeu em troca um olhar de incredulidade. *Do que está falando? Nunca estive melhor*, diziam a expressão infantil e o jogo de ombros.

— O porteiro tocou o interfone uma porção de vezes, você não atendeu. Liguei no celular, e nada.

— É mesmo? — Max começou a andar pela cozinha, com uma das mãos segurando o queixo. — Que estranho! Não imagino o que possa ter acontecido. Estou em casa desde às... — Segurou o queixo com os dedos. — Bom, desde um bom tempo!

Max parecia tentar puxar o período pela memória, mas um belo e suculento naco dela havia virado pó. Ele voltou a sentar-se, e encheu uma segunda xícara. Desta vez, uma colher de açúcar bastou. Absorto, olhava para a linha extensa onde a parede da cozinha terminava e o teto começava, tão compenetrado que dava a impressão de estar enxergando através dela.

— No que está pensando?

— Não tenho certeza — disse Max, desnorteado; continuava olhando para o vazio.

— Vamos... Você devia estar pensando em alguma coisa.

— Acha mesmo?

— Tente se esforçar — *Como era possível que ele não se lembrasse?*

— Acho que em Piedade, no meu pai... e no São João — suas sobrancelhas curvaram, os lábios esticaram em direção às orelhas. — Faz sentido?

— Acho que pode fazer.

— Pensei no Carleto, também. Acho que era nisso que eu estava pensando antes de...

Ele não completou. *Antes do quê?*, Léo quis perguntar, mas se conteve.

— Era no passado que eu pensava por último, mas não tenho certeza.

— Descanse, Max. — Léo fez menção de levantar-se, abandonando a sua xícara intocada sobre o pires. Era madrugada, caféina de estômago vazio o deixaria acordado até a noite seguinte. — Amanhã você lembra e conversamos, ok? Tenho interesse em saber.

— Não! Espera, por favor. — Max alcançou a cafeteira para uma terceira dose, porém pareceu acometido de um enjoo súbito e desistiu. — Eu preciso saber... Como foi o enterro do meu pai?

— Ninguém mais foi, Max.

— Mamãe?

— Só a dona Raimunda e eu. O padre e o coveiro ajudaram a carregá-lo.

— Preciso vê-lo.

— Por que isso agora?

— Apenas preciso, Léo. Você, por acaso, já sentiu um aperto agudo no peito sem motivo nenhum?

— Não me recordo.

— Não provou o seu café. Fez bem. Deixa um gosto forte de alcachofra na boca...

Alcachofra? Cafés não têm gosto de alcachofra.

— Papai nunca me apoiou em nada. Queria que eu jamais saísse do sítio, o desgraçado. Queria me ver com as mãos encardidas de terra de tanto preparar o solo e colher as malditas alcachofras uma a uma. Agora é ele quem aduba a terra. Não é irônico?

— Eu te levo, Max. Se quer ver o seu velho, eu te levo.

— Não! — gritou, cerrando os punhos e socando a mesa. Léo deu um salto para trás. — Preciso ver ele sozinho.

Léo acedeu, meneando a cabeça, e levantou-se para ir embora. Insistiu com Max que ele precisava descansar, e, desta vez, ele concordou. A caminho do hall para despedirem-se, Max empacou diante do grande espelho retangular na sala. Contra o reflexo, pareceu se dar conta do estado em que se encontrava: a camisa em farrapos, tingida de vermelho; a calça com furinhos brilhantes no joelho, resquícios do vidro cravejado na pele. Pareceu sentir o cheiro, o odor ácido que brotava do seu corpo.

Ele segurou Léo pelo ombro uma última vez antes de deixá-lo partir.

— Por que veio hoje? Você só vem para tratar de trabalho.

O ombro direito de Léo começou a doer, mas ele não protestou.

— Você passou mal. *Muito* mal. Ligou para a Renata, não se lembra?

— Eu me lembro, sim. — Ele riu de canto de boca. Devia estar se lembrando da hostess encurralada no mesmo hall onde, agora, acuava o amigo. O que diabos

estava acontecendo com Max? Ele tinha defeitos, muitos, diversos, mas não se lembrava dele se portando feito um canalha. Não nesse nível.

Será que? Não... não ainda...

— Ela me ligou — disse Léo. — Eu falei para ela que viria te ver. Vou ligar para avisar que está tudo bem.

Léo alcançou o celular no bolso e desbloqueou a tela com o polegar, mas o braço esquerdo de Max foi mais rápido. Seus dedos crispados se fecharam contra a mão de Leonardo, que berrou de dor ao mesmo tempo em que deixou cair o telefone. O advogado tombou de joelhos no chão, protegendo a própria mão, incrédulo.

— Perdão, Léo! Eu não queria...

Max apanhou o celular com a tela trincada e o guardou no bolso de Leonardo, que embarcou no elevador sem dizer palavra. Em seguida, Max retornou ao espelho. Ficou se medindo por alguns minutos, observando o seu reflexo no vidro prateado. *O que aconteceu comigo, meu pai?*

Não demorou e a raiva voltou. O efeito de *sabe-se-lá-o-quê* passou, fugaz como a bala de *ecstasy*, a droga que experimentara no aniversário anterior para dar um *up* na balada. Detestara a experiência, a perda de consciência que veio junto. Nunca mais queria passar por aquilo. Lembrou das alucinações, de ver a pista de dança girando e as cores alternando, brilhantes e psicodélicas; do DJ que veio atacá-lo vestido de negro, com as unhas compridas e curvadas feito garras, espumando como um cachorro raivoso. Jurou que jamais colocaria a tal bala — ou droga alguma — na boca.

Max despiu-se no centro da sala. Queria apagar qualquer vestígio do que havia ocorrido. Nu, subiu as escadas até a área de lazer e incinerou as roupas na churrasqueira, encharcando-as com álcool. As labaredas cresceram e o aqueceram; não havia reparado em como fazia frio ao ar livre. Logo, no entanto, as chamas terminaram de consumir as peças e o álcool e o frio do inverno tornaram a envolvê-lo. *Acabou. Por fim, acabou, eu sei... mas o quê, exatamente?*

Apesar de fisicamente recuperado do episódio misterioso, restou nele um eco selvagem e profundo. Um fenômeno quase místico, que nasceu no peito e reverberou pelo corpo inteiro. *Piedade, o pai, o São João* — a trindade infernal.

XVII

Trecho do diário de Leonardo Andrade.

“Não consegui enxergá-lo. Continuávamos distantes um do outro, mas senti que era o Carleto. Meu coração se encheu de esperança e consegui me levantar, vencendo o cansaço e o corte no tornozelo. Precisava encontrá-lo para, juntos, escaparmos dali.

O Carleto chegou mais perto; observei a sua figura contra a luz da lua.

Foi a cena mais assustadora que eu vi em toda a minha vida. Não passa um dia sem que ela me venha à memória; às vezes, é à luz do dia; outras, à noite, perturbando o meu sono. Eu sempre paro o que estou fazendo para tomar um ar e tentar esquecê-la...

Mas eu nunca a esqueço.

Seu rosto estava banhado em sangue. Era possível ver um pedaço da sua costela exposta. Uma cicatriz profunda em seu peito descrevia uma diagonal desde o ombro esquerdo até o abdômen. Do ombro direito para baixo, não havia mais nada. O animal havia ceifado o braço inteiro do Carleto.

No dia seguinte, no velório e no enterro com o caixão fechado, eu fiquei sabendo que havia imaginado, em parte, o estado do meu amigo. Teria havido, “apenas”, a amputação do braço graças à hemorragia provocada pelas mordidas. O engano contribuiu para que, por anos, eu duvidasse de tudo — mas foi o que vi na hora, e a gente precisa confiar no que vê. Eu quis correr em amparo ao Carleto. Quis, mesmo. Mas alguém me puxou com força pelo ombro e disse para que eu o acompanhasse e não me perdesse novamente.

Era o Max.

Imediatamente, virei o rosto do Max na direção do nosso amigo — mas, quando o Max olhou, o Carleto já estava caído; e a criatura, em pé ao lado dele feito um caçador posando com o troféu. Ela avançava sobre nós, agora. Continuava com sede de morte.

Não fugimos. Pela primeira vez, eu a enxerguei com verdadeira nitidez: assemelhava-se a um gorila quando andava, uma postura no meio do caminho entre o ereto e o curvado que ela não conseguia manter por muito tempo. Quando, porém, apoiava-se nas patas traseiras e atingia a sua altura máxima, era um bicho

impressionante, com um par de olhos negros sem vida que não combinavam com a força descomunal do seu corpo.

Torso e membros eram cobertos por uma pelagem marrom-escura bastante espessa, tal qual o seu rosto — de onde partiam o focinho protuberante e o maxilar avantajado, com caninos pontiagudos feito lanças. Suas presas brilhavam, cobertas com uma espuma viscosa que transbordava da gengiva formando fios de saliva que resistiam ao balanço do corpo.

Sem que eu reagisse, a fera ficou a três metros de distância. Preparava o bote, recolhida nas quatro patas. Em segundos, pularia no meu peito e me imprensaria contra o monte de terra. *Vai acabar rápido*, pensei. Com sorte, eu ficaria inconsciente durante o ataque.

Até hoje não sei de onde o Max tirou a coragem para se colocar entre mim e o monstro com o seu corpo mirrado de menino. O animal se pôs em pé. Era descomunal, e tão musculoso quanto os vilões dos quadrinhos que a gente lia. Próximo como estava, vi que o osso esterno do seu peito era disforme, saltado para a frente; a caixa torácica passava a impressão de uma gaiola quadrada, ou de um gigantesco tijolo peludo.

A fera se abaixou. Seus olhos negros percorreram Max a não mais do que um palmo de distância do seu rosto. Fungou, e o cabelo do meu amigo balançou.

O clique ressoou na quietude do São João. Max apertou o gatilho enferrujado e a pólvora explodiu. O projétil disparou à queima-roupa, rasgando o couro do animal.

Ferida, a fera rugiu. Alto o bastante para protegernos os ouvidos. Depois uivou, um lamento agudo e prolongado. E correu, com velocidade e vigor, para o coração da mata do São João.

Foi assim que aconteceu. Até aqui, eu consigo relatar. Deste ponto em diante, ainda não sou capaz. Talvez em outro momento. Talvez quando eu fizer as pazes com o que eu fiz. Ou quando tudo voltar ao normal. Eu não sei. Pelo menos, o que me conforta, mais do que tudo, é que não estou mais sozinho.”

XVIII

Piedade.

Cemitério Municipal Nossa Senhora Aparecida.

— Foi bem aqui, doutor.

Valdomiro apontou o facho da lanterna para o lote de dois metros por um que se destacava da área gramada. A terra fofa, com raízes de gramíneas e ervas daninhas crescendo por baixo, ainda não havia aplainado. Chovia pouco em junho, e os únicos animais que pisoteavam por ali eram uma família de porcos-espinhos e um casal de pintassilgos.

— Falta a cruz por cima, não acha? — Valdomiro tentou medir as expressões de Max, mas estava escuro. — Não lembrei de trazer... e dona Raimunda não fez questão. O padre não gostou, ficou possuído! — ele riu, matreiro.

Max enfiou a pá de ferro na cabeceira da sepultura, afundando-a com a sola do sapato, e começou a cavar. Acabava ali a dúvida de Valdomiro sobre se Max falara a sério quando foi buscá-lo no cemitério, ao final do expediente, para desenterrar o pai no São João.

Ora, que besta eu sou, por quinhentos contos ninguém pode estar brincando.

No fundo, Val pensou que o almofadinha ia desistir — ninguém *normal* vai até o fim com um troço daqueles. E aquele garoto, o filho dos Bezerra, ele conhecia. Era mais normal do que os pais, prova disso foi que nunca retornara ao São João.

Valdomiro cavou onde ficava a parte mais fina da peça, o pé do caixão, e o fez com mais afinco do que quando em serviço. Seria humilhante ser superado pelo almofadinha calçando sapatos de missa. Além do mais, não queria ficar ali um minuto além do necessário. Uma coisa era enterrar. *Sim, isso eu posso fazer.* Foi difícil no começo, sempre era, mas não houve noite em claro depois do segundo ou terceiro ano na lida.

Outra coisa, diferente e profana, era exumar um defunto — “trazer de volta”, ele dizia, porque “exumar” não conhecia; só estudara até a terceira série.

Nunca havia trazido alguém de volta em quase vinte anos de serviço.

Para os diabos, por quinhentão trago o presunto de volta e fecho a minha boca, isso sim!

Val não estava brincando. Não contaria a ninguém por que recebera as notas azuis amarrotadas no bolso de trás da calça jeans. Com o dinheiro, daria entrada na televisão de tela plana que via, semana após semana, na vitrine das Casas Bahia. Todo mundo na cidade tinha uma TV fininha — só a da casa dele era de tubo, de trinta polegadas. O trambolho pesava uma tonelada, e ocupava a sala inteira; um móvel deslocado no tempo e no espaço. A TV fininha ele penduraria na parede, como se fosse um quadro.

Os primeiros sulcos de terra saíram fácil, era assim que funcionava. Depois ia ficando mais duro — o solo compactado resistia e era preciso músculo para continuar indo para baixo. O filho dos Bezerra suave e grunhia, e Val se divertiu olhando para o rapaz em apuros, indeciso sobre a força a aplicar e o intervalo de descanso entre um golpe e outro.

Não havia ciência para cavar a terra. O único desafio era encontrar o próprio ritmo; era onde entrava a experiência. No mais, o trabalho era força bruta. Talvez se o garoto fizesse academia pudesse vencê-lo na rapidez; aquelas academias de novela, chiques, com equipamentos modernos e garotas modernas que pertenciam a um outro mundo, a anos-luz de distância do televisor de tubo esquecido na residência anexa ao cemitério.

Não era o caso: o sujeito era franzino. Os músculos de Val, por sua vez, eram treinados para cavar, cavar e cavar... e, depois, cavar mais um pouquinho. Aos cinquenta e cinco, estava em plena forma, poderia cavar a noite inteira. Só tinha, descobriu (porque pela primeira vez arranjava um colega na lida), uma dificuldade imensa para trabalhar em silêncio.

*

— O doutor nunca mais pisou na região, não foi?

Max fez que não ouviu, embora parte dele, para a sua surpresa, quisesse engatar conversa. Investiu novamente contra a sepultura, torcendo para que o coveiro entendesse o recado e trabalhasse quieto. Talvez outra nota azul calasse o colega.

— Faz o quê, quinze anos?

A pá acertou uma pedra do tamanho de uma bola de tênis. O choque produziu um som metálico e vibrante. A energia reverberou, minando os músculos dos seus braços, que começavam a cansar.

— Mais, eu acho... — Valdomiro continuou. — Se tivesse aparecido antes, teria visto Seu Brito com vida. E, se tivesse aparecido uns diazinhos atrás, bem...

Teria visto morto, no caixote. E não ia carecer fazer blasfêmia.

A lâmina se desprende do cabo de madeira. Pedra maldita! Com esforço, conseguiu colocá-la de volta no lugar. Havia uma folga considerável no encaixe. Valdomiro na certa pegara para si a melhor pá, não era à toa que o lado dele estava chegando no caixão. As provocações do coveiro e a frustração com a pá e o buraco cresciam dentro dele, acumulando-se feito folha de alcachofra em prato raso.

— É vergonha?

— Como é?

Max mordeu a isca.

— Vergonha... dos seus pais, da cidade. É isso, não é? Tem muita gente aqui que vai embora e não volta, e eu acho que é esse o motivo — concluiu, atirando para trás um volume de terra duas vezes maior do que a cavoucada média de Max.

— Você não sabe o que diz — controlou-se para responder; de que valia discutir com um caipira que morava no cemitério? O que ele podia entender da vida? Se alguém podia julgá-lo, decerto não era o coveiro.

— Então é vergonha, mesmo.

Max contou até dez e olhou para cima. Era o primeiro dia da lua minguante, o que tornava difícil diferenciá-la da lua cheia. No campo, longe das luzes da cidade, a danada brilhava soberana como se fosse um sol noturno. Val poderia estar certo, mas não estava. Era outra coisa, mas o enxerido não podia saber. Foi ressentimento o que o afastou de Piedade. Foi, também, trauma. Se havia vergonha, e podia haver um pouco, era puro verniz. Uma camada fina.

— Estamos trazendo o seu pai para quê, mesmo? Que mal lhe pergunte, porque já esqueci...

A dissimulação do coveiro apertou um botão vermelho no interior do cérebro de Max; esse botão acionava um cantinho destrutivo e selvagem da sua psique, como o mecanismo de parada automática nas usinas nucleares. Mas esse botão não parava nada; ele iniciava uma reação em cadeia, e Max, descontrolado, soube no instante em que o botão foi acionado que a sua reação, brutal como seria, poderia ter sido *muito pior*.

— Você gosta de puxar papo, não é? Gosta de jogar um verde, ou não gosta? Pois eu sei do que você gosta, Val. Está bem aí, no seu bolso... Ou estou blasfemando agora? Não pareceu blasfêmia quando eu te dei quinhentos reais.

— O senhorzinho não pode me comprar!

— Posso! Comprei. Agora cala essa boca e cava! Foi pra isso que te comprei e o seu preço é quinhentos reais. Nem mais, nem menos. E, se quer saber, está mais do que bem pago porque você não vale essa calça que veste.

Max viu Valdomiro espumar, como se quisesse partir-lhe o crânio com a pá. Havia uma cova semiescavada no chão, que lhe custaria unir pai e filho para

sempre? Ele ouviu os dentes de Val rangerem, como se fossem trincar a qualquer momento. Podia ver os pulmões do coveiro subindo e descendo, rápidos demais. Para a sua surpresa, porém, ele recuou e Max agradeceu por isso. Val devia ter concluído que a violência não valia a pena, mas a sua honra ofendida não passaria impune. Ele largou a pá e cuspiu no rosto de Max, que conseguiu desviar no último instante, e foi embora. As notas, não devolveu.

— Volte aqui! Ainda não acabamos!

Val sequer olhou para trás. Não havia volta.

— Se contar para alguém, juro que te mato!

Não precisaria se preocupar com Val. Sua boca era um tumulto, foi o que ele disse — mas, mesmo que não fosse, era hora de continuar cavando. Seu Brito não podia esperar.

*

Uma hora depois, o baque da lâmina ripando a madeira fina. Estava absolutamente esgotado; cavar o túmulo sozinho demandara teimosia e desespero. A primeira sensação, efêmera, foi de alegria irracional. Depois, a dor partiu do antebraço, irradiou pelo bíceps e explodiu no ombro, maltratando a bursite crônica. Os músculos da dorsal gritaram contra a postura curvada. *Deite! Por favor, deite!*

Agora, contudo, a recompensa por cumprir a tarefa parecia ao alcance das mãos. Era como encontrar um tesouro. Infelizmente, aquilo que estava ali embaixo, sob as ripas de madeira, estava longe de ser um tesouro. Olhou o relógio de pulso. Marcava meia-noite e quarenta, e a pior parte estava apenas começando.

Max ajoelhou-se e espanou a terra escura com as mãos até desenterrar as dobradiças, limpando-as com os dedos. Sob as unhas curtas, notou o contorno marrom nas extremidades, mas não se importou. Um golpe justo com a pá, forçando-a entre as tábuas, seguido da aplicação da alavanca, bastou para liberar o aceso ao caixão.

Ali estava. O corpo do pai. As lágrimas brotaram em borbotões, incontroláveis; Max soluçou feito criança e, de repente, o cansaço das últimas horas, o cansaço do dia inteiro e dos últimos meses desde que iniciara as tratativas para a compra da Brasitel; o cansaço de ano após ano trabalhando feito cão. O peso da vida adulta desabou sobre ele de uma só vez, e Max despencou sobre o caixão sujo de terra. Seu corpo, estirado, espelhava a postura dos restos mortais de seu Brito abaixo do dele, separados por milímetros de compensado barato. Max chorou, para ninguém ouvir, e depois seu corpo desligou como se ele nunca houvesse dormido na vida.

Desacordado, embarcou em um sonho estranho. Um enorme cachorro negro, três palmos maior do que ele, corria em sua direção. Tentou fugir, mas,

ainda que buscassem escapar na direção oposta, aproximava-se da fera, que latia com as mandíbulas abertas espumando. Estavam em rota de colisão, e ele fez um esforço hercúleo para frear e girar sobre os calcanhares. Seu corpo, porém, apenas não respondia, dominado por uma força alheia à sua vontade.

Max chocou-se com violência contra o animal, atingindo-o na altura do peito. O cachorro, mais forte e pesado, o derrubou. Caíram sobre um carpete felpudo marrom-escuro que, de tão grosso, o envolveu por inteiro: braços, pernas e cotovelos submersos em tramas macias com cheiro de bicho molhado.

Desorientado, levantou-se com esforço, protegendo o rosto por instinto. O cachorro, porém, havia sumido.

Com alívio, levou as mãos à testa. Não trouxe sangue, mas minúsculos cacos espelhados que despencaram da sua face feito lantejoulas. Olhou para a frente, de onde o cachorro viera, e o que viu foi um grande espelho retangular rachado no centro. A peça não refletia: comportava-se como uma ampla janela de prata com vista para lugar nenhum. Estupefato, levou as mãos à frente do rosto e percebeu que elas haviam se fundido aos tufo felpudos do carpete marrom. No lugar das unhas, lascas pontiagudas de vidro.

Escorrendo suor, Max acordou, apenas para perceber que havia encadeado um pesadelo no outro. Abalado pelo choro, o desmaio e a imagem do cão raivoso, ergueu a tampa de madeira com um movimento só, surpreso com a própria força, escorando-a na lateral da cova. Eletricidade correu pelo seu corpo, uma energia inédita e inebriante. Com o caixão aberto, o cheiro pútrido irrompeu na atmosfera e ele recuou, nauseado, tampando as narinas com o tecido da camisa.

Enxergou o corpo em avançado estado de decomposição; somente pele, cartilagem e ossos. Em transe hipnótico, Max estendeu as mãos marrom-felpudas e avançou no que havia sobrado de seu Brito com suas potentes garras espelhadas, vasculhando os seus restos mortais como um bicho carniceiro. Deteve-se sobre o abdômen. Os ossos do quadril eram robustos e angulosos, com vãos livres albergando vermes e insetos rastejantes. Não demorou para encontrar o que procurava.

O impacto da descoberta retirou Max do transe, como se um mágico mórbido houvesse estalado os dedos à sua frente. Era, de novo, Max Bezerra. E um lúcido Max Bezerra segurava nas mãos o projétil calibre .36 de ponta arredondada disparado, vinte anos antes, pelo Colt 1851 retirado da sala dos pais.

O CICLO LUNAR

I

São Paulo, manhã de primeiro de julho.
Área externa da residência de Tobias Muller

Uma brisa fresca soprava no jardim. O sol, tímido, não havia terminado de secar o orvalho sobre a grama mal cortada. Desajeitado na cadeira de rodas, Tobias puxou a manta para cima para cobrir o peito e amenizar a tosse insistente.

Havia dias em que ele acordava entrevado, sentindo como se lhe houvessem substituído a coluna vertebral por um cabo de vassoura podre; como se qualquer movimento em falso fosse capaz de parti-la ao meio.

Nessas ocasiões, cada vez mais frequentes, nunca se levantava sozinho da cama. Telefonava para Simone, que vinha içá-lo do leito direto para a cadeira de rodas (não sem antes uma sessão prolongada de choques e massagens que, bem aos poucos, devolviam-lhe a mobilidade).

Esta manhã, porém, Tobias não esperou por Simone. Engoliu duas cápsulas de Dimorf, o analgésico à base de morfina que escondia da fisioterapeuta na mesinha de cabeceira. Vinte minutos depois, caminhava até a cadeira, como se, por um milagre da medicina, houvesse acordado dez anos mais jovem. Quando o efeito da morfina passasse, pagaria o preço pela ousadia na forma de dores musculares insuportáveis, arrepios pelo corpo, diarreia aguda e batimentos cardíacos lentos e irregulares que o fariam ter certeza de que iria infartar e morrer.

Estacionado junto à mesa de jardim enferrujada com a pintura branca descascando, Tobias consultava um par de livros cheirando a mofo. Um deles, com a capa dura de couro esfarelado, era sobre superstições e mitos do folclore eslavo; o outro, um curioso compêndio em castelhano sobre biomorfologia fantástica que

ele ganhara de Don Alfonso Etcheverya, um estudioso uruguaio com quem se correspondia.

Isabel trouxe para o patrão o seu jornal predileto, mas, ocupado com os livros, ele não desfez os cadernos bem arranjados do Estado de S. Paulo.

O telefonema do dia anterior havia lhe roubado o sono. Passara a noite se mexendo de um lado para o outro, sem encontrar uma posição que lhe ajudasse a sossegar a mente. Os rolamentos noturnos no colchão resultaram no assalto ao estoque emergencial de morfina pela manhã. A insônia, no entanto, tivera razão de ser, e ele podia jurar que ela era bem-vinda. Aquele telefonema não lhe trouxera problema algum, mas a solução para um problema que parecia insolúvel.

— Posso recolher o café, doutor Tobias?

Ele olhou para Isabel, indiferente, e fez que sim com a cabeça. Mal havia tocado a xícara, e as torradas esfriaram sem que ele mastigasse uma delas sequer. Nutria um receio irracional de que o jejum cortasse o efeito da morfina.

— Já são oito horas?

— Oito e quinze, doutor Tobias.

Isabel respondeu sem consultar o relógio. Empilhava os pratos, o pires e a xícara transbordando. Quando terminou de equilibrar a louça na bandeja, a campainha da mansão tocou.

— Mande ele entrar! Mande! — o velho comandou, ansioso, engasgando-se com saliva.

Tobias puxou a manta para cima mais uma vez. O sol crescia no horizonte, mas o jardim continuava frio. Talvez fosse o seu corpo que já não suportava a brisa fresca sem protestar. Ele se encolheu e apertou o cobertor de lã contra o peito. Por que Isabel demorava tanto? Talvez devesse ter contratado outra empregada para ajudá-la, como ela pediu. Poderia ter contratado uma cuidadora, ainda — e, quem sabe, uma cozinheira também. A casa era grande demais para ela cuidar sozinha.

Pegou-se admirando a área externa. Estava em frangalhos, à mercê do tempo, das ervas daninhas e dos insetos. Fazia anos que ele não caminhava por ali. Um passeio naquele mato alto, que Isabel aparava duas vezes por ano, pareceu-lhe inviável e perigoso. Um jardineiro e um piscineiro viriam a calhar, por que não?

Não, bobagem! Por que isso agora? Dinheiro não dava em árvores, ou qualquer vagabundo plantava. Por outro lado, talvez ele pudesse gastar um pouco. Era um homem rico, e estava tão perto da morte. Ou não estava?

Distraído com a ideia dos funcionários imaginários capazes de fazerem o velho sobrado voltar à vida, Tobias embarcou em um sono leve, efeito colateral do Dimorf. O pico do medicamento havia passado. A ação analgésica persistiria por

algumas horas, mas a primeira reação adversa, a sonolência, começava a entrar em cena.

— Dr. Muller?

O visitante apertou com cuidado o seu ombro magro, talvez com medo de quebrá-lo. Tobias acordou assustado e paranoico, mas logo abriu o seu melhor sorriso — que nem por isso era bom.

— Dores na coluna... — esclareceu. Tobias notou o estranhamento com a cadeira de rodas. — Obrigado por vir, estou assaz interessado no que me propôs.

— Estamos na mesma página quanto ao valor? — perguntou o rapaz, em pé, evitando contato visual.

— Sente-se, por favor. Sente-se...

Tobias percebeu o desconforto do visitante. O constrangimento e a pressa faziam ele ser prático e direto.

— Quanto ao valor, estamos algumas páginas para trás, se quer mesmo saber. Não ganhei meu dinheiro na loteria, e tive de fazer o diabo... — contorceu o rosto em um esgar malicioso e involuntário — para conquistar tudo isso que você está vendo.

— O que eu ofereço também me custa — o visitante disse, escondendo o rosto; *seria vergonha?* — Bem, se não há interesse, nesses termos, vamos encerrar por aqui... Esqueça que a oferta foi feita.

O jovem falava a sério. Havia um vacilo genuíno em sua voz trêmula, e aquilo era algo que Tobias não podia entender. Estavam falando de dinheiro, oras. Não se volta atrás com tanto dinheiro em jogo.

— Calma, garoto. Está tudo certo. O seu preço é o seu preço, e eu vou pagar. Dois milhões agora e dois ao final, quando der tudo certo. Foi o que a gente combinou, não foi?

— Foi.

O velho acalmou. *Quatro milhões fazem olhos brilharem, é claro que fazem.* Era uma simples questão de lembrá-lo, de dizer em voz alta. *Quatro milhões de reais.*

— Tem que ser feito para ontem, meu jovem, para ontem! — Tobias folheou um dos livros sobre a mesa, o que ganhou de Etcheverya, até encontrar em meio às páginas uma folha sulfite com instruções manuscritas em espanhol. — Vamos precisar do sangue dele, você sabe...

— Não sei — ele adiantou-se. — É como disse ao telefone, não sei como funciona. Não posso oferecer garantias. Mas se eu disser que não imaginei que

isso, quero dizer, o sangue... pudesse ser necessário...estaria mentindo.

— Conversei com o meu advogado na noite passada, assim que desligamos. Ele vai providenciar.

— Como vai ser feito? — o visitante perguntou, franzindo a testa úmida.

Havia duas rodela de suor sob as mangas da sua camisa polo. Elas intrigaram Tobias, cada vez mais agarrado à sua coberta. O merdinha resistia. A pergunta fora direta e prática, mas Tobias continuou notando o vacilo. Escrúpulos? Se aquele jovem os tivesse não estaria ali no seu jardim, isso era certo. O borra-botas podia botar tudo a perder se ele não tomasse a dianteira das coisas.

— Sei como, não se preocupe. Vamos avisá-lo na hora certa. Acalme-se, sim? Ninguém vai se machucar, como eu prometi.

O visitante secou o suor sob a maçã do rosto com o dorso da mão. Seus olhos piscavam e ele levava as mãos aos cabelos com insistência, coçando o couro cabeludo. Estava inquieto, como quem estivesse apertado para ir ao banheiro.

Tobias se pegou imaginando como aquele sujeito nervoso adivinhara que ele embarcaria em uma aparente maluquice como aquela. Não importava, estava feito e ele não se arrependia. Se aquele garoto pensava que podia lhe aplicar um golpe e passar impune, estava enganado. Ninguém passava a perna em Tobias Muller, o homem que sempre sabia o que estava comprando.

— Escreva seus dados bancários, sim? — Tobias entregou metade de uma folha de sulfite, que usava para marcar as páginas dos livros, repleta de anotações no verso. — Amanhã vai acordar um homem rico.

II

Piedade.

Sítio São João.

Sentada no quintal em um banco rústico sob a copa da mangueira, dona Raimunda cortava cebolas para o jantar, apoiada na mesa improvisada com tábuas de madeira. Fazia um dia bonito e aprazível, gostoso para trabalhar.

O sítio era como uma pintura bucólica, das que ela via a mãe pincelando quando pequena: céu azul-primário, sem nuvens; sol amarelo-ouro, acalentando; sombras de árvores filtrando o brilho e a quentura, acolhedoras e refrescantes. De vez em quando, sem aviso, soprava a brisa delicada, como um afago de corpo inteiro a secar os olhos que lacrimejavam.

Dona Raimunda recolheu as cebolas picadas em um vasilhame de plástico. O São João era bom com ela. Tudo provia — teto, sustento e alimento — sem pergunta em troca. Sem aborrecimento, sem diálogo, sem gente ignorante por perto apontando dedos.

Na cidade, diziam que a sitiante era chucra, tosca e bruta. E ela sabia, é claro. Como não saber quando já não se guardava segredo? Quando o que se dizia pelas costas era dito para ser ouvido? Acontece que, embora ninguém vivo soubesse, Raimunda não era chucra, tampouco tosca. E não nasceu bruta.

Os olhos marejados avistaram, divisadas pelas estacas dispostas em paralelo, seções de uma figura familiar. Os ouvidos treinados escutaram a porteira ranger. Ela sentiu a tormenta chegando, a visão enuviou — e não foram as cebolas. O coração apertou um pouco, mas só um pouco.

Dona Raimunda sabia que o filho voltaria. Havia esperança, claro que havia. De não vê-lo nunca mais. Mas um canto dentro dela sempre soube que não seria assim.

Enquanto Max caminhava na sua direção, ela acessou na memória o menino brincando com o pai naquele mesmo local, chutando a bola para lá e para cá entre os troncos que serviam de gol. Tropeçando, gritando e sorrindo feito duas crianças despreocupadas. Como Brito conseguia? Ela, a mãe, nunca deveria ter

compactuado — mas, sim, compactuou. Sim, pariu. E, depois, não quis amar, não quis sofrer. Só que, a vida sabe, é inevitável.

Foi o marido quem insistiu, e Raimunda fraquejou. Por ela abortava, mas sua vontade de pouco valia. Não tinha autoridade sobre o próprio corpo, medrou. Uma vez por mês, Brito ficava incontrolável, imprevisível.

Pensava no aborto frustrado quando Max chegou perto o suficiente para enxergarem os olhos um do outro. Podia racionalizar o quanto quisesse, mas a culpa também era dela. Que tipo de mãe faz isso com o filho? Por um instante, quis abraçá-lo, pedir perdão, perdoar. Mas era tarde para ela.

— Aqui estou, dona Raimunda. Conforme a senhora previu.

Ela colocou o vasilhame com as cebolas sobre a mesa, cruzou as pernas e os braços e Max se sentou à sua frente.

— A senhora sabe por que estou aqui, não sabe?

Raimunda assentiu com a cabeça. Ela, que por trinta anos se ocupou em não pensar, não sentir, não falar, ficara boa na arte de fingir que os problemas não existiam. Imagens acudiam à mente, pensamentos obsessivos a paralisavam, e ela sem saber o que fazer com eles. Então, erguia pelas pontas um tapete imaginário e empurrava debaixo os subprodutos da culpa. Dona Raimunda não processava mais nada — as coisas iam e vinham para ela.

— Eu só quero saber se vai acontecer comigo também.

— Não é só isso que você quer saber.

— Não, não é.

— Não tenho todas as respostas.

— Mas tem algumas, ao menos. Eu não tenho nenhuma. A senhora não sabe como estou me sentindo.

Raimunda fraquejou. Lacrimou de novo, as cebolas picadas longe dela, no pote fechado. Foi por isso que ela não quis, foi precisamente por este momento. Não se amaldiçoa um filho! Não por querer. Não por covardia. *Pobre do meu filho!* Raimunda se recompôs, ajeitou o vestido. Não começou aquilo, foi o marido. Ela franziu o cenho. *Vamos acabar logo com isso e voltar ao trabalho, à solidão. Sem perguntas. Sem satisfações.*

— Conheci seu pai quando se mudou para a cidade e comprou o São João, que era dos Bezerra. Meus pais iam voltar para o Paraná, mas eu me apaixonei por ele. Quis ficar junto. Próxima dele, admirando, conquistando. Ele ia ser meu de qualquer jeito e nada mais importava, era só nisso que eu pensava. Amor adolescente, inconsequente.

Ela desviou o olhar para o céu e suspirou, lembrando. Saudosa de primeiro, depois pesarosa. Por que não foi diferente?

— Convenci papai de que precisava terminar o colégio antes de acompanhá-los — continuou — e convenci Brito de que ele ia precisar de ajuda no sítio. O teimoso não queria, de início, mas também estava apaixonado. Pode ser difícil imaginar hoje, mas eu era muito bonita joventinha, e ele acabou cedendo. Relutou bastante, eu não sabia por que, hoje sei, mas cedeu quando percebeu que eu não ia embora.

— De onde o meu pai veio? — Max sabia a história, mas de repente devia ter se dado conta que provavelmente só conhecia as mentiras.

— Disse que veio do oeste do Estado, para os lados da cana-de-açúcar; os lados de Ribeirão Preto. Nunca soube de família, nunca disse. Perguntei bastante no começo, era estranho que não abrisse a boca para dizer do passado. Podia ser bandido, não podia? Fugido, procurado... Fiquei com medo dessas coisas, de não conhecer, mas medo é assim, afasta, mas também atrai. Depois de um tempo, desisti de pergunta. Não mexia na nossa vida, não precisava saber. Minha vida com teu pai me ensinou o silêncio, ensinou a viver a sós com ele, a sós comigo, e mais tarde ensinaria a viver a sós contigo se você não tivesse bandeado pra capital. Brito nunca trouxe ninguém, nunca falou de ninguém.

— Ninguém?

— Do seu avô, falou — recordou. — Deixava escapar vez ou outra um pensamento em voz alta. Às vezes de saudade, às vezes de raiva... e foi só.

— Não conheci meu avô.

— Dizia que era falecido.

Falecido. Como Brito, agora. Max era inteligente. Deve ter imaginado que, com a morte do avô, o pai encontrara o destino que ele, agora, ganhara de herança.

— Ele estava indo embora, meu filho.

— Não entendo.

— Brito. Antes de morrer, disse que não ficava mais no São João.

— Por quê?

— Andava preocupado, dizia que estavam atrás dele. Que podia sentir, que ia morrer se não fosse embora. E se Brito morresse, bem... era você quem ia sentir.

— A senhora ia com ele.

— Não.

— Por quê?

Ela não quis responder. Dizer que se sentiu traída? Que havia cansado daquela vida? O relacionamento mudava à medida que Brito envelhecia. A semente da desconfiança germinou, prosperou, deu frutos. Feito uma bomba-relógio, ou o prazo de validade dos produtos que trazia da venda para o São João. Ela sabia que ia repercutir no garoto. Brito morria e Max assumia. Era o curso natural das coisas, e o canalha havia usado a ela e ao filho.

— Seu pai nunca tinha envelhecido, nunca. Nem um fio branco, um puxão na coluna, nada. Não até você nascer.

— Eu dei *mesmo* trabalho — Max ensaiou um sorriso sem jeito, provavelmente se lembrando das escapadas até a cidade para brincar com os amigos do Grêmio. De como cansou de ver o pai esperando na sala com o cinto na mão, embora ele nunca tivesse batido nele de verdade.

— Não é isso. Brito *nunca envelheceu*, Max. Em dez anos, nada. Pensei que ia ser assim para sempre, que ele ia ficar daquele jeito e eu cada vez mais velha.

— Eu vi ele ficando mais velho.

— É o que estou dizendo... Começou depois que você nasceu, e eu acho que ele sabia que ia acontecer desse jeito.

— Por que ele ia querer...

— Eu não sei — ela interrompeu. — Hoje dou conta de que nunca soube o que devia do seu pai; e, à essa altura, não sei se quero saber.

— Eu sou igual a ele.

— Se você está em dúvida, é porque deve ser mesmo.

Qualquer esperança que Raimunda pudesse ter nutrido, qualquer mentira que contou para si própria e acreditou, caíra tudo por terra naquele momento. Ela finalmente acordara do pesadelo, mas, para sua perdição e a do filho, a realidade da vigília não passava de uma extensão dele.

— Por que não me contaram?

— Seu pai disse que você não ia virar, que morria depois de ti. Que você ia poder seguir sua vida.

— Sem saber de nada.

— Ele envelheceu, Max. Nos últimos anos, a cada lua cheia ele voltava mais fraco e doente. O seu pai mentiu pra mim.

Raimunda observou o filho calado, ruminando o que ela disse. Max parecia surpreso e perdido, as sobancelhas vincadas para baixo, o tronco curvado, os

braços apoiados sobre as coxas magras, sem saber por onde começar a perguntar. Devia querer saber como o pai fazia nas noites de lua cheia, se conseguia se controlar, se era possível se curar. Se ia ficar jovem para sempre, ou se conseguiria levar uma vida normal. Se ia ter de se mudar de cidade em cidade, como o pai fez. Se, no auge da dor, teria um filho para passar a maldição adiante. Eram tantos questionamentos, mas o jovem continuava calado como quem tentava aceitar.

Despediram-se feito dois desconhecidos e ela acompanhou o filho com os olhos até ele atravessar a cerca de volta. A velha senhora conseguiu ouvir Max chorando à distância.

Dona Raimunda se lembrou de como foi difícil para ela. Lembrou de quando o marido contou, depois do casamento na Igreja sem convidados. “Eu tenho algo para te falar”, ele disse, solene, depois das núpcias, e ela achou que ele ia dizer que tinha outra família em Ribeirão Preto, ou que era procurado pela polícia. “Eu sou um lobisomem”, ele disse, e ela riu alto, aliviada. Lembrou de quando, pela primeira vez, viu Brito virar lobisomem encarcerado na cela de ferro escondida no coração da mata. *Um monstro*, ela pensou aterrorizada. *Eu amo um monstro*.

III

Deitado na maca com a cabeça apoiada no limite do colchão fino, Tobias admirava através do espelho o reflexo de Simone pressionando as suas vértebras com força, uma por uma. Ele a viu checar as horas pela quarta vez e irritou-se um pouco. A sessão de cinquenta minutos chegava ao seu terço final.

De bruços, escondia uma ereção discreta e flácida enquanto gemia de dor. Fantasizou a fisioterapeuta acariciando-lhe as costas com sutileza e ternura e imaginou como seria gemer por prazer. Tobias tinha uma imaginação fértil.

Depois de terminar de massagear a lombar, a fisioterapeuta pediu para Tobias se deitar de barriga para cima, em decúbito dorsal. Ele obedeceu, constrangido. Considerou que, com o moletom folgado, o mais provável era que ela não percebesse.

A osteoartrite demandava cuidados especiais, exercícios assistidos. Era preciso desenvolver força e flexibilidade, Simone dizia. As engrenagens do joelho entregavam a idade do resto do corpo: enferrujadas e emperradas como as do Fusca 63 definhando na garagem, sob a lona de vinil.

Quando Tobias se virou, Simone fez uma expressão de nojo e repulsa. Provavelmente notara o membro semienrijecido sob a calça cinza-clara, mas não disse nada. Pacientes de três vezes na semana eram difíceis de dispensar, deduziu o velho, a crise econômica sempre estourava nos serviços menos essenciais. Quem precisa de uma fisioterapeuta quando se está devendo o aluguel? Além do mais, Simone devia considerá-lo inofensivo. O corpo deteriorado de Tobias era débil; o dela, razoavelmente forte. Simone cerrou os dedos na base do joelho podre de Tobias. Com um sorriso pervertido, ele gemeu.

De súbito, ouviu baterem três vezes à porta, com os nós dos dedos, e o seu membro flácido despencou. Sentiu um ódio fugaz, que dissolveu rápido como um tablete de vitamina efervescente. Era Isabel quem interrompia a sessão, e trazia com ela o doutor Stabile.

O advogado entrou esbaforido, sem hora marcada; afrouxou o nó da gravata e desabotoou os botões mais altos da camisa, libertando um tufo de cabelos

brancos desgrenhados. Era julho, mas ele suava sob as axilas e sobre o peito adiposo. Seus pulmões inflavam e desinflavam em intervalos curtos, como se houvesse corrido quilômetros até a residência de Tobias.

— Entre doutor, por favor... Estávamos terminando — Simone disse, o rosto enrubescido como se tivesse sido surpreendida fazendo algo errado. A fisioterapeuta recolheu os equipamentos (a caneta-choque, a pomada com cânfora e os elásticos para os exercícios) e deixou a sala sob o olhar inquieto de Stabile.

Tobias se levantou com altivez. As sessões eram milagrosas para restabelecer o tônus muscular e deixá-lo disposto. O milagre, infelizmente, durava pouco: menos de uma hora depois, estaria com as juntas rangendo feito um armário velho.

— À sala, Osmar! Pedirei a Isabel que sirva um cafezinho enquanto conversamos, sim? Eu estava mesmo pensando, antes de você chegar, que...

— Serei breve — ele o interrompeu, próximo à maca. Regulavam em altura naquele momento, mas não demorou para as costas de Tobias começarem e terminarem de curvar, reduzindo-lhe a estatura em quatro ou cinco centímetros.

— Está tudo aqui. — O doutor Stabile abriu uma valise preta com dobradiças douradas e sacou de dentro um calhamaço de sulfites impressos, grampeados em intervalos irregulares. Sem cerimônia, atirou as folhas sobre a mesa de massagem.

— Conseguiu o que pedi?

— O senhor sabe que aconselho o contrário — advertiu —, mas, sim, está tudo aí: os contratos, os termos de sigilo, os extratos das contas em disponível. O senhor pode começar amanhã, se quiser. — O advogado lançou um olhar indisfarçável de alívio para os documentos, depois para Tobias. — Com isso, encerramos.

— Ótimo, ótimo... — Tobias folheou os papéis; por hábito, apenas, pois não lhes dedicava atenção. — Vou precisar que você...

— O senhor não entendeu. *Encerramos* — disse Stabile.

Tobias emudeceu. Não era possível que o advogado lhe abandonasse agora. Justo agora.

— Sabe que não é preciso, Osmar — ele rebateu, em um lamento genuíno, mas que nem por um instante pareceu comover Osmar Stabile.

— Faço questão. — A voz grossa, de quem estava acostumado a ser ouvido em júris e tribunais, soou pausada e definitiva feito uma sentença. — O senhor está

louco.

Pasmo, Tobias Muller viu o advogado lhe dar as costas e escutou-o chamando por Isabel, para que ela abrisse a porta da casa. Quem Stabile pensava que era para sair daquele jeito? Quão ingênuo era Osmar Stabile para pensar que poderia haver pontas soltas? Depois de décadas de relação, sentiu-se traído. Tomaram garrafas e mais garrafas de Chivas Regal juntos (o predileto de ambos, para as comemorações) e ganharam fábulas de dinheiro durante o auge da Brasitel. Osmar fora dos poucos que frequentaram a sua casa, e Tobias sempre o tivera por funcionário leal, senão amigo; sim, Stabile fora o mais próximo que Tobias tivera de um amigo na vida, e ainda assim o rábula não hesitou em abandoná-lo na primeira dificuldade, no primeiro pedido não convencional que fizera, no primeiro pedido importante *de verdade*.

Um sentimento de tristeza cresceu em seu coração velho e cansado. Tobias não fazia ideia do que fazer com a sensação.

Com os olhos úmidos, pela primeira vez ele se deu conta de que jamais conhecera a esposa do doutor Stabile; e que sequer julgava a informação relevante. Que importância fazia saber onde Stabile morava? Quantos filhos tinha? O advogado mencionou o filho universitário certa vez (ou seria filha?), disse que tinha ido estudar no exterior. Tobias não entendia por que diabos poderia ser importante saber a respeito dos hobbies do advogado, ou se ele gostava de viajar nas férias. Mas sabia que era, de algum modo, porque era como as pessoas se relacionavam, e ele era um velho sozinho esperando pela morte em uma mansão vazia. Pegou-se imaginando que, talvez, o canalha sequer gostasse de Chivas Regal.

Tobias calçou os chinelos, recolheu os papéis sobre a maca com as duas mãos e seguiu, tossindo, na direção do escritório. Havia trabalho a fazer, e ele precisava de ajuda. Ao sentar-se na cadeira bege reclinável, curvou um pouco as costas e sentiu uma fisgada aguda na lombar; o trabalho de Simone nunca havia durado tão pouco. Sentiu-se apodrecido por dentro. Se houvesse outra chance, faria as coisas diferente. O certo era que não havia o que pudesse fazer. Osmar nunca foi seu amigo. Ninguém foi. Tobias não tinha certeza sobre o que havia semeado em vida, mas estava certo de que sempre colhera parasitas — muitos, e das mais variadas espécies — ao longo de décadas de suor e trabalho; parasitas que se aproveitaram do seu dinheiro o quanto puderam. Era essa a lição que o milionário tirava da vida.

Só que, agora, eles vão pagar caro por isso.

IV

Piedade.

Rua Capitão Loureiro.

A luz da sala estava apagada, e a cortina recolhida até a metade, mas dava para enxergar o brilho da televisão oscilando sobre a superfície da parede feito ondas em uma piscina colorida.

No interior do carro, estacionado na rua de paralelepípedos em frente à casa do pai, Léo estava pensativo, com as mãos esmagando o volante.

O pai tinha o costume de assistir a filmes de ação madrugada adentro, embora não fosse exatamente um aficionado por cinema. Nonato encarava o aparelho como uma caixa de fazer dormir, que ele deixava ligada até cochilar no sofá. Horas depois, invariavelmente, acordaria com o controle remoto agarrado firme entre os dedos, esvaziaria a bexiga no lavabo da sala e voltaria cambaleando para a cama.

Léo sempre odiara aquele hábito. O chefe da família monopolizava a melhor TV da casa, empurrando-o para o quarto, onde passaria o tempo com suas revistas em quadrinhos.

Impaciente, mascou com força o último chiclete da embalagem azul de Trident, os olhos fixos na janela da sala. A cortina balançou sem se fechar, e ele pensou que o pai bem podia estar escondido ali, observando-o sem ser visto. Sentiu o peito estranhamente oprimido. A pressão não vinha do coração; vinha do meio dele, próxima ao osso esterno, feito um haltere de cinco quilos puxando-o insistentemente para baixo. A carga só iria aliviar quando tomasse uma decisão, e ele tentou explicar para si mesmo que o Mirante sempre tinha quartos sobrando, e que as diárias do hotelzinho eram irresistivelmente baratas comparadas com as dos hotéis da capital.

Acontece, porém, que ele *queria* entrar na casa, embora não soubesse explicar por quê. Um sentimento incômodo, uma espécie de mistura de urgência com mau presságio, o deixava desconfortável. Por que precisava entrar? Para reavivar a lembrança da mãe habitando aqueles cômodos espaçosos que cheiravam

a madeira úmida? Por dona Vivian, com a voz rouca de cigarro, desejando-lhe boa noite às vinte e uma horas? Por que ela dormia tão cedo?

Sentia saudades do seu quarto, da cama de solteiro com o estrado rangendo, do edredom amarelo e preto surrado que ele chamava de "casaco do tigre" quando era criança. Léo riu. Algumas memórias eram, mesmo, bastante razoáveis e ainda capazes de diverti-lo. Para ser justo, parte dele queria, sim, ver o pai — a dúvida era se ela era grande o suficiente para fazê-lo abrir a porta do carro e tocar a campainha.

Conferiu as horas no relógio digital do painel. Era tarde. O Mirante ficava a três quarteirões dali; dava para ir a pé, se quisesse. Precisava decidir rápido: de súbito, o haltere imaginário gravitando no meio dele triplicou de peso. Ele merecia dormir sossegado, não merecia? Viajar à noite era sempre cansativo e um reencontro tenso em família era tudo de que não precisava. No dia seguinte, visitaria o pai. Ou não. Droga, tinha de agir antes que aquilo o devorasse por completo.

Por instinto, girou a chave no contato. O carro pegou de primeira, silencioso. Ele desengatou o freio de mão e escutou o clique mecânico do cabo de aço liberando as rodas. Assim que acionou a seta para a esquerda (um preciosismo, porque a rua estava deserta), a porta da frente escancarou. O filho da mãe estava observando da cortina, é claro que estava.

Nonato começou a caminhar até a calçada. Léo ouviu o tique-taque da seta piscando enquanto o pai se aproximava vestindo pijamas beges de frio e calçando papetes pretas com meias brancas de lã. *Tique-taque, tique-taque.*

O pai pediu para ele abaixar o vidro do carro, e, mesmo à noite, mesmo com o brilho intermitente da lanterna amarela, ele observou que o volume de cabelos brancos nas suas têmporas havia aumentado.

— Seu quarto está esperando, Leleco. Não mudei nada nele.

Leleco. Era como a mãe o chamava. Um golpe baixo.

Leonardo desligou o carro e a seta parou de piscar. Inclinou a cabeça para trás, observou o teto manchado do veículo e suspirou alto.

— Não precisa conversar, se não quiser. Apenas entre para dormir, sim? Vou buscar a roupa de cama.

Nonato entrou de volta, largando a porta aberta e a luz da sala acesa. Léo saiu do carro. Sem pressa, apanhou a bagagem no porta-malas: uma sacola esportiva azul-marinho, com duas mudas de roupas. Andou devagar pelo caminho ajardinado, imaginando se o Leonardo Andrade que voltava para casa era alguém de quem o pai poderia se orgulhar. Parou por um instante e olhou de volta para o

carro. Por que não era capaz de escolher? Por que não era um homem de certezas, como Max e o pai?

Quando fechou a porta da casa atrás de si, Nonato o aguardava na sala. Ele disse que o travesseiro e a roupa de cama estavam empilhados no quarto, sobre a cama, mas Léo não prestou atenção. Havia uma mulher abraçada ao pai. As mãos dela estavam agarradas ao quadril dele, do jeitinho que a mãe fazia.

— Esta é a Joana.

— É um prazer conhecê-lo, Leonardo. Seu pai sempre fala de você — disse a mulher.

Era baixinha. Vestia uma extravagante camisola verde-brilhante e tinha simpáticas bochechas rechonchudas, ao contrário da mãe, que era alta e esguia. Parecia regular de idade com o pai, e a impressão que passava era de que estava nervosa, como quem fora pega roubando um pote de biscoitos.

Seu pai havia arranjado outra mulher, e trouxe ela para casa sem avisá-lo. Aqueles eram os fatos, mas não foram os fatos que o irritaram. O que o irritou de verdade foi não saber como se sentir a respeito. Devia ficar feliz pelo pai?

— Quis te contar antes... — Nonato quebrou o gelo.

— Está tudo certo, pai — assentiu; e, virando-se para a Joana: — O prazer é meu — disse, experimentando um gosto agri-doce na boca.

Léo especulou se os dois tinham a expectativa de conversar a respeito. Ela provavelmente queria, parada feito um semáforo aceso no corredor que dava acesso à área íntima; soava comunicativa, a tal Joana. E o pai, para o seu espanto maior, parecia igualmente disposto.

— Estou cansado da viagem. Preciso dormir, se não se importarem.

Os olhos de Nonato lacrimejaram. O pai o abraçou, soluçando bem baixinho, mas para Leonardo a sensação foi a de segurar um manequim de cera. Aquele abraço não era o primeiro do ano. Aquele abraço nunca havia acontecido.

— Eu te abandonei, filho. — As palavras saíram a fórceps. — Não foi você.

— Eu sei, pai. — Duas lágrimas escorregaram pelo rosto de Leonardo, uma de cada olho. — Está tudo bem agora — ele disse, mas sabia que não estava.

— Exigi mais do que você podia dar. Me perdoe, sim?

— Mais do que eu podia dar? — O par de lágrimas secou em um átimo, como se houvessem sido sugadas para dentro da pele.

— Não foi o que eu quis dizer. — Nonato parou de soluçar. — A gente muda, Léo. Eu te aceito desse jeito. Como você é.

— Estamos cansados, pai. É tarde. Amanhã conversamos, está bem?

— Claro... Você sabe o caminho do quarto, não sabe? — brincou.

Léo desfez a mala sobre a escrivaninha de mogno e guardou as peças de roupa nas gavetas do armário embutido. Viu suas camisetas e bermudas antigas dentro dele; elas não lhe serviam mais. Dividiam o espaço com embalagens vazias de eletrônicos e eletrodomésticos recém-comprados: um aparelho de depilar, uma cafeteira elétrica e uma *air fryer*. Depois de tomar um banho quente, vestiu o pijama e entrou debaixo do casaco do tigre.

Seu pai ainda ia se orgulhar dele. Ia sim... e não ia demorar.

V

Piedade.

Pátio da RiCar Autos.

Rica esvaziou os compartimentos da escrivaninha e do arquivo de aço com gavetas telescópicas. Os móveis pertenciam ao Turco Rachid, e por lá continuariam. Atirou o conteúdo — papéis sulfite, cartões de visitas e materiais de escritório — em quatro grandes caixas de papelão.

O escroto do Turco Rachid era libanês de nascimento. Falava um português com sotaque carregado e vivia de renda explorando aluguéis no centro da cidade. O terreno de quinhentos metros quadrados da RiCAR Autos, com piso cimentado, dois portões gradeados de correr e uma edícula nos fundos onde funcionava o escritório, era a melhor propriedade do Turco.

O ponto, valiosíssimo, ficava próximo ao centro comercial, à prefeitura e ao supermercado Corrêa. Bastaram seis meses, porém — e um tino cármico para os maus negócios — para Ricardo Oliveira conduzir a loja de carros usados à falência. Ele, agora, juntava dinheiro para pagar a multa ao Turco, e a primeira providência foi se desfazer dos veículos no pátio pelo valor que fosse possível conseguir (invariavelmente abaixo da tabela Fipe, pois os moradores da cidade sabiam farejar um mau negociante).

A falência mais recente de Rica somou-se à locadora de games, à loja de piscinas de vinil e à paleteria mexicana: o quarto grande fracasso do encostado da família desde que o pai ameaçou expulsá-lo de casa. A pior parte — como o Beto, o cunhado fiscal de rendas do Estado, gostava de lembrá-lo com indisfarçável prazer — era que ele nunca afundava sozinho. A irmã emprestara parte do dinheiro para a loja de carros, vinte mil reais. O Beto não fazia a menor questão de que ela recebesse a grana de volta, porque lhe dava o direito de humilhá-lo nas feijoadas de domingo. Pelo menos, era o que o Beto achava.

O grosso da grana, contudo, quem bancava era o pai. Teria saído mais barato para os Oliveira remunerá-lo pela vadiagem; deixá-lo acordar ao meio-dia, almoçar comida requentada no micro-ondas e fazer a *sesta* no escurinho gostoso do seu quarto. *Muito* mais barato.

Por alguma razão que lhe escapava, no entanto, o pai não queria bancá-lo. Seu Adalberto não suportava vê-lo acordado altas horas da noite, vagando descalço pela casa e esvaziando a geladeira enquanto zerava os filmes dos serviços de streaming. Seu velho parecia haver se cansado da sala de estar desarrumada, das sobras de pizza no congelador, dos potes de sorvete pela metade, dos restos de doces e sanduíches juntando formiga na mesa da cozinha.

Rica levantou uma das caixas, que quase rasgou. Estava quente, e o sol a pino não ajudava. Sentiu uma pontada no ciático. *Essa agora, velho antes da hora?* Precisava levar as tralhas e documentos para a caçamba da picape e dar cabo nos restos mortais da RiCAR Autos.

Insistiu com a caixa. O fundo de papelão arrebentou e a papelada da loja esvoaçou no pátio deserto. *Que merda! Caixa do cacete!*

Rica se agachava para apanhar os papéis quando escutou o portão rangendo e abrindo de lado. Seus olhos duvidaram do que viram. Rafinha nunca fora visitá-lo na loja. Para os padrões de uma cidade pequena, pouco via o amigo. Uma vez por mês, trombavam um com o outro no bar do Seixas, no mercado do bairro ou no posto de gasolina.

Rica estranhou a visita, mas não foi a visão do Rafinha, por mais inesperada que ela fosse, que o surpreendeu. Ao lado dele, com as mãos enfiadas no bolso da calça social, estava Max Bezerra. O majestoso Max Bezerra, o homem do momento. O enricado, o *sou-bom-demais-para-vocês*. O gostosão que há vinte anos esquecera que ele existia.

Uma incontrolável vontade de cuspir no chão apoderou-se de Ricardo Oliveira e ele não se conteve, afinal aquele era o seu chão. Pelo menos até devolver as chaves ao Turco.

— Segura, Rica! O Max veio em paz! Ele só quer conversar com a gente.

— Tu é besta, hein Rafinha? Não tenho o que falar com esse playboy, não!

— Rica começou a catar as folhas avulsas do chão.

— Algum compromisso? — Max debochou, provavelmente incomodado com a cusparada. — Pelo que vejo, o estoque está bem desfalcado. Já limpou o escritório? De repente, eu compro essa joça e te deixo continuar brincando de vender carro pra caipira.

De um pulo, Rica esqueceu o ciático inflamado e levantou-se do chão. Em três passos duros estava diante de Max, que não recuou. O soco de mão fechada atingiu em cheio o rosto do ex-colega de Grêmio, rasgando-lhe a porção inferior dos lábios. Um veio de sangue gotejou no chão.

— Para, Rica! *Pelamor*, chega! — Rafinha se interpôs entre os dois, afastando-os com os braços.

— Larga ele — disse Max. — Eu mereci.

Rica desvencilhou-se de Rafinha, respirou fundo e relaxou os ombros. O soco e o sangue bastaram para satisfazê-lo... pelo menos por enquanto.

— Perdoe as palavras, Rica. Maus hábitos são difíceis de abandonar.

Max desculpou-se enquanto estancava o sangramento com um lenço azul-escuro que Rica ficou se perguntando de onde havia surgido. *Lenço no bolso só pode ser coisa de bacana*, pensou, mas ele não tinha como saber. Rica terminou de recolher os papéis do chão e substituiu a caixa rasgada por outra mais robusta.

A verdade — que ele jamais admitiria — era que aquele soco fora mais no cunhado do que em Max. Era difícil falhar *sempre*, mesmo para um perdedor nato, e a pior parte era ter que ouvir o filho da puta do Beto tripudiando no final. Só que no escroto do Beto ele não podia bater. Imaginou o cunhado estatelado no chão, sangrando, e divertiu-se com o pensamento.

— Está tudo certo, campeão — respondeu, menos tenso. — Desculpe pelo soco.

— Tenho algo importante para tratar com vocês... — Max falou em tom solene, e Rica soube que continuava sem querer ouvi-lo. O que o engomadinho podia querer de bom, passados tantos anos?

— Olha, Max — Rica espanou a poeira acumulada na calça jeans —, não sei por que você veio, mas a gente não tem muito o que dizer um pro outro. Eu não sei se você percebeu, mas não nos falamos há mais tempo do que eu posso lembrar. Você não tem como chegar aqui e conversar comigo como se nada tivesse acontecido. Como se continuássemos amigos esse tempo todo... e estivesse tudo bem com todo mundo, quando a gente sabe que as coisas só deram certo pra você.

— Não foi bem assim que aconteceu — Max respondeu.

— Você tá milionário, cara... e nem é isso que me incomoda. Você podia ganhar o quanto quisesse. Eu era seu amigo, queria o teu sucesso, mas... — Rica suspirou, suspendeu uma das caixas e a depositou na caçamba da Saveiro. — Mas... — As palavras não vieram, bloqueadas pela mágoa. — Deixa pra lá, Max. Cuida da sua vida que você faz melhor, e eu cuido aqui da minha.

— Mas a gente era amigo — Rafinha interrompeu. — Era o que o Rica ia dizer. Ele nunca engoliu o fim do Grêmio.

— Cala a boca, Rafinha. Aquilo foi um grupo bobo de criança.

— Não sou eu quem precisa se convencer disso. — Rafinha pareceu medir as palavras, e era mesmo melhor que ele as medisse com bastante cuidado. — Eu vou falar para o seu bem, cara. Você precisa crescer. Assumir a sua vida. Trabalhar em algo que te dê uma grana e...

— Quem é você pra falar assim comigo, seu gordo escroto de merda? — Rica cerrou dentes e punhos, mas foi a língua que atacou. — Um dentistazinho de sobrado de padaria? Um virgem de cara barbada...

— Não me chama de... — Rafinha espumou. Seu rosto ficou vermelho como quando ele se escondia de vergonha na escola quando eram crianças. Dava para sentir o calor viajando pelo corpo dele na velocidade da luz, desde os pés inchados calçando sapatos brancos de trabalho até a ponta dos fios dos cabelos encaracolados. — Eu te contei em segredo, cara...

— Gordo virgem! — Rica gritou.

Duas garotas na calçada escutaram e riram. Rafinha pulou no seu peito, abraçando-o feito um urso polar, e o derrubou no chão como um jogador de futebol americano.

— Retira o que você disse, Rica! Retira! — A pressão do seu corpo esmagava as costelas do amigo, que respirava com dificuldade.

— Gordo virgem de merda! — Rica se debateu debaixo de Rafinha. — Sai de cima de mim! Vou te arrebentar quando eu escapar daqui!

*

Max não cogitou tirar Rafinha de cima do Rica. O abraço imobilizador do dentista era o que os impedia de trocarem socos no meio do pátio da loja. De sangue, bastava o dele por hoje.

— Retira o que você disse! — Ele ouviu o Rafinha insistindo, em prantos, as lágrimas encharcando a camiseta preta do Pearl Jam do Rica. — Eu não sou um gordo virgem, não sou!

Max se pegou questionando quando foi que a relação entre eles deteriorara da amizade fraternal para o ressentimento; e do ressentimento para as vias de fato — mas a resposta era óbvia demais. Qualquer um dos quatro a teria na ponta da língua. Um episódio. Um único e trágico episódio, imune a qualquer explicação racional e que os assombraria pela vida adulta adentro.

— Eu vim falar sobre o Carleto!

O grito desfez a briga como se ele houvesse pronunciado uma palavra mágica.

Rafinha engoliu o choro no mesmo instante. Levantou o tronco, a cabeça e sentou-se sobre Rica. Parecia não saber ao certo se tinha ouvido aquele nome. Rica aproveitou para desvencilhar-se, com esforço, e conseguiu ficar em pé. Não

revidou a agressão. Ele apenas bateu a poeira da camiseta, fez cara de quem viu um fantasma, e continuou a carregar a caçamba da Saveiro com as caixas de papelão.

— A gente não fala sobre ele, Max. Vai fazer de conta que esqueceu disso também? — Rafinha perguntou, lívido, as bochechas antes rosadas agora brancas feito bolas de papel amassadas. — Foi o último pacto do Grêmio.

— Eu sei como ele morreu — Max sentenciou.

Rica depositou a última caixa na caçamba vazia. Estavam mal colocadas, soltas no assoalho. Quando a picape arrancasse, os documentos voariam por cima da capota, perdidos ao vento, espalhando os registros históricos do fracasso da RiCAR.

— Escuta, Max — ele começou, aproximando-se de Max, emparelhando nariz com nariz —, você me pediu desculpas, eu te pedi desculpas e a gente ia seguir a nossa vida cada um do seu jeito, como sempre foi. Se você for tocar nesse assunto agora, se for falar do que pensa que viu, eu vou quebrar a sua cara, está me entendendo? E não vá pensando que esse gordo virgem vai te defender. — Meneou a cabeça com desprezo, mas desta vez Rafinha ficou calado. — Quando eu terminar com você, você nunca mais vai botar o pé de novo nessa cidade. Mas isso nem vai ser difícil pra você, não é mesmo?

— Deixa como está, Max. — Rafinha tomou o caminho da rua, sem olhar para trás, sem se despedir. O Rafinha aborrecido era assim, enterrava a cabeça no buraco e por lá ficava; e o buraco dele era o consultório em cima da padaria, obturando dentes cariados.

— Funcionou pra vocês até agora?

Os dois o fulminaram com o olhar.

— Eu sei que vocês pensam que funcionou para mim, que sou um sucesso e vim até aqui tripudiar de vocês. Todos aqui pensam isso, como se eu fosse a porra do lobo de Wall Street, um magnata, um filho da puta mesquinho. Eu tenho mais dinheiro que qualquer um nessa cidade, podia comprar essa merda toda se quisesse, inclusive essa espelunca que você acabou de falir, Rica — Encarou o amigo, sem medo; Rica não se alterou. — Mas, mesmo assim, continuaria não funcionando pra mim. Não consigo mais ignorar o que aconteceu no São João, e tenho certeza que vocês também não. Olhem pra gente, somos quatro fracassados... — A voz de Max embargou, e ele preferiu ficar quieto.

— Não diz isso, Max. Você é o único de nós que venceu. Seu Brito morreu, você tá emotivo, é só isso. Vai pra casa e todo mundo esquece essa história.

— O meu pai matou o Carleto, Rafinha — Max falou e começou a soluçar seco. Empreendia um esforço hercúleo para não chorar.

— Você não sabe o que viu, Max — Rafinha se irritou.

— O lobisomem... — Ele vacilou. — O lobisomem era o meu pai. — Os soluços se intensificaram, em intervalos cada vez menores, e o seu queixo tremeu.

— Você está delirando, cara. Isso não existe — disse Rafinha.

— Você também acha que não existe, Rica? — Max perguntou.

Rica continuava quieto e cabisbaixo. Vulnerável como o porquinho da fábula de Joseph Jacobs, o que ergueu a casa de palha e viu o lobo mau desfazê-la de um sopro. A expressão em sua cara gritava: “Existe sim, eu vi! Vocês viram! O Grêmio todo viu, caramba!”, mas ele havia trancado a sete chaves aquela cena em algum cofre inexpugnável da memória. Agora, no entanto, provavelmente sentia as chaves incomodando no bolso, pesando toneladas. Max era capaz de ouvir o molho tilintando, as sete chaves guardiãs girando juntas na fechadura, devagar como nos filmes de guerra e espionagem em que o presidente e os generais americanos autorizam juntos o ataque nuclear. O cofre coletivo do Grêmio Valente era do tipo que escondia lembranças traumáticas e interditadas. Começar a girar aquelas chaves abria a portinhola da mente que permitia acreditar de novo.

Há vinte anos haviam visto a fera caminhando sobre as patas traseiras. Uma criatura fantástica, como aquelas sobre as quais eles liam a respeito nos quadrinhos de terror à venda na banca do seu Jairo. Um gigantesco homem-lobo, feroz e irracional, os atacara na fazenda dos Bezerra. Max atirou nele com o revólver enferrujado do pai. Só havia um problema. Homens-lobo não existiam. Até crianças de onze anos sabiam disso. Antes de contar aos adultos sobre o corpo do amigo que jazia na mata, os garotos fizeram um pacto de jamais revelar sobre o revólver e o disparo.

— Eu faço terapia, Max — Rafinha falou. — Calma, eu sei que vocês vão tirar sarro, dizer que é coisa de doente, mas eu faço sim. E eu contei pra doutora... Não tudo, claro. Não traí o pacto, eu juro. Mas eu contei do lobisomem, contei da noite... e, do meu jeito, contei do Carleto. — Rafinha tentou sustentar o olhar no fundo dos olhos de Max, mas não conseguiu. — A memória prega peças na gente — ele disse, esforçando-se para parecer convicto. — Nós éramos crianças cheias de imaginação fundando um clubinho de aventuras. Nós queríamos ver um lobisomem, e por isso vimos.

— Olha, Max... — Rica interveio. — Não faz diferença se era um bicho ou um homem. Ou mesmo se era a porra de um lobisomem, que por alguma razão você pensa que podia ser o seu Brito. O Carleto não volta mais. E eu sinto muito.

— Eu vou te passar o contato da doutora — disse Rafinha, com um massagear condescendente no ombro do amigo. — Vai te fazer bem.

Max sorriu faceiro, de canto de boca. Os dois sabiam, sim, que era tudo verdade. Escondiam as cartas do jogo como um jogador de pôquer ruim. O teatro da normalidade não o convenceu, mas ele podia compreendê-los. Precisavam de provas. Ninguém mergulha na escuridão da loucura por vontade própria, por mais idiota que seja. E, bem, na hipótese de que fosse *ele* o louco, como a dupla queria dar a entender... Então estavam todos loucos ao mesmo tempo.

— Eu posso provar.

— Provar? — Rica zombou, mas estava nervoso. — Provar como? — perguntou, com os olhos subitamente injetados como os de um viciado.

— Chega, Max! Olha o que você fez com o Rica, cara, ele está tentando se reerguer. Ele tem esse direito. Não se aproveita da fragilidade do coitado, ele acabou de falir! — Rafinha esboçou um abraço imaginário nos restos mortais da RiCar Auto.

— Eu quero ouvir, Rafinha.

— A bala que eu disparei naquela noite, a que acertou a barriga do bicho e salvou a mim e ao Léo... A bala era *esta*! — Max sacou do bolso o projétil arredondado e enferrujado. A bala parecia ter duzentos anos de idade. — Eu retirei ela do corpo do meu pai morto, abri o caixão dele para procurar, e ela estava lá, esperando por mim, *dentro* dele.

— Você profanou o túmulo do seu Brito, Max! Isso é pecado, cara... — disse Rafinha.

Rica recebeu o projétil em mãos como se fosse um objeto sagrado, ou uma das relíquias fundadoras do Grêmio.

— Tem certeza que essa munição é para um Colt igual ao do seu pai? — Rica perguntou.

— Pode levar pra perícia, se quiser. Alguma conclusão você vai tirar.

— Isso não prova nada. — Os lábios do Rafinha tremeram.

— Não, não prova. — As palavras saíram insuspeitas, imunes à desconfiança.

— Só pode ser, Rafinha. Olha o formato disso aqui, é inconfundível! — Rica poliu o metal arredondado com a camiseta e estendeu o projétil para o dentista, que o rejeitou como se fosse feito de Césio-137.

— Não ouviu o que ele disse, Rica? Não prova nada!

— Mas eu não terminei ainda...

— Ah, sim, não terminou! Vai pegar o celular e mostrar um vídeo do seu Brito virando lobisomem na lua cheia, é isso?

— *Tai* um vídeo que eu pagaria pra ver — Rica debochou, sem desgrudar os olhos da bala.

Como que desperta pela menção à lua cheia, a enxaqueca voltou. Desde que dona Raimunda fora visitá-lo em São Paulo, as dores o incomodavam diariamente. E às vezes — como agora — ela parecia latejar *dentro* do cérebro.

Max se agachou, cabisbaixo, olhando fixo para o chão de cimento que adquiria tons turvos e amarelados e parecia fazê-lo girar como se estivesse dentro de uma betoneira gigante — cada vez mais quente, cada vez girando mais rápido. Sentiu as duas mãos do Rafinha repousarem com delicadeza sobre os seus ombros. A pressão era mínima, mas, ainda assim, elas pareciam queimá-lo.

— Você está bem?

Max ouviu três trovões explodindo no seu tímpano. Ato contínuo, agarrou Rafinha pelos braços. Seus olhos eram brancos-lunares e seus caninos haviam crescido um centímetro ou dois, apenas o suficiente para serem notados.

Rafinha caiu para trás, de bunda no chão, e ali ficou, estarelecido. Os olhos e os caninos de Max voltaram ao normal em questão de segundos. Para um leigo, ou um desavisado, o processo da metamorfose fora rápido o bastante para passar despercebido. Para sócios-fundadores do Grêmio, porém, não podia haver dúvidas.

— Contou pro Léo? — Rica tremia feito um cãozinho amedrontado. — Ele está na cidade. O carro dele está estacionado na frente da casa do Nonato.

— Vou precisar de todos vocês — Max asseverou, lacônico. Não queria admitir, mas estava aterrorizado. Não esperava que o lobo pudesse ameaçá-lo à luz do dia, o que o fez pensar que, quando a noite caísse, e a lua cheia estivesse plena no céu, a sua influência seria absolutamente incontrolável. — Estou hospedado no Mirante. Você chama o Léo, Rica? A gente conversa esta noite, no meu quarto, de acordo?

— No Mirante, não — Rica falou. — Na minha casa é melhor. Tenho uma edícula grande, com mesa e tudo. A gente pede uma pizza da San Genaro e jantamos. Ali a gente não vai ser incomodado, e caso aconteça algo de... — Vacilou. — Quero dizer... algo *diferente*, vai ser mais fácil de conter.

— De acordo — respondeu Rafinha. — O restaurante do hotel é o pior da cidade. Servem um bife a cavalo que chega relinchando de cru; um medalhão alto, vermelho enojado. Odeio sangue.

Max deu de ombros. Andava sem paladar. Combinaram às oito e trinta na casa do Rica. Era sexta-feira, ele disse, e toda sexta, às oito em ponto, os pais

saíam para jantar no Clube de Campo.

VI

Piedade.

Farmácia na Rua Comendador Parada.

Fernanda ajeitou no rosto os óculos escuros Ray-Ban de aros grandes e redondos e observou as caixinhas de remédio empilhadas no balcão pela farmacêutica. Pareciam uma pirâmide asteca. Eram tão numerosas que daria para fazer uma porção de figuras diferentes com elas, ao sabor da imaginação, como um brinquedo de Lego para drogados.

— Algo mais, senhora? — a atendente perguntou depois de somar setecentos reais em medicamentos para pressão arterial, artrose, ácido úrico, bronquite e anticoagulantes. Camila era o nome escrito no crachá.

A jovem havia chamado Fernanda de “senhora”, um tratamento que ela ouvia de modo cada vez mais frequente, mas que a incomodava tanto quanto a sugestão de que era possível comprar “algo mais”. O totem feito de caixinhas brancas e vermelhas não era o suficiente?

— Pode levar ao caixa, senhora — Camila orientou.

Nenhuma daquelas drogas eram para Fernanda. As caixinhas, todas, eram para Mirtes e seu Antônio. Ela não tirava da cabeça que mais da metade era desnecessária, e os dois a mandavam comprá-las para chamar atenção. Na última vez em que visitou os pais, ainda com João Menezes a tiracolo, viu no lixo da rua uma caixa fechada de Captopril. Fernanda considerou que era *ela* quem precisava de drogas, mais do que os pais, mas não aquelas. Algo recreativo, que não vendesse em farmácias.

Quando, no entanto, tomou o rumo do caixa, viu um elemento chegando da rua que, a julgar pelo aspecto adoentado e a expressão corporal retraída, necessitava de substâncias mais do que ela ou os pais.

Reparou, primeiro, na camisa branca de tecido fino — algodão egípcio, como as que comprava para o marido. Aquela camisa chique não combinava com Piedade, de forma alguma. Destoava, como calçar um *Louboutin* para ir à padaria. Além do mais, estava salpicada de sangue: respingos pequenos e redondos que desenhavam diagonais pontilhadas em vermelho. O homem estava com uma das mãos espalmada sobre a testa, mas as gotas de sangue provinham do corte

semicoagulado em seu queixo. Estava transtornado, como se não tivesse parado um minuto de sofrer desde que se machucara.

O homem, Fernanda reconheceu, era Max Bezerra. O que Max fazia em Piedade? Lembrou da visita do Rica... Visitar o pai falecido, era claro...

Max passou por ela sem notá-la, cabisbaixo, locomovendo-se com certo esforço, e pediu para a atendente uma cartela de aspirinas. Quando Camila lhe entregou, ele rasgou a caixa na frente dela, destacando os comprimidos todos de uma vez da cartela de papel laminado. Engoliu cinco, a seco.

— O senhor acerta no caixa... — Camila orientou, sem jeito, provavelmente questionando-se, como Fernanda, sobre os efeitos da superdosagem do medicamento.

Fernanda viu Max apalpar os bolsos laterais da calça e enfiar as mãos neles até o fundo, como se fosse atravessá-los. A seguir, bateu no bolso da camisa e sorriu amarelo.

Havia perdido a carteira, ou não lembrava onde a tinha colocado.

— Eu pago.

— Não precisa, eu vou achar. Eu vou... — Ele se virou para ela. — Fer? Fernanda Bruni?

— Max Bezerra... — Ela pegou a cartela estraçalhada das mãos dele e enfiou na cesta de remédios que levava para o caixa. — Você está péssimo!

Max retirou a mão da testa. A expressão de dor atenuou, como se a surpresa por vê-la e a superdosagem de aspirinas houvessem produzido um efeito analgésico instantâneo.

— É a enxaqueca... — ele disse, apontando, abobalhado, para a têmpora direita. — Varia ao longo do dia. Às vezes, aparece feito pontadas, como agora. Às vezes é constante e dura por horas e horas, como um...

— Referia-me ao... — Fernanda indicou a camisa ensanguentada. — A isso aqui...

— Ah, sim! Isso não foi nada. — Ele não deu importância para a camisa manchada. João Menezes teria ido à loucura. — Foi o Rica.

— O Rica te deu um soco?!

— É uma longa história — Max falou, sem raiva aparente, e Fernanda achou que ele de fato não conseguia enxergar relevância no fato de ter apanhado do Rica. Homens! São capazes de ir às vias de fato e fazerem as pazes logo depois, e ainda têm a audácia de dizer que as mulheres é que são instáveis.

— Você, por outro lado, está ótima, Fer.

— Eu não apanhei de ninguém.

Fernanda digitou a senha do cartão de crédito da conta conjunta que mantinha com João Menezes.

— Quer tentar novamente, *senhora*? — “Jobson”, ela leu no crachá do caixa; um adolescente ainda, que não havia parado de olhar para a sua bunda desde que ela entrou na farmácia.

Nunca havia se enganado com a senha do cartão. Bastou uma semana e João havia trocado a sequência: a data do casamento deles. Era óbvio que ele ia fazer isso. Inocência a sua pensar que o marido tentaria, antes, a reconciliação. Ele só se preocupava com o próprio umbigo e com a reputação de promotor filhinho de família tradicional.

Fernanda sacou da bolsa o cartão da sua conta pessoal, a que movimentava escondida do marido; uma precaução que soara paranoica à época do casamento, mas que, naquele instante, a fez sentir-se agradecida pela iniciativa. Setecentos reais.

— É incrível que o Rica tenha te dado um soco. Conversei com ele ontem mesmo, e vi o Leonardo no posto... — ela fez cara de quem calculava logaritmos na cabeça. — Não vejo vocês três juntos desde... Você sabe... — Não quis completar. — Desde muito tempo. O que estão aprontando? — perguntou enquanto Jobson imprimia a nota fiscal e ensacava as caixinhas.

— Eu pago de volta.

— Posso pagar uma aspirina.

Os dois deixaram juntos a farmácia e pisaram na estreita calçada portuguesa, Fernanda com uma sacola de plástico em cada mão.

— Um jantar.

— Um jantar?

— Sim, em retribuição. Quando encontrar a carteira, eu te pago um jantar.

— Qualquer dia desses. — Ela se despediu, pensando nos pais e, estranhamente, em João Menezes.

— Que tal hoje?

Fernanda achou graça. Onde estava a dor de cabeça de Max que, há questão de minutos, o fez engolir um punhado de comprimidos como se fossem pastilhas de hortelã?

— Amanhã voltarei para São Paulo — Max explicou. — Prometo que, durante o jantar, satisfaço a sua curiosidade e conto o que estamos aprontando.

Fernanda olhou o relógio e suspirou.

— Pelos velhos tempos...

Péssimo argumento. Os velhos tempos não foram bons para ela, preferia esquecê-los. Não eram, nem de longe, a espécie de tópico capaz de alegrar um jantar. E o mais curioso era que os velhos tempos também não haviam sido graciosos com Max Bezerra, qualquer um sabia disso. Era o tempo presente que pertencia a ele, como indicavam as roupas que ele vestia, os jantares no Chardy, o seu jeito de falar e de ver o mundo bem diferentes dos daquele garoto filho dos esquisitos dos Bezerra. No entanto, ela ponderou, em algum momento há que se fazer as pazes com o passado para seguir em frente. Pelo menos foi o que ela leu, naquela mesma manhã, no Instagram da Beta Flores, a sua *influencer* predileta.

— Pelos velhos tempos, Max.

— Ótimo! Eu passo te buscar. Está hospedada com os seus pais, não está? O restaurante do hotel é ótimo, se você não pedir a carne... Foi o que ouvi.

Max levou novamente a mão à testa, como quando ela o avistara na farmácia, mas desta vez a tocou com leveza, com a ponta dos dedos, como se houvesse se lembrado de algo. O sexto sentido de Fernanda apostou com ela que o jantar ficaria para um outro dia.

— Algo errado?

— Não, não é isso. Coisa boba, um compromisso que me veio à mente. Nada demais — ele disse. — Às sete?

— Um dia na cidade e já incorporou a rotina do campo? Não me diga que às nove estará na cama dormindo.

— Estou cansado, é só — Max sorriu amarelo. — Dor de cabeça acaba com a gente.

— Sete e meia. Preciso aprontar a janta dos velhinhos. Mamãe abusa de mim quando estou por aqui.

— Sete e meia.

— É melhor que esse restaurante seja bom mesmo.

— Não é o Chardy, mas quebra o galho. E, se for ruim, você pode jogar a sobremesa na minha camisa, já está suja de sangue mesmo.

A cena no Chardy, é claro que ele notou. Quem no salão não viu?

Fernanda experimentou um misto de vergonha e raiva e mordeu os lábios. Seus olhos faiscaram. Quis explodir com Max, mas a culpa não era exatamente dele.

— Exagerei, não foi? — Ele disse.

— Exagerou, sim.

— Desculpe, Fer. Não foi a intenção.

Intencional ou não, ele não tinha o direito de se meter na vida dela daquele jeito. Ficou com vontade de dizer isso na cara dele — e quase disse. Calou-se porque percebeu a tempo que também havia sido terrivelmente insensível. Estava em tempo de corrigir.

— Sinto pelo seu Brito, Max. — Ele deu um passo para trás. — Meus pêsames...

Era Max, agora, quem parecia estar resolvendo logaritmos de cabeça.

— Sete e meia, sim? — ele confirmou, virou as costas e foi embora apressado, sem olhar para trás.

Fernanda tomou o rumo da casa dos pais. Estava animada, o que a surpreendeu. A conversa havia colocado para funcionar um geradorzinho de energia dentro dela, com potência suficiente para fazê-la atravessar o resto do dia sem reclamar dos pais e dos afazeres domésticos.

É claro que o ânimo extra não queria dizer que estivesse feliz. Imaginou que talvez não devesse ter aceitado o convite para jantar. Sabia onde aquilo ia dar, para ele e para ela. Além de tudo, Max era piedadense (embora de algum modo, no caso dele, isso não fosse exatamente um problema).

A caminho de casa, refletia. Era possível que parte dela quisesse algo além: Max era bonito, estava em forma, vestia-se bem. Pensou no marido. João Menezes não lhe dava tesão há milênios. O cabelo engomadinho de promotor público, as meias sociais esticadas até a canela que ele não tirava para transar; o sexo invariavelmente igual e metódico, do jeitinho que ela imaginava o trabalho dele no fórum entre processos, papeladas sem fim e colegas puxando o saco burocrático dele com bolas em duas vias; lembrou-se das poses constrangedoras que o narcisista encenava no espelho do closet, encolhendo a barriga e admirando o corpo nu, magro e sem músculos.

Max não devia ser assim, fantasiou. A confiança de João era frágil como a taça de cristal que ela esvaziou sobre ele no Chardy; dependia do dinheiro, do status, das bajulações. A de Max, não. Era de um tipo primitivo, indomesticável — mas ela não sabia explicar por que pensava assim.

A curiosidade a excitou, embora não soubesse ao certo se queria ir para a cama com ele. Max pertencia a uma época em que as pessoas gostavam genuinamente dela — e ela, genuinamente do Carleto. Lembranças como aquelas deviam ficar onde estavam, para ela revisitá-las sempre que sentisse necessidade. Não eram do tipo que se escreve por cima, mesmo que fosse para melhorar o texto.

Por que contaminá-las fodendo com Max Bezerra em um quarto de hotel em plena Piedade?

Fernanda suspirou. Devia ligar cancelando, é claro que devia, mas não sabia o telefone dele. E, pensando melhor, pareceu-lhe exagerado mudar de ideia por impulso, sem motivo aparente. Jantariam, sim — jantar apenas! —, ele que tentasse cruzar a linha para ver.

VII

Afundado no sofá, Leonardo se irritou quando viu, pela enésima vez, os amigos com os narizes colados no vidro, embaçando o grande janelão dos Oliveira. A vitrine emoldurada por esquadrias de alumínio que iam do teto ao chão dava visão privilegiada para a calçada e a via de paralelepípedos. A casa do pai tinha uma janela idêntica. Não pôde deixar de pensar que, na noite anterior, era Nonato quem lhe vigiava, e o pensamento o irritou mais ainda.

— Nove e vinte. — Rica apontou para o relógio de pêndulo que decorava a parede da sala. — O filho da puta não vem — rosnou, retomando o posto no vidro feito um peixe cascudo de aquário.

Horas mais cedo, Léo ligara para Max para avisar que estava em Piedade e queria vê-lo. Fora surpreendido pelo convite para jantarem na casa do Rica. Minutos depois, o próprio Rica tocava a campainha da casa do prefeito para reforçar o convite. Por que aquilo, agora? O velho Grêmio reunido novamente?

— Ele avisou que podia atrasar — Rafinha disse, sem convicção. Ele também andava para lá e para cá à espera de Max.

— Quinze minutos... Avisou que podia atrasar quinze minutos! Já são cinquenta.

— Liga pra ele de novo — Rafinha pediu.

— Acabei de tentar — disse Léo. — Deu caixa. E não visualizou as mensagens.

— O bacana está tirando com a nossa cara com essa história de lobisomem. Seu Brito era um puta cara estranho, mas lobisomem? Pera lá, né!

— A gente viu ele no pátio. Os olhos leitosos, os caninos... Eu conheço caninos, Rica — disse Rafinha.

— Pois eu não achei lá muito conclusivo... — A voz do Rica desafinou.

Gostaria de ter visto essa transformação, Léo murmurou para si, lembrando-se de quando socorreu Max no apartamento em São Paulo e de como também havia perdido de ver a metamorfose naquela ocasião.

O falastrão do Rica o colocara a par dos acontecimentos quando o convidou para o jantar-reunião: Max, no pátio da concessionária, com os olhos sem pupilas e os caninos pontiagudos como os de um vampiro.

Algo naquela narrativa não batia, e ele queria descobrir o que era. Estava quebrando a cabeça para entender as mudanças em Max Bezerra, e elas não se limitavam a virar lobisomem.

O jovem Max, o menino do São João, convocaria os amigos do Grêmio para ajudá-lo sem pensar duas vezes; mas o Max que ele conhecera há dois anos? O almofadinha ambicioso dos escritórios na Faria Lima? Não, esse nunca. A versão revista e atualizada do amigo decidiria tudo sozinho — e, na hipótese de lhe restar uma nesga de dúvida sobre como proceder, recorreria a um painel de especialistas para aconselhá-lo; gente gabaritada e reconhecida. Nunca o Grêmio Valente.

— É tudo bobagem, Rafinha — continuou Rica. — Outro golpe desse salafrário! Deve estar em São Paulo a uma altura dessas, rindo da gente. — Ele desviou a atenção da rua por um segundo para se dirigir a Leonardo. — Não sei como você consegue trabalhar pra ele. Você é um advogado foda, cara.

Léo agradeceu com a cabeça, por educação. Rica saberia avaliar o trabalho de um advogado tanto quanto ele o de um físico quântico.

— Droga, a pizza esfriou! — Rafinha tateou o fundo das embalagens de papelão sobre a mesa de jantar. — A gente devia ter esperado pra pedir.

— Vai comendo, Rafinha. — Rica abandonou a janela, sentou-se na poltrona do pai e apoiou os tênis sujos na mesinha de centro. — Mas come logo, ok? Porque daqui a cinco minutos vou mandar vocês embora. Os meus pais logo chegam e eu não posso receber visita na sala.

— Como é? — Léo gargalhou. — Você não pode receber visita na sala?!

— Cala a boca, Léo! Eu sei o que parece. O negócio é que eu gosto da edícula. Escolha minha! Aquela casinha nos fundos é a minha *man cave*, saca?

— Eu não vou comer em cinco minutos, e não preciso ser mandado embora da casa dos outros. Se é assim, adeus pra vocês — as bochechas do Rafinha ficaram vermelhas. Elas sempre ficavam desse jeito quando ele se sentia constrangido de alguma forma. Era curioso como seus traços de personalidade e comportamento continuavam iguais ao longo dos anos.

— Faz o que quiser, meu filho. — Rica deu de ombros.

— Dá um tempo, Rica, não trata assim o garoto — disse Léo.

— Sou dois meses mais velho que você, Léo. Esqueceu? — Rafinha rangeu os dentes. — Eu devia te mostrar o garoto... Devia mesmo!

— Ah, mas que fracasso essa noite! — Rica rasgou a tampa da embalagem da pizza e cortou um pedaço com as mãos. — Pelo menos não paguei pelas redondas.

— Como não? Eu te vi pedindo no aplicativo — disse Rafinha.

— Essa carteira de bacana em cima da mesa não é minha, não. É do furão. Usei o cartão dele.

— Rica, você...

— Qual é, Rafinha? Não roubei nada, não. Ele deixou cair na loja e eu guardei pra devolver — respondeu, mastigando. — E essa reunião é para resolver um BO dele, o Max não vai se importar.

— Duas pizzas de camarão, uma de brigadeiro trufado... Era generosidade demais, eu devia ter desconfiado.

— Pode levar pra casa, é um favor que me faz. Deixa só uma de camarão e metade da pizza doce.

— Ei, vocês dois... — desinteressado das rugas entre Rica e Rafinha, Léo notou quando um par de faróis iluminou a rua e apagou-se em seguida. — Um carro acabou de estacionar.

— Droga, são os meus pais! Vou levar uma bronca daquelas, papai ainda não perdoou a grana que eu perdi na loja.

— Seus pais dirigem um BMW branco? — Rafinha perguntou e os três se aglomeraram na janela.

Eles observaram o SUV alemão parado distante do meio-fio, o motor silencioso ainda funcionando, os dois assentos dianteiros ocupados. Pela iluminação amarelada do poste, dava para ver que Max ocupava o lugar do passageiro.

— Quem está dirigindo?

— Deve ser o motorista.

— Ele não tem motorista — disse Léo, sentindo o próprio rosto queimando. Reconheceria aquela silhueta ao volante a quilômetros de distância.

— Caralho, é a Fer, velho! — Rica suspirou. — Você tá vendo, Léo?

— É um filho da mãe, mesmo — disse Rafinha, admirado. — Eu não acredito... Ele tá com a Fernanda.

— Tava comendo, certeza — Rica deu risada, apoiando os braços nos ombros dos amigos. — A gente perdoa o atraso, guerreiro!

Léo recuou de costas, livrando-se sorrateiramente dos dois. Apanhou o agasalho sobre o sofá e o vestiu em silêncio enquanto caminhava para a porta. A manobra não passou despercebida.

— Ei! Ei! Onde você vai Léo? Calma! O Rica tá brincando — Rafinha interveio. Não deve ter sido difícil para ele adivinhar o que estava se passando pela cabeça de Leonardo.

— Deixa disso. É brincadeira, cara! — Rica enlaçou o braço sobre o seu ombro. — Mas ele faz o tipo dela, se é que me entende. Se você for pensar, Léo, é até um pouco previsível, embora eu entenda o teu lado. O cara está aqui há um dia e meio, se tanto, e já pegou a Fer. Você gosta dela há... O quê? Vinte anos? E nunca deu um beijinho.

— Lava a sua boca pra falar dela, Rica! — Léo gritou entredentes, o som saiu espremido entre os maxilares em pressão máxima.

— Vai se ferrar, Rica, deixa de ser cuzão — disse Rafinha, e Ricardo levantou os braços como se eximisse da culpa. — Deixa o Max explicar. Às vezes não é nada.

— Não tem por que ele explicar coisa alguma. Eu não tenho nada com a Fer, nunca tive. E o Max é solteiro, deixa ele aproveitar. Enquanto pode.

Leonardo sabia que o jogo iria mudar, só não podia contar para ninguém. *O Grêmio que se exploda*, pensou. *Quando foi que pensaram em mim?* Ia mudar, é claro que ia. E não seria por sorte, intuição, ou porque ele era a porra do filhinho do prefeito Nonato. Ia mudar porque finalmente ele tomara uma atitude.

A campainha tocou e o BMW branco arrancou, cantando os pneus.

— Eu atendo! — Rica falou, animado. — Rafinha, leva as pizzas pro quartinho, pode ser? Léo, engole esse choro e ajuda ele. Sofrer por mulher, onde esse mundo vai parar? Vão, andem com isso! A reunião do Grêmio Valente já vai começar.

*

A umidade e o bolor ofuscavam o cheiro delicioso do queijo derretido das pizzas da San Genaro. Do teto mal pintado em branco-gelo, pendia um ventilador com pás de alumínio e cordinhas cromadas de bolinhas.

Rafinha arriscou a mais comprida. Acendeu uma lâmpada incandescente de sessenta watts, que tremeluzia.

Ele entendeu que aquele cômodo acanhado distante vinte metros da construção principal e separado dela por um pomar e pelo mato alto, não passava de um quarto de despejo — e que provavelmente nem o Rica nem ninguém frequentava a edícula. *Man cave?* O Rica não tinha senso do ridículo.

Rafinha viu Rica menear a cabeça e indicar cinco cadeiras no canto do cômodo, empilhadas umas sobre as outras formando uma lúgubre torre de metal. No centro daqueles oito ou nove metros quadrados havia uma mesa retangular de pinus, coberta de pó e riscada pelo uso. Junto às paredes, nas laterais, estantes gêmeas de aço vergavam com o peso, repletas de materiais publicitários, documentos e souvenirs dos negócios falidos do Rica. *Um museu do fracasso*, Rafinha pensou, mas guardou para si.

Também havia bugigangas, muitas e diversas, sobre as prateleiras e espalhadas pelo chão: cadernos antigos de escola, brinquedos, potes de sorvetes cheios até a boca com pregos, parafusos, buchas, interruptores, pilhas usadas e conexões de PVC. Imerso em uma piscina de repelentes de mosquito esbranquiçados pelo uso, despontava um molho pesado com as chaves dos automóveis encalhados da RicarAutos.

Rafinha depositou as pizzas sobre a mesa depois de o Rica espanar o pó da superfície com uma camiseta velha de campanha política. “Vote Nonato. Piedade no terceiro milênio” estava escrito em amarelo e roxo, as cores do partido do pai do amigo.

— Desculpe por isso, Léo — Rica mostrou o tecido encardido cobrindo o nome de Nonato. — Hoje não é o seu dia, parceiro.

O Rica jamais iria endireitar, Rafinha pensou. Continuaría grosseiro e inconveniente até a velhice, testando a paciência de quem se aventurasse a conviver com ele. Tinha um coração de ouro, e até o Léo seria capaz de admiti-lo — mas o idiota o escondia o quanto podia.

Talvez fosse a cadeira vazia sobrando no quartinho — mas, mesmo que ela não estivesse ali, em algum momento o pensamento passaria pela sua cabeça. Como o Carleto estaria se estivesse vivo ali com eles? Gordinho, fora de forma? Desenganado da vida? Preso a Piedade feito ele? Não, é claro que não, riu por dentro. Não o Carleto. O Carleto teria vencido; e vencido de um jeito tão foda que faria a todos do Grêmio vencerem também. Não é?

Não. Deve haver algo errado comigo. Qual o sentido em continuar idolatrando o Carleto depois de todos esses anos? Uma criança, por Deus!

Especialmente porque, por mais que se esforçasse, sequer conseguia imaginá-lo adulto: feições, trejeitos, comportamentos... O Carleto não passava de uma fotografia antiga. Um retrato que jamais envelhecia. Bom, talvez ele fosse um pouco mais que um retrato: talvez ele fosse uma ideia, ou um fantasma. Sim, era isso que ele era. Um fantasma! Um fantasma a assombrá-lo pelo resto da vida!

Assustado com o pensamento, Rafinha dividiu os pedaços de pizza e improvisou quatro pratinhos assimétricos com o papelão rasgado.

*

Max recebeu o primeiro pedaço e deu uma mordida, nauseado. Não contou que jantara mais cedo com Fernanda: um prato azedo de nhoque de batata, que ele havia tentado, sem sucesso, corrigir com queijo ralado vencido. O jantar com Fernanda tomara um rumo que ele não poderia ter previsto; o que fora ótimo.

Na edícula, estava determinado a comer o suficiente para os amigos não desconfiarem. Com os pedaços servidos, porém, o aroma do camarão, do queijo derretido e do brigadeiro impregnou o ambiente e se fundiu ao mofo do quarto sem janelas. Ao mesmo tempo, a dor de cabeça retornou. Pensou que o gatilho fosse aquela mistura de cheiros indefinível, presente na edícula como um quinto elemento. Mas não. Era outra coisa.

Enquanto os três conversavam entre si — e, às vezes, com ele, mas não tinha certeza — a dor o acometia em pontadas agudas, espaçadas de dois em dois segundos com a intensidade de um maníaco apunhalando o seu crânio. Aquilo nunca ia parar?

— E então, Max, qual o motivo da grande reunião?

Foi Léo quem perguntou aquilo? Impossível distinguir.

— Vamos logo com isso! — alguém disse.

O cheiro, aqueles odores todos... Era como se ele respirasse todas as fragrâncias do mundo ao mesmo tempo, e nem um centímetro cúbico de oxigênio chegasse aos seus pulmões.

— Você tá bem, cara?

Não, é claro que não estou. Os sentidos de Max entraram em pane: sentiu fome e sede ao mesmo tempo, e o peito queimou enquanto as extremidades, pés e mãos, congelavam. Calado, com a cabeça apoiada nos braços e os cotovelos sobre a mesa, Max começou a alucinar sem que os amigos percebessem.

Sua mente teleportou-se para dentro da caverna, na cachoeira.

Sozinho, nadava com potência e vigor em direção à margem, focado como um predador e deslocando sem esforço a massa colossal de água como se ela fosse feita de ar.

Estranho ao rio e à própria força, seus joelhos se chocaram contra o leito com violência e ele se pôs em pé, surpreso com a sua altura. Ergueu os braços à frente dos olhos, mas não os reconheceu. Era como se eles fossem de outra pessoa — ou, antes, de um animal: musculosos e peludos, tal qual os de um grande urso marrom. Em seu delírio, enxergou cada fibra daquela pelagem, farejou cada essência ao seu redor, desde as mais sutis, e enxergou além da escuridão. Notou que, desde a margem, um grupo de crianças o observava.

Max perseguiu as crianças na mata, sem conseguir identificá-las. Elas eram como os bonequinhos que ele desenhava nos cadernos da quinta série: silhuetas planas, negras e opacas, sem rostos nem traços distintivos. E ele as queria, como queria! A ponto de salivar. A morte delas ia fazer as pontadas em seu cérebro desaparecerem, ele tinha certeza.

*

— Max, seus olhos!

Não durou mais do que dois minutos, durante os quais Rafinha pensou que ele morreria. Quando terminou, viu Rica sacudindo o amigo com vigor; e Max, vidrado, encarando-o de volta. Os olhos de Max eram duas luas, com as escleróticas brancas feito leite fresco. Suas órbitas giravam no próprio eixo, recolhendo as pupilas para dentro da cavidade ocular, onde era como se olhassem para dentro dele, para os seus segredos mais bem guardados.

Os lábios de Max crispavam e a sua boca retesou, tensa como se dilacerasse uma presa. Uma espuma leitosa escorreu por entre os vãos dos seus dentes. Mãos e pés engruvinharam, retorcidos, e Max caiu no chão, convulsionando.

— Fica com a gente, Max! Pelo amor de Deus, lembra! — Rica pediu. Atendendo ao chamado, as íris retornaram ao globo. Estavam escuras, como buracos negros mortos e inescapáveis.

Rafinha receou pelo Rica encurralado contra a parede. Léo, alheio, observava o surto com o distanciamento de quem assistia a um filme de terror. Alguém precisava fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Rica estapeou Max com a mão aberta. Fez um estampido alto, mas ninguém teve tempo de escutar de verdade. Antes que o Rica se desse conta, Max estava sobre ele, os dois joelhos

pesando sobre o seu peito, esganando-o com as mãos apertadas contra o seu pescoço.

Rafinha tentou socorrê-lo, Léo também, mas tão fulminante quanto lançara o ataque-reflexo, Max recobrou a consciência, desfazendo o nó de dedos apertados. As marcas brancas da interrupção da circulação avermelharam. O par de íris castanhas voltou a emoldurar suas pupilas, como em um olho humano normal.

*

— Me perdoa, Rica, eu...

Max concentrou-se em suas mãos. Secas, *Graças a Deus*, diferentes das que, há pouco, encharcaram na cachoeira. Parecia tão real, mas, de algum modo, acabou.

Ele olhou em volta e se sentiu exposto. Aquilo seria ele dali em diante, o monstro ávido por violência e sangue. A vida escapara ao seu controle, como há vinte anos — só que agora era pior, muito pior. Não era mais a vítima, ou o espectador. Era o vilão.

Sentado no chão frio, encarou os amigos e se deu conta do quanto eles haviam mudado. Rafinha tinha entradas de calvície precoce: duas enseadas profundas separadas por uma península de cabelos pretos e ralos. Rica continuava magricelo, mas a pele do seu rosto perdera o viço; era seca e macilenta, feito manga chupada.

Desde a morte do Carleto, nunca haviam estado juntos em um mesmo cômodo. Fazia tempo, *muito tempo*, mas ele precisava se fiar nos laços que um dia tiveram. Havia medo da parte de todos eles. Era denso a ponto de poder respirá-lo, quase tocá-lo; mas devia haver, também, compaixão. Se alguém podia ajudá-lo, eram aqueles três que um dia foram seus irmãos. Em apenas vinte e um dias, a lua cheia estaria plena no céu. Algo mil vezes pior do que esganar o Rica por alguns segundos e depois soltá-lo estava por vir.

— Amigo, Max! Amigo! — Rafinha deu um passo tímido na sua direção.

— Fiquem longe — Léo disse, puxando o Rafinha pelo colarinho. — Esperem ele falar com a gente.

Max se levantou, sem dificuldade, e checou as mãos uma última vez, por precaução. Admirou as palmas lisas, macias e sem calos. Imaginou os pelos longos e grossos que brotariam no dorso delas quando chegasse a hora. Fantasiou além, e anteviu os ossos do seu quadril se alargando, o nariz alongando até transformar-se

em um focinho comprido e pegajoso. Depois, deslizou as polpas dos dedos pela barba por fazer; pareceu-lhe áspera e hirsuta. Experimentou os dentes com a ponta da língua e sentiu os caninos ligeiramente salientes, afiados. Sempre tinham sido assim?

Não pôde evitar de pensar na dor; de imaginar o horror da transformação e a frequência com que ela se repetiria; mês depois de mês, depois mês. Hiperventilou, em um fugaz acesso de pânico — mas já não era a dor que ele temia.

A mãe disse que o pai nunca ultrapassava os limites do São João “virado no lobo”, e Max raciocinou que devia ser verdade. E que ele talvez devesse fazer o mesmo: dormir no sítio; perambular pela propriedade noite adentro, uivando, ajustando-se à forma lupina. Galopar pela mata e a cachoeira, banhar-se na água gelada para anestesiar o sofrimento.

A liberdade do São João, no entanto, não respondia a pergunta que o aterrorizava. Que tipo de controle teria sobre a fera, afinal?

Se o pai, um sujeito calado e enigmático, mas que nunca lhe parecera particularmente violento, chegara ao ponto de matar o Carleto, significava que o controle era mínimo. Por outro lado, Brito não foi capaz de atacá-lo. A fera fazia parte de seu pai; nascera dele, e, de algum modo, dialogavam — fossem duas entidades separadas ou, meramente, a personificação do lado negro e selvagem que existe em todo homem.

Max imaginou-se matando a sangue frio. A imagem o enjoou. Seria capaz? Em vinte e um dias saberia, mas como esperar? Quem, sabendo que entregará corpo e alma ao que possui de primitivo dentro de si, conseguiria dormir despreocupado? Não podia correr o risco de vagar sem amarras pelo São João. Certas janelas da alma, as com vista para o quintal dos fundos, é conveniente manter sempre fechadas.

— Preciso da ajuda de vocês — Max disse e a frase soou mais como uma súplica do que um pedido.

— Queremos resolver isso tanto quanto você, Max — disse Rafinha. — Pode parecer difícil de acreditar, mas é assim que eu me sinto. O que aconteceu afetou todos nós.

— Você não merece o destino do seu pai, Max. Ninguém merece. Conte comigo também — disse Rica. — E, correndo o risco de soar egoísta... acho que a gente também merece respostas.

— Qual é o plano? — Léo coçou a cabeça.

Max olhou para os três e sorriu. Queria abraçá-los, mas não ia fazer isso.

— Uma jaula.

— Uma jaula? — repetiu Léo.

— Para a próxima lua cheia. Deverá ficar em um lugar seguro, que não chame atenção. Vai ser quando... — Max engoliu em seco. — Quando eu vou *virar*.

— Você não precisa da gente pra uma jaula, Max — disse Rafinha. — Pensei que fosse pedir algo, não sei... menos prático? Mais pessoal?

— Cada coisa à sua hora, Rafinha. Se o Max quer uma jaula, é porque a jaula é o mais urgente. A gente arranja uma pra ele — Rica disse.

— Quer instalar uma jaula no seu apartamento? — disse Léo.

— Por Deus, não! — Max reagiu. — E arriscar um lobisomem à solta na Vila Mariana? — Max andou pelo cômodo; testou a espessura da porta e das paredes, e depois olhou para fora da edícula, estimando a distância até a casa principal, onde os pais do Rica dormiam. — O Rica me disse que tinha um lugar em mente. Não é, Rica?

— Precisamente — Rica falou. — E devo revelar que, se não notaram, já estamos *dentro* da jaula.

Max tivera seus receios quando ouviu a ideia mais cedo, mas, ao ver a edícula pessoalmente, parecia que o espaço poderia atendê-lo perfeitamente. Era melhor que o relento, na mata do sítio, e certamente preferível ao duplex na Vila Mariana.

— Pode ser bem aqui, neste quarto — Rica abriu os braços —, não pode?

— Com as devidas modificações... — Rafinha esquadrinhou o quarto com os olhos. — Imagino que talvez possa.

— Enfim uma ideia sua que presta, Rica. — Léo concordou. — Tirando o fato de que ninguém aqui sabe como preparar um quarto para um lobisomem.

— Não sou serralheiro. Muito menos lobisomem... Mas admito que não será fácil instalar uma cela aqui; ou em qualquer lugar, na verdade — Rica ponderou. — É preciso comprar o ferro, cortar, furar, soldar, colocar fechadura, trinco, cadeado... Sem contar que não podemos contratar um serralheiro em Piedade. Ninguém na cidade vai fazer uma jaula desse tamanho e ficar quieto a respeito. As pessoas aqui perguntam.

— O Rica tem sua razão; e o lugar está imundo — Rafinha falou. — Só para esvaziar e limpar vai levar um dia todinho. Ainda assim... — Chacoalhou um

dos potes de sorvete sobre a prateleira e uma aranha saltou lá de dentro sem que ele percebesse. — Acho que dá pra fazer.

— Não podemos contê-lo. Vocês se lembram, não lembram? De como foi à época. Da força, do tamanho... — Léo se encolheu na cadeira enquanto falava, os ombros caindo para a frente, a postura curvada.

— A gente pode acorrentá-lo. — Rica estendeu elos de metal imaginários com as mãos.

— Duvido muito... Não sabemos como será a transformação. Basta errar na medida, e aí ele se solta, ou se machuca — disse Rafinha.

— Faz sentido. Já pensou se a gente bota uma argola de metal no pescoço do Max e ele cresce além da conta? Zupppptt! — Rica passou o dedo indicador com velocidade pela garganta.

— Sem correntes, por favor... — Max levou as mãos ao pescoço.

— Tenho uma ideia melhor.

— Somos ouvidos, Rafinha.

— Armários pesados, é tudo o que a gente precisa. Tenho alguns em casa. Madeira antiga, bruta e maciça, do tipo que não se fabrica mais. Deixaremos uma barricada pronta, caso seja necessário; e, para garantir, só para garantir, instalaremos reforços e uma grade vazada antes da porta, afixada no batente — ele deu uma batida com os nós dos dedos no centro da porta de madeira, que produziu um som oco e frágil. — Vou trocar as dobradiças e soldar as barras, sei fazer o serviço. Vai parecer uma porta de banco.

— Acha que vai aguentar?

— Com os reforços e a barricada? Dão conta, sim — Rica respondeu.

— E o som? Vou uivar, rugir, gritar... A casa dos seus pais pode estar longe, com o pomar e o gramado abafando os ruídos, mas há vizinhos à esquerda e à direita da propriedade.

— Dois casais de velhos. Escute só. — Calaram-se e um diálogo agudo irrompeu no quintal, seguido de uma vinheta e de um *jingle* de refrigerantes. — É a televisão da dona Lúcia. Sempre no último volume, e mesmo assim ela reclama que não consegue acompanhar a novela.

— Tem o resto do bairro, Rica — Rafinha advertiu.

— Caixa de ovo. É um isolante acústico dos melhores. Também podemos arranjar um colchão velho e pregar na porta, do lado de dentro. Quanto barulho um lobisomem pode fazer, afinal?

— Max é um cara contido, não é? — disse Léo, com um tapinha nas costas do amigo.

— Se os barulhos ficarem audíveis, eu ligo música alta no quintal. Como se fosse uma festa, saca?

Max se animou. O plano não era dos piores, podia funcionar. Para os meses seguintes, pensariam em uma solução definitiva. A ideia de ter o Rica por perto, dormindo na casa, o confortou.

— Quando começamos? — Rica retomou.

— Semana que vem. Antes, voltarei para São Paulo. Tenho responsabilidades para delegar com extrema urgência. É um momento crítico na empresa, acabo de adquirir a Brasitel.

— A empresa de telefones? Pensei que a Brasitel tivesse falido — disse Rafinha.

— Segue em pé — Léo interveio. — A marca e os prédios, eu quero dizer.

— Aproveitarei para consultar um neurologista. As dores de cabeça estão insuportáveis, deve haver algo que se possa fazer...

— Você não está em condições de ir para São Paulo — disse Rica. — Basta uma crise na estrada como a que a gente viu aqui... e você tá morto, cara. Mortinho!

Rica tinha razão. Ele sequer pôde dirigir até a casa dos Oliveira sem pedir para Fernanda levá-lo; e os três quase o viram chegando com ela no carro. Ia estragar as coisas com o Léo.

— Posso levá-lo — Léo ofereceu. — Você vai precisar de mim na empresa, não vai?

— Aceito a carona, Léo. Mas prefiro que volte para cá em seguida, sim? Será mais útil aqui, em Piedade.

— Enquanto isso, damos conta da toca do lobo — Rica falou. — Agora vamos terminar a redonda, certo? Já está mais fria que a irmã do Rafinha.

— Tem mais uma coisa...

Max sempre franzia o cenho e arquejava a sobrancelhas quando tinha más notícias, e desta vez não seria diferente. Ele sentiu sua expressão facial se curvando e a pele acumulando dobrinhas ao sucumbir à tensão.

— Sempre tem... — Rafinha murmurou.

— Se o problema fosse apenas a jaula, bem... O Rafinha tem razão: eu pagaria alguém para fazê-la, não é mesmo? Há muitos jeitos para se lidar com um lobisomem, eu suponho. Mas não é só a jaula. A jaula, aliás, é o de menos.

— Por que sinto que não vou querer ouvir o que vem a seguir?

— A jaula é a primeira parte do problema, Rica, a mais fácil de resolver. Tem algo que eu quero que vocês façam, e que é mais difícil do que simplesmente *conter* o lobisomem.

A voz de Max começou a sumir, mas ele continuou friccionando os lábios secos um no outro, forjando as palavras como quem produz fogo esfregando gravetos.

— Eu quero...

— Pode falar, Max. A gente está aqui com você — disse Rafinha.

— Quero que vocês me vejam. Na lua cheia, eu quero dizer. Eu quero que me vejam quando... Bem, quando eu não for mais eu. E que conversem comigo.

— Você viu o que o seu pai fez, Max... — disse Rica. — Ele não parecia estar pra conversa.

— Sim, eu sei. Não quero que vocês se exponham, por isso as grades: vocês devem me ver por trás delas.

— Não é uma boa ideia — Rafinha disse, derrubando um farto pedaço de pizza na mesa.

— Tentem dialogar através das grades... ou pelas câmeras, que a gente pode dar um jeito de instalar sem que o lobo as destrua. Tentem enxergar através do lobisomem. Eu preciso que vocês me acessem, compreendem? Que descubram se eu ainda estarei lá quando este corpo não for mais meu.

— Você quer saber se seria capaz... é isso? — Léo se antecipou.

Capaz de matar. É isso que você queria dizer, não é Léo? Por que não diz? Por que eu mesmo não digo?

— Se eu for uma ameaça para vocês e para os outros... Se eu não estiver presente em algum lugar lá dentro daquele bicho... então vocês devem *resolver*.

Max mostrou o revólver velho que pegara com a mãe, o Colt 1851. Mostrou a bala antiga e, ao lado dela, uma nova, cromada e brilhante, que colocou no centro da mesa como se fosse uma azeitona desgarrada das pizzas da San Genaro.

— Você só pode estar maluco, Max! — Rafinha reagiu, indignado.

— Não posso viver assim, Rafinha. Você entende? Vocês viram o que o meu pai fez. Eu não vou correr esse risco. Não posso viver sabendo que, uma vez por mês, sou capaz de fazer um troço daqueles com alguém, de desgraçar a vida dos outros, como papai fez com a gente. Se for esse o caso, quero dizer, se eu não reconhecer nenhum de vocês, se eu não puder agir com um mínimo de racionalidade e não puder acessar emoção alguma... e se, com isso, o lobisomem perder o controle... Bom, vocês vão saber o que fazer.

— Não, nós não vamos. Aliás, tirando o fato de que ninguém aqui vai te matar, tenho outro ponto que não deve ter te ocorrido. O seu pai não morreu nem com um tiro à queima-roupa, Max — Rica falou. — Como espera que te derrubem?

— É uma bala de prata. — Os dedos de Max pinçaram o projétil. A superfície cromada reluziu.

— Como nos filmes? Isso é história! — Léo riu.

— E o lobisomem, é o quê? História? — Max respondeu, impaciente, sentindo as palavras queimarem na língua.

— Ele pode ter razão. Quer dizer, não custa tentar — Rica ponderou.

— Custa matar o Max, imbecil! — Rafinha pegou a bala com as mãos e a recolocou no bolso da camisa de Max. — Ninguém vai fazer o que você está pedindo.

— Eu faço — Léo disse. — Se você nos atacar, eu faço.

— Obrigado, irmão. — Max secou os olhos marejados. O cenário em que ele os agrediria estava longe de ser o menos provável.

— Se não houver alternativa e, de algum jeito, você escapar... eu puxo o gatilho.

VIII

Rodovia Raposo Tavares.

Manhã seguinte, 10 de julho.

A cento e vinte quilômetros por hora, ao volante do BMW de Max, Léo navegava pela rodovia Raposo Tavares, na altura do município de Cotia.

Eram dez horas, e o sol brilhava no céu sem nuvens. O calor fora de época estaria derretendo o habitáculo não fosse a película escura nos vidros e o ar-condicionado funcionando a vinte e um graus.

Tronco inclinado para a frente feito um perdigueiro, Léo caçava as placas dos retornos e acessos laterais. A proximidade com o perímetro urbano aumentava o número de saídas na via, e exigia cuidado redobrado. Cada bairro, povoado e comércio reivindicava um naco do tráfego da Raposo, provocando um fluxo perigoso nos acostamentos e faixas de aceleração.

Léo procurava uma saída específica: um acesso de terra estreito e acanhado que, segundo as imagens do Google Maps, ficava espremido entre o Bar do Tônico e a Borracharia Raposão.

No banco do carona, Max ressonava sobre o assento de couro caramelo. Léo o viu dormindo, de canto de olho. Antes de saírem, o amigo contou que os episódios das dores de cabeça haviam cessado desde a manhã — mas concordaram, ambos, que Max devia ficar distante do volante. A precaução, porém, não lhe dava o direito de dormir três quartos da viagem, e era sobre isso que Léo pensava quando a mancha urbana desapareceu e ele adentrou um trecho de pista repleto de curvas, aclives e declives.

A vegetação serpenteava entre as áreas de escape, obstruindo a visão. Como que por um passe de mágica, um caminhão colossal, com o baú pintado com o que lhe pareceu o logotipo de um frango frito vestindo cachecol e meias surgiu diante deles no sentido contrário. Era como um grande fantasma metálico, zunindo em alta velocidade.

O caminhão ziguezagueou pela via como um galetão degolado. Tirou uma fina milimétrica do retrovisor esquerdo do BMW, deslocando um volume espantoso de ar ao redor dos veículos. O carro não balançou: continuou agarrado ao asfalto como um gato escalando uma árvore.

Leonardo afundou a mão fechada na buzina, e Max acordou de um pulo, como se catapultado por um assento ejetor.

— Que porra é essa, Léo?! Quer matar a gente?

Leonardo não respondeu. Podia argumentar que a culpa fora do motorista do caminhão; que o filho da puta devia estar bêbado e causaria uma tragédia em breve, inevitavelmente. Mas ele não respondeu. Que diferença fazia explicar a origem de um quase-acidente que Max não viu porque cochilava aninhado no couro caramelo? Ademais, nada do que Max dissesse a respeito do incidente o irritaria — o que era surpreendente nos últimos dias, porque absolutamente todo o resto no amigo o tirava do sério.

— Desculpe. Não costumo viajar no passageiro, você sabe.

Léo acenou. Disse que não se ofendera, e era verdade. Um quilômetro à frente, o trânsito parou. O circuito de curvas desembocou em uma reta longa a perder de vista, ladeada por prédios baixos, lojas de beira de estrada e restaurantes com o preço do quilo rabiscado em tabuletas de madeira com garranchos em giz branco e amarelo.

Reaproximaram-se do perímetro urbano, onde viram lombadas, semáforos e pedestres cruzando a via segurando sacolas de compras. Léo desviou o carro para o acostamento e trafegou nele por algumas centenas de metros. Ao enxergar a Borracharia Raposão, acessou uma alça à direita e efetuou o retorno sobre um viaduto estreito que desembocou em uma estrada de terra esburacada. Nuvens de poeira cresciam atrás do BMW, que chacoalhava sem jeito como quem dançasse pela primeira vez na vida.

— Por que deixou a rodovia?

— É um atalho, Max. Sempre corto por aqui.

— Vai estragar as molas, o carro não está acostumado. É um SUV de shopping, não é pra enfiar na terra.

— Não esquenta, o trecho é curto. Logo a gente volta pro asfalto, vai poupar um bom tempo, você vai ver.

A vicinal media um carro e meio de largura. Nos trechos mais castigados, exibia valetas nas laterais causadas pelas chuvas e a erosão. Algumas eram verdadeiras crateras; se o carro caísse nelas provocaria um acidente grave.

Léo acelerou, cuidando para manter-se no centro da via, e Max ligou o som. O sistema do carro reconheceu o celular do dono e reproduziu a última música tocada no modo automático.

When he says the words you've been needing to hear / I wish I was him / To say to you 'til the end of time.

— Bon Jovi? — Léo encarou o amigo.

Max deu de ombros. Seu silêncio fez crescer caraminholas na cabeça de Léo.

— Tocava nos bailinhos, lembra? — Léo insistiu.

— Tocava mesmo?

O carro raspou o assoalho em uma depressão, áspero como se estivesse descascando a pista de terra. Max não protestou.

— Foi a Fernanda quem escolheu, não foi?

Max continuou quieto. Léo acelerou.

Por que ele não admite? Seria tão mais fácil se ele simplesmente admitisse, não seria?

— Lembra da época em que a gente comprava um CD inteiro pra ouvir uma música só? — Léo disse.

— Claro — Max respondeu. — Eu ouvia na sua casa. A gente não tinha aparelho de CD em casa. Eu gravava os seus álbuns e os do Rica na fita cassete pra ouvir no meu walkman.

— O walkman que você ganhou do Rica, não foi? — Léo sorriu; um esgar nervoso e angustiado.

— O mimadinho ganhou um discman quando foi com os pais para os Estados Unidos. Quando voltou, me deu o walkman de presente porque não ia usar mais. Cara, até hoje eu não sei se ele sabe o quanto eu fiquei agradecido de ganhar aquele walkman.

If you told me to die for you, I would / Take a look at my face / There's no price I won't pay / To say these words to you.

— A gente ouvia a mesma música até enjoar, não era? Vinha aquele monte de porcaria junto, mas a gente fingia que estava tudo Ok. Era parte da experiência, sabe?

— Claro que sei.

— Sabe, Max, eu acho que nós trazemos essas coisas com a gente pra sempre... Uma parte do que foi aquele nosso mundo da infância. Essa dificuldade pra ter as coisas, saca? Esse gosto por bater sempre na mesma tecla, até enjoar, e às vezes a gente nem mesmo enjoa.

— Do que você está falando?

— Dessa música.

— É sobre a música ou sobre quem escolheu ela pra tocar? Se você quer perguntar alguma coisa, pergunta logo Léo.

— Eu nunca enjoei dela, Max. Você sabia disso!

Na pista, uma meia-lombada formou uma rampa de terra e o BMW decolou alguns centímetros do chão, aterrissando em uma rachadura no solo.

— Presta atenção nos buracos, Léo...

— Como foi com a Fer, Max?

— O que quer saber? — Max soou impaciente.

— Como foi, ué... Se vocês se beijaram, ou se ficou só no jantarzinho...

— Foi uma noite agradável, é isso. Satisfeito?

— Qual é, pra cima de mim? Eu vi como você tratou a garota do restaurante.

— Não me orgulho nada daquilo — Max se alterou. — Alguma coisa em mim estava faltando quando fiz aquilo com a Renata; ou, talvez, sobrando... não sei dizer ao certo.

— Então não foi pra cima da Fer?

— Lógico que não; e não beijei ela, se faz questão de saber. A gente só jantou.

O carro continuou balançando de um lado para o outro no terreno desnivelado e coalhado de pedriscos e ranhuras. As rodas à direita passaram a centímetros de uma depressão profunda.

— Vai com calma, Léo.

— Você tentou, não tentou?

— Olha pra frente, cara.

— Admite que beijou ela à força, que...

— Alivia o pé e olha pra frente, tá? Já disse que não nos beijamos!

— Ela tava a fim?

— A gente pode discutir isso depois?

— Claro que estava, eu conheço a Fer...

A suspensão deu fim de curso em uma valeta. Leonardo sentiu o baque seco e desconfortável, como se houvesse caído e batido com o cóccix no chão.

— Que merda, Léo! Diminui a porra da velocidade!

— É uma ordem, chefe?

— Diminui, porra!

Max gritou, e Léo percebeu que ele havia finalmente perdido o controle. Ao explodir, Max levou as mãos à testa, segurando-a com força enquanto a cabeça balançava como se estivesse desconectada do resto do corpo. As unhas dele cravaram na pele fina sobre o osso frontal, e Max começou a convulsionar no banco do passageiro. Alguns segundos depois, ele apagou. Foi fácil. Fácil demais.

Léo enterrou o pé direito no freio. Ato contínuo, parou o carro na lateral da estrada, à beira da maior cratera que conseguiu encontrar. Manteve o carro ligado, o motor respirando em silêncio. Desabilitou o freio de mão eletrônico e desceu do veículo. Em seguida, começou a empurrar, os braços estendidos forçando o para-choque traseiro, os sapatos tracionando com dificuldade sobre os pedregulhos. Quando conseguiu romper a inércia, o BMW mergulhou com violência na fenda de um metro de profundidade.

Fez menos barulho do que ele imaginava. Chegava a ser bonito de ver aquele carro de luxo empoeirado fincado na terra, em diagonal, com as rodas traseiras suspensas girando em falso e as lanternas — todas elas — piscando feito um carro de polícia.

Léo acendeu um cigarro e digitou no celular enquanto tragava. Em seguida, entrou de volta no carro. Espantou-se com o para-brisas afundado e estilhaçado em mil pedaços e os airbags deflagrados pendendo da lateral das portas, do centro do volante e do painel emborrachado.

Concentrado, alcançou a mochila no banco traseiro, de onde retirou um pequeno estojo de plástico com seringas descartáveis e uma ampola lacrada. Espetou a agulha na ampola, puxou o êmbolo com cuidado e sugou o líquido para dentro do cilindro. O carro balançou, acomodando-se no buraco, e Max acordou, grogue. Delirava.

— Carleto, é você? — ele perguntou e Léo vacilou, parcialmente arrependido. Tarde para voltar atrás.

Desculpe por isso, Max, é só uma picadinha. Você não vai se lembrar de nada. Eu prometo.

IX

São Paulo.

Gabinete da Promotoria.

O gabinete de João Menezes ficava no sexto andar do edifício do Ministério Público, na Rua Rafael de Barros, no Paraíso. Em dois anos de casada, Fernanda nunca havia visitado o marido no trabalho — mas, depois de semanas sem trocar palavra, não quis aparecer de surpresa no apartamento que dividiram durante o casamento. Seria inapropriado. Além do mais, parte dela temia a reação dele. Por motivos óbvios — vinho tinto e *crêpes suzettes* voadores — encontros em restaurantes estavam fora de cogitação. Visitá-lo no trabalho pareceu-lhe a escolha mais civilizada.

Sentada no sofá preto de gomos e botões redondos, ela ajeitou a saia, empurrando-a para baixo, e reclinou a cabeça no encosto até enxergar o teto e um par desagradável de lâmpadas fosforescentes. Arfou, um suspiro longo e profundo, e fechou os olhos. Precisava terminar logo com João, antes que a coragem fosse embora.

Recordou da conversa com Max no restaurante do Mirante, de como ela a transportara para os velhos tempos, a parte boa que sempre existiu — por mais que ela teimasse em valorizar o lado sombrio.

Lembrou-se dos tempos quando um cara feito João Menezes não teria a menor chance com ela. Não porque ela era a filha do dono do cartório, ou porque ainda não soubesse que não podia ser mãe. João não teria chances com a versão mais jovem de Fernanda Bruni Menezes porque a versão mais jovem de Fernanda Bruni Menezes era senhora das próprias vontades.

Riu sozinha, baixinho. A nenhuma mulher é concedido ser verdadeiramente senhora das próprias vontades, embora à época ela pensasse que sim.

Afundada no sofá, a morte do Carleto assaltou-lhe o pensamento a ponto de, por um instante, esquecer por completo de João e do divórcio. *Por que você de novo? Por que você não morre de uma vez?* Algo de sombrio voltava à cena depois de anos escondido na coxia, à espreita, presente na forma de um presságio, de uma

sentença do destino. *Você não vai ser feliz, Fernanda.* Não conseguiria explicar por que pensava assim. O que a matou por dentro foi diferente do que matou os meninos. Não foi a “besta”, como Max se referiu de modo tão enigmático durante o jantar que ela não conseguiu decidir se soava metafórico ou paranoico.

Besta. Quem é que usa essa palavra? Era dramática, é claro, porém apropriada. Fernanda também possuía uma besta para chamar de sua. E queria extirpá-la de vez, por isso estava ali; porque João Menezes a estava alimentando.

Checou o relógio. Há trinta minutos aguardava na antessala da promotoria. A demora começava a irritá-la. *Calma, Fernanda, está tudo sob controle.* Bom, parando para pensar, a situação chegava a ser divertida. João na certa surtara quando lhe disseram que ela estava no escritório. Mesmo agora, entocado em seu gabinete, devia estar se borrando de medo de que ela estivesse ali para causar vexame e os dois brigassem na frente dos seus estimados pares, *doutores* feito ele. Um barraco-de-marido-e-mulher seria pior do que a morte para João.

Sônia, a secretária dele, aproximou-se como quem se aproxima de um tigre solto. Era uma velhinha grave, com sobrelanceiras definitivas e cabelos tingidos de loiro com raízes brancas à mostra. Arqueou as costas, que estalaram, e implorou, sem fazer movimentos bruscos, para que ela adiantasse o assunto.

— Desculpe, querida, é particular.

Sônia retrocedeu um passo. Olhou para trás, mas não havia mais ninguém no balcão da recepção. Acuada, voltou à carga.

— Se a senhora deixar um recado, talvez eu possa consultá-lo e...

— Não saio sem falar com o doutor Menezes — Fernanda afiou as garras.

— O doutor Menezes acabou de sair. Ele...

— Eu sei que ele está aqui, Sônia. — Fernanda se levantou. — Poupe nós duas dessa desculpa, ok? Agora avise que continuarei aqui!

Sônia recuou sem dar as costas, e se enfiou no corredor do gabinete com passinhos curtos e desajeitados feito os de um lagarto velho. Fernanda estacionara no prédio. Havia tomado o cuidado de inspecionar a garagem à procura da perua Volvo com o adesivo do Golfe Clube colado torto no vidro traseiro. *João é mesmo um covarde.* Reclinou no sofá, bufando. De novo, as luzes ofuscaram-lhe a visão e ela tapou os olhos com as mãos. Borrões vermelhos dançaram na escuridão.

Não lembrava de ter conversado com Max no último dia de aula do terceiro colegial; não do jeito que ele contou, na escadaria do Santo Agostinho, depois do aulão do professor de Matemática que o colégio trazia de Sorocaba uma vez por ano, próximo ao vestibular.

Qual era o nome do professor? Saulo? Mauro? Não importava. Fernanda e Max mal se falavam à época, mas ele se sentou ao seu lado para contar que não ia prestar o vestibular da USP porque o pai queria que ele continuasse no São João cuidando do sítio e das alcachofras.

Fernanda deu um safanão na cabeça dele... Foi o que ele disse. “Quer virar fazendeiro, cabeção? Você nasceu pra coisa grande, pra zarpar fora daqui. Não quer viver a vida juntando terra debaixo da unha, quer?”

Cabeção. Ela podia ter dito aquilo. Uma lembrança lhe veio à mente — distante feito cena em preto-e-branco, sem áudio nem legenda.

Seu pai costumava doar para o partido do prefeito na época das eleições. *Léo vai estudar Direito*, ouviu os dois conversando na sala enquanto o pai preenchia o talão de cheques, *mas não sabe se virar sozinho*. A Fernanda de dezessete anos teria tido esse tipo de ideia. Max disse que foi ela — a ideia dela — que salvou a vida dele e, pensando bem, salvou mesmo. *Por que não salvei a minha também?*

— Pode entrar, dona Fernanda — a mulher tremia. Fernanda ficou com raiva; de Sônia e de João. O que ele tinha dito para a secretária chacoalhar daquela maneira, feito vara verde? E por que ela acreditou?

— Obrigado, Sônia. Feche a porta ao sair — João disse, seco. — E, ah! Explique ao Procurador Freitas que não vou demorar, sim?

Detrás da escrivaninha, João tirou os olhos do monitor, mas não se levantou. Parecia nervoso. Indicou o assento a Fernanda e colocou uma cápsula na máquina de expresso.

— Desculpe se não te ofereço, Fer. Não acho prudente café fervendo em suas mãos.

— Não vou tomar seu tempo, João.

A máquina berrou, como se estivesse moendo cana-de-açúcar ao invés de injetando água quente em cápsulas de alumínio.

— Acabou, Fer. Não se rebaixe.

— Não vim pedir pra voltar.

Era a cara do João: achar que era sobre ele. E, principalmente, achar que era sobre ele saindo por cima.

— Então por que veio? — ele afastou a cadeira da escrivaninha, cruzou as pernas e segurou o queixo, como se estivesse admirando um animal exótico. Ao fundo, a máquina continuava preenchendo a xícara.

— Vim pedir desculpas. Parte do que aconteceu é culpa minha também. Por isso quis me desculpar. Penso que eu te devo. Se tivesse sido honesta desde o começo... Bem, acho que não estaríamos aqui, não é mesmo?

O promotor se empertigou na cadeira. A máquina terminou de preparar o expresso, mas ele não foi buscar o café.

— Você não veio aqui pra isso.

— Nossa história é uma ponta solta. Vim amarrá-la para seguir em frente. Assim, você pode fazer o mesmo.

Ele riu, como se ela fosse a melhor comediante do mundo. Era exigir demais que ele a entendesse. Pelo menos, ela tinha tentado.

— Não pense que vai levar um centavo a mais com isso, Fer. No que depender de mim, você sai do jeito que entrou.

— Não quero nada seu. Tenho direito, eu sei, mas não quero nada.

Fernanda ajeitou a saia e se levantou, decepcionada com o modo seco e melancólico como a história deles terminava, bem ali, no interior de uma repartição pública. Imaginou que haveria emoção; que ela, ele, ou os dois, baixariam a guarda diante do fim.

— Adeus, João. Meu advogado vai combinar uma data com o seu e a gente termina logo com isso.

— Espera!

— O que foi?

Ela mirou nos olhos dele; quis ver a verdade refletida no fundo dos seus olhos castanhos, mas o que viu foi outra coisa. A testa dele enrugou para baixo; sua postura, sempre ereta, arqueou e ele falou em falsete.

— Eu te amo, Fer.

Ela riu.

— Não, não ama. Você não é capaz de amar ninguém, João. Isso que está sentindo é outra coisa.

— Como ousa sair daqui assim? — ele gritou, descontrolado. — Volta aqui, Fernanda! Não dá as costas pra mim!

Fernanda Bruni não olhou para trás; para onde deixou João gritando por ela. Ao abrir a porta, surpreendeu uma assessora do marido ouvindo a conversa escondida. Estava bem-vestida: blazer vermelho entreaberto, camisa social branca transparente e folgada, sapatos brancos lindos, de salto cone. A garota a comia com

os olhos. Eram parecidas, mesma altura, mesmos traços, mesmo tipo de corpo; mas a garota parecia dez anos mais nova.

— Se quer um conselho, garota, não vale a pena.

Fernanda entrou no elevador. Desceu no térreo. Precisava de ar puro. Sentar-se na calçada do prédio e ligar para Max; contar, orgulhosa, o que ela tinha feito por causa dele.

Só que não foi Max quem atendeu.

X

Residência de Tobias Muller.

Pela enésima vez na madrugada, a doutora Júlia Akemi revirou de um lado para o outro na cama de casal. Seu *applewatch* marcava duas e quarenta, e o marido não se mexia nem roncava. Hubert dormia feito criança, como se estivessem no apartamento deles, no Alto da Lapa. Era quase bonito de ver. Ela imaginou que ele sonhava sonhos tranquilos, de fama e sucesso — porque fama e sucesso tinham aquela cara para ele, de paz e silêncio. Quem se sentia uma impostora a respeito era ela.

A calma de Hubert, aninhado no lençol, não a contaminou. Nunca haviam dormido juntos no trabalho, mas aquele era o quarto dia seguido e ela teve certeza de que jamais se acostumaria. Aliás, trabalho sequer era a palavra para definir o que faziam naquele sobrado. Estavam de férias — ao menos, foi a mentira que contaram na universidade para se ausentarem por trinta dias sem levantar suspeitas. Para os amigos e colegas, estariam incomunicáveis em Paris, curtindo a segunda lua de mel. *Bobagem*, pensou, *em que ajudaram as precauções?*

Júlia calçou os chinelos de pano, deslizou até a cômoda onde guardava a jarra com água e encheu um copo até a boca. Vestia um pijama amarelo de manga longa e calças de plush com estampa de gatinhos. *Maldita insônia*. Sua vontade era sair do quarto; dar uma volta, espairar no jardim. Quem sabe mastigar o chocolate belga guardado na gaveta da escrivaninha. Mas não devia, era visita. E tinha medo.

Muito medo.

Bebeu dois goles, para não acordar com a bexiga cheia, e seguiu para o banheiro da suíte onde molhou o rosto com água quente para acalmar os músculos da face. Aproveitou para encarar o espelho, com curiosidade. Um rosto de quarenta anos, sem rugas de expressão, olhou de volta. Por que uma fisiologista renomada como ela, chefe de cátedra na Unifesp, dona de um *lattes* do tamanho de uma revista científica, havia topado um bico feito aquele?

Parecia mais tempo, mas a verdade era que se passara somente uma semana desde que o advogado Osmar Stabile abordara, a ela e a Hubert, no leilão beneficente da família Drummond. O dinheiro arrecadado com o acervo de obras de arte de Lucinha Drummond, que Deus a tenha, seria revertido para o Hospital Oncológico da Vila Formosa. Havia telas de Tarsila, Di Cavalcanti, Portinari, esculturas de Lygia Clark e itens históricos do tempo do Império: pratarias, móveis de antiquário, peças de roupas e artigos de toucador.

Ela e Hubert arremataram um singelo isqueiro de prata. Era o preço por frequentarem ambientes como aquele: precisar abrir a carteira muito além do que deveriam.

Stabile chamou os dois de canto enquanto o leilão acontecia no jardim. Conversaram no pátio, com a fonte da casa dos Drummond jorrando água ao fundo. “É um velho excêntrico!”, ele falou, e acreditava no que dizia.

Ela ia dizer que não, e Hubert também (ela tinha certeza), mas o advogado fez uma oferta que não puderam recusar. Dois milhões de reais adiantados, um milhão para cada, por três semanas em regime de dedicação exclusiva, trabalhando e morando na residência de Tobias Muller.

— Pensem bem, e respondam pela manhã sem falta. A lua não atrasa... — ele apontou para cima e gargalhou.

Dois milhões. O preço do apartamento do Beto na Riviera. Por Deus, o cunhado era um ortopedista medíocre! Nunca apresentara um trabalho sequer nos congressos da área. *Apresentado?* Ele nem ao menos frequentava os eventos da especialidade.

O fato de o Beto faturar quantias obscenas operando joelhos abastados em Guarulhos enquanto ela e Hubert mal conseguiam viajar ao exterior uma vez por ano era um exemplo perfeito e acabado da inversão de valores na profissão.

Hubert Ruas era o hematologista mais respeitado do país. Publicava com frequência nas principais revistas científicas do exterior, e era referência mundial no estudo de antígenos e anticorpos de células sanguíneas. O casal vivia do salário de professores-pesquisadores, o que significava abrir mão de muita coisa em nome da ciência.

Compor a elite acadêmica do país rendia prestígio e convites para frequentarem a alta roda paulistana, mas não pagava as contas. Não pagava mesmo. Júlia e Hubert mereciam um apartamento na Riviera. Se o preço fosse trabalhar escondido por três semanas para um milionário caduco que queria virar lobisomem, bem... pareceu-lhes uma pechincha. Bastava que ninguém soubesse. Imaginou a vergonha, os colegas soberbos e egocêntricos descobrindo que eles

tinham se metido numa fanfarronice daquelas. Um deslize desses arruinaria a carreira dos dois.

Júlia sentou-se sobre a tampa fechada do vaso sanitário. Com o celular em mãos, abriu o YouTube, que sugeriu uma lista de vídeos de gatinhos. Por alguma razão, felinos a acalmavam. Os filhotes faziam caras e bocas, desenrolavam novelos, pulavam nas costas de cachorros, mergulhavam os focinhos em tigelas de leite — mas a mágica não funcionou daquela vez.

Sentiu-se encurralada, sem alternativas. Como se nada além de fugir dali direto para a delegacia pudesse restaurar a normalidade no cosmos.

Quando conheceram o paciente beta — era como o chamavam —, mantido inconsciente em cárcere privado, concluíram que dois milhões não valiam o crime. *Vamos à polícia*, ela disse à noite, no quarto, ao final de um dia em que esmiuçaram as entranhas do rapaz e aplicaram-lhe todo tipo de testes e exames com a ajuda de Simone, a fisioterapeuta.

Hubert assentiu: devolveriam o dinheiro e chamariam a polícia. Para os diabos com Osmar Stabile e seu cliente, o sequestrador decrépito.

Júlia fazia as malas, o que não levaria mais do que vinte minutos, quando notou Hubert interpretando o resultado dos exames do paciente beta na tela do computador. A amostra número três. A fatídica amostra número três, a que mudou tudo. A que ficou pronta naquela noite maldita.

— A gente não pode ir — ele disse, fissurado feito um cocainômano, encarando o monitor sem piscar enquanto ela amassava peças de roupas umas sobre as outras na valise como se não o houvesse escutado.

— Júlia! — ele insistiu, e ela estacou. — Vem ver. As plaquetas, veja! A composição do plasma sanguíneo... Veja! A evolução de uma noite para a outra... É inacreditável, Júlia!

Ela fechou a mala do jeito que pôde. Os olhos orientais umedeceram, a garganta secou.

— Esse homem não está normal — ele falou, com as sobrancelhas arqueadas, e ela compreendeu que a partir daquele momento deixara de ser por dinheiro para Hubert. Nada do que ela dissesse, agora, faria ele recuar um centímetro.

Júlia minimizou o vídeo em que um gatinho amarelo tocava piano sapateando sobre as teclas e deitou o celular no piso frio do banheiro. Não havia saída, precisavam ir até o fim.

Embora odiasse admitir, estava curiosa como Hubert. Queria saber. Quem era aquele paciente cuja morfofisiologia apresentava oscilações inexplicáveis da noite para o dia? Rumo a quê? Um lobisomem? Não, era impossível. Pelo menos, achava que fosse.

Tão impossível quanto fazê-la dormir. Daria tudo por uma boa noite de sono; para não ter de pensar em nada daquilo pelas próximas horas. Para estar relaxada, como Hubert. Tudo.

A médica apoiou as costas sobre a caixa acoplada do vaso, deitou o pescoço e estendeu as duas pernas, fincando os calcanhares no tapete felpudo. Desceu a calça do pijama, dois palmos. O elástico aveludado encostou no assento sanitário. Suspirou, fechou os olhos e escorregou seus dedos longos por cima da lingerie branca rendada, fazendo-os passear pelo tecido até ela umedecer. Não costumava fazer aquilo; considerava uma distração para quem, como ela, devia manter a mente afiada.

Não pensou em nada, só no ato. Mecânico, repetitivo, circular. Logo suas bochechas estavam ardendo e ela desceu a calcinha até fazer par com a calça. Respirava pela boca, baixo, sem fazer barulho. Quando deu por si, pensava em um homem. Não, seria mais correto dizer que ela *via* um homem — e, é claro, ele não era Hubert. Era maior, mais forte. Escuro. Estava longe, mas aproximava-se como uma grande sombra. Aos poucos, os contornos do homem ficavam mais nítidos e os movimentos dela mais rápidos, a respiração entrecortada como se estivesse prestes a explodir. Ele se aproximou dela, e ela pôde enxergá-lo melhor. Não, aquilo não era um homem. Tinha olhos brilhantes como o fogo, e garras afiadas como... Por Deus, ele era...

— Não!

Júlia gritou, assustada, como se houvesse despertado de um transe, e escorregou do vaso para o chão. Levantou-se com agilidade, puxando a calça para cima o mais rápido que pôde. Aquilo precisava acabar. Mais duas semanas. Em duas semanas, estariam longe dali, e ela nem ligava para o que iam fazer com os dois milhões. Precisava dormir e acordar cedo para trabalhar.

Voltou para a cama. Hubert permanecia na mesma posição.

XI

— *Ele está inconsciente.*

A voz de Leonardo sumiu do outro lado da linha, esperando resposta, mas Rica continuou quieto.

— *Eu sinto muito.*

Rica apertou o celular contra o ouvido. Havia estranhado logo de início, quando Leonardo atendeu o celular de Max. Era difícil acreditar no que ouvia. Primeiro, seu Brito... e agora Max, pouco mais de duas semanas depois? Os Bezerra deviam ser amaldiçoados para além da herança do lobisomem porque Léo não sofrera um mísero arranhão!

— Ele vai sobreviver? — tomou coragem para perguntar. Depois de aguardar vinte anos pela volta do Grêmio Valente, pela reunião dos amigos para consertar o passado, não era justo que acabasse daquela maneira.

— *Vai, é claro que vai. O médico disse que serão alguns dias internado, sem receber visita, mas que em breve ele estará com a gente em Piedade.*

Léo soou calmo. O amigo sabia ser frio nos momentos mais difíceis, e ele o admirou por isso. Se estivesse ao volante do carro acidentado, Rica estaria se sentindo culpado. A culpa era sempre sua, afinal.

— Sossega, rapaz! Eu já vou perguntar! — Rica estendeu o braço, afastando o celular.

— *Tem mais alguém aí?*

— O Rafinha quer visitar ele amanhã — Rica driblou o amigo, que o encarava ansioso para saber de Max.

— *Não! Não vai dar, Rica. Diz pra ele que os médicos proibiram terminantemente. Sigam com a jaula, vocês dois... É o melhor jeito de ajudar, acredite.*

— Sobre a jaula...

— *Está indo bem?*

— É sobre isso que eu queria conversar.

Rica coçou a cabeça. Como fariam agora?

— *Ocupem-se dela, sim?*

— Escuta, Léo... Eu liguei para o Max pra contar que foram dois mil reais só em ferro... mas a gente não pode incomodar um acidentado, não é? Acontece que, bem... A verdade é que eu não tenho esse dinheiro, você sabe o que aconteceu com a RiCar. Pensei que o Rafinha tivesse, mas... — Rica lançou um olhar condescendente para o amigo. — O consultório anda fraco de movimento.

— *Eu assumo a dívida enquanto o Max estiver internado, não se preocupe. Depois ele acerta comigo.*

Ótimo! O Rafinha havia lhe dito que não podiam contar com o Léo. Que havia ressentimento da parte dele para com Max. Bobagem. Por que ouvia o Rafinha?

— Obrigado, Léo. Sabia que não ia deixar o Max na mão. Assim que você mandar a grana retomaremos a obra.

— *Me passa os dados por mensagem e transfiro o dinheiro.*

— E mande notícias do azarado do Max, sortudão.

— *Vou para Piedade no final de semana para visitar o meu pai. A gente se encontra pessoalmente.*

Rica desligou e fez um sinal de joia para Rafinha. Léo estava a caminho de Piedade. Talvez trouxesse Max de volta com ele. O Grêmio continuava vivo.

XII

É curioso como a consciência não retorna de uma vez. Não é como se alguém do lado de fora apertasse um botão de liga e desliga.

Primeiro veio o som. Um único: o *bip-bip* constante avisava que ele estava vivo e que algo por perto funcionava da maneira que devia: feito um relógio, sempre do mesmo jeito. *Bip, bip*, de segundo em segundo. Uma máquina, precisa e confiável. O problema era que ela parecia estar ligada *nele*, o que devia significar que ele próprio não funcionava direito.

Semiconsciente, escutou duas vozes. Uma perguntava, a outra respondia. Levaria um minuto ou dois para ele distinguir algum significado. De início, foi como se conversassem em grego.

Tão logo começou a entendê-las (a voz feminina primeiro, que era tímida e precisa), Max abriu os olhos. A imagem chegou turva, borrada. Fazia sentido: se a sua consciência ia e vinha feito um barco galopando ondas de tempestade, subindo e descendo os picos e vales da maré, era natural que o mesmo se aplicasse à sua visão. Sentiu-se pesado. Parecia que um elefante esmagava a sua cabeça, mas não era só; sua própria circulação parecia arrastar-se, viscosa, como se houvessem injetado óleo diesel em suas veias.

Max tentou mover o pescoço para ver quem estava no quarto, mas não conseguiu. A cabeça pesava duas toneladas. Tentou falar, mas só escutou murmúrios e experimentou uma fricção seca entre os lábios. Havia desaprendido?

— Ele acordou — disse a voz feminina. Não falou mais nada depois disso, e o *bip-bip* voltou a reinar.

Max trouxe as mãos para a frente dos olhos. Elas vieram como se estivessem conectadas por cabos de aço a anilhas de ferro. Lembrou-se da máquina de crucifixo da academia do prédio onde morava. Odiava a academia.

Ferindo o dorso das mãos, dois acessos intravenosos. Não conhecia medicina, mas sabia o suficiente para entender que aquelas cânulas serviam para alimentá-lo, ou para administrarem drogas. Uma agulha no braço esquerdo ligada a

um tubo transparente emborrachado sugava sangue vermelho-escuro para dentro da máquina do bip-bip. Estava doando sangue? Era isso? Por que estava ali? Tentou fazer a pergunta, e quase conseguiu. Os lábios umedeceram, e ele babou um pouco.

— Falo com ele, pode deixar.

Uma terceira voz. Chegou nítida. Familiar. Max escutou os passos se aproximando, a porta se fechando e o volume da voz aumentando. Ele estava certo.

— Que susto você deu, Max! Não faça mais isso, nunca mais!

— Léo? — Conseguiu articular uma palavra inteira, a coordenação voltando aos pouquinhos. — É você, Léo?

— Tente não se agitar. — Léo se debruçou sobre o amigo; Max sentiu seus braços sendo gentilmente recolocados sobre o colchão. — Você se envolveu em um acidente. Consegue se lembrar de alguma coisa?

— Não, eu não... Estávamos no meu carro, não foi isso? Você dirigia... eu acho que a gente discutiu...

Vidro? Vidro blindado estilhaçando feito teia de aranha, sangue fresco escorrendo pela testa.

— ... Mas não tenho certeza.

— Faça um esforço, é importante.

— Eu não lembro. — O vidro e o sangue se fundiram em um borrão vermelho refletivo, e ele só conseguiu se recordar do cheiro seco de poeira acumulando em suas narinas, tão diferente do de éter que farejava agora.

— O carro caiu em uma vala, do lado do passageiro. Você bateu com a cabeça na janela e teve um traumatismo craniano.

— Onde estou, Léo?

— Isso aqui é um hospital público. O resgate nos trouxe pra cá. Como vê, eu já tive alta.

— Isso... — Tentou levantar o pescoço mais uma vez, mas continuava impossível. — Faz quanto tempo?

— Quatro dias.

— Quatro dias?! Preciso ir embora. A Brasitel, Léo... Não posso ficar aqui. A jaula... — Ele souou ao lembrar da jaula e tentou arrancar o acesso das mãos, no que foi prontamente impedido por Léo, que segurou o seu braço como se fosse feito de espuma. — Fernanda... — Max olhou nos olhos de Léo ao falar o nome dela. — Você entende... Eu preciso sair daqui.

— Estou cuidando de tudo, não se preocupe com nada, você não pode se estressar. Preocupe-se apenas em ficar melhor para poder ir embora, já está no hospital há tempo demais. Vou tirá-lo daqui, prometo. — Léo se aproximou, olhou para os lados e sussurrou: — Antes da lua cheia.

— Não sei como agradecê-lo, Léo — Max disse, percebendo seu corpo anestésiar. Sentiu a droga queimando no acesso, subindo pelas veias. Uma nova dose, mas por que exatamente? O que ele tinha?

Léo colocou um celular na frente dele. Disse algumas palavras que ele não entendeu, mas que soaram casuais, amigáveis. Depois, olhou para ele.

— Max. Aqui, Max, olhe. Mande um recado para o Rica e o Rafinha.

Max arriscou algumas palavras antes que elas virassem murmúrios, e ficou com medo delas terem saído desconexas. Pensou ter pedido aos amigos que o aguardassem e terminassem a obra na edícula, que ele estaria de volta assim que o liberassem. Pelo menos, foi o que ele se lembrou.

Léo continuava ao telefone.

— *Ele está se recuperando, mas...* — ouviu. — *...Não é grave, o médico disse que...* — De novo, um clarão. — *...Continua sem receber visitas.*

Léo pediu que ele gravasse uma mensagem para Fernanda. Pensou ter dito algo, mas não tinha certeza. O quarto havia se transformado em uma cabine náutica de novo, adernando de um lado para o outro como no barco viking do parque de diversões. A tempestade era selvagem, incontrollável. Os pingos d'água queimavam.

A dona da voz feminina entrou, mas ela estava fora do seu campo de visão. Ela mexeu na máquina, ou ele adivinhou que ela mexeu. O bip-bip sumiu. E, então, ele apagou.

XIII

São Paulo.

Cafeteria Café Imperial.

Leonardo estacionou em fila dupla, com o pisca-alerta aceso; ligou o ar-condicionado em dezoito graus e ficou arranhando o volante de couro por vinte intermináveis minutos.

Viu Fernanda desembarcar do táxi e entrar no Café Imperial vestindo um moletom amarelo solar. Trazia os cabelos amarrados em coque, e óculos escuros enormes e redondos que contrastavam com o rosto magro de traços finos e retilíneos. Estava de novo morena, como quando ele se apaixonou por ela no ginásio, mas não ficou especialmente contente por isso.

Léo reduziu o termostato mais um pouco. Quinze graus. Ela sentou-se em uma mesinha na calçada e mexeu no celular. Riu sozinha de alguma coisa na tela. Dava para ver os seus dentes brilhando do outro lado da rua.

Conforme o combinado, Léo esperou a atendente retirar com discrição o cone que guardava a vaga em frente ao café e estacionou o seu Mercedes prata recém-tirado da concessionária, cheirando zero quilômetro.

Queria fazer uma entrada triunfal. Para garanti-la, fora mais cedo ao café e dera cem reais de gorjeta para a garota reservar a vaga em segredo. Sentiu-se um idiota por isso, mas tinha esperança de que funcionasse — e, se funcionasse, teria valido a pena.

— Você não mudou nada, Fer. — Ele puxou uma cadeira e sentou-se à frente dela. — Faz tanto tempo...

— Você também não, Léo — ela disse, abrindo um sorriso enigmático. — Continua mentiroso. Exceto pelo fato de que faz tempo, mesmo. Como você está?

— Já pediu?

— Estou sem fome.

— Um expresso, por favor. — Do balcão, a garçonete assentiu com a cabeça, anotando o pedido em um bloquinho de papel. — Vou bem, Fer, muito bem. Nunca estive melhor, na verdade. — Léo descansou os braços sobre a mesa,

revelando o relógio de pulso *Cartier* modelo “fases da lua”, um mimo de mau gosto que ele havia se permitido em visita à joalheria. — E você? Aposto que tão bem quanto eu.

— Não sei se colocaria dessa maneira... — Os pés dela trepidavam feito batedeira através do tampo de vidro da mesinha. — Desculpa, Léo. Não nos vemos há tanto tempo, e não quero parecer grosseira. Gostaria de verdade de colocar a conversa em dia... mas você se importaria de irmos vê-lo agora? Logo vai escurecer, e meus pais me aguardam à noite em Piedade. Você sabe como eles são, não sabe? Podemos deixar o café pra outra ocasião, o que acha?

— É melhor pedir, Fer. Trago más notícias. As visitas para o Max foram canceladas até segunda ordem.

— Canceladas? Você disse que íamos vê-lo juntos! — As pupilas dela faiscaram.

— Isso foi ontem. Ele voltou ao isolamento hoje.

— Ele piorou... — Fernanda disse, murchando, o que serviu para aguçar os ciúmes dele.

— Não, ele não piorou. O médico disse que é precaução. Ele bateu a cabeça, eu te disse. Não pode se estressar, e talvez você saiba como é o Max. Não consegue desligar, se agita com qualquer coisinha. Precisaram sedá-lo para ele descansar.

— Você podia ter avisado pelo telefone.

— Ele mandou um vídeo pra você, eu queria mostrar.

Léo apertou o *play* no celular e Max apareceu enfiado em um avental cirúrgico, com os olhos fundos, respirando entrecortado e com um curativo gigantesco em volta da cabeça. Parecia abatido como um doente terminal.

— *Fer? Você está aí? Eu não quero te morder, não quero... Não sou igual ao Brito, Fer. Conta pra ela, Léo.*

— Depois disso — Léo recolheu o celular de modo teatral, como um mágico desviando a atenção da plateia para o truque —, fica ainda mais *nonsense...* e ele desmaia.

— Ele parece mal — ela disse, enrugando as linhas do rosto em ângulos impossíveis.

— Não é tão grave quanto parece. Ele está delirante. Não quis mandar o vídeo por mensagem, podia te assustar; e é um pouco chocante, de fato. Como

você disse que estava em São Paulo e fazia questão de visitá-lo, preferi dar a notícia pessoalmente.

— Quando ele sai?

— Questão de semanas, no máximo.

— Semanas? Max não pode passar *semanas* no hospital.

— É uma estimativa. Um limite. Não chega a tanto.

Fernanda acenou para o balcão. Queria fazer um pedido.

— Obrigado por ajudá-lo, Léo. Ele não tem ninguém além da gente.

— Não sabia que vocês eram tão próximos.

— De certo modo, somos.

— Não eram no colégio.

— Sempre se é próximo em Piedade, de um jeito ou de outro; e nunca se sabe a impressão que a gente causa no outro.

— Consigo imaginar.

— Você trabalha para ele, não?

— Mocinha, um daqueles cestos de pão de queijo, por favor. — Léo apontou para a mesa ao lado. — Um capuccino pra você, Fer, acertei?

— Pode ser.

Leonardo queria beliscar o próprio braço. Um encontro com Fernanda Bruni, a sua obsessão... O seu amor platônico de adolescente! Quando foi que a sorte resolveu lhe sorrir daquela maneira? Quando? Chegava a ser difícil de acreditar, como se a realização daquele sonho fosse um mau presságio.

— Não respondeu à pergunta — ela retomou, interrompendo o seu monólogo interno.

— Não trabalho mais. O dia do acidente foi o meu último.

— Algo melhor?

— Por que diz isso?

— O carro, o relógio... Max pagava bem, imagino.

Ela havia reparado, conforme o planejado, mas não parecia impressionada. Comentou em um tom casual, descritivo e, ele achou, quase irônico. Léo encolheu. Sentiu-se fantasiado. O sedã alemão, o Cartier no pulso, a malha fina de cardigã, aquilo tudo não lhe vestia com naturalidade. Parecia emprestado.

— Isso não tem a ver com o Max.

— Com o emprego novo, então.

— Prefiro não falar sobre isso, Fer, se não se importa.

— Claro que não.

— Não foi só para dar notícias do Max que eu marquei com você em frente ao hospital.

— Não?

— Foi pra te dizer que... Bom, não dizer; convidar, na verdade...

— Desembucha, Léo. Você ganhou o tempo da visita, mas continuo com horário pra voltar para casa.

— Você quer sair comigo?

Ela desviou o olhar e suspirou. Depois, olhou bem no fundo dos olhos dele.

— Estou me divorciando, Léo. Não estou com cabeça pra sair com ninguém.

— Nem com o Max?

— Isso não é da sua conta.

— Claro, me desculpe. Eu sei que não é.

— Ele é um amigo...

— Não precisa explicar — ele interrompeu.

— O Max me ajudou, fez eu me lembrar de quem eu era. A gente saiu pra jantar e... Ele é um cara inteligente, Léo. Brilhante mesmo, sempre foi. Do tipo que pode me ajudar a descobrir o que eu quero da vida.

Léo não acreditou, mas ficou quieto. Por que ela não admitia?

— E tem mais, ele gosta de outra.

— Max? Eu duvido! — Léo jogou o corpo para trás e sorriu nervoso, empinando um pouco a cadeira.

— Renata.

— Renata? Não creio que seja o caso, Fer. Se você soubesse o que ele fez com ela...

— Não parou de falar na garota enquanto jantávamos; e eu acho que posso ajudá-lo em troca. O Max não conhece a alma feminina. Não mesmo! — Fernanda riu e se formaram duas covinhas no canto de seus lábios.

Max gostava de verdade da Renata? Será? Por que, então, se comportou daquele modo com ela? Talvez o lobisomem estivesse mexendo com a cabeça dele. Max mudara desde a morte de Brito. Ficara instável e imprevisível, movido pelas emoções como nunca antes.

— Se eu puder te ajudar com algo, Fer... Qualquer coisa.

— Qualquer coisa?

— Claro.

— Pode dar entrada no meu divórcio. Quer? — ela brincou.

— Eu quero, sim. — Léo se adiantou, colocando as mãos sobre a mesa. — Não pessoalmente, digo... Não é a minha área, mas posso te indicar uma pessoa.

Fernanda agradeceu e se levantou. Léo deixou duas notas de vinte sobre a mesa e acompanhou-a até o ponto de táxi na esquina.

— Apareça quando estiver em Piedade e colocamos a conversa em dia — ela disse, antes de entrar no carro. E ele apareceria, era claro que apareceria.

Quando ela sumiu no trânsito, ele se pegou pensando em Max. Então ele não queria Fernanda. O amigo era mais complexo do que ele imaginava, e estava há quase uma semana aprisionado na mansão de Tobias. Quando Léo vendeu o amigo de infância — porque foi isso o que ele fez — fora por um dia ou dois. Fora por um exame de sangue. Mas por que ele continuava detido?

Léo pensou no Max Bezerra do Grêmio Valente. Quanto daquele garoto ainda existia no empresário rico e amaldiçoado? Porque, se havia algo, como pôde traí-lo?

XIV

Simone descrevia semicírculos amplos com as mãos, que culminavam em uma pinçada de dedos semelhante a um gentil beliscão. Terminava de massagear os ombros do velho Tobias, estirado de bruços na maca, quando olhou pela janela gradeada do escritório e se arrepiou com o que viu.

O fim de tarde caíra de uma só vez, como se uma sorrateira nuvem negra houvesse se posicionado de surpresa entre o sol e a mansão. A iluminação do cômodo, uma lâmpada solitária de quinze watts, não dava conta de vencer a penumbra. Opção do patrão: de uma semana para a outra, ele passara a se dizer fotofóbico, o que ela achou bastante esquisito.

O rosto de Tobias, afundado no colchão de espuma, emergiu no espelho de parede como um monstro marinho subindo à superfície; ele estampava nos lábios um esgar malicioso. Receosa, ela intensificou o ritmo, apertando com força os deltoides do idoso, que não reclamou. Apenas gemeu baixo, quase indiferente.

Simone não entendia o progresso do paciente. Há dez dias, o bastardo estava entrevado como sempre estivera desde que começaram o tratamento, há quatro anos. O trabalho dela (ou, pelo menos, o modo como ela o entendia no caso de pacientes como Tobias) era retardar e atenuar. Atrasar a ação do tempo sobre aquela carcaça — *Deus me perdoe!* — odiosa e decrépita.

O fato era que Simone se arrependera de sua escolha, e prova disso era a úlcera gástrica que lhe corroía o estômago desde a manhã em que Osmar Stabile a escoltou até a copa e depositou em suas mãos um envelope sem nada escrito. *Por que o demônio é sempre um advogado?*

O envelope era gordo como uma pochete bem cheia, e quando ela o rasgou estava recheado com dinheiro vivo. Havia mais notas de cem ali do que ela vira em toda a sua vida. Mais notas do que poderia contar. Precisou confiar na palavra de Stabile de que ali, naqueles maços embrulhados com tiras coloridas, havia trezentos mil reais.

Enquanto admirava a pilha de cédulas de cem e duzentos, Stabile sacou da maleta uma pasta de plástico transparente com os contratos de anuência e

confidencialidade e os atirou sobre a mesa. “Você precisa decidir agora”, ele disse, “ou ofereço a outra pessoa”.

Simone não demoraria para se dar conta de que o advogado havia contratado mais do que seus serviços profissionais. Ali, na copa, ele alugou a alma dela pelas três semanas seguintes. Ao menos pagou bem: trezentos contos para auxiliar o casal da Unifesp era grana demais para recusar.

Nunca ouvira falar em Hubert Ruas ou Júlia Akemi, mas uma pesquisa rápida no celular mostrou que eram para valer: cientistas renomados, referências em seus campos de pesquisa. Além do mais, simpatizou com a carinha dos médicos nas fotos do *LinkedIn*. Se o casal, que tinha muito a perder, embarcara naquela loucura, por que ela, que não tinha nada, ficaria de fora?

Alguns dias depois, descobriu que auxiliar Hubert e Júlia era mais simples do que imaginava. Os dois passavam instruções claras, e ensinavam o trabalho da enfermagem. Cuidar do paciente beta, um jovem adulto quase sempre inconsciente, não era exatamente desafiador.

A pior parte era ter de morar ali. Ficar disponível vinte e quatro horas por dia era o seu trato — e, como ficou sabendo, o trato dos médicos também. Quando o casal a dispensava, perto das dez da noite, Simone ia para a sua suíte descansar. Trancava a porta, assistia a filmes na televisão ou lia romances no tablet. Só não dormia. Dia sim, dia não, Isabel vinha chamá-la para as sessões de fisioterapia de Tobias, que, a pedido de Júlia, intensificaram-se desde o início daquela misteriosa operação clandestina.

Quando a missão terminasse, queria esquecer daquela história. Do jovem sequestrado e dopado no segundo andar; do sangue dele transfundido diariamente para Tobias; dos experimentos no laboratório anexo; do leito com amarras de contenção suficientes para imobilizar um rinoceronte. Stabile omitiu tudo aquilo, mas quem paga trezentos mil reais por algo legal?

Ninguém, sua boba. Agora torça pra que não te levem presa.

Simone mentalizou Barcelona, a cidade que povoava seus sonhos desde criança, mas que nunca tivera condições de visitar. Com o dinheiro, passaria o ano turstando na Catalunha. Não o ano todo, claro. Diziam que havia tanto para se ver por perto. Depois do crime e da úlcera, porém, pensou que o máximo que o ano sabático em Barcelona poderia proporcionar era fazê-la esquecer do que fez, viu e ouviu na mansão de Tobias Muller.

— Sente-se melhor?

Ela sabia a resposta, e sabia que não tinha a ver com a sua massagem. Ainda assim, perguntou. Tobias saltou da maca, aterrissando no chão feito um moleque travesso. Disse que nunca havia se sentido tão bem, ou algo do gênero. Ela não prestou atenção às palavras, não faziam diferença. Aconteceu, porém, que Tobias se levantou rápido demais. Seu joelho estalou e ele procurou apoio na cabeceira, parecendo sentir uma leve tontura. Estava mais forte, mais flexível e disposto, mas a verdade era que continuava um homem velho. A demonstração de fraqueza intrigou Simone, que o mediu de cima abaixo, indecisa sobre a real potência do seu paciente.

Sem acusar o golpe, Tobias abaixou o calção e a cueca de costas para ela, sem pudores, exibindo as nádegas caídas. Ela viu, pelo reflexo no espelho, a expressão de lascívia em seu rosto. Havia algo demoníaco naquele semblante, algo que ela não saberia explicar o que era. Cerrou os punhos, aterrorizada. *Sou mais forte que ele! Juro que sou!* Tobias apanhou a roupa social no mancebo e começou a se vestir sem pressa, dispensando a cueca samba-canção e assobiando enquanto abotoava a camisa.

Simone crispou os dedos contra o eletroestimulador. O aparelho não era maior do que um telefone celular, mas um golpe bem dado na cabeça faria estrago.

O velho olhou para ela e sorriu, podia intuir o seu medo e as suas intenções. Sim, havia algo nele, não era imaginação dela. Algo novo e *estranho*, que flertava com a selvageria e a insanidade. Seu coração amontoou por baixo do jaleco branco, e ela começou a recolher os equipamentos de trabalho sobre a mesa de apoio — o ultrassom portátil, o aparelho de pressão e o martelo de buck. Enquanto o fazia, teve um pressentimento terrível. Quis fugir dali, correr para a rua e nunca mais voltar.

Não foi necessário. Isabel entrou no quarto, cabisbaixa, com os dedos das mãos entrelaçados e a voz vacilante.

— Doutor Tobias, telefone para o senhor.

Terminou de organizar a maleta de trabalho. Antes de voltar para o seu quarto, viu Tobias atender a extensão do telefone fixo no escritório. O coração diminuiu o ritmo, mas o mau presságio continuava real e próximo, como se fosse outra pessoa no cômodo.

— Me perdoe, Osmar, você estava absolutamente correto. Obrigado por ter me chamado à razão.

Em quatro anos, nunca ouvira um pedido de desculpas da boca do velho.

— Venha para a minha casa, sim? Tomaremos um uísque juntos e você me ajuda a desfazer esse mal-entendido, o que me diz?

O advogado respondeu alguma coisa do outro lado da linha, mas não deu para ouvir. O maldito advogado, o patrocinador dos seus pesadelos.

— Obrigado, amigo. O prazer será todo meu.

XV

Piedade.

Residência de Nonato Andrade.

*Lasanha?! Léo odiava lasanha. Especialmente aquela, desmilinguida, com três camadas de presunto. Era como morder um misto quente, mas sem o pão, o que queria dizer que a lasanha feita por Joana conseguia ser pior do que um reles misto quente. Odiava mais ainda que o pai sequer soubesse das suas preferências, e que houvesse escolhido justo aquele prato *maledetto* para o almoço em que apresentaria Joana oficialmente para ele. Dona Vivian sabia que ele não gostava de lasanha.*

Léo estacionou o Mercedes prata modelo C-200 na garagem, e não na rua, como sempre fazia. O pai pirava nos carros da marca alemã, embora jamais tivesse entrado em um. Convidou Nonato para conhecê-lo por dentro, e ele foi, ressabiado. Mostrou a central multimídia, o sistema de som, o banco com aquecimento e massagem; depois, tirou do bagageiro o vinho *Permassimo*, tinto e encorpado, de dois mil reais a garrafa. O pai gostava de vinhos; nunca havia comprado uma garrafa de mais de cem reais, mas lia a respeito, assistia a vídeos de enólogos na internet e tinha um aplicativo no celular que dizia o preço e as características de cada rótulo.

Para Joana, Léo trouxe uma bolsa da Gucci. Ela agradeceu, toda contente. Disse que amou a bolsinha tiracolo e que iria usá-la todos os dias no lugar da atual, que estava desbotada. Léo teve certeza de que nem passava pela cabeça dela que a pequena bolsinha bege custasse sete mil reais. A senhora baixinha e bochechuda que namorava o pai combinava com ele — o que não consertava a lasanha.

Nonato desconfiou, é claro que desconfiou. Não era besta. Do carro, do vinho, da bolsa. Evitou o assunto de primeiro porque, Léo pensou, não queria brigar após anos de um distanciamento afetivo quase crônico. No entanto, ao final do almoço, depois do doce de abóbora insosso e do café — este, sim, coado e forte

como Léo gostava —, o pai não se segurou. Chamou o filho de canto, no sofá da sala, e perguntou de onde vinha o dinheiro.

Léo mentiu. Que podia dizer? Mentir era a consequência da barganha e, embora não estivesse confortável em mentir para o pai, estava preparado. Inventou uma proposta de emprego irrecusável, como fizera com Fernanda.

Nonato pareceu surpreso (pareceu? ou era coisa da sua cabeça?), mas parou de perguntar. Talvez estivesse tão feliz com Joana que não quis desconfiar. Disse que estava orgulhoso. Confessou (brincando?) que duvidara de que o filho venceria na vida, mas ele venceu, claro que venceu; porque Léo era filho dele, e o filho do prefeito Nonato não podia ser um perdedor. Vencer estava no DNA dos Andrade.

O discurso do pai o enjoou mais do que a lasanha. Quis contradizê-lo, defender-se, dizer que não era bem assim, que nunca fora um perdedor — mas como fazer isso, se nem ele acreditava? Resolveu calar-se. Aquela conversa poderia esperar um pouco. Algumas semanas, pelo menos.

Era cedo, mas ele queria ir embora. Ao final da tarde, prometera visitar Rica e Rafinha, a desculpa ideal para não continuarem a conversa no sofá.

— Vem chuva forte — disse, ao tirar a almofada de cima do colo e apoiar as mãos nos joelhos. — Preciso ir andando.

— Quando volta pra São Paulo, filho?

— Amanhã.

— Achei que fosse ficar mais.

A falta de intimidade entre eles fazia o lamento, mesmo sincero, soar desconfortável.

— São os negócios, pai. Não posso passar tempo longe.

— Negócios, como a política, vêm em primeiro lugar. — Nonato levantou a bunda do sofá com um gemido de esforço. — Janta conosco? Vou fazer fígado.

Odeio fígado.

— Combinei com os rapazes, desculpe... vamos pedir uma pizza.

— Jante com eles, claro. Vai ser divertido. Você quase não vê a turma, não é? Aposto que deve visitá-los ainda menos do que o coroa aqui.

Léo tirou o carro da garagem e viu seu pai se despedindo pelo retrovisor. Não se sentiu vitorioso. Aquele momento havia custado caro demais; havia traído os únicos amigos verdadeiros que tivera na vida pela vitória em um jogo que não deveria estar jogando.

Por que precisava tanto da aprovação do pai? Por que não podia ser Leonardo, apenas, sem precisar impressioná-lo? Não se conquista ninguém às custas de um crime nas costas.

XVI

O grande cômodo branco onde Hubert passava os dias e as noites ficava entre o aposento do casal e a suíte de Simone. Uma bancada larga de madeira, encostada na parede, cobria toda a extensão do laboratório improvisado. À frente dela, dois refrigeradores, um branco e um vermelho, funcionavam em silêncio; no menor, o visor digital indicava quatro graus celsius. Ali guardava, com extremo zelo, bolsas de sangue em ampolas etiquetadas.

Desde que descobrira o espetáculo noturno do plasma fervilhando, vivo, nas amostras colhidas do paciente beta, passava as madrugadas no laboratório, anotando as transformações nos componentes do sangue do beta e de Tobias Muller. Ali, nenhuma noite era igual à outra; nenhuma anotação se repetia. Havia sempre dados novos, evoluções inesperadas; hipóteses confirmadas e refutadas. Toda noite era Natal naquele inesquecível mês de julho.

Hubert esquadrinhou, fascinado, o par de lâminas no microscópio eletrônico. Como uma criança à espera do Papai Noel, checou as horas no relógio de pulso. Era meia-noite, o ápice pontual e absoluto do fenômeno, e o hematologista não sentia sono algum. Nem do café preto passado no coador, companheiro dos primeiros dias, precisava mais.

Quando as transfusões começaram, então... Aí, sim, foi que dispensou qualquer estimulante. Quem, além dele no mundo, dispunha de um objeto de pesquisa de semelhante grandeza? *Ninguém!*

Lembrou-se de que, no início, estivera reticente. O efeito das transfusões era imprevisível, e um bom cientista era obrigado a tomar precauções. Mas o velho insistiu, e Hubert cedeu. Era para isso que estavam ali, não era? Dispensarem os padrões éticos e metodológicos das pesquisas acadêmicas, que simplesmente não serviam para situações extraordinárias como aquela.

A esposa foi contra seguirem adiante. *Júlia é medrosa, precisa de um empurrãozinho.* Mas ela própria se surpreendeu ao constatar que, em questão de horas, as transfusões produziam o efeito desejado. O sangue de Tobias emulou, com sucesso, o do beta e começou a produzir os lunócitos: as estruturas compridas

e tubulares que dançavam e brilhavam na lente aumentativa do Hitachi 3600 como dezenas de milhares de vagalumes microscópicos.

Hubert escolhera o termo "lunócitos" ao observar o efeito da radiação lunar sobre as células recém-descobertas. O mito do lobisomem era real! Ele, Hubert Ruas, descobrira a sua origem e estava prestes a descrevê-la em bases científicas. *Que privilégio, Júlia!* As novas células eram diferentes de tudo o que ele, ou qualquer hematologista, havia visto ou lido a respeito.

Seus pelos da nuca arrepiavam todas as noites aos primeiros sinais de vida dos lunócitos. Era como estar diante de estruturas alienígenas. O lado supersticioso do médico, desconhecido para ele até antes do contato com o paciente beta, chegava a pensar que os lunócitos fossem capazes de rachar o vidro da lâmina e das lentes, subir pelas hastes do microscópio e perfurar os seus dois olhos, contaminando-o com a marca do lobisomem. *Concentre-se, Hubert... Isso nunca vai acontecer.* O receio vinha do fato de que não sabia como os lunócitos funcionavam.

Ninguém sabia.

Suas anotações de campo eram tão somente descritivas; suas linhas primárias de investigação, pueris. Aquele era o trabalho de uma vida — a sua vida — ao qual se dedicaria depois de rasgar em pedaços o acordo de confidencialidade assinado com Osmar Stabile. O mundo merecia aquele conhecimento; a divulgação das suas descobertas estava acima de acordos particulares, ou da sua própria palavra empenhada. Além do mais, não era difícil imaginar que a palavra dele depois dos lunócitos — a palavra do Professor Doutor Hubert Ruas — teria outro peso.

O que Hubert conseguiu aferir desde o começo — e, sobre isso, estava seguro — foi que a partir da primeira semana após a aparição dos lunócitos eles diminuíram drasticamente no sangue dos pacientes.

Na lua nova, foi como se estivessem mortos, o que deixou o médico profundamente deprimido. Ficaram indetectáveis no plasma, e Hubert temeu que o paciente beta e Tobias houvessem se livrado para sempre daquele corpo estranho.

As observações da esposa a respeito da fisiologia dos pacientes corroboravam a tese. O paciente beta começara a demorar para responder à medicação. A dosagem dos sedativos teve de ser diminuída para a de uma pessoa normal — o que o intrigava, porque durante a lua minguante o beta assimilara dosagens de benzodiazepínicos capazes de derrubar um elefante. Do mesmo modo, o desenvolvimento morfofisiológico de Tobias Muller cessara no decurso da lua nova — embora, ao menos, não houvesse regredido.

Em resposta, alterou o protocolo para transfusões de 200ml/dia; e formulou a hipótese do “espelhamento fantasma”: o efeito dos lunócitos diminuiria pela metade quando a mesma linhagem genética circulasse em organismos distintos.

Fazia, de fato, algum sentido: os lunócitos do beta encurtavam e achatavam horas após as transfusões, como se, de algum modo, estivessem cientes da partição; e os de Tobias, mesmo aqueles aparentemente novos e autogerados, jamais adquiriam o tamanho original dos lunócitos do doador.

O médico tabulou as informações, plotou os dados em complexas curvas metabólicas e rodou as simulações em computador com base nos hemogramas dos pacientes e nos experimentos liderados por Júlia. Temia que a transformação estivesse comprometida, e que nada fosse acontecer a Tobias na próxima lua cheia por absoluta falta de potência metabólica. Isso seria uma tragédia!

O ritmo das transfusões precisava aumentar, o que não podia ser feito porque o beta não suportaria doar mais; nem Tobias seria capaz de assimilá-lo. Talvez, apenas talvez, não houvesse lunócitos suficientes para dois lobisomens, e nesse caso restaria, apenas, a segunda hipótese de transmissão e contágio — a hipótese mitológica, como ele gostava de chamar, de que a transmissão ocorresse pela saliva associada à mordida do lobisomem. Mas como reproduzi-la com segurança?

Apesar das dúvidas e receios, estava animado naquela noite fria. Mal piscava, e teve de pingar três gotas de colírio em cada olho para aliviar o ressecamento provocado pelo ambiente gelado e esterilizado do quarto-laboratório.

A imagem de uma moeda surgiu na mente de Hubert; ele jogou cara e coroa com ela. Talvez os dois sujeitos estivessem prontos para se transformar; talvez, morressem. Se havia uma quantidade certa para fazer aquilo funcionar, ele não fazia ideia de qual era. Mas isso ele não podia dizer para Júlia, para o beta ou para Tobias. Não podia compartilhar as suas incertezas com mais ninguém. Aquela loucura precisava continuar, e os envolvidos deviam acreditar que ele sabia o que estava fazendo. Precisava documentar o lobisomem, entendê-lo, explicá-lo. Precisava vê-lo!

Com os olhos arregalados sob a lente do Hitachi, salivou. Observando o brilho prateado que partia da amostra, imaginava de que forma contrabandearia as bolsas coletadas além do necessário guardadas no refrigerador.

XVII

Leonardo admirava a chuva trovejando contra o vidro. As gotas grossas e pesadas castigavam o para-brisas feito pedras de granizo, como se estivessem prestes a estilhaçá-lo em cima dele. Não se lembrava de uma tempestade como aquela em julho, o que o deixou em dúvida sobre se ela ia acabar logo. As tempestades de verão em Piedade costumavam ir e vir sem aviso. As de inverno, ele não sabia dizer.

Em meio à chuva torrencial, era Max quem lhe atormentava o espírito. Deveriam ter sido dois dias; três, no máximo. Não que houvessem combinado: estimara os prazos com base no que imaginara razoável para a bateria de exames que o velho disse que faria; mas é claro que Léo não era médico. Se assentiu, foi porque não se importou, e isso fazia dele o maior filho da puta da paróquia.

Com a conta recheada pelo adiantamento, a Mercedes na garagem, as roupas de grife e o Cartier no pulso, que direito tinha de sentir remorso?

A chuva cedeu um pouco, e ele considerou que poderia atravessar a calçada até a casa do Rica e tocar a campainha. Mas e o sapato de couro? Ia encharcar. Melhor aguardar a drenagem escoar a água para a boca de lobo, onde um redemoinho de sujeira, galhos e folhas girava sem parar.

Léo acionou o aquecimento dos bancos e programou a temperatura ambiente para vinte e oito graus. Sentiu a bunda esquentar. Uma brisa quente soprou das saídas de ar.

Sentir-se mal a respeito de Max não tinha repercussão prática. Tobias Muller jamais mudaria de ideia. O velho estava obcecado com a ideia do lobisomem porque a vida dele dependia de acreditar no poder do monstro. Quem desistiria nessas condições? Além do mais, não cabia ao vendedor arrepender-se da venda, não era como as coisas funcionavam. Transações não eram desfeitas daquela forma, não no mundo de Tobias. Por outro lado, a quem recorrer senão ao velho? Se fosse à polícia, o único modo de consertar aquilo do jeito certo, a coisa toda ia sujar para ele também. *Não escale a situação, Léo, contenha-se!*

Lá fora, a chuva voltou ao ápice da força. Léo acendeu um cigarro e tragou com vontade. Já nem tossia, estava ficando bom naquilo, em sentir a nicotina indo direto para o cérebro, ajudando-o a raciocinar.

Há uma semana não visitava Max, e era vergonhoso admitir que aparecera na mansão duas únicas vezes para falar com Tobias e a doutora Akemi — o outro, o tal de Hubert, pouco conversava.

Havia um bom motivo para justificar as visitas. Um motivo que Tobias era capaz de entender e aceitar: a outra metade do dinheiro. Mesmo assim, apesar do acesso à casa, evitava o amigo... mas por quê?

Seria tão melhor fingir que Max não era problema seu... Pena que não dava; e o diabo era que crescia dentro dele a certeza de que o amigo passaria a lua cheia na mansão. O doutor Hubert não dissera nada a respeito, mas era óbvio que, para um sujeito prático como parecia ser o médico, exames clínicos não seriam suficientes. Hubert queria ver a fera *in loco*, e parecia acreditar na transformação tanto quanto ele, que viu a besta atacar o Carleto.

O médico faria questão de ir até o fim, como Tobias. E se, ao final, os dois decidissem que não precisavam de Max Bezerra vivo para contar a história? Ou que a sobrevivência dele era secundária diante da transformação de Tobias? E se o assassinassem na mansão? Nada disso estava no acordo. Era em Piedade que Max deveria estar na lua cheia, por isso Léo voltou à cidade natal; para os preparativos da jaula. Um lobisomem à solta por São Paulo não podia acontecer.

A luz da sala acendeu. Viu Rica na janela, com o Rafinha ao seu lado, acenando. Não viriam resgatá-lo, os filhos da mãe. Os sapatos de couro que se danassem, estava na hora de se molhar. Abriu a porta do carro e andou até a casa.

— Entra, Léo — Rica abriu uma brecha da porta. — Tá chovendo.

— Não brinca — Léo disse, ensopado da cabeça aos pés. Rafinha riu, e Léo teve vontade de torcer os seus mamilos, como faziam um com o outro quando brigavam no primário.

Os três atravessaram a casa, da sala à área de serviço, e cruzaram o jardim dos fundos. A ventania espalhou a armação das sombrinhas da mãe do Rica, deixando-as com o aspecto de antenas de TV retorcidas embrulhadas em náilon. Torceram as camisetas antes de entrar na jaula do lobisomem.

O quarto da edícula sofrera uma mudança radical. Léo havia subestimado os dois gremistas; estava diante de um trabalho e tanto. O cômodo era escuro e lúgubre, mas as chapas de ferro sob o batente estavam bem soldadas, e mesmo a vedação sonora impressionava.

Quando a porta fechou atrás deles, foi como se o mundo exterior houvesse desaparecido e eles tivessem sido sugados para o interior de um grande e aconchegante pufe de espuma. Lá dentro, sequer ouviam a chuva. Aquele trabalho todo dos amigos não merecia acabar em vão.

— E então? — Rica deu três passos pela adentro, até o centro do xadrez.

— Está ótimo. — Léo juntou-se a ele, os dois sob a nova e comprida lâmpada de LED protegida por uma grossa barra de ferro, e colocou a mão em seu ombro. — E não estou falando por falar...

Léo esquadrinhou o cômodo uma segunda vez, admirado. Viu uma porção de pacotes amontoados em um canto.

— Por que o sal grosso?

— Esquece isso, são pro meu pai. Ele curte um churrasco no domingo.

— Ficou uma senhora jaula, não ficou? — Rafinha, estufou o peito. Dava para ver no rosto do amigo que orgulho era um sentimento com o qual ele não estava habituado.

— Está realmente ótimo... Vocês estão de parabéns.

— Podia ter ajudado, sabe disso — Rafinha complementou, e Léo detectou um tom de ressentimento em sua voz.

— Eu estava com Max no hospital, como disse a vocês. Ajudei de outro jeito. Também conta, não?

— Conta, é claro. — Rica inspecionava a manta acústica grampeada na parede. — O Rafinha só está preocupado, não é?

— Ele precisa voltar, Léo. Faltam duas semanas. Ele *tem* que receber alta o quanto antes.

— Estou ciente.

De repente, a jaula pareceu claustrofóbica para Léo. Ele notou a espuma de poliuretano colada nas paredes. Cheirava a plástico. O material, ao mesmo tempo em que rebaixava o teto, aquecia o cômodo como um grande forno industrial. Na porta, as barras de ferro aparentes conferiam um aspecto hostil que o silêncio cuidou de amplificar. Era tão quieto que dava para ouvir o pensamento alheio.

— Não está dando certo, está? — Rafinha falou, e Léo percebeu que os dois estavam mais tensos do que aparentaram ao telefone ao longo da semana.

— A gente precisa tirar ele... — Rica falou grave e pausado, em um tom que não combinava com ele. — De um jeito ou de outro, se é que me entende.

— Não acho que entendo.

— Um resgate? Um sequestro? Uma ação judicial, que seja — disse Rica.

— Você é o advogado da turma.

— Precisamos de um plano pra tirar ele de lá. É o que o Rica quer dizer.

— Deixem isso comigo. Eu posso resolver sozinho.

— Pode mesmo?

Quando foi que o Rafinha deu pra fazer perguntas com deboche?

— Você parece nervoso, Léo — disse Rica.

— Eu *estou* nervoso. Qualquer um estaria.

— Tem algo que a gente precisa saber? — Rica encarou Léo.

— Apenas se essa tranca vai aguentar. — Léo apontou para a fechadura dupla da jaula.

— Ela vai. A questão é se *você* vai.

— O que quer dizer com isso, Rica?

— Por enquanto, nada.

— Vocês vão ter que confiar em mim. Estou fazendo o melhor que eu posso. Se precisar de vocês, eu vou chamar.

Leonardo surpreendeu-se porque era verdade. Estava de fato disposto a chamar os dois para ajudá-lo, se a coisa apertasse. A situação fugira do controle, e do jeito que as coisas iam, algo fora do normal precisaria ser feito para libertar Max da casa de Tobias. *De um jeito ou de outro.*

XVIII

São Paulo.

Residência de Tobias Muller.

Flashes. Eram sempre intervalos curtos, como ele os lembrava. Segundos, mais ou menos nítidos na memória, intercalados pelo que podiam ser horas, dias ou talvez semanas. Era impossível precisar, mas parecia muito tempo. A manta protegia o corpo e cobria os pés calçados com meias, mas dava para sentir o frio no rosto gelado, na ponta do nariz, nas orelhas descobertas e nos lábios secos.

Às vezes era o homem que ele via. O homem que nunca lhe dirigia a palavra. Lembrava das costas dele, dos ombros caídos, um pouco do perfil aquilino e da pele branca, pálida; mas nunca do rosto, porque ele o evitava como se receasse ser identificado.

Na maioria das vezes, porém, era a mulher de olhos puxados. Ela durava mais tempo na memória porque olhava em seus olhos, mesmo constrangida, e até falava com ele — mas jamais se recordava do que ela perguntava, nem se eram de fato perguntas. Ela vestia jaleco, sempre. Ele também, verde igual, mas o dela parecia sempre justo no corpo, amarrado com disciplina e letras bordadas com linha de costura azul. Devia ser o nome dela, mas ele não conseguia ler.

Havia, ainda, outra mulher — ele achava, mas não tinha certeza. Max sentia o perfume dela, bem como a respiração diferente, mais curta e rápida que as do homem e da mulher de jaleco. Ela pisava mais firme, seu coração batia descompassado, como se sofresse de arritmia, e sua pressão arterial era mais alta — mas ele nunca a viu.

E havia Leonardo, mas o amigo havia se esquecido dele. Nos raros momentos em que conseguira articular alguma palavra, sempre dirigidas à mulher oriental, perguntava de Leonardo. Mas ele nunca aparecia.

Max abriu os olhos, o quarto estava em completa escuridão. Quando o deixavam sozinho, sedado, apagavam as luzes. Não sabia a razão, mas aquilo o desorientava ainda mais.

Naquele dia, no entanto, havia algo diferente. Normalmente, o primeiro flash de memória coincidia com a luz do quarto explodindo como um sol em miniatura, cegando-o. Devia fazer alguns minutos, porém, que ele raciocinava com um mínimo de desenvoltura e formava consciência da própria situação. Nunca estivera tão lúcido tão cedo, nem por tanto tempo. Podia sentir os neurônios brigando por sinapses em meio a teias de aranha cerebrais... mas por quê? Será que o estavam drogando?

A luz do quarto se acendeu, enfim, e foi como um punhal em suas retinas, mas ele se adaptaria mais rápido desta vez. Sentiu um segundo coração pulsando no quarto. Tinha certeza de que pertencia à mulher oriental, e que o rosto dela apareceria na frente dele em questão de segundos, então, quando aconteceu, ele não se surpreendeu.

— É impressionante — ela disse. — Pensei que fosse demorar mais.

Max tentou responder. Quase conseguiu, mas foi como se os seus lábios estivessem grudados com cola plástica. As drogas, agora, faziam mais efeito no seu corpo do que em sua compreensão do ambiente.

— Se esforce. Não temos muito tempo. Qual é o seu nome?

— M... — A cola nos lábios rompeu e a língua se soltou, bamboleante, enrolada no fundo da garganta feito uma cascavel morta. — Max...

— Max?

Fez que sim com a cabeça.

— Muito bem, Max. Você está indo muito bem. — A voz era doce e paciente, quase maternal. — Sabe por que está aqui, Max?

— A... Acidente? — Respondeu com esforço, irritado porque a fala não acompanhava a rapidez do raciocínio.

A mulher não confirmou. Seguiu olhando para ele, o rosto indecifrável como o de uma esfinge.

— Eu preciso saber se você é perigoso, Max. — A mulher puxou uma cadeira e se sentou perto da cama. — Você é perigoso?

Seria essa a pergunta que ela repetiria todas as outras vezes e ele nunca entendeu? Como responder àquilo com sinceridade? Como responder para uma estranha?

— E você, como se chama?

— Júlia.

- Você me diz se eu sou perigoso.
- Eu não acho que seja.
- Me tira daqui, Júlia!

XIX

Piedade.

Residência dos Bruni.

— É pra mim!

A campainha tocou e Fernanda surgiu, com roupas de sair, na sala onde dona Mirtes crochetava um amigurumi do seu livro de receitas: Bob, o Husky siberiano com o cachecol azul enrolado no pescoço.

— Visita a essa hora?

— São duas da tarde, mãe... — Fernanda bufou e pendurou a bolsa com raiva no ombro.

— Vai sair com quem, posso saber? — Mirtes perguntou, mas ela não respondeu. — Não é o vagabundo do Rica, é? — A mãe esticou o pescoço sobre a janela entreaberta, tentando enxergar o portão, mas Fernanda sabia que ela não conseguiria. — Anda, me diga quem é. É o filho dos Bezerra de novo? Quem ele pensa que é? Veio te buscar naquele carro importado, como se você fosse uma... — Vacilou. — Uma acompanhante de luxo! Ele não é bom pra você, minha filha.

— Se faz questão de saber... — respondeu, o volume da voz diminuindo enquanto cruzava a porta da sala e descia os degraus até o portão — é o Léo Andrade.

— O Léo?! — Mirtes gritou. — Por que está se metendo com esses garotos, Fer? Volte aqui, volte! Você vai ficar mal falada, minha filha. Ei!

Fernanda cruzou o portão e deu com o amigo aguardando na calçada. Ele sorriu amarelo para ela, olhou para baixo e coçou o topo da cabeça. Vestia calças jeans, tênis preto da Nike e camiseta vermelha estampada com uma cena náutica (um barco a vela estilizado, navegando contra o pôr-do-sol). Escutara a conversa. Dona Mirtes falava alto pra burro.

— Não acho uma boa conversar em casa. Se importa se a gente caminhar até a praça?

Os olhos de Léo disseram “sim, por favor!” e ela trancou o portão de ferro gradeado. Fernanda prendeu habilmente os cabelos com uma presilha de plástico e inspirou fundo.

Sentia-se aliviada com a presença de Léo e a chance de conversar com alguém que a ouvisse de verdade. Assim, caminharam lado a lado, sem pressa, na direção do centro da cidade; suas mãos, à exceção dos polegares, enfiadas nos bolsos da bermuda de sarja.

Léo contou sobre o estado de Max, que evoluía, e Fernanda disse que iria visitá-lo quando o amigo recebesse alta. Mas ela não queria conversar sobre Max; não naquela tarde, pelo menos.

— Deu certo com o Barreirinha? — ele perguntou.

— Por que o interesse? — Fernanda respondeu. Léo desviou o olhar e as suas bochechas coraram. Ela achou graça. Onde estava aquele Leonardo arrogante, quase inconveniente, que a chamara para sair no Café Imperial? — Brincadeira, Léo. Amanhã à tarde eu e o João assinaremos os papéis.

— Isso é ótimo!

Ela deu de ombros. Ele a encarou por um instante, parecendo querer decifrá-la.

— É ótimo, não é? — Léo insistiu.

— Sim — ela disse, sem entusiasmo. — Acho que é. Embora “ótimo” não seja a palavra que me vem à mente para definir a coisa, sabe? Eu me sinto... aliviada. Acho que é isso.

— Por se sentir livre, você quer dizer...

— Não. Por ter acabado; por não precisar fingir mais.

— Você não parece ser do tipo que finge coisa alguma, Fer.

Ele esboçou um sorrisinho incrédulo; o exato tipo de reação com a qual ela estava acostumada. Quem não a conhecia tinha a tendência de superestimá-la, e isso era uma merda. Fernanda lançou os ombros para cima e encolheu o pescoço como se fosse capaz de recolhê-lo para dentro de um casco imaginário.

— Você não vai entender.

— Eu entendo, sim.

— Entende, é? — ela debochou. — Não me leve a mal, Léo, mas você não parece ser do tipo que entenderia.

— Pois entendo. Perfeitamente.

— Ora, ora... Leonardo Andrade tem um passado trágico pra chamar de seu?

— Não é isso.

— É o que, então?

— Não mude de assunto — ele devolveu, irritado, e apertou o passo. — É de você que estamos falando.

Fernanda o alcançou. Ela virou o rosto na direção dele. Viu as bochechas coradas, o incômodo nos lábios repuxando.

— O Barreirinha te orientou sobre a separação de bens? — ele perguntou ao notar o escrutínio. A manobra dele era quase infantil. Havia algo sério ali, Fernanda pensou, mas não quis pressioná-lo.

— O advogado disse que eu tenho direito, mas... não quero nada do João. Eu não preciso, entende? Quero seguir em frente. Começar de novo.

— Você é mais forte do que eu, Fer. Estou orgulhoso.

— Do que está falando?

— Do seu caráter. É melhor que o meu.

Se ele soubesse, mudaria de ideia.

— Por que acha isso?

— Porque você tem razão. Eu tenho, sim, um passado trágico. Às vezes a gente descobre, da pior forma, que é capaz de fazer coisas terríveis.

Ele fala a sério? Léo, o filhinho do prefeito Nonato? Não, ele só pode estar brincando... mas soou tão convincente.

— Deixa disso, Léo, você é do bem. Não faria mal a uma mosca. E tem mais.... — respirou fundo. — A verdade é que você não me conhece o suficiente.

— Isso a gente tem em comum.

— Somos do bem?

Os dois pararam à beira da calçada esperando uma brecha para atravessar o cruzamento mais movimentado da cidade. Não havia pedestres ao lado deles, mas o fluxo de veículos era surpreendentemente intenso.

— Não abrimos o jogo um pro outro.

— Não é tão simples. — Fernanda colocou o pé esquerdo no meio fio. O motorista de uma picape a viu e começou a breicar. — Eu te contaria, mas preciso processar as coisas que fiz. Ficar em paz comigo mesma.

— Eu cometi um crime, Fer. — Ele engoliu em seco. — O que fiz não pode ser *processado*... Não por mim. Não sem responsabilização. E eu fiz por dinheiro, por respeito. Por orgulho. Fiz por todas as razões erradas.

Fernanda pisou no asfalto, a picape terminou de parar e ela deu uma corridinha até o outro lado da rua. Léo acompanhou.

Um crime? Em sentido figurado, espero. Claro, em sentido figurado.

— Provavelmente eu fiz coisa pior — ela disse.

— Tenho certeza que não.

Os dois continuaram caminhando até a praça. Ela avistou a sorveteria do senhor Murakami, a mesma sorveteria onde tinha combinado de tomar sorvete com o Carleto quando eram crianças. Não tinha mudado nada. Os azulejos brancos na parede, o ventilador de teto de alumínio, as mesas e cadeiras de madeira de vinte anos atrás. Até o senhor Murakami atrás do balcão parecia ser o mesmo, não fosse o cabelo esbranquiçado nas têmporas, escapando do boné, e as costas ligeiramente curvadas. Foi como se apenas Leonardo e ela houvessem mudado.

— Em que posso ajudar, Léo?

— Não há o que você possa fazer.

Ele sofre, como eu sofro. Posso sentir porque, no fundo, é igual. Nós sofremos como o Max, o Rica e o Rafinha também sofrem. Nós sofremos desde o Carleto.

— Aceita uma sugestão?

Léo inclinou suavemente a cabeça na direção dela.

— Você devia conversar com o Max. Foi ele quem me ajudou.

De súbito, ele parou, como se atingido por um raio.

— Sim. Eu acho que o Max pode me ajudar também.

Fernanda sorriu. Léo precisava de Max, e Max talvez precisasse do Léo também. O Grêmio era um clube de desajustados em que um precisava do outro. Um clube de amizades puras e sinceras, mas que não sobreviveu ao trauma. Se quisessem paz, precisavam vencê-lo; e o trauma era dela, tanto quanto deles. Ela pertencia ao Grêmio.

— Você vai amanhã pra São Paulo, Fer?

— Para assinar o divórcio.

— Vou com você, se não se importar. Quero seguir o seu conselho.

XX

Tratava-se, a Brasitel, de uma preocupação de fundo para Max. Um incômodo, que no seletor rol de preocupações secundárias perdia em importância para a sua recuperação vacilante e o fato de que não sabia exatamente onde estava, nem por que o mantinham internado.

Algo mais urgente do que a saúde e o trabalho — sim, algo assim podia existir — atormentava Max nos breves e esparsos momentos de vigília: a iminência da lua cheia.

Quando ela viria? Os sedativos confundiam a noção de tempo. Era bem verdade que desde a visita de Júlia sentia-se mais saudável, e a confusão ao despertar reduzira sensivelmente. *Ela deve ter mexido na medicação, diminuído, mas por que faria isso? Ou é a proximidade do lobo que me fortalece?*

Mesmo que fosse uma preocupação de fundo, porém, não podia negar que o andamento da incorporação da Brasitel lhe ocorresse vez por outra, entre um e outro momento fugaz de consciência. Há menos de um mês, os negócios eram só o que havia em sua vida. Hábitos tão arraigados não se desfazem de uma semana para a outra, mesmo quando se está prestes a virar lobisomem. Sendo assim, quando Max viu o senhor idoso inclinado sobre o seu leito reconheceu Tobias Muller de imediato, embora ele estivesse muito mais disposto do que se lembrava.

O rosto do quase nonagenário continuava com aspecto de jornal velho embrulhado, mas, *como pode?*, suas rugas haviam atenuado; a face dele rejuvenescera no mínimo dez anos, o que não fazia sentido porque a primeira e a última impressão que tivera do industrial asseguravam-no que ele estava à beira da morte.

Vendo-o agora, porém, era como se ele houvesse engolido um pote de colágeno, ou um lote de cápsulas de cartilagem de tubarão. Contudo, o mais assustador foi que era antes a expressão de Tobias, e não propriamente a sua pele, o que o fez parecer mais jovem. Quando ele falou, sua voz ecoou alta e grave; e não cansada e arrastada, como a que ele usou para lhe vender a empresa.

O que Tobias Muller fazia ali? Não haviam criado laços de intimidade ou afetividade durante a negociação da Brasitel, o que tornava aquela visita deslocada e estranha. Julgara-o um velho doente e amargurado, do tipo que jamais faria questão de visitar quem quer que fosse. Menos ainda para desejar melhoras.

— Não se levante por minha causa, Max.

Max o encarou com o seu melhor olhar de incredulidade. Aparentemente, ele o provocava. Ou ouviu errado?

— Vim agradecê-lo — ele continuou, talvez reparando a confusão no semblante de Max.

— Sr. Muller? O senhor está ótimo. Se soubesse que sairia tão bem da negociação, teria pagado menos.

— Pagou mais caro do que pensa — Tobias brincou. — Por isso quis vir agradecê-lo.

Sim, ele me provoca. Onde pode estar com a cabeça para perturbar um doente?

— Senhor Muller, não sei se o senhor percebeu, mas...

— Oh, claro! Mil perdões... Não passo de um senhor idoso e sozinho, desacostumado dos ritos sociais. Às vezes não sei me portar, você deve ter percebido. Acredito que estou sendo inoportuno.

— Desculpe a franqueza, mas está sim. E quanto à compra... — Max gemeu enquanto se ajeitava na maca — imagino que paguei o valor justo. Mas, mesmo que não fosse o caso, não é educado contar vantagem sobre um homem doente.

— Você não está doente. O que você está é o oposto de doente.

Max sentiu suas orelhas pinicarem, como se fossem girar no próprio eixo e se virarem na direção de Tobias.

— O senhor conversou com o meu médico? O que ele disse? — Max ergueu o tronco alguns centímetros e o acesso repuxou na veia; fez uma careta de dor e se deitou de volta. Era ultrajante que o hospital dissesse algo a Tobias e não a ele. O que escondiam?

— Diga, vamos!

— Não precisei falar com o médico. — Tobias acendeu um charuto e o enfiou na boca, depois soprou fumaça para cima. — Como se você não soubesse o que tem...

— É proibido fumar aqui.

— Na minha casa, eu fumo quando bem entendo.

Por que perdia tempo com o velho Sr. Muller? Quem havia deixado ele entrar? Procurou por uma campainha, queria chamar a doutora. Ela ia mandá-lo embora, é claro que ia. Mas não havia campainha nenhuma.

— Acontece que o senhor não está na sua casa. Escute, Sr. Muller, eu preciso descansar. Aproveite o dinheiro da venda, sim? Não precisa agradecer. Pelo que vejo, ambos fizemos um bom negócio, e penso que assim é sempre melhor. Agora, se não se importa...

— O meu negócio foi melhor que o seu.

— Sr. Muller...

— Eu comprei *você*, Max — quando o velho disse aquilo, foi como se estivesse possuído; as palavras saíram rastejando da garganta dele, feito um silvo de cobra.

— Do que está falando?

— É por *sua* causa que me sinto jovem. Graças a você, eu vou viver. E é por isso que vim agradecê-lo.

Tobias apagou o charuto contra a lateral de plástico da cama hospitalar. Exalou um cheiro chamuscado de tabaco que impregnou o ambiente. As próximas palavras vieram mastigadas.

— O seu sangue me salvou, Max.

De repente, Max entendeu. Olhou para a máquina. Aquilo não se tratava de transfusão alguma. A máquina *colhia* o seu sangue. Em que tipo de hospital um paciente acamado e internado doa o próprio sangue ao invés de recebê-lo? Que tipo de milagre era capaz de fazer um senhor decrepito, à beira da morte, andar lépido pelo quarto, fumando e o provocando? *Sangue! Ele mencionou o meu sangue.*

— Não estamos em um hospital... — Max disse.

— Acertou. Na medalhinha.

Suprema ironia. Max encomendara ao Grêmio a construção da própria jaula, mas agora estava aprisionado na de outro. Desta, ele não tinha a chave e não conhecia o carcereiro.

Não conhecia mesmo?

Por Deus... Como ele pôde?

Sentiu o estômago revirar. O suco gástrico ascendeu a jato pelo esôfago, e um gosto acre de vômito invadiu sua boca. Não conseguia pensar em mais ninguém que soubesse do lobisomem e, ao mesmo tempo, conhecesse Tobias; que estivesse junto com ele no acidente, e que o tivesse visitado no falso hospital.

— Foi o Léo...

Tobias não respondeu.

— Por que ele fez isso? Ele te disse?

— Por que as pessoas fazem o que fazem? Pense um pouco, Max. Você é como eu... Deve saber.

— Foi por quanto? Diga!

— Faz diferença?

— O senhor age e fala como se o dinheiro explicasse tudo, mas sabe que não explica. Nem para o senhor.

— Eu não quero morrer, Max. É por isso que você está aqui. Para que eu viva. Eu te pediria desculpas, acredite, por ter feito as coisas do jeito que fiz. E, de fato, eu acho uma pena que as coisas tenham tomado esse rumo. Mas foi como devia ter sido... sempre é. As vítimas é que pensam diferente.

— O que vai fazer comigo depois?

— A lua cheia irá decidir. É claro que se ela delegar o seu destino para mim... Bem, nesse caso, eu no seu lugar não ficaria otimista. Não pode haver ponta solta, concorda?

— Você não sabe com o que está lidando. O lobisomem desperta o que há de mais selvagem e primitivo no homem. O que há de pior. E não haverá controle, senhor Muller. Não houve para o meu pai, que era forte e experiente. Jamais haverá para nós dois.

— Não há alternativa para mim, Max.

— Não faça isso.

— Vou chamar o doutor. Você está agitado, precisa descansar.

— Sr. Muller?

— Está feito, Max. *Alea jacta est.*

XXI

— Cuidado!

As luzes de freio do caminhão-tanque avermelharam, e Léo ouviu o guincho agudo das pastilhas de freio em atrito com o disco.

O grito de Fernanda o assustou; por reflexo, ele afundou o pé no pedal da esquerda. O cheiro de borracha queimada invadiu o carro. O caminhão, porém, estava a meio quilômetro de distância, e o Mercedes navegava, manso, a rodovia Castelo Branco, a cento e dez quilômetros por hora. A sensação no seu interior era de que não passava de sessenta, mas isso tudo devia importar pouco para ela. Até onde Fernanda sabia, uma carona de Léo pusera Max no hospital, o que, pelo visto, devia deixá-la com um pé atrás.

— Arrependida?

Fernanda negou com a cabeça.

— Eu perguntei se queria dirigir — Léo retomou. — Você disse que não.

Talvez tivesse sido melhor se ela tivesse aceitado. Ele vinha dormindo picado nas últimas noites, atormentado pelo pesadelo recorrente que o trazia de volta à cachoeira e ao São João. Acordava assustado, hiperventilando e suando frio, sempre no mesmo momento do sonho: o ataque da fera sem rosto.

— Odeio dirigir. Vou correr meus riscos com você.

— Relaxa. Não vou bater o carro de novo.

— Só estou ansiosa, é isso. — Fernanda desbloqueou o celular. Pegava e largava o aparelho de minuto em minuto.

— Chegaremos a tempo de almoçar. Conheço um restaurante na Alameda Santos que serve um medalhão de mignon delicioso. A gente almoça, eu te deixo no escritório do Barreirinha e vou visitar o Max.

Fernanda virou o corpo na direção dele, rápido, inclinando o tronco. O cinto de segurança travou, e aquilo deve tê-la irritado ainda mais.

— Já disse que quero ir junto.

— Discutimos isso, Fer. Apenas um visitante por dia.

— Então vou eu.

— Não foi você quem botou ele lá.

— Pensei que a culpa não tivesse sido sua.

Foi minha. Eu coloquei ele lá.

Um Fiat Marea com a lateral enferrujada podou o Mercedes pela direita e saltou como um gato na frente do veículo, fechando-o com violência.

— Mas que filho da puta! — Fernanda gritou, lívida.

Léo breiou com toda a força, perdendo velocidade enquanto cruzava as faixas à direita. O Mercedes continuou a frear progressivamente até estacionar no acostamento da rodovia. Desta vez, quase se acidentaram de verdade. Léo suspirou fundo, nauseado, e experimentou uma vertigem súbita.

Sabia identificar aquela sensação: um ataque de pânico. Sua mãe costumava tê-los em seus últimos anos de vida; mas o dele... O dele era diferente. Quis se esconder por um instante; de Max, do mundo, de Fernanda... e apagou. A cabeça relaxou e caiu, sem controle. Quicou no centro do volante, acionando a buzina que soou barata como a de um Chevette velho. Léo deu um pulo, como se tivesse sido picado por uma cobra.

— Deus do céu! Quer matar a gente? Por que parou desse jeito?

Ele sentiu o coração disparar. O órgão sairia pela boca se ele deixasse. Por instinto, pressionou o próprio peito como se fosse capaz de conter os batimentos com as mãos. As pontas de seus dedos formigaram. Ele precisava contar. O segredo e a vergonha despedaçavam-no por dentro.

— Você está pálido, Léo... — Fernanda encostou o dorso da mão esquerda na testa dele; a direita deu dois tapinhas em seu rosto. — Branco feito papel!

Ele olhou para Fernanda; para o fundo dos olhos dela.

— Lembra da morte do Carleto? — A voz saiu trêmula.

— Tenho uma garrafinha de água na bolsa, espere...

— Responde. Você lembra?

— Por que isso agora?

— Só responde, Fer... Por favor. — Ele sentiu as lágrimas escorrendo pelas maçãs do rosto, mas podia ser sua imaginação porque Fernanda não parecia ter notado que ele estava chorando. — Você lembra?

— Eu nunca esqueci — ela disse. — Pode parecer bobagem, coisa de criança... — suspirou —, mas eu sempre me lembro do Carleto.

— Das circunstâncias, Fer. Eu me refiro às circunstâncias. Você lembra delas?

— Arre! Como se esquece um troço daqueles? Não encontraram o braço dele! — Ela fechou os olhos com força e se encolheu no banco, esfregando o peito.

— O Grêmio Valente... Quero dizer, a gente... Eu, o Max, o Rica e o Rafinha... Nós nunca fomos inteiramente sinceros sobre o que aconteceu aquela noite no São João.

— O Carleto morreu naquela noite. É só o que se tem pra saber.

— Não, não é.

— Pois é o que eu quero saber.

— *Mataram* ele... A gente viu como foi. Ele foi assassinado, Fer... De certa forma.

— Vocês tinham onze anos. Onze! Não posso imaginar o quanto foi difícil pra vocês — ela disse, condescendente. — Não havia o que pudessem ter feito.

Léo continuava inquieto.

— Havia?

— Não.

— Então o caso está encerrado. Não quero saber detalhes dessa história. Não vão mudar nada.

— Vão, sim.

— Vou aceitar aquela oferta, ok? Eu dirijo até São Paulo.

— A gente viu quem fez aquilo, Fer. E, de um jeito ou de outro, ele está de volta agora.

— Você não está fazendo sentido.

— O seu Brito matou o Carleto — Leonardo revelou, definitivo, e as lágrimas desabaram pelo seu rosto.

— Vamos, troca de lugar comigo. Em uma horinha estaremos almoçando.

— Seu Brito era um lobisomem. Eu sei que isso é louco, eu sei... mas ele era, você precisa acreditar. Porque agora que ele morreu, que ele não pode virar mais... Agora é o Max, Fer. É a vez do Max! Você entende?

— Chega, Léo! Troque de lugar ou eu desço agora mesmo, aqui no meio da estrada!

— É por isso que o Max sumiu, não vê? Foi por isso que ele voltou pra Piedade.

Fernanda ficou olhando para ele sem dizer nada, mordendo os lábios.

— Está bem, esqueça. Você dirige. Esqueça o que eu disse, não estou me sentindo bem. Quando almoçarmos, vou me sentir melhor. Não precisa acreditar. Só peço que não me olhe desse jeito, como se eu fosse um maluco.

— Não acho que você seja um maluco.

— Mas você não acredita... Ninguém vai acreditar até a lua cheia chegar. E quando ela chegar, quando a lua estiver brilhando bem alto à noite lá no céu... — recuou. — A gente precisa tirar o Max de lá!

Fernanda suspirou.

— Eu acredito, sim.

— Acredita?!

Ela confirmou com a cabeça.

— Por quê?

— Eu já sabia, Léo.

— Não entendo. Como diabos você poderia saber?

— Quando jantamos juntos, Max passou mal no restaurante do Mirante. Os olhos dele avermelharam bem na minha frente, e não porque estivessem irritados pela poeira, ou porque ele tivesse comido algo que lhe fez mal. Não, aquilo não era alergia nenhuma. Ele me encarou com duas bolas de fogo nos olhos, e quando elas apagaram... Quando elas apagaram só havia escuridão, Léo, como poços profundos de maldade. Eu me arrepio só de contar. Pensei que aquele par de olhos negros fossem me sugar para dentro deles e então me levantei para correr dali, era só o que eu queria fazer na hora, estava morta de medo. E foi aí que ele me segurou pelo braço. E contou tudo. Desde o início.

XXII

Tobias Muller suspendeu a garrafa de Chivas Regal, fazendo-a flutuar. Parecia indeciso sobre se deveria despejar o líquido caramelo-alaranjado sobre o copo de boca e bojo largos.

— Ande. São duas pedras aí dentro. Deixe de implicância! — Stabile esticou o corpanzil até a beira da cadeira e estendeu o braço esquerdo, encurtando a manga do paletó.

Era fim de tarde, e os dois estavam sentados ao redor da mesa enferrujada do terraço, admirando o jardim da mansão com o gramado recém-aparado. Parecia um campo de golfe, segundo Stabile, mas Tobias não saberia dizer. O cheiro úmido de grama rastelada aguçou o olfato de Tobias. Ele quase não se lembrava daquele cheiro, mas o reconheceu de imediato. Era bom... Como era bom! Quase tanto quanto o que escapava da tampa desrosqueada da garrafa.

Antes de despejar, a contragosto, o uísque doze anos no copo do advogado, notou o modo como Stabile admirava a área externa da casa: a poda das árvores, a pintura do muro, a limpeza dos pisantes de pedra... Stabile estava surpreso com as intervenções; balançava afirmativamente a cabeça como se as julgasse — e aprovasse — em silêncio.

Não se deve deixar nada morrer, é preciso cuidar de tudo. Mas e quando é a gente quem morre?

Tobias mandara substituir os azulejos da piscina e arrancar as plantinhas que cresciam no rejunte. O pedreiro disse que precisava trocar os azulejos por novos porque os antigos não existiam mais para repor, nem no cemitério. *Bobagem!* Não entendia nada de piscinas ou azulejos, mas sabia que era mentira. Aquele ignorante queria passá-lo para trás, mas autorizou mesmo assim. Que fazer quando se está na mão dos outros?

Era sexta. No sábado, o pedreiro começaria o serviço. Em uma semana, a piscina voltaria à vida com a água limpa e filtrada dos caminhões-pipa. Olhou para o tanque vazio no meio do jardim, cinza-escuro, da cor do reboco. Em breve estaria azul como o céu sem nuvens, e ele ia nadar naquela piscina até ficar com as mãos ressecadas feito uvas-passas. Tobias riu. Suas mãos já eram assim.

De volta ao uísque. A bebida sorriu para ele através do cristal grosso do copo *on the rocks*. Bebia puro, *cowboy*, e sempre implicava com o advogado porque ele fazia questão das pedras de gelo. Como se fosse questão de gosto. O uísque era a única bebida sobre a qual Tobias entendia alguma coisa, embora jamais experimentasse outras marcas e estivesse muito longe de se considerar um conhecedor da matéria. Era, também, a única bebida que ele era capaz de associar a alguém. A Osmar Stabile. A bebida das vitórias discretas, das comemorações frias e das ambições quentes. Que bom que Stabile aceitara o seu convite, ou não haveria rito algum para marcar a ocasião. Seria uma lástima se providências distintas tivessem de ser tomadas. Seria impessoal e inapropriado.

— Não acompanha, meu velho? — Stabile apontou para o copo intocado do companheiro.

— Estômago atacado. É a idade, você chega lá.

— Não estou longe.

— Sei que não.

— Não seja indelicado, Tobias! Você deve dizer “está longe, sim!”, por cortesia que seja. Do mesmo jeito que eu sempre digo que você está ótimo, mesmo quando parece estar colocando o segundo pé na cova. Embora... — Stabile espremeu os olhos, forçando a vista — desta vez, você esteja mesmo ótimo. Talvez eu também deva diminuir o álcool.

— É verdade, me sinto bem... — Tobias riu e não tossiu. — Como se fosse enterrar todos vocês. Mas não se contenha por mim, Osmar, me satisfaço em vê-lo beber, acredite. Tome mais um pouco. Não economize o meu uísque.

Tobias esfregou as mãos. De novo aquele vento frio que insistia em vir do jardim, mas desta vez era diferente; era agradável, soprava bons presságios.

Enquanto Osmar bebia com avidez — *tome tudo, tome por nós dois* —, eles escutaram um rangido alto proveniente do andar de cima. A porta da varanda do quarto de hóspedes se abriu, e a madeira empenada arrastou no piso cerâmico. Um forte odor de cigarro desceu até o terraço, vencendo a brisa fresca.

O doutor Hubert gostava de fumar quando a noite caía. *Maldição, eu devia ter me lembrado!* Não fazia mal. Dos males, o menor. Àquela altura, Stabile havia entornado duas doses de uma só vez, em goles compridos e generosos. O advogado franziu a testa e olhou nos olhos de Tobias.

— Você disse que havia desistido! — disse Stabile, depois de olhar para cima rangendo os dentes. — Eles não foram embora!

— Não foi o que eu disse. O que eu disse foi que queria agradecê-lo pela advertência. Me ajudou a ser mais cauteloso.

— Cauteloso? Não me diga que está levando adiante essa sandice, Tobias. Você prometeu. Quer ser interditado? É isso que você quer?

— Max Bezerra está aqui em cima, com os médicos.

— Preso?

— Prefiro dizer que está sedado; e, como meu advogado, penso que irá concordar que é um termo melhor.

— Eu disse que você não me envolveria mais!

— Você disse.

— Se é assim que prefere, Tobias... sou obrigado a denunciá-lo, sabe disso. Somos amigos, você é meu cliente; mas certas linhas... Veja, há certas linhas que não devo nem posso cruzar. Será doloroso vê-lo lidar com isso em seus últimos dias. O inquérito, a vergonha... a mídia, Deus nos livre. Nem você merecia, meu caro.

— “Nem eu”? Ora, Osmar, e você? Pensa que não teve parte? Agora acalme-se, sim? Você vai escutar!

— Não! — Stabile esmurrou a mesa. Uma veia grossa saltou do seu pescoço. — Ouvi o bastante. Minha opinião está formada.

— Ele é o lobisomem, Osmar. Você não percebe? É real!

Stabile se ajeitou na cadeira, e o seu corpo bambeou. Tobias completava o copo do companheiro quando o advogado deu um tapa descoordenado na garrafa, que voou para dentro da piscina e quebrou-se em mil pedacinhos. O cheiro do uísque invadiu o terraço, carregado pelo vento. Maçã, frutas, mel e notas de baunilha e amêndoas. O velho rascunhou um sorriso tímido no rosto que ele não quis deixar encorpar. Franziu o cenho, como a situação exigia. Não era um vilão de histórias em quadrinhos.

Stabile poderia ter tomado parte naquilo até o final. *Deveria*. Mas o que fazer, agora? Obrigá-lo? Claro que não. Não era sua culpa que o amigo não conseguisse abrir a mente para as lendas e o sobrenatural. Em defesa própria, sabia que não havia prazer, embora nos últimos dias, para sua surpresa, tivesse experimentado algum nível de satisfação.

— Não me sinto bem. — Stabile tentou se levantar, os joelhos bambearam e ele caiu de volta no assento. — Minha mulher me espera. Não avisei que chegaria tarde.

— Não se preocupe com isso.

O advogado tentou de novo. Seu corpo obeso perdeu o equilíbrio e desabou, se esparramando no vão entre a mesa e a cadeira depois de arrastar os móveis de ferro. Tobias precisava agir em silêncio. Os médicos não deveriam ouvi-los, nem Simone.

— Tobias, eu... — *A súplica! É claro que ela viria, mas por que se rebaixar agora, Osmar?* — Eu vou desmaiar.

— Não, Osmar. Você não vai desmaiar.

— O que você fez? — o advogado perguntou, e Tobias teve certeza de que ele compreendeu. Como era pesaroso ter de se livrar de uma mente tão brilhante!

— Me perdoe, amigo. Você não me deixou escolha.

O terror no rosto do advogado deformou-lhe a face a ponto de ele não conseguir articular palavra alguma, por mais que se esforçasse. Ou seria a ação do veneno? Não importava. O fato era que não restavam argumentos a favor da causa do ilustre Osmar Stabile. Não havia recursos ou apelações. Desta vez, era apenas tarde demais para ele.

Tobias viu o copo *on the rocks* caído, o cristal surpreendentemente intacto, as duas pedras de gelo rolando no chão sobre a lâmina de uísque envenenado. Stabile morreu olhando para elas com seus olhos vítreos e úmidos tão conscientes quanto sempre estiveram; para as solitárias pedras de gelo derretendo, brilhantes, no calor. Do seu assento, Tobias degustou o último Chivas ao lado de Osmar Stabile. Era forçoso admitir: havia de fato algum prazer naquilo.

LUA DE SANGUE

I

Residência de Tobias Muller.

28 de julho.

Estirada na cama, exausta ao final de um dia de trabalho e com a cabeça apoiada sobre dois travesseiros, a doutora Júlia Akemi leu a notícia na tela do seu iPhone:

“Advogado ilustre desaparece após deixar o trabalho na região da Paulista.

O tributarista Osmar Stabile, 68, sócio do escritório Stabile & Vargas, encontra-se desaparecido desde a última sexta-feira. Stabile deixou o escritório na Alameda Santos ao volante do seu carro, um Toyota Corolla prata, por volta das dezoito horas. O advogado, que foi Secretário Municipal de Negócios Jurídicos na gestão do ex-prefeito Paulo Varanda, é conhecido no meio empresarial por suas conexões políticas e por representar corporações de grande porte.

Segundo a delegada encarregada Tatiana Veiga, a Delegacia de Investigações sobre Pessoas Desaparecidas está trabalhando em conjunto com o Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) para apurar a causa do desaparecimento. Até o momento, nenhuma linha de investigação foi descartada.

Qualquer informação a respeito do caso deve ser comunicada imediatamente às autoridades. Em postagens nas redes sociais, a família do advogado ofereceu R\$ 50.000,00 por informações que levem ao paradeiro de Osmar Stabile.”

A médica releu a reportagem, esperando que as informações que buscava estivessem cifradas nas entrelinhas da matéria, elas não estavam. Desistiu, e largou o celular na mesinha de cabeceira.

Sexta-feira. Era coincidência demais, e ela não acreditava em coincidências. Tinha certeza de que Stabile não estava desaparecido. Ouvira sua voz grave na mansão, sob a varanda, conversando com Tobias; precisamente na sexta-feira. Stabile sabia demais, por isso fora assassinado. O problema era que pelo mesmo motivo — saber demais — Hubert e ela também *desapareceriam*, quando deixassem de ser necessários. O marido precisava ser informado dos fatos imediatamente.

Júlia checkou o *applewatch*. O mostrador animado da Minnie Mouse apontava uma da manhã. Hubert estaria enfurnado no laboratório, obcecado com os lunócitos e com qualquer coisa que dissesse respeito ao sangue do paciente beta: seus índices de coagulação, a concentração de eritrócitos e o intrigante comportamento dos monócitos (que, depois de dias fora dos parâmetros de medição, passaram a diminuir sensivelmente, e agora duravam poucas horas na corrente sanguínea).

Pobre Max. O paciente beta decerto estava na lista negra de Tobias, como eles. Júlia vestiu o jaleco por cima do pijama, enfiou os pés tamanho trinta e quatro nas meias de arco-íris da Happy Socks e invadiu o laboratório com o celular aceso em riste.

— Somos os próximos, Hubert — ela sussurrou, com receio de escuta ou de câmeras de vigilância escondidas no laboratório.

Quem mata é capaz de vigiar, pensou. O que estou dizendo? Vigiar é muito menos grave que matar. É claro que nos vigia, concluiu, sem saber ao certo como distinguir a realidade objetiva da paranoia desencadeada pela leitura do portal de notícias.

Hubert largou o microscópio, esvaziou os pulmões e bufou alto. Em seguida, olhou para os lados por um par de segundos, para a bancada com a aparelhagem médica disposta em fila, antes de atendê-la. Júlia sabia que, àquela hora, a lâmina de sangue ainda estava em ebulição sob as lentes potentes do Hitachi 3600. Os microrganismos misteriosos que tanto os intrigavam estariam descrevendo círculos prateados sem motivo ou padrão aparentes. Era de fato um espetáculo, admitiu para si, e tirar a atenção do marido do microscópio naquela circunstância era como arrancar um naco de carne da boca de um leão faminto.

Hubert leu a notícia. Demorou-se nela, o que quis dizer que levou cada linha da reportagem muito a sério; sim, ele enxergou naquelas linhas o mesmo que

ela. O marido lera o nome de Stabile grafado em tipos vermelhos; lera o sangue vertendo entre uma linha e outra.

O problema era que os dois nunca interpretavam os fatos da mesma maneira, o que era ótimo no ambiente asséptico do laboratório. Mas, no casamento, não funcionava.

Júlia reconheceu aquele olhar atento passeando pela tela do *iphone* porque o vira incontáveis vezes: Hubert calculava. Ela teria preferido que ele dissesse “Que é isso, Júlia, endoidou? Vá dormir e amanhã vamos rir disso no café” porque aí ela poderia contradizê-lo, os dois teriam uma discussão — acalorada, com sorte — e o embate de algum modo a confortaria. Conforta qualquer casal. Mas não era nada disso o que o olhar de Hubert queria dizer.

— O velho não vai fazer nada com a gente até a lua cheia — ele segredou de volta, e o fato de o marido ter sussurrado congelou a alma de Júlia. Ela sentiu como se a temperatura no laboratório houvesse despencado de modo abissal e eles estivessem no interior de uma câmara frigorífica, entre carcaças de animais penduradas em ganchos de aço no teto.

— Hubert, a gente precisa ir embora.

— É tarde, Júlia. Já fomos longe demais. Pense comigo... — Ele elevou o tom, mas continuou sussurrando. — Se sairmos agora, Tobias vai mandar nos matar e colocar outro no lugar. Temos que ser *necessários*. É nossa única proteção.

— Que utilidade vamos ter depois da lua cheia, Hubert? Vamos, querido, arrume as suas coisas, por favor. A gente pode sair enquanto ele dorme.

— Depois da lua. Não antes.

O que teria de fazer, implorar? Por que era sempre assim, difícil?

— Haverá uma janela de oportunidade, eu sei. — Ele não piscou, convicto. — Confie em mim.

— Não, não haverá. Esqueça a lua, Hubert, pare de sonhar com ela. O que existe desde que chegamos nesta casa é um homem em cárcere, parede e meia com esse laboratório! — Júlia socou a parede de concreto com o punho e o marido a conteve, segurando-a pelo braço. — O nome dele é Max, sabia?

— Não quero saber o nome dele!

— E, agora, há também um assassino... Um assassino, Hubert! Você não entende? Se ele matou o doutor Stabile, o que acha que vai fazer com a gente? Onde você imagina que ele vai parar?

— Ele não vai parar — Hubert admitiu. — Se fugirmos, ele vai atrás. Não vai sobrar testemunhas de nada disso, Júlia. A gente deve continuar.

— Eu não posso.

— Espere a lua. Quando ela surgir, ele vai estar nas nossas mãos. Estará preso e vulnerável. Será a nossa chance.

— Você quer vê-los. É sobre isso, não é? Você quer *vê-los*, documentá-los, comandar a porcaria do show!

Hubert não respondeu. Não precisava. Ela compreendia o esposo, assim como ele também a entendia. Por mais que Hubert estivesse convencido do risco que corriam, nada no mundo poderia demovê-lo da vontade de ver o monstro. Era claro que havia alguma lógica em seu raciocínio, Júlia sabia, mas a ética de Hubert fora comprometida pela sua vaidade e colocaria em risco a execução de qualquer plano.

Ela continuou no laboratório, em silêncio, as costas apoiadas contra a parede fria. Ficou tempo o suficiente para ver Hubert voltar a manipular as amostras, concentrado como se ela não estivesse ali e eles nunca houvessem discutido sobre o risco de morte de trabalhar naquela mansão.

Não havia mais o que conversar, precisamente porque ele jamais voltaria atrás, não por ela — e isso a frustrava. Ela viu os refrigeradores abarrotados de bolsas de sangue. Um estoque descabido e além do razoável. E, então, compreendeu a extensão da ambição de Hubert. Estava sozinha; e mais gente além de Stabile iria morrer se ela não fizesse algo.

Pobre Max. Ele era o princípio de tudo, e, ainda assim, o portador da fera era, dentre eles, o único inocente.

II

— Se soubesse que me traria ao Chardy não teria vindo!

Fernanda escaneou o salão à procura de olhares acusatórios e dedos apontando em sua direção. E se alguém a reconhecesse? E se lhe pedissem para se retirar? Humilhações públicas não faziam parte dos seus planos, não mesmo.

— Qual o problema com o Chardy? — Léo perguntou, e de fato seria difícil compreender por que alguém não iria querer almoçar no melhor restaurante francês da cidade.

— Digamos que passei por uma situação constrangedora aqui...

Uma guerra de comida, quem nunca?

— ... De todo modo, você tem razão. Derrete na boca. — Fernanda mastigou sem dificuldade o medalhão de filet mignon mal passado ao molho curry picante e pimenta biquinho. Sentiu algo próximo de um orgasmo gastronômico.

— Eu te disse. Dá pra cortar com a colher — Léo exagerou.

Um grupo animado, três moças e dois rapazes aparentando serem colegas de trabalho, chegou para ocupar a mesa à esquerda. Vieram escoltados por uma morena alta, que caminhava pelo salão com o pescoço ereto e o peito estufado, como uma autêntica princesa africana. *Ela tem porte*, Fernanda admirou, não sem um pinga de inveja.

— Ei, veja... — beliscou Léo, apontando discretamente para a garota. — A Renata... — falou, baixinho.

Renata se virou na direção deles. Teria ouvido? Léo a cumprimentou com um aceno; ela devolveu-lhe um sorriso simpático e retornou à recepção.

— A garota do Max, segundo você — disse Léo.

— Não exatamente... A garota de quem ele gosta, foi o que eu disse; mas ela não quer ele. Não ainda, porque, com as minhas dicas, ele vai longe, meu amor.

— Ele precisa das suas dicas, acredite! — Léo riu. — Quanto à Renata, ela é bonita, sim, mas não faz meu tipo.

Essa garota faz o tipo de qualquer um, qual é o problema com ele? Ora, ora, acorde garota! O que ele quis dizer foi: “Você, Fer, você faz meu tipo”. Pensou que houvessem superado essa dinâmica, que ele tivesse entendido que ela o queria como amigo. Era uma pena ter de frustrá-lo. Desta vez, no entanto, não se sentiu incomodada como quando ele a abordara no Café Imperial. Será que... Não, bobagem. Ele é que não faz meu tipo.

— Não vai atender? — ele perguntou, indicando o lado dela da mesa.

O celular de Fernanda quicava sobre a toalha creme imaculada do Chardy. Não era uma ligação, porém. Mensagens de texto piscavam em sequência na tela; passariam despercebidas não fosse o aviso de Léo. Fernanda não escondeu a onda de frustração e desânimo ao lê-las, uma por uma.

— Algo errado?

— O Barreirinha... Disse que o advogado do João passou mais cedo que o combinado no escritório dele.

— E então?

— João não vai assinar, mudou de ideia. Vai ser um divórcio litigioso a partir de agora. — Ela urrou, com ódio. O grupo da mesa vizinha olhou, curioso. — O filho da puta não quer se separar, acredita?

— Acho que consigo acreditar, sim.

— O Barreirinha disse que vai montar a petição e entregar no fórum.

Fernanda mordeu o medalhão de mignon com força, seus dentes rangeram uns contra os outros depois de perfurarem a carne macia. Queria se ver livre daquela situação de merda o quanto antes, mas ia demorar um pouco mais. João ia dificultar.

Paciência. Só o que ele conseguiria era adiar as coisas, porque sua decisão estava tomada e não havia volta. Uma nova vida estava por vir. Só dela. Não sabia o que ia fazer, mas descobrir sozinha era parte da diversão. Além do mais, Max poderia ajudá-la. Ele, também, tinha tanto a descobrir sobre si. Que pretensão, comparar o seu caso ao dele! Mas, de algum modo, a comparação cabia. Um daria força ao outro.

— Sinto muito, Fer — disse Léo, no modo automático. Sua atenção parecia ocupada com algum outro assunto. — Essa viagem toda a troco de nada...

A troco de nada? Os sentimentos dela mudaram, em um átimo. Tudo tinha um propósito. Ela abriu um sorriso oportunista.

— Nem pense nisso.

— Ora, vamos! Regras de hospital estão aí pra serem quebradas!

— Duvido que isso seja verdade.

— Ele não está tão ruim assim, foi você quem disse. Deixa que eu falo com os funcionários do hospital... Com os médicos, se for preciso. Vão nos deixar entrar juntos, quer apostar?

— Fer, veja... Você não pode...

— Está decidido, eu vou. Não se diz um *não* para quem acabou de...

Fernanda não completou a frase. Léo não estava escutando. Ele havia entrado em uma espécie de transe, hipnotizado pela reportagem do jornal local que passava na televisão do bar do restaurante.

— O que você...

— Quieta um segundo, Fer! — Léo falou, dispensando-a.

Onde ele estava com a cabeça? Para quem queria algo com ela, tratá-la com desdém era uma péssima ideia.

— Ei! Olha como fala comigo!

Leonardo levantou-se e foi até o balcão; ela foi atrás.

— Garçom, o volume, por favor.

Uma foto de Osmar Stabile havia aparecido no televisor, com o nome do advogado estampado no gerador de caracteres. Fernanda não sabia quem ele era.

— *Obrigado, Janaina. De volta ao estúdio. A polícia divulgou agora há pouco que está desaparecido há quatro dias o advogado tributarista Osmar Stabile, de sessenta e oito anos, fundador do escritório de advocacia Stabile & Vargas, um dos mais conceituados da capital. Stabile foi visto pela última vez deixando o trabalho após o expediente na Avenida Paulista, ao final do dia. Ao que consta, ele se dirigia para casa em um Toyota Corolla chumbo. O advogado Osmar Stabile foi Secretário do prefeito Paulo Varanda, e era conhecido por atuar nos bastidores de grandes casos envolvendo dívidas de empreiteiras junto à Prefeitura do município. Sua esposa, a conhecida artista plástica Alicinha Mendonça, acredita que ele possa ter sido sequestrado ou que exista motivação política. Ou até mesmo, segundo ela, vingança! De acordo com a polícia, não houve contato por parte dos possíveis sequestradores e todas as linhas de investigação seguem abertas. Quem tiver informações sobre o paradeiro do advogado Osmar Stabile deve avisar às autoridades imediatamente no número que aparece na tela. A família chegou a oferecer uma recompensa em dinheiro, mas a*

polícia desaconselhou a prática e a recompensa foi retirada agora há pouco como nos informou a repórter Janaína Freire.

“Futebol! Após três rodadas sem vencer, o Corinthians desencantou jogando fora de casa...”

— Fer, a gente tem que ir buscar o Max agora!

— Ele vai receber alta?

— Ele vai morrer.

Morrer?! Do que ele estava falando? Como ele podia concluir aquilo a partir de uma notícia na televisão sobre um advogado qualquer?

Havia algo de muito errado acontecendo entre Max e Leonardo; algo muito além de os dois terem parado de trabalhar juntos.

— De onde você tirou isso, Léo?

— Você lembra do que eu te disse sobre ter feito coisas terríveis?

Ela o encarou em silêncio, avaliando-o, e o seu sexto sentido disparou. O acidente, a internação, o pedido de demissão... Léo teria tido algo a ver com a situação de Max? Não, não podia crer... Ele não seria capaz, mas uma confissão escabrosa estava por vir, e ela sentiu que seria do tipo que não admite perdão.

— Vem comigo. Prometo que conto tudo no caminho.

III

Ding-dong! Ding-dong! Ding-dong!

Rica esmurrou a campainha do consultório odontológico na Rua Fidalga, chamando a atenção dos clientes da padaria do seu Miguel, que compravam X-saladas na chapa e salgados oleosos para tapear o almoço.

A porta da clínica do Rafinha dava para a calçada movimentada da Fidalga. Quando aberta, um lance íngreme dava acesso ao sobrado do prédio. O doutor Abílio, pai do Rafinha, ocupara aquela sala comercial antes deles nascerem, e a havia deixado para o filho. Rica odiava o consultório do amigo. Tinha cheiro de flúor, e o fazia se lembrar do barulho do motor da maquininha do seu Abílio — *Vzzzzzzzzzzzz!*

Arrepiado com a lembrança, enterrou o dedo no botão de chamada.

Ding-dong, ding-dong, ding-dong, ding-dong...

Rafinha desceu as escadas esbaforido. Suava, incomodado pelo esforço e o calor do meio-dia.

— Não ouviu a campainha, animal? — Rica abriu os braços. Uma senhorinha que saía da padaria equilibrando duas sacolas pesadas olhou, assustada. — Quebrou, por acaso?

Rafinha olhou para ele com cara de tédio. Parecia cansado e desacorçoado. Vai ver estava dormindo, o amigo não tinha muitos clientes mesmo. Ao vê-lo reagir daquele jeito, Rica decepcionou-se um pouco com Rafinha. Esperava que ele o xingasse de volta.

— A campainha funciona. O interfone é que está quebrado. — Apontou para o microfone sobre o interruptor. — Venha, suba...

Rica fez que não com a cabeça.

— Carece não, o recado é rápido. — Elevou o telefone à altura do peito. — Escute só...

Rica apertou o play na mensagem de áudio de Leonardo.

— *Rica, deixa a cela pronta. Estou indo buscar o Max. Se eu não aparecer com ele na cidade até amanhã quer dizer que vamos precisar da sua ajuda e do Rafinha. Vou deixar o endereço com você... do local onde ele está...* — Pausa. — *Se tiver curiosidade de checar, vai ver que não é um hospital... Tomem cuidado. A Fernanda está comigo. Ela sabe de tudo... e, por tudo, quero dizer que ela sabe até mais do que vocês. Mas logo vocês também vão saber, eu juro. Me desculpem. Não foi por maldade, foi...* — Pausa. — *Eu vou me redimir. Eu prometo.*

— O que isso quer dizer, Rica?

— Sei tanto quanto você, irmão.

— A jaula tá pronta?

— Você sabe que tá.

— E você?... Está? — o Rafinha perguntou, desafiador. A expressão de tédio havia sumido. Era assim que ele gostava de ver o seu amigo favorito.

— Posso ir buscá-lo hoje mesmo.

— E o Léo?

— Você ouviu. O Léo anda estranho. Meu palpite é que, de alguma maneira, ele é o filho da puta nessa história... mas é o *nosso* filho da puta, saca? Quando é assim, primeiro a gente ajuda... E depois a gente se acerta com ele.

— Pelo Grêmio? — Rafinha provocou.

É disso que estou falando! Nunca vira o Rafinha tão vivo nos últimos vinte anos. Ele estava disposto a fazer algo a respeito. A vontade de agir transformava o Rafinha-dentista-fracassado de volta no Rafinha do Grêmio. E isso era muito.

— Pelo Grêmio! — Deram as mãos no ar, como em uma queda de braço flutuante. — Arruma as suas coisas que eu volto mais tarde com a picape. Tem uma pessoa com quem eu quero conversar antes.

IV

29 de julho.

Véspera da lua cheia.

Max mal sentiu a picada. Foi suave, como um beliscão no braço. A médica esterilizou a região com algodão e álcool, mas não aplicou curativo, apenas desceu de volta a manga da camisola hospitalar. Ele havia acabado de acordar e, desta vez, fazia uma boa ideia de por quanto tempo dormira.

Depois de sentir o perfume adocicado de Júlia, ficou contente porque era ela quem tratava dele, e não o médico ou a ajudante. Quando Júlia apareceu no seu campo de visão, sorriu. A imagem confirmou a potência do seu faro e o fez se sentir confiante novamente.

Logo, porém, seu braço começou a arder, a extensão inteira dele. A ardência não se limitou ao membro, e estendeu-se para o corpo todo, como uma carreira de pólvora queimando a caminho de explodi-lo por dentro. Ato reflexo, Max se sentou na cama pela primeira vez desde que fora aprisionado na mansão de Tobias Muller.

— É adrenalina.

Max se virou para Júlia. Ela estava ao seu alcance, podia tocá-la se o quisesse. Sentiu seu coração pulsando; a atenção dela distraída com as drogas, as máquinas que faziam barulho e os sinais que chegavam dos eletrodos e plotavam gráficos nos monitores. Não queria trair a confiança da doutora, mas a sua sobrevivência estava em jogo. Era a sua chance. Júlia soltou os seus braços, e uma vontade insana de atacá-la lhe passou pela cabeça. *Contenha-se!*

A despeito do tronco livre, tiras grossas de couro o prendiam pelo quadril e as pernas. A médica não fez menção de retirá-las. Ele as testou, estavam bem presas; machucou-se com o esforço e elas sequer se moveram. Ledo engano: imaginou que estivesse forte o bastante para levantar-se e fugir, mas não estava.

— Deite-se, procure não se esforçar — ela sugeriu, com a voz baixa e mansa. — Você me entende bem?

— O que fizeram comigo? — perguntou, sentindo-se impotente. Júlia o ajudava, mas não podia continuar submetido à vontade dela ou de quem quer que fosse. Tratavam-no como um animal, e isso ele não permitiria.

— Suspendi a morfina endovenosa e a substituí por soro fisiológico. Pela evolução da sua curva metabólica, que é... — Ela parou para escolher uma palavra. — na falta de melhor termo, *extraordinária*... Amanhã estará forte como um cavalo.

— Então me solte agora mesmo!

— Você está fraco ainda. Desse jeito, não vai longe. Preciso que finja que continua anestesiado, pode fazer isso? Permaneça quieto na cama até que eu diga que é seguro. Porque se ele descobrir que você está consciente... é atrás de mim que ele virá.

— Garanto que estou bem, doutora. Me tira daqui... — Max forçou novamente as amarras, sem sucesso.

— Quando chegar o momento, darei o sinal e você foge o mais rápido que conseguir, sem olhar para trás.

— Isso vai ser quando?

— Amanhã.

— Amanhã?

Max não conseguiu esconder a surpresa. Ela começou a prender de volta o braço direito dele nas tiras de couro, afivelando-as com força. O antebraço doeu e inchou com a interrupção da circulação sanguínea.

— Doutora... quando é a lua cheia?

Julia desviou o olhar, concentrada. Max desejou que ela fosse menos meticulosa na tarefa, pois mal conseguia mover o membro.

— Amanhã, também.

Max respirou fundo, mas os seus pulmões não encheram de ar. Seus piores pesadelos se tornavam realidade. A lua estava próxima. Era tarde demais.

— Você tem pra onde me levar?

— Não.

Estava claro que a doutora não havia pensado o suficiente a respeito. Max levou a mão esquerda, ainda livre, ao rosto. Era bom poder se coçar. Sentiu a barba

entre os dedos, macia e espessa; estava curioso para vê-la no espelho, nunca havia deixado ela crescer além de uma semana. Pinicava à beça, e quanto mais ele a coçava, mais difícil era parar. Em breve, Júlia terminaria de amarrá-lo e o desconforto seria insuportável.

— Eu tenho para onde ir — segredou. — É longe, mas é seguro. Precisamos fugir antes que anoiteça. — A doutora o encarou, sem dizer palavra. — Você vem comigo, não vem?

— Não sei ainda, Max.

— Você sabe o que eu sou, não sabe?

— Descanse — ela disse. É claro que sabia. — Amanhã será um dia cheio.

V

A câmera de vigilância empoleirada no muro apontava para a calçada da Avenida Conselheiro Rodrigues Alves. Discreta e compacta, era protegida por um domo de vidro enegrecido.

Último tipo, Léo pensou, e parecia recém-instalada. Ele olhou para a lente e acenou, tímido. Alguns minutos depois, o portão eletrônico destravou e ele entrou. Da última vez que viera, não havia câmera no muro e Isabel veio recebê-lo na rua sem deixá-lo esperando. Não foi difícil adivinhar que a proximidade da lua cheia havia feito Tobias tomar precauções extras com a sua segurança.

A empregada o esperava na sala, tensa. Léo a cumprimentou e fez menção de passar por ela, que pulou à sua frente. Tentou se desviar, disse que subiria para ver Max, mas Isabel o deteve com a mão em seu peito, sem cerimônia.

— O doutor Tobias insiste em vê-lo. Ele me pediu para levá-lo ao escritório.

Leonardo hesitou. Teriam recebido o doutor Stabile daquela exata maneira? *A morte o aguarda no escritório, doutor Stabile. É por aqui, por favor. Cuidado com o degrau.* Não estava gostando nada daquilo.

Saber que Fernanda esperava por ele do lado de fora, no carro, a postos para chamar a polícia caso ele não entrasse em contato em uma hora, o deixou mais tranquilo. Mas não muito.

— Entre. Ele o aguarda.

O escritório ficava no térreo, e cheirava a fumaça e mofo. Era antiquado e mal iluminado, forrado com um carpete marrom, grosso e puído. Léo sentou-se no couro bege da poltrona *chesterfield*. O sapato afundou nas fibras da tapeçaria.

Correu os olhos pela escrivaninha à sua frente. Não havia qualquer sugestão de modernidade no ambiente de trabalho de Tobias. Esperaria encontrar um computador de mesa que fosse, com o gabinete em torre ao lado de um monitor de tubo, mas nem isso havia. Só o que viu foram mais tons de marrom: a madeira, a estampa do sofá, as prateleiras repletas de aparelhos telefônicos da Brasitel enfileirados como em um museu da comunicação. O tempo retrocedera naquela

sala, e não apenas na decoração e nos objetos de uso. O tempo voltara para Tobias Muller.

O velho o recebeu sentado em uma cadeira de espaldar alto, sem fazer menção de levantar-se. Apesar de permanecer sentado, fazia movimentos ágeis com os braços e reclinava o corpo no encosto como uma criança inquieta. Quando falou, sua voz saiu clara e precisa, sem engasgos, como se tivesse reformado as cordas vocais com um afinador de pianos. Para compor o personagem, pintara os cabelos e as sobrancelhas; estavam preto-brilhantes, do fio à raiz, conferindo-lhe um aspecto um tanto ridículo.

— A que devo a honra, senhor Andrade?

— Amanhã é dia de lua cheia, Sr. Muller. Ele não pode ficar aqui.

— Se é o restante do pagamento que lhe preocupa, e penso que deve ser, fique tranquilo que irei pagá-lo. Você entregou o que prometeu, garoto. A transformação será um sucesso. — O velho quebrou uma noz, esmagando-a com a mão nua. — Servido? — Léo reparou na vasilha sobre a mesa, transbordando com nozes, amêndoas e pistache.

— Não foi o nosso trato. O senhor sabe o que acontecerá com ele quando a noite cair. Não pense que pode domá-lo, Sr. Muller... Ninguém pode.

— Max está seguro aqui. Na verdade, não sou capaz de pensar em outro lugar onde ele estaria mais seguro. Aqui há médicos, há contenção, assistência... Volte depois de amanhã, meu rapaz, e receberá o restante do dinheiro. Faço questão de entregá-lo pessoalmente.

— O problema não é o dinheiro, Sr. Muller. São a saúde e a segurança do Max que me preocupam. O senhor não pode prendê-lo.

— Ora, será apenas por uma noite ou duas. Você já tolerou tanto, não é? Que diferença pode fazer esperar pela última noite?

— Não é uma noite qualquer.

— Max estará a salvo... e você, duas vezes mais rico.

— Sr. Muller, escute...

— Estou sendo razoável, senhor Andrade! — Tobias levantou a voz, que saiu grave e gutural como a de um demônio hollywoodiano. Léo notou que o próprio Tobias se assustou com o tom, esforçando-se para atenuá-lo. — Se os termos não te agradarem... — pigarreou — penso que terá de discuti-los com o meu advogado. Assim que conseguir encontrá-lo, eu quero dizer. Se está a par do noticiário, sabe que o pobre Osmar está desaparecido. — O velho exibiu um

sorriso malicioso o suficiente para servir de confissão no tribunal do júri. — Estamos conversados?

Léo segurou a respiração. Se mordesse a isca e discutisse a situação de Osmar Stabile, talvez Tobias o esmagasse como fez com a noz, bem ali e naquele instante. E, então, ele não poderia se redimir com Max, o Grêmio e Fernanda.

— Como eu imaginei. Agora, se não se incomoda, tenho assuntos a resolver. Isabel irá acompanhá-lo até a saída.

Tobias chamou por Isabel e ela abriu a porta do escritório como se estivesse ouvindo a conversa. As vias diplomáticas haviam fracassado: o resgate de Max seria mais difícil do que ele imaginava.

— Até a lua nova, Sr. Andrade! — Tobias acendeu um charuto e o levou à boca. O cheiro forte de tabaco impregnou o escritório, e Léo salivou.

*

Na rua, do outro lado da calçada, Fernanda aguardava no carro com o motor ligado. Roía as unhas vermelhas, desmanchando o esmalte *deixa beijar*, quando viu Leonardo atravessando a rua. Estava branco feito papel, com um olhar aparvalhado, e não percebeu quando um motoqueiro passou xingando e buzinando, tirando uma fina do traseiro dele. Fernanda destravou as portas e ele entrou, assustado.

— Vê se olha por onde anda, Léo. Quer morrer?

As bochechas dele coraram e os seus olhos ganharam movimento e vida.

— Voltou a falar comigo?

— Já disse que estou aqui pelo Max.

— Dá um desconto, Fer. Estou me esforçando.

Sim, você está... mas pensa que é o bastante?

— Coloca o cinto. Ao contrário de você, não quero provocar um acidente.

Ela era capaz de comprar a ideia de que Léo não tinha imaginado que as coisas tomariam aquele rumo, mas perdoá-lo? Ele vendera o próprio amigo! Quem faz um troço desses?

Fernanda arrancou pela avenida, fazendo o motor gritar. Tinha pressa para deixar a mansão. Subiu a França Pinto a milhão, furando semáforos e ultrapassando veículos pela direita nas faixas estreitas da rua. Sua impressão era a de que podiam ser ouvidos a curta distância, por mais que isso fosse impossível.

Depois de três quarteirões, sossegou, e estacionou o carro enviesado em um mercado da Rio Grande, ocupando duas vagas.

— Pois então, por que voltou sozinho? Cadê o Max? Quando vão deixar ele sair?

— Não consegui vê-lo.

— Como assim não conseguiu? O que fizeram com ele?

— Está seguro. O velho me garantiu.

— Se ele estiver morto, eu vou...

— Calma, Fer. Ninguém está morto. Não farão nada com ele tão cedo. Mas a gente tem que agir logo.

— Puta merda, Léo! Isso quer dizer que temos que ir à polícia. — Ela socou o volante involuntariamente e a buzina disparou. Um senhorzinho saía do mercado para a calçada e derrubou as compras com o susto; uma dúzia de ovos espatifaram-se no chão e ele xingou o casal. Fernanda olhou para a calçada manchada de amarelo e para o coitado praguejando. — Não temos outra alternativa.

— Resta uma. — Léo se ajeitou no assento. — O Rica e o Rafinha estão de prontidão. Nós vamos resolver isso sozinhos. Vamos entrar lá e pegar ele.

— Endoidou? O Rica e o Rafinha não são da polícia. O tal do Tobias vai dar um fim em vocês três. Não posso crer que ainda pensem dessa forma, como se tivessem treze anos.

— Não vamos deixar o Max na mão como fizemos com o Carleto.

— Que diabos! Isso não é sobre o Carleto. O Carleto... — Ele desviou o rosto. — Olha pra mim! Entende, cara, foi difícil pra todo mundo! Não pense que foi só pra vocês, mas o Carleto... ele está morto e enterrado!

— Você não estava lá!

— Não importa! Nada do que vocês fizerem vai trazê-lo de volta. É sobre o Max, agora. Ele, sim, precisa de vocês. E vocês sequer têm um plano!

— É onde você se engana.

— Um plano inteligente, pelo menos? Taí algo que eu gostaria de ouvir, mas o único plano realmente inteligente é pegar o telefone e discar pra po-lí-ci-a. — Ela separou as sílabas, como se o espaçamento entre elas tivesse algum poder de convencimento.

— Escute. A empregada vai me deixar entrar novamente, nem que seja pra me prenderem. O velho é esperto. Tobias não vai arriscar que eu volte mais tarde com a polícia. Eu, no lugar dele, não arriscaria.

Até ali, fazia sentido.

— Em seguida, vou rendê-la e pegar o Max. Tobias está cuidadoso, colocou câmera e tudo, mas, ainda assim, é quase como se não existisse segurança naquela casa. São só câmeras, percebe?

— Eu vou chamar a polícia.

— E vão me prender de cúmplice, é o que você quer?

— Não me importo se te prenderem. Você merece.

Fernanda suspirou. O argumento dele parecia egoísta, mas ela sabia que não era. Não era com a própria pele que ele estava preocupado. E ela mentia. Importava-se, sim, que o prendessem. Leonardo era uma alma torta, como a dela. Quem diz que são os opostos que se atraem não entende nada da natureza humana.

— Se chamar a polícia resolvesse a questão — ele disse —, eu seria o primeiro a pegar o telefone e discar 190.

— Onde você quer chegar?

— Quer mesmo saber?

— Quero entender.

— A polícia vai colocar o Max em um hospital assim que o libertar do cativeiro. Um hospital de verdade desta vez, não um quarto de fachada como o que ele está agora. Os médicos dentro da casa o mantêm sedado. Quando se deparar com a situação, qualquer policial que honre o distintivo irá interná-lo por precaução.

— E então?

— Então ele vai se transformar *dentro* de um prédio público, porque irão mandá-lo para lá, por mais que você se oponha. Ninguém em sã consciência vai acreditar se você contar uma história de homem virando lobisomem; e depois, mais tarde, quando a lua cheia subir, o Max vai escapar e teremos um lobisomem à solta na cidade mais populosa do país. Vão matá-lo na primeira oportunidade em que ele fugir do controle. Um tiro certo, no meio do fuço, é o que vai ser. E, até lá, ele terá levado um bocado de gente inocente junto. A gente precisa resolver isso sozinhos, Fer.

— Merda! No que foi que você nos meteu?

— Essa não é a parte em que a culpa minha. Não sou eu o filho do lobo.

— Quando os dois malucos chegam? — Fernanda suspirou.

— Se bem os conheço, já estão a caminho.

— É bom você bolar um plano melhor até lá. E, desta vez, um plano que me inclua!

VI

Naquela madrugada, Hubert não observou os lunócitos no microscópio. O trabalho de pesquisa estava feito, e o programa de transfusões concluído com sucesso. Em menos de vinte e quatro horas, ele, Júlia e Simone observariam o maior espetáculo da terra. Era tempo de preparar o picadeiro, e ele o faria com a diligência de um soldado em campanha, passando os protocolos em revista e atento aos mínimos detalhes. Um cientista que se preza precisa assegurar-se de que nada sob o seu controle falhará, e deixar ao sabor do acaso apenas a parcela que lhe cabe: a menor possível.

Entre onze da noite e duas da manhã, Hubert passou a madrugada ao lado de Simone. Júlia não estava em condições de completar a missão, e por esse motivo, preferiu dar espaço à esposa. Afastá-la dos eventos preparatórios, do convívio com o paciente beta e de tudo que remetesse ao experimento. Quando estivesse descansada, enxergaria as coisas do jeito dele, é claro, porque o jeito dele era o certo. Até lá, deveria poupá-la. Um bom marido era capaz de fazer isso; mas atendê-la? Isso não podia fazer. Não poderia ceder se o quisesse, pois o que estava por vir era maior do que Hubert e Júlia, do que Tobias Muller, ou do que o próprio paciente beta. O evento próximo transcendia as fronteiras da humanidade.

Com a ajuda de Simone, testou os equipamentos que seriam utilizados no controle e monitoramento da cobaia alfa. Era como chamariam Tobias durante o experimento, e o modo como ele seria identificado nas anotações a serem compartilhadas com a Academia no futuro. Cobaia alfa. Parecia brega, mas quem se importava?

Hubert e Simone ligaram o medidor de batimentos cardíacos, o desfibrilador, os eletrodos para monitoramento das atividades cerebral e cardíaca; conferiram as doses de morfina, as amarras de contenção e os dardos tranquilizantes. *Que a sorte nos livre de usá-los!*

Lamentou a simplicidade dos aparelhos à disposição; estavam a anos-luz do estado da arte na medicina nos melhores centros cirúrgicos e laboratórios do primeiro mundo. Havia, porém, um certo charme no improvisado. Em fazer ciência clássica e pioneira, com poucos recursos, como os que vieram antes. Ainda assim, se tivesse ao menos um aparelho de ressonância magnética para estudar as

alterações durante a transformação, a qualidade e o volume dos dados seriam consideravelmente melhores.

Hubert deu de ombros; que mais podia esperar de uma instalação clandestina montada às pressas quando sequer levavam Tobias Muller a sério? Na próxima lua cheia, faria diferente. Levaria a cobaia alfa para o Hospital das Clínicas, ela quisesse ou não. Ansioso, trancou a sala três, a que receberia Tobias — o primeiro lobisomem criado em laboratório. Tudo em ordem e pronto para uso.

— Estou dispensada, Dr. Hubert?

Simone aparentava estar tão apreensiva quanto Júlia. Será que ela sabia do desaparecimento de Stabile? Melhor não perguntar.

— Falta checar a medicação do Beta... — Hubert consultou o relógio, eram duas e dez da manhã. Não queria abusar da assistente, precisaria dela disposta no dia seguinte. — Posso fazer sozinho.

Simone agradeceu e seguiu para o seu quarto em passos curtos e rápidos, sem olhar para trás.

De fato, não precisaria dela. A sala do paciente beta não receberia modificações. Os procedimentos do dia seguinte pouco diferiam dos que Júlia e ele conduziram exaustivamente ao longo das últimas três semanas. Bastava, como costumava brincar, *cabear* o paciente. Durante a metamorfose, a equipe ficaria no quarto-laboratório por medida de segurança, de onde acompanhariam os dados remotamente e observariam os pacientes por câmeras de vigilância.

Hubert checou a integridade das amarras que restringiam o Beta — firmes, como aço! — e retirou do quarto a máquina de transfusão. Não precisavam mais dela, e teve receio de que o lobisomem se machucasse com o equipamento caso conseguisse se libertar. *Besteira, ele não vai escapar...* Por fim, verificou o sedativo intravenoso, por descargo. Júlia era tão meticulosa quanto ele com a conduta terapêutica, o trabalho dela não merecia revisão.

Ao checar a infusão, pensou ter sido notado pelo paciente... Ele abrira o olho esquerdo? Não. Lógico que não. Aquilo era coisa da sua cabeça; convenceu-se de que, como Simone, precisava dormir, afinal nenhuma criatura poderia estar consciente com a dosagem cavalgar que ele próprio prescrevera. Sua intuição, no entanto, teimava em discordar.

Como pode ser?

Aproximou-se. A respiração do paciente pareceu-lhe acelerada, como se estivesse nervoso. Preocupado, conferiu o acesso venoso mais uma vez. O líquido era claro e ralo. Não podia ser morfina...

Mediu a pressão do beta com o esfigmomanômetro. Dezesseis por dez. O paciente estava consciente, ele podia sentir, podia quase ler seus pensamentos, mas por que fingia? Hubert colheu uma amostra do medicamento e o provou com a língua.

Soro. Soro fisiológico.

Aquilo não era trabalho de Simone. Ela não se oferecera para acompanhá-lo no quarto, e essa seria a primeira atitude que alguém culpado tomaria para encobrir os próprios passos. Fora Júlia quem sabotara a sua experiência. Júlia. Sua própria esposa. Como ela pôde traí-lo com o que lhe era mais caro?

Sentiu ódio. Quem ela pensava que era para destruir um experimento único na história da ciência? Transtornado, apoiou-se na parede por um instante. Seu coração palpitava. Precisava deitar e se acalmar; mesmo que fosse no quarto, ao lado de Júlia, a traidora. Antes, substituiu o soro por uma dose três vezes maior de morfina. O paciente passara tempo demais consciente. A atividade de véspera dos lunócitos fora frenética, os sedativos precisariam ser compensados para que ele não acordasse e botasse tudo a perder.

— Bons sonhos, meu amigo — ele disse e trancou a porta do quarto.

No corredor, ouviu o paciente se esforçando para soltar as amarras. *Com uma dose dessas... nem se você virar um leão, camarada.*

VII

Manhã de 30 de julho.

Lua cheia.

O sol ainda não havia nascido quando Júlia acordou às cinco e meia e desceu da cama com todo o cuidado do mundo para não fazer barulho.

Sabia que o marido dificilmente se levantaria antes das nove depois de passar a madrugada trabalhando nos preparativos para a lua cheia. Horas antes, fingira estar dormindo quando ele entrou no quarto, tropeçou na mesinha de cabeceira e deslizou para baixo da coberta sem tomar banho.

Hubert não costumava demorar mais do que cinco minutos para cair no sono, mas naquela noite ele parecia particularmente ansioso com o experimento. Rolava de um lado para o outro, balançando o colchão. Ele só fazia isso quando estava com a cabeça cheia de problemas.

Sem ser notada, na noite anterior Júlia deixara a sua mala pronta, escondida no banheiro social do segundo andar. Ela contornou a cama de casal, pé ante pé, ainda de pijamas; demorou uma eternidade para girar a maçaneta, usando os roncoss do marido para encobrir os rangidos das dobradiças enferrujadas.

No banheiro, lavou o rosto com água quente, fez xixi e se trocou com pressa, vestindo roupas casuais: calças jeans, camiseta preta e um moletom cinza da *Gap*. Saiu de lá carregando a mala pesada nos braços — as rodinhas de plástico trotavam sobre o piso frio, produzindo um barulho arrastado de chuva forte.

Não demorou e ela sentiu a musculatura extremamente tensa. Uma sensação de euforia dominou-lhe o corpo, como se as suas vísceras fossem saltar pela boca a qualquer instante.

A médica não era do tipo aventureiro. Se agia daquela forma, era porque a vontade de fazer a coisa certa superava a ambição de Hubert e o medo que sentia de Tobias. Além disso, havia um senso de autopreservação: continuasse na casa mais um dia, e ela iria morrer; disso, estava convencida. Júlia não queria morrer.

Pensou novamente em Hubert roncando na suíte. Ela o amava. Era uma pena, porém, que o amor dela nunca bastava para convencê-lo. Para seguir em frente, apegou-se à crença de que sua fuga solitária poderia salvá-lo. Se ela e Max fugissem, Tobias o pouparia. Por que matar Hubert com ela livre, pronta para denunciá-lo? Rendido às circunstâncias, o velho voltaria a vestir sua máscara de milionário senil e moribundo; ao menos até a próxima chance de eliminá-los — mas, aí, estariam preparados.

Assim que entrou no quarto de Max, Júlia parou ao lado da porta entreaberta. Chamou por ele uma, duas, três vezes, sem resposta. Sentiu um gosto amargo na boca. Algo dera errado no plano. *Mas o quê?*

Chegou perto, junto à cama, e o chacoalhou. De leve, primeiro; depois com força, fazendo ranger o leito. Max continuava inerte, como se houvesse entrado em coma profundo.

Inclinou o tronco e chegou mais perto ainda, para examinar o seu rosto. Ele babava.

Max! Acorde, homem, por Deus!

Os músculos dele estavam frouxos e gelatinosos. O coitado respirava, tinha pulso, mas... o que acontecera? Àquela hora da manhã, deveria estar forte como um touro, desperto e pronto para escapar da mansão. Nem Tobias poderia contê-lo. Do jeito que ele estava, porém, ela teria que fugir sozinha.

Júlia correu os olhos pelo cômodo. Sobre a mesa de apoio, duas ampolas vazias de sulfato de morfina. Não as deixara ali. Nem Simone. A auxiliar era cuidadosa, não tomaria a iniciativa de administrá-las sem a prescrição dela ou de Hubert.

As ampolas esquecidas com displicência em um lugar tão visível eram um recado óbvio: Hubert havia descoberto o seu plano, e não iria permitir que ela saísse de lá com o troféu dele, o paciente beta, a cobaia humana que ele não se dignava a chamar pelo nome.

Entrou em pânico. Max, assim como Hubert, ficaria para trás e a deixaria sozinha. Sem Max e a sua força, era perigoso demais fugir da mansão. Mas ela precisava tentar; tinha de sair e buscar ajuda... mas de quem? Da polícia? O marido jamais a perdoaria. Suas carreiras brilhantes, construídas em décadas de dedicação e renúncias, acabariam em um sopro. *Um sopro de morte.*

Cobriu o rosto com as mãos por um instante; pensaria nas consequências depois. Primeiro, precisava fugir. Apenas do lado de fora estaria segura, e a sua segurança garantiria a do marido e a de Max.

Suspendeu novamente a mala, levantando-a pela alça. Estava pesada, mas conseguiu carregá-la para o andar de baixo, fazendo pausas rápidas para descansar os músculos e diluir o ácido láctico no organismo.

Por entre as janelas do casarão, a primeira luz do dia entrou, débil. Júlia ganhou a sala de estar. A liberdade pareceu-lhe próxima, ao alcance das mãos, e ela abriu a porta principal com extremo cuidado. Estava destrancada. Puxou para si a folha de madeira, correu fácil e silenciosa. Júlia sentiu que a sorte havia, enfim, virado para o seu lado.

Confiante, prendeu a respiração, como em uma montanha russa, e escancarou a porta.

Do lado de fora, parado sobre o capacho de fibra esmaecido, um homem ria alto. Gargalhava.

Ela gritou, paralisada de horror. Tobias Muller esperava por ela, os braços apoiados sobre as laterais do batente. Estava desperto e disposto, como um vampiro de bom humor.

— Posso ajudá-la, doutora?

Não havia escapatória; não poderia negar que pretendia deixar a casa para sempre.

— Eu... — respirou fundo, mas o ar não veio. — ... estou indo embora.

— Embora? Hoje é o grande dia...

Júlia se recompôs. Ele jamais a mataria ali, a situação entre eles não havia escalado a esse ponto... Havia?

— Hubert e Simone irão assisti-lo durante a transformação. Eles serão o bastante.

— Doutora Akemi, por favor... Faço absoluta questão de sua presença nesta casa.

— Sinto muito.

— Sente mesmo? — ele perguntou. Júlia, em toda a sua vida, jamais ouvira uma frase soar tão sarcástica.

— Pode descontar a minha parte do pagamento.

— Preciso lembrá-la de que não foi esse o nosso trato?

— Muita coisa aqui esteve fora do trato, Sr. Muller. Agora, se me dá licença... — Ela arrastou as rodinhas na direção do velho, não havia razão para continuar carregando a valise.

— Não lhe darei licença, doutora.

— Vai me prender? Como fez com Max?

— Seja boazinha, deixe a mala onde está. — Ele caminhou na direção de Júlia, que largou a bagagem. — E, agora, vá para o meu escritório. É onde irá ficar até a meia-noite.

— O senhor deve estar brincando... Hubert jamais vai permitir que...

— Eu me entendo com ele — Tobias a interrompeu. — Agora, vamos! Não quero ter de usar de violência.

Júlia flexionou os joelhos e empurrou o velho Tobias com toda a sua força, apoiando as duas mãos em seu peito. O velho cambaleou para trás e girou os braços no ar. Ela torceu para que ele caísse de costas no chão; para que partisse a base do crânio contra o degrau da porta, esparramando sangue sobre o pórtico. Seria a sua chance: correria até o portão da rua e o abriria... estaria a salvo.

Mas ele não caiu.

Tobias pareceu surpreso com o ataque, e Júlia concluiu que o seu desequilíbrio momentâneo devera-se unicamente ao fator surpresa. Só o que conseguiu foi deixá-lo furioso. Ele avançou, e Júlia recuou por metros e metros, desde a sala até o escritório, sem virar-lhe as costas. Suas pernas tremiam, e o seu peito subia e descia enquanto ela gemia de pavor. Ele caminhava a passos largos, e Júlia percebeu que se esforçava para não agredi-la; que do autocontrole dele dependia a sua vida.

Quando ela cruzou o batente e entrou no cômodo, Tobias trancou a porta. Sim, ela estava presa. O que Hubert ia fazer agora? Será que ele estava obcecado com a experiência a ponto de abrir mão da própria esposa?

À beira do colapso, Júlia se agachou no canto do escritório; depois, deitou em posição fetal. Seu corpo estremeceu e ela não conseguiu deixar de pensar que o seu fim estava próximo.

VIII

Residência de Tobias Muller.

Algumas horas mais tarde, às 14h00.

Leonardo tocou a campainha e ela veio atendê-lo, desprevenida, como ele imaginou que ela viria.

— Sinto muito, Isabel...

Três passos depois do portão, no jardim, ele retirou do bolso o frasco de clorofórmio, embebeu o lenço bege de linho na substância e o usou para tampar o nariz e a boca da empregada.

— Não queria que chegasse a esse ponto... — sussurrou enquanto arrastava Isabel pelas axilas para dentro da sala, mas ela já não podia ouvi-lo. Com cuidado, ele a deitou no sofá de três lugares e posicionou uma almofada delicadamente sob a cabeça dela. — Vai passar em uma horinha, não se preocupe!

Léo se afastou do sofá e caminhou pela casa em silêncio, explorando os cômodos com o frasco e o lenço em mãos. No coldre de cintura, oculto sob a camisa, um último recurso, cortesia de Fernanda.

Agora falta o senhor, doutor Tobias... Onde você está, bom velhinho?

Começou pela cozinha, imaginando que Tobias pudesse ter o hábito de tomar um chá da tarde após as refeições, mas não era o caso. Depois, entrou na sala de televisão, onde havia um aparelho antigo de plasma, e viu que por lá ele também não estava. Seria preciso varrer o térreo cômodo por cômodo antes de explorar o andar de cima do sobrado. Não queria ser surpreendido pela retaguarda.

Abriu a porta de correr que dava para o terraço e viu a piscina vazia com o azulejo do piso retirado, remexido e sujo de terra. Havia restos de obra espalhados pelo gramado, em um canteiro improvisado.

Quatro cadeiras de ferro, viradas para o jardim, estavam desocupadas; notou diversos cadernos de jornal pelo chão, espalhados pelo vento. Sobre a mesa do conjunto, um cinzeiro de mármore cheirava a fumaça.

Voltou para a casa, fechou a porta de correr e deu de frente para o escritório com a porta fechada. Estimulado pela leitura vespertina no terraço, o Sr. Muller poderia muito bem ter ido ao seu escritório para resolver algum assunto pendente. Aproximou-se da porta e tentou abri-la, mas estava trancada. *Então é aqui que o senhor se esconde?*

— Me tira daqui! — Disse a voz feminina, baixa e abafada. Vinha do interior do cômodo, impregnada do timbre inconfundível do pânico. — Me ajuda!

Reconheceu algo além do timbre; era a voz da médica, a simpática médica oriental. Como ela se chamava? Júlia? Sim, Júlia Akemi. Era o nome escrito no jaleco. Por que diabos ela estava trancada no escritório? Léo sabia que os médicos estariam na mansão. Mas, que estivessem trancados... Bem, por isso ele não poderia esperar. Como o velho Tobias conseguiria mantê-los naquelas condições?

— Doutora? É você?

— O Sr. Muller está na casa? — ela sussurrou. Era difícil ouvi-la através da madeira espessa.

— Estou procurando por ele. A senhorita está presa ou se trancou aí dentro?

— Você está em quantos?

— Sou eu, sozinho.

— Vá embora! Chame a polícia... — ela disse, ainda mais baixo que antes.

— Posso com ele, doutora.

— Não, não pode.

Léo se afastou. O canalha andava armado. Era a única explicação para a confiança exacerbada que aquele homem fraco emanava, a ponto de falar grosso com ele e os médicos. Talvez portasse uma Colt igual à do pai do Max, fazia o estilo de Tobias. Mas ele teria uma bela surpresa.

— Pensei ter dito para voltar amanhã!

Tobias Muller? O velho estava atrás dele. Antes que tivesse tempo de se virar, ele colocou a mão sobre o seu ombro e o apertou com firmeza.

Léo derrubou o vidro de clorofórmio, que se espatifou no piso frio exalando um odor agradável que se espalhou pelo ambiente. Léo desvencilhou-se, recuou três passos e encarou Tobias.

Ele não está com um revólver em punho. Ótimo. Porque eu estou.

— Escute, Sr. Muller! O jogo acabou! — Léo sacou a *Smith&Wesson Bodyguard*, uma pistola compacta de seis tiros e mira a laser. A arma era do

tamanho da sua mão espalmada, feita para caber na bolsa. Pertencia a Fernanda, que a ganhara de presente do marido.

— Atiraria em um idoso, Leonardo Andrade?

— Fique onde está!

— Ninguém mata a galinha dos ovos de ouro — Tobias começou a caminhar na sua direção.

— Não quero o seu dinheiro.

— Para a prisão, você quer ir? É para onde vai, se atirar em mim dentro da minha própria casa. O que pretende alegar? Legítima defesa? — riu. Estava a três metros de distância.

— Nem mais um passo!

O dedo coçou no gatilho. A pele deslizou pelo aço negro da arma. Por que um revólver é tão frio? *Um homem. Estou ameaçando um homem de morte. Por isso é assim, tão frio.*

— Você não vai atirar.

Tobias tinha razão. Léo não ia atirar.

Dois metros de distância. Perto demais.

Eu posso com ele.

Um metro. Distância suficiente para sentir o cheiro da mistura de alfazema e cachorro molhado.

Léo virou o revólver na mão e o segurou ao contrário, pelo cano curto revestido de polímero preto, com a coronha apontada para a cabeça de Tobias. Chegava a ser covardia, atacar um senhor de idade desarmado.

Mirou na cabeça e aplicou o golpe, controlando a força. Não queria matá-lo.

Tobias levantou a mão esquerda. Parou a coronha do revólver no ar, sem esforço, como se estivessem encenando uma peça de teatro. Sem vacilar por um momento, arrancou a arma das mãos de Léo e a jogou de lado.

Em resposta, Léo armou um cruzado de esquerda e o desferiu na direção do queixo de Tobias. O velho desviou a cabeça e enganchou a mão direita no pescoço de Leonardo.

Os dedos dele comprimiam a sua garganta. A dor era insuportável.

Tobias continuou caminhando, empurrando o seu agressor em linha reta de volta ao escritório. Sem largar do pescoço de Leonardo, ele alcançou o bolso da calça com a mão livre, destrancou a porta do escritório e a abriu.

Léo tentou inspirar, em desespero; o ar não passava pela glote fechada. Quando estava prestes a desmaiar, Tobias o atirou no interior do cômodo e ele sugou o oxigênio com toda a força que lhe restava, escancarando a mandíbula feito um peixe fora d'água. Caído no chão, viu Júlia encolhida no carpete, escondida debaixo da escrivaninha, os braços dela abraçando os joelhos. Ela tremia.

— Não se preocupem, não vão perder nada. — A porta fechou. — Virei buscá-los à noite, para o grande momento. — As palavras finais atravessaram a folha de madeira enquanto a chave virava duas vezes na fechadura.

IX

São Paulo. Mesa externa do Bar da Saudade.

Entre 14h00 e 15h00.

Quando Fernanda contou sobre Max e Léo, os dois emudeceram. Rica entornou a cerveja; o copo rachou na borda ao retornar à mesa. Rafinha mastigou com raiva a porção de calabresa, rilhando os dentes.

Calados, não julgavam, e Fernanda pensou que continuariam assim justamente porque o primeiro que falasse seria o responsável por terminar a amizade com Léo.

Quatro milhões de reais. Por quatro milhões de reais, Léo revelara o segredo macabro do Grêmio, deixando a amizade entre eles à beira da destruição e a maldição do lobisomem prestes a expandir-se para além da família Bezerra.

Fernanda olhou para o relógio do celular. Uma hora havia se passado desde que se juntara a eles no Bar da Saudade, onde havia uma visão privilegiada para a entrada da casa de Tobias. Rica e Rafinha a tinham convencido a contar a história completa. A parte da traição; a que os dois não sabiam. Agora, o trio precisava conversar e decidir, por mais que não quisesse. Por mais que Rica e Rafinha talvez preferissem mandar Léo à merda e voltar para Piedade.

— E então? — Fernanda inquireu a dupla. Rica continuou encarando o copo vazio de cerveja, em transe. — Já deu o tempo!

— Pode enviar, Fer. — Rafinha disse.

— Se ele não responder, a gente vai à delegacia conforme o combinado, certo? — disse Fernanda, com o celular na mão.

Rica fez que sim com a cabeça; Rafinha concordou. Fernanda digitou a mensagem com os seus dedos trêmulos e as unhas roídas.

“Cadê o Max? Por que ã saiu ainda? Responde em 5... ou vou chamar a polícia!”

— Mandou?

— Dois risquinhos. Ele visualizou. Deve ter dado tudo certo, ele está com o celular à mão. Vamos aguardar que logo ele... — O celular vibrou.

“55 99317-8144 — Léo Andrade Piedade — chamando.”

Ela atendeu, aliviada. Sentiu-se fantasticamente leve, o que lhe pareceu uma sensação inédita. As últimas semanas haviam sido pesadas demais, e Fernanda não sabia como havia suportado. Finalmente, uma boa notícia a caminho. As coisas iam começar a mudar, a situação estava sob controle; a ponto de Léo telefonar para ela na frente de Tobias, da empregada e até dos médicos, e...

— *O Leonardo não pode responder, garota.*

Fernanda prendeu a respiração. Uma voz rouca e profunda ressoou em seu tímpano. Sua mão tremeu, e ela pressionou o celular contra o ouvido para que não caísse.

— Quem fala?

Ela procurou Rafinha em busca de apoio; ele a olhou de volta com um par de olhos confusos e esbugalhados.

— Tobias? Tobias Muller, é você?

Por que o canalha não respondia?

— Eles estão vivos? Diga! — insistiu, alterando a voz e notando que o garçom do bar se afastava da mesa.

— *Os dois estão. Bem, ao menos por enquanto pode-se dizer que sim. Se irão continuar, minha cara... A resposta, nesse caso, depende de você.*

Não havia hesitação na voz de Tobias. Ele sabia o que estava fazendo. O psicopata estava preparado para uma situação como aquela, como se esperasse por ela.

— A polícia está a caminho, Sr. Muller.

— *Se o Leonardo te contou a história inteira, você sabe que, de minha parte, não tenho absolutamente nada a perder. Caso a polícia bata na minha porta, acredite quando lhe digo que não hesitarei em matar os dois. Mesmo que me custe a vida, mocinha.*

— Sr. Muller, pense direito! O senhor não pode...

Fernanda descolou o telefone da orelha. Rafinha veio ao seu amparo, enlaçando o braço sobre os seus ombros. Ela continuou tremendo.

— Desligou na minha cara!

— Era o velho? — disse Rafinha. — Por que o Léo não atendeu?

— O que o Léo aprontou agora, Fer? — Rica perguntou.

— Tobias Muller vai matar os dois se a gente chamar a polícia.

— Arre, é um blefe! — garantiu Rica, e Fernanda teve um pouco de raiva dele; da certeza com que disse aquilo quando ela sabia que a voz com quem havia conversado não era do tipo que fazia ameaças que não estivesse disposta a cumprir.

— Não parecia estar blefando — ela disse.

— O que vamos fazer?

A pergunta do Rafinha dançou, solitária, no ar. O garçom se aproximou, recolheu as garrafas de cerveja e o prato vazio da porção. Perguntou se queriam mais alguma coisa. Os três negaram com acenos discretos e o garçom não insistiu.

— Nada — disse Rica. — Não vamos fazer mais nada! Vocês hão de convir comigo que agora é com o lobisomem. A noite em breve vai cair, e a verdade é que a gente não sabe o que vai acontecer. Não sabemos nem mesmo quantos lobisomens vão sair daquele buraco. Agora, meus caros, é a fera que decide. Com sorte, só o Max se transforma. Ele mata o Tobias e sai, são e salvo, por aquela porta.

— Sai de que forma?

— Ora, que pergunta! Vocês sabem que eu não sei responder isso!

— Ele vai matar mais gente lá dentro... — Rafinha ponderou. — Inclusive o Léo.

— Você não tem como saber.

— O pai dele matou o Carleto. A gente tava lá, Rica. Vai acontecer de novo.

— Isso foi há vinte anos. O Max não é o seu Brito.

— Desculpa, Rafinha, estou com o Rica nessa — disse Fernanda. — Estamos de mãos atadas. Se a gente chamar a polícia pode provocar um banho de sangue; e, na melhor das hipóteses, a polícia acredita na gente, entra lá e prende o Tobias... — ela suspirou. — Veja, mesmo que consigam fazer tudo isso sem ferir ninguém no processo... Ainda assim, a lua vai subir e o lobisomem vai vir. Estaremos todos mais seguros com eles lá dentro. Nós... e a cidade.

— Exato, vamos deixar que se resolvam — concluiu Rica. — É a lei da natureza... Ou é lei da selva que fala?

— O que estão sugerindo? Cruzar os braços e pedir outra porção? — Rafinha parecia não se conformar.

— Eu trouxe o carro do Léo. Não sei o que vocês farão, mas eu vou estacionar ele do outro lado da rua e esperar lá dentro. Se é verdade que o que vai acontecer foge do nosso controle, não invalida o fato de que a gente tem que estar preparado para as oportunidades que surgirem.

— *Se surgirem...* — advertiu Rica.

— Vou com você, Fer — Rafinha não queria ficar parado.

— Reservem um lugar no banco de trás — disse Rica, enquanto fazia sinal para o garçom trazer a conta. — Estacionei a Saveiro bem na porta da mansão, e acaba de me ocorrer que passar a noite em uma picape vermelha na rota de fuga de um lobisomem não é uma ideia das mais brilhantes.

X

23h00.

Hubert estava em êxtase. Enfim a casa e, em especial, a experiência eram dele. Estava no absoluto controle, como um deus, e a sensação não podia ser melhor. *Foi assim que o Criador se sentiu*, imaginou. Nunca acreditara em religião alguma, mas o tipo de poder que experimentava tinha, sim, algo de cósmico e sobrenatural. Era vida. Vida ao alcance das suas mãos. Vida à sua disposição.

Ao sair da sala três, despediu-se do mecenas aprisionado em grossas tiras de couro. Tórax, ombros, punhos, quadril, joelhos e tornozelos; cada músculo e ligamento contido e imobilizado. Desejou-lhe sorte.

Tobias Muller tentou intimidá-lo uma última vez. Quis lembrá-lo de que estava em sua casa, e que nem por um segundo deveria imaginar que comandava a operação, mas Hubert não deu bola. Sequer respondeu.

A partir daquele momento, o empregador passara a ser, para ele, a cobaia alfa. Sem nome, sem vontades... sem direitos. Hubert não devia explicações a ninguém, muito menos a um paciente vestindo camisola hospitalar.

Na sala dois, o paciente beta fora recém-despertado de um sono de nove horas ininterruptas. Assimilara uma dose cavalgar de tranquilizantes graças à ação incomum e esplêndida dos lunócitos em dia de lua cheia. O metabolismo do beta era tão veloz que os dados extrapolavam os parâmetros máximos estipulados por Júlia. Sua esposa merecia ver aquilo, precisava dela ao seu lado. Esqueceria por um instante a traição do dia anterior. Sabia ser misericordioso.

Hubert saiu e deixou Simone afixando os eletrodos no couro cabeludo do beta. Com a máquina de cortar cabelo, ela havia arrancado alguns chumaços do paciente para facilitar a condução elétrica e a coleta de informações. O beta parecia uma árvore de Natal embrulhado em fios que davam voltas pelo seu corpo, como lâmpadas de decoração. O médico achou graça ao pensar na comparação enquanto descia as escadas e acessava o térreo. Sob o olhar curioso de Isabel, destrancou o escritório, libertando Júlia e o amigo impertinente do paciente beta.

Com Tobias amarrado e a realização do experimento garantida pela proximidade da meia-noite, podia fazer as coisas do seu jeito. Hubert era cientista, não carcereiro. A esposa o abraçou, e ele a abraçou de volta.

— Não disse para esperar pela lua, Júlia? Venha, vamos... Faltam minutos. Já vai começar!

Júlia juntou-se a ele. Parecia abatida e contrariada, mas conseguia ser pragmática quando a situação exigia; era por isso que ele a amava. Leonardo seguiu os dois até o laboratório. Talvez devesse tê-lo deixado preso por mais algumas horas, por que não? O idiota os perseguia feito um carrapato; não parava de tentar convencê-lo de que ele não poderia domar o lobisomem, que a fera mataria a todos e blá-blá-blá...

Histórias da carochinha podiam funcionar com a esposa, mas ele não lhes daria ouvidos.

— Quatro minutos, doutor. Está tudo pronto.

Simone irrompeu laboratório adentro, esbaforida. Hubert notou que ela abriu um sorriso de orelha a orelha ao ver Júlia e Leonardo livres. *Fique tranquila, minha cara, as coisas serão do meu jeito agora.*

A esposa sentou-se ao computador, imediatamente compenetrada nas informações que alimentavam os softwares e no preenchimento das planilhas que compunham a sua rotina de trabalho. Por mais que o semblante acabrunhado de Júlia... que os seus olhos caídos e a postura prostrada... por mais que tudo nela indicasse que a pobre traidora estava traumatizada — e, sim, ele podia conceber o choque do aprisionamento no escritório de Tobias Muller —, ainda assim o trabalho era uma segunda natureza para ela.

— A atividade epileptiforme do cérebro dos dois rompeu os pontos críticos de referência — ela disse. — Estão prestes a entrar em crise.

Hubert abriu a janela do laboratório improvisado. Não enxergou uma única nuvem no céu negro. Brincando de esconde-esconde entre os prédios do bairro, divisou a lua cheia brilhando no firmamento como um farol. Ela nunca esteve tão bela.

— Dois minutos... — disse Simone.

— Estão convulsionando — Júlia reportou, franzindo o rosto, e ele chegou por trás dela para espiar a tela do computador.

Usando os atalhos do teclado, Júlia saltava de um programa para o outro tentando acompanhar o que estava acontecendo. Seus dedos tremiam, e ele notou os lábios dela rachados e esbranquiçados.

Em um experimento normal, não tinha dúvidas de que a esposa recomendaria que abortassem o procedimento, mas eles estavam diante de tudo, menos de um experimento normal. Não poderiam abortá-lo se o quisessem.

— Falta um minuto...

Por um instante, Hubert esqueceu Júlia e as telas dos computadores, com seus dados e gráficos em profusão, e concentrou-se nos dois televisores de vinte polegadas que transmitiam as imagens das câmeras instaladas nas salas dois e três.

Nos monitores, ao vivo e em cores, os pacientes forçavam as correias em agonia como se estivessem mortificados pela dor; como se não pudessem — ou não quisessem — sobreviver a ela. O sofrimento eliminava qualquer traço de humanidade naquelas cobaias; fazia aflorar nelas os seus instintos mais sombrios e primitivos.

Hubert sorriu.

— É meia-noite, doutor. Está começando.

O médico abriu o microfone das salas, e quando ele o fez os gritos invadiram o laboratório por meio dos alto-falantes do computador. Júlia e Léo paralisaram, boquiabertos, mas ele não se incomodou. Queria ver e ouvir, queria absorver ao máximo.

Nos televisores, as cenas pareciam espelhadas. Os dois lutavam para escapar das amarras; debatiam-se em desespero, como se os seus corpos estivessem sendo imolados por chamas invisíveis.

De súbito, os ossos dos pacientes começaram a se expandir para além da pele humana, dilacerando carne e órgãos em uma espécie de convulsão elevada à vigésima potência.

Não podia crer. Eles estavam crescendo de tamanho! Como isso era possível?

Encarou Júlia, mas não conseguiu decifrar a expressão no rosto dela. Aquela metamorfose superara as suas expectativas mais otimistas, e era de tal modo grandiosa que talvez fosse suficiente para libertá-los das amarras das camas. Será que Leonardo tinha razão em suas advertências? Tolice! Mesmo que tivesse, as portas blindadas iriam contê-los.

Hubert espiou os eletroencefalogramas e surpreendeu-se com os gráficos descontinuados. A tempestade cerebral inutilizara os eletrodos?

Aproximou a imagem que chegava da câmera da sala três, focando-a no rosto do paciente alfa.

Através de sua boca escancarada, pares de caninos firmes e pontiagudos surgiram como lanças, ofendendo as gengivas em carne viva. Ao mesmo tempo, os pelos dos braços, do peito e das pernas de Tobias engrossaram e multiplicaram. Nariz e boca foram violentamente mutilados, substituídos por um extenso focinho. A pele da criatura (sim, porque era uma criatura, agora) ganhou espessura e cor; ela havia crescido, também. Devia ter dois metros de altura, e o avental, antes folgado e esvoaçante, estava justo em seu corpo musculoso.

Enxergou, caídas no chão, as tiras de couro rasgadas — mas, ele não entendia por que, as duas cobaias continuavam deitadas, com os eletrodos queimados ligados ao peito e à cabeça.

Elas haviam parado de se debater.

— Estamos perdendo eles, Hubert. — Disse Júlia.

O médico continuou com os olhos vidrados no televisor. Os monitores cardíacos ainda funcionavam, e Simone o informou que os batimentos haviam despencado de um pico de 270 bpm, durante a transformação, para 120 bpm, e caindo.

Hubert viu os lobisomens inertes estendidos nos leitos com os pés animais para fora dos colchões. E, então, um processo imprevisível teve início. As duas bestas começaram a regredir.

Primeiro os focinhos, que encolheram de volta para narizes quase humanos; em seguida, as garras pré-históricas involuíram para unhas compridas e pontiagudas; os tufo da pelagem, que ele vira escapando pelas aberturas nos aventais, amainaram em quantidade e espessura. Por fim, os olhos, aqueles misteriosos e aterrorizantes pares de olhos que alternavam sem razão entre o vermelho-fogo e a escuridão fria e negra, agora estavam amarelados como os de pacientes com 2,5 mg/dL de bilirrubina no sangue.

Max e Tobias haviam voltado para a sua altura original, ou próxima dela — mas, ainda assim, definitivamente não eram Max e Tobias.

— 60 bpm e caindo — disse Simone.

Não, vocês não podem voltar!

— Precisamos entrar com o desfibrilador — Júlia falou.

Hubert ouviu a esposa, mas não tomou providência. Ele notou que Simone e Léo saíam do laboratório, e viu pelo monitor quando entraram na sala dois com o desfibrilador em mãos e o posicionaram sobre o peito do animal híbrido que ocupava o lugar do paciente beta.

Na sala três, Tobias jazia na cama hospitalar. Não se movimentava. Seus pulmões, vazios, não mais inflavam. A boca, escancarada de um jeito mórbido, parecia que jamais fecharia de volta se alguém não fosse até lá e a colocasse, à força, no lugar. Reparou em seus pelos faciais — rasteiros e abundantes, cobriam-lhe metade do rosto.

— Hubert? — Júlia chamou o marido.

— Sim? — respondeu, aéreo.

— Max parece estar respondendo aos choques. Mas é cedo pra saber com certeza.

— E quanto à cobaia alfa?

— Nós o perdemos. Tobias está morto.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ela virou o monitor para ele. Uma linha horizontal cortava a tela ao meio.

— Não é possível.

— Cheque você mesmo — a esposa respondeu, com frieza. Parecia contente com a morte do velho.

Como Júlia podia ser tão egoísta? A morte de Tobias, tanto quanto o fracasso do experimento, recairia sobre os dois. As circunstâncias da morte, o estado do corpo, as salas repletas de equipamentos médicos... Tudo seria investigado e rastreado até os médicos da Unifesp. Será que ela não sabia o quanto isso iria prejudicá-los? O quanto os envergonharia?

Tobias não pode morrer.

— Temos outro desfibrilador?

Não, eles não tinham. Precisava agir rápido.

Hubert abriu o kit de medicamentos, retirou seringa, agulha e uma ampola de epinefrina.

— Tem certeza? — Júlia perguntou.

Hubert não respondeu. Apenas saiu do laboratório e correu para a sala três, onde deparou-se com Tobias inerte na exata mesma posição em que o vira instantes antes através do monitor do laboratório.

O médico esforçou-se para fechar a boca do velho; arranhou os dedos indicador e médio nos caninos pontiagudos. Viu de perto a pelagem malhada,

marrom-escura e branca, e escorregou as mãos por ela. Era falha e áspera.

E, então, Hubert compreendeu. Foi como ele temia e suspeitava. A malfadada hipótese capaz de comprometer a salvação de Tobias fora confirmada. Os lunócitos de uma mesma linhagem, divididos entre dois organismos, não eram suficientes para atingir a massa crítica que detonava a transformação completa.

Diante dele, jazia o cadáver de um meio-lobo; um ser humanoide, que caso fosse visto perambulando à noite pela cidade, por entre vielas e becos escuros, bem poderia passar por um mendigo maltrapilho ou um *nóia* da Cracolândia.

Não há volta para Tobias Muller, ele pensou ao jogar a seringa com epinefrina sobre o leito, com displicência. *Não há volta para mim*. O doutor Hubert Ruas, porém, estava parcialmente enganado.

Como se atingido por uma tempestade invisível de raios lunares, Tobias gritou no leito e levantou o tórax peludo descoberto pelo avental. O grito, gutural e primitivo, transmitia a sensação de que iria estender-se eternidade adentro – mas, quando o fôlego esgotou, o som converteu-se em um uivo curto e agudo.

Hubert recuou, percebendo-se indefeso. Implorou ao velho que se acalmasse, mas era mesmo o velho Tobias quem o ameaçava? Tentou alcançar o bolso do jaleco, onde guardara a pistola com dardos tranquilizantes. Tobias agarrou-lhe o pulso, e suas unhas, grossas, com cinco centímetros de comprimento, produziram lesões profundas.

A dor! É insuportável!

Como médico, Hubert sabia que, se não fosse tratado a tempo, talhos feito aqueles em seu pulso seriam capazes de matá-lo.

— Minha casa, minhas regras — a criatura sibilou.

Hubert ouviu, maravilhado, a voz do lobisomem. Era rouca e potente, mas o mais fascinante era que a forma híbrida da fera era consciente e racional. Podia dialogar com ela. O médico, no entanto, não teve tempo de barganhar por sua vida. Quando deu por si, Tobias Muller dilacerava a sua garganta, salivando por entre mandíbulas escancaradas que se abriam e fechavam. Abriam... e fechavam.

*

O horror! Não era assim que um amor e um casamento deviam terminar, mesmo os fatalmente abalados. A bem dizer, o deles talvez tivesse alguma chance; talvez houvesse um jeito de superarem, juntos, o mês de julho mais singular e

grotesco de suas vidas. No mês seguinte, agosto, o casal de leoninos faria aniversário juntos. O mês maldito ficaria para trás.

Pelo monitor, Júlia viu o lobisomem retalhar o pescoço de Hubert e o marido cair no chão em agonia. Ela viu Hubert, o seu companheiro há oito anos, rasgar o próprio jaleco para fazer de torniquete enquanto o lobisomem se colocava de pé ao lado dele. O homem-lobo degustava o ataque, o sangue fresco esguichando, o sofrimento em cada engulho vermelho manchando o piso frio. Parecia tripudiar das providências da vítima.

Como o demônio, se ela acreditasse nele.

Sozinha, Júlia chorou o marido agonizando. Não conseguiu deixar de pensar que merecia estar ao lado dele, na estéril sala três, entregue em sacrifício ao monstro que criaram juntos. Devia pagar pelos seus erros; por ter participado daquilo. Se havia justiça no mundo, ela estava condenada, e a sentença seria executada em breve. Mas Júlia não podia morrer ainda. Era possível que houvesse alguma redenção, ela acreditava.

Abriu o áudio da sala dois. Simone estava prestes a disparar a segunda carga no peito de Max.

— Afastem-se! Saiam já daí. Ele vai acordar a qualquer momento. — A voz de Júlia saiu trêmula e embargada, mas sem vestígio de medo. Todo espaço dentro dela era luto e remorso.

Os padrões metabólicos e as ondas cerebrais de Max Bezerra eram inequívocos. Júlia viu pelo monitor quando Léo puxou Simone pelo braço. Mais do que ninguém, ele compreendia a urgência.

Espiou a sala três uma última vez. Viu Hubert pressionando a jugular exposta, comprimindo-a em uma tentativa de estancar a hemorragia. Quis estar com ele, apaziguá-lo. Ninguém merece partir lutando sozinho. *Mas onde estava Tobias?*

Movida por um sentimento de urgência, checkou a porta do laboratório. Estava trancada. Pensou em juntar-se a Hubert, em despedir-se dele. Em dizer que sentia muito. E ela teria, de fato, ido até lá, mesmo ciente das chances de morrer antes de abrir a porta da sala três, se não tivesse olhado, antes, para o monitor da outra sala e escutado Simone pelo circuito de áudio.

— Estão batendo à porta! — Simone gritou, olhando para a câmera, desesperada por instruções. Léo estava com a mão na maçaneta.

— Não abra! Tobias está...

Júlia não completou a frase. Por trás de Simone, Max levantou-se do leito. Forte, musculoso e com pelos abundantes no corpo e no rosto, sua expressão era selvagem — nada dos traços quase delicados que ela enxergava quando conversavam ao pé da cama. Mas era, aquilo, um lobisomem? Não, não devia ser. O lobisomem era a criatura que se soltara da cama minutos antes, naquela mesma sala; era, também, o ser que assassinara o seu pobre Hubert; que parecia capaz de derrubar a porta blindada do quarto com as próprias mãos se o quisesse.

Ainda assim, *aquilo* também não era um homem.

A médica viu, aflita, Max avançar sobre Leonardo. Derrubá-lo com facilidade, como se fosse uma criança, e montar sobre ele com a ferocidade de um lutador de MMA. Não suportaria testemunhar um segundo assassinato.

Max ergueu seus punhos ameaçadoramente sobre a própria cabeça. Se ele descesse o par de braços sobre Léo, estaria tudo acabado.

— Não, Max... — Júlia pediu. Sua voz ecoou no cômodo pelo alto-falante. A criatura balançou a cabeça, e ela se convenceu de que ele a ouvia. — Sei que está aí dentro, Max. Não perca o controle!

Max baixou os braços lentamente, mas não saiu de cima de Leonardo. Parecia indeciso, em conflito.

Júlia precisava agir rápido. Conseguira detê-lo por um instante, porém Max tornara-se um animal movido por puro instinto. Simone e Léo estavam à mercê da fera; se passassem a noite encarcerados naquele quarto, não sairiam vivos. Ao mesmo tempo, era arriscado demais pedir para abrirem a porta quando um assassino como Tobias Muller estava do lado de fora, aguardando.

Pense, Júlia! Pense!

Sem pestanejar, ela abandonou o laboratório e correu para a escada que levava ao térreo. Tobias farejou a caça em movimento, como ela imaginou que aconteceria. Júlia correu o mais rápido que pôde e logo alcançou o térreo, ofegante.

Ouviu o lobisomem atrás de si; podia senti-lo respirando. Imaginou os pelos dele roçando a sua pele, ásperos e oleosos — mas era imaginação.

Tobias não corria. Se quisesse, ele já a teria alcançado e derrubado. O assassino de Hubert saboreava a caçada, deleitava-se com o seu medo.

Simone e Léo precisam de uma chance. Devo isso aos dois.

Cambaleando, ela ganhou o jardim. Correu uma dezena de metros na grama úmida de orvalho e parou diante do tanque vazio e escuro da piscina.

Fazia frio. Dava para sentir o perfume da dama da noite; era adocicado, não combinava com a morte — mas quem disse que as coisas precisavam combinar?

Olhou para trás. Tobias estava em pé atrás dela, a quatro ou cinco passos de distância. Pensou que ele parecia um monstro de cinema, daqueles de filme de terror, mas a comparação com a ficção não faria jus ao terror que sentia de fato. Assim, ao vivo, um demônio como aquele tinha cheiro e cara de término, e ela não conseguiria pensar em nada mais assustador do que simplesmente saber que tudo iria acabar.

— Devia ter ficado no escritório... — ele disse, articulando as palavras como se estivesse mastigando um gato.

Ela viu os tufos de pelo em seu rosto, os braços balançando como os de um grande macaco enquanto ele andava. Viu o avental sujo de sangue. Sangue de Hubert.

— Posso consertá-lo, Sr. Muller... — Júlia deu um passo para trás, seu pé escorregou na borda da piscina e ela perdeu o equilíbrio, quase caindo.

Léo, Simone, fujam!

— Consertar? — Ele riu e ela sentiu o bafo apodrecido, o cheiro de saliva canina. — A senhorita só pode estar brincando. Assim que Max se for, eu estarei inteiro.

Ele continuou avançando, encurralando-a. Júlia recuou alguns centímetros e pisou em falso. Caiu de costas na piscina seca, na vala de um metro e meio de profundidade, batendo o cóccix e a nuca com força contra o piso sem azulejo. Não desmaiou: seu corpo permaneceu em alerta pela presença do lobisomem. Correr ou lutar? Ela, agora, enxergava-o de baixo para cima. Daquela posição, em pé sobre a borda de pedra mineira, ele parecia ter três metros de altura.

De repente, um uivo. Alto, prolongado. Agudo.

Os cachorros da vizinhança rosnaram nas varandas dos prédios, as luzes dos apartamentos se acenderam e uma sinfonia de latidos reverberou pelo bairro. Yorkshires, pugs, lulus da pomerânia... Podia adivinhar as raças daqueles espécimes que em nada se assemelhavam ao seu parente ancestral com quem ela estava lidando.

O uivo soou novamente, mais alto, e desta vez ela reparou que ele não viera de Tobias, mas do interior da casa. Um uivo como aquele era absolutamente extraordinário.

Continuou encarando o lobisomem, e ele a ela. As orelhas dele se movimentavam como as de um predador. Aquele som convocava Tobias. Júlia

imaginou a mente selvagem do homem-lobo; suas engrenagens pensando e rangendo. Ele estava em dúvida sobre se devia ir atrás de Max ou se havia tempo para cortá-la em pedaços primeiro.

XI

Dois uivos!

Haviam partido da mansão de Tobias, há não mais do que vinte minutos. Os cachorros da vizinhança desandaram a latir, em frenesi, e a concentração de Fernanda dentro do carro passou a ser máxima. Não tirava os olhos da porta de entrada mal iluminada, à espera de que, a qualquer momento, algo — ou alguém — saísse dali.

Suas pálpebras pesavam como persianas de chumbo, mas a adrenalina da vigília não permitia que se entregasse a um cochilo que fosse. O display no painel do Mercedes exibia “00:05”. Depois da hospedagem na casa dos pais, acostumara-se a dormir às nove da noite.

— Trident? — Rica ofereceu.

— Oi?

— Trident... de canela.

O chiclete era ardido para o seu gosto, mas, ao ouvir a oferta, ela se lembrou de Jussara e da dica da amiga dos tempos de vestibular no Santo Agostinho. “O cérebro pensa que você está comendo. Ele só consegue dormir depois que você termina de comer.”

Por onde andava Jussara? Fernanda desembulhou o pacotinho com o chiclete. Por que não cultivara as amizades de menina, como faziam os garotos? *Sempre é tempo de recuperá-las*, pensou. Ela tinha o contato de Jussara nas redes sociais... não tinha?

— Me dá mais um?

— Acabou — Rica apoiou a mão no encosto de cabeça do banco da frente.
— Era o último. — Ele jogou a embalagem vazia nos pés de Rafinha.

Fazia seis horas que estavam enfurnados no carro, de onde saíam apenas para ir ao banheiro no Bar da Saudade ou para comprar refrigerantes e sanduíches, que comiam no veículo, espalhando migalhas e farelos sobre o couro alcântara.

— Não ouço mais nada... — Rafinha colocou a cabeça para fora da janela.

— Depois do segundo uivo, só silêncio. — Rica concordou. — Fora esses latidos infernais, é claro.

Minutos depois do que poderia ter sido o som de um lobisomem, os cachorros continuavam inquietos nas varandas. Nos andares mais baixos dos edifícios, Fernanda via donos assustados acudindo seus pets. Os bichinhos rosnavam de volta, alucinados.

— Continuem atentos à porta — ela disse, mas permaneceu de olho nas varandas. De repente, sem motivo aparente, latidos e rosnados transformaram-se em ganidos sentidos, em jatos de urina e fugas alucinadas para o interior dos apartamentos. — Algo está prestes a acontecer.

Fernanda ligou o motor do carro sem avisar, Rafinha deu um pulo de susto.

— Quietos! A porta tá abrindo... — Rica baixou um pouco a janela.

— Sim, eu vejo... Está saindo de lá um... Um...

— Um mendigo? — Fernanda completou a frase de Rafinha.

— Nunca vi um mendigo de avental — Rica duvidou.

— É o lobisomem! — Fernanda engatou o *drive* no câmbio automático.

— Devagar, Fer. Esse não é o lobisomem — Rica garantiu. — O lobisomem nós vimos no São João... O Brito era muito maior. Não sei quem é o esquisitão ali na calçada, mas não pode ser o Max nem o velho, disso eu tenho certeza.

Fernanda não tirou os olhos do sujeito. Quem quer que fosse, estava na mansão, sabia o que estava acontecendo lá dentro. Deviam abordá-lo? E se mais ninguém sáísse dali? Estavam há horas de tocaia, não podiam se dar ao luxo de deixar passar a oportunidade. Talvez o sujeito não fosse mesmo um lobisomem, ela nunca tinha visto um para saber ao certo. Mas era um tipo estranho o suficiente para deixá-la indecisa, e os cachorros do bairro pareciam concordar com ela.

— Vou sair e falar com ele. — Fernanda desafivelou o cinto de segurança.

— Não, Fer. Esse não é o cara! — Rica protestou. — Se você for, a gente vai perder de ver quando acontecer alguma coisa de verdade.

Depois de um vacilo inicial, quando pareceu não fazer ideia de onde estava, o sujeito resolveu caminhar na direção da Rua Joaquim Távora. Andava lentamente, olhando para todos os lados, como se desconfiasse de estar sendo seguido.

— Que droga, Rica! Vamos deixá-lo ir embora? — Ela olhou para o lado, para o banco do passageiro. — Concorda com ele, Rafinha? Você também viu o

Brito.

— Estão forçando a porta da casa — Rafinha respondeu. — Ela vai abrir de novo.

Fernanda girou o pescoço na velocidade da luz; teria arrebatado a cabeça no vidro se a janela estivesse levantada. Atônita, viu uma criatura marrom-esbranquiçada derrubar o portão com extrema violência, arrancar o metal da esquadria e fincar os pés sobre a folha de alumínio.

Um segundo homem, peludo e musculoso, vestindo avental hospitalar como o primeiro, preparava-se para disparar pelo bairro com velocidade e agilidade selvagens. Desacostumado à própria força, porém, o homem tropeçou no meio-fio e caiu. Bateu ombro e cabeça no para-brisas da Saveiro estacionada do Rica, que estilhaçou, espalhando cacos de vidro pelo asfalto.

Rica se levantou no banco, inclinou-se para a frente e colocou o tronco para fora através do teto solar.

— Meu carro, filho da puta!

O homem, que, àquela altura, Fernanda estava convicta de que era, sim, um lobisomem, engatinhou por sobre o capô e se colocou de pé, afundando a lataria da Saveiro. Estava escuro, mas ela sentiu um olhar profundo e raivoso que a atravessava e intimidava. Rica se encolheu para dentro do carro, ofegante, gritando com ela.

— Fecha tudo, Fer! Fecha o vidro!

Fernanda subiu a janela e fechou o teto solar, mas o lobisomem não queria perder tempo com eles. Parecia ter outro objetivo: seguir o rastro do seu par. Apesar da noite e da distância, ela concluiu que aquelas criaturas eram Max Bezerra e Tobias Muller... mas quem era quem?

O segundo lobisomem trotou pela Joaquim Távara, a rua da Vila Mariana conhecida pelos bares e a vida boêmia. Ela estaria apinhada de gente àquela hora.

Fernanda afivelou o cinto de segurança.

Toc! Toc! Toc!

— Aaaaarrghhhhhh! — os três gritaram, a plenos pulmões.

— Abre a porta! Explico tudo no caminho!

XII

— Eu ajudo, princesa. Faço questão.

Ronan abriu a porta do Jeep Renegade e deu a mão para Carla sair do carro. Quando passou por ele, Ronan admirou a bunda dela apertada contra a calça jeans justinha; imaginou o que faria com ela quando Carla estivesse nua no motel — que, com sorte, era para onde iriam depois do barzinho.

Haviam se conhecido durante a semana, em um aplicativo de namoro, e saíam pela primeira vez. Ronan considerava encontros de internet como aquele um verdadeiro jogo de azar. Mas dera sorte com Carla. Ela tinha seios que caberiam como uma luva em suas mãos, do jeito que ele gostava.

— Ei! — Carla reagiu como se tivesse sido picada por uma abelha.

— Que foi, princesa?

— Aquele cara esbarrou em mim. — Ela apontou na direção da esquina. O sujeito se afastou, escondendo o rosto.

Ronan olhou para o homem maltrapilho vestindo o que lhe pareceu uma túnica branca, suja e rasgada. Que raios era aquilo?

— Deixa ele pra lá. — Ela endireitou as costas e segurou a bolsa contra o corpo. — Vamos pedir a mesa no bar.

— Um momentinho, minha linda...

Que oportunidade de ouro para impressioná-la! Talvez nem precisasse entrar no bar e pagar a consumação; iriam direto para o motel. Carla toparia depois de vê-lo esmurrar o sujeito.

— Você aí!

O homem fez que não ouviu.

— É com você, meu chapa! — Ronan puxou o sujeito pelo ombro. Fez cara de nojo ao sentir a pele áspera coberta por pelos grossos. — Que diabos é você, um cachorro? — reagiu, surpreso. Estava escuro. Uma árvore na calçada bloqueava a luz amarelada do poste.

— Me solta! — respondeu o homem, engasgado com as palavras.

— Esquece! Deixa ele pra lá... — Carla pediu, à distância, mas Ronan a ignorou. Ela ia querer ver aquilo; só não sabia ainda.

— Por que mexeu com a minha mina?

— Você não quer confusão comigo — o homem advertiu, com raiva, como se fosse capaz de rasgar a sua garganta.

Ronan achou graça. O cara não tinha como saber sobre a faixa preta em jiu-jitsu e as aulas de boxe tailandês. Bom, talvez tivesse, se houvesse reparado nas suas orelhas inchadas de tanto raspar no tatame.

Armou o direto de direita. O homem não se defendeu — sequer recolheu o rosto. Era um idiota, só podia. Antes do impacto, porém, alguém interveio, impedindo-o de partir a cara do atrevido. Quem ousaria?

Ronan tentou olhar para trás, mas doía demais. Um sujeito havia segurado o seu braço com força, e agora o alçava, inteiro, do chão. Levantava os seus noventa e cinco quilos acima da cabeça como se ele fosse um boneco de pano, sustentando-o pela calça e a gola da camisa polo. Como podia existir alguém tão forte?

— Me coloca no chão, porra! Me coloca no chão! — ele berrou, debatendo-se no ar como um besouro virado ao contrário.

O sujeito andou com ele por entre os carros, no meio da rua, interrompendo o trânsito. As pessoas nas mesas e nas calçadas sacaram os celulares e começaram a filmar. Ronan gritou, mas ninguém soltou o telefone para ajudá-lo. A Joaquim Távora silenciou, com todos os olhares e lentes apontados para o mesmo lugar.

— Põe ele no chão — disse o primeiro sujeito maltrapilho, no que foi prontamente atendido.

Ronan voou na direção da caçamba de lixo, atirado a quatro metros de distância, e ele teve certeza de ter quebrado o nariz e o cotovelo na aterrissagem. Quando, sangrando, escalou os sacos plásticos e os restos de alimentos, espiou por sobre o metal do contêiner os dois homens em uma luta selvagem.

Tinham garras afiadas e dentes expostos; grunhiam feito animais, e rolavam pelo asfalto, a calçada e as entradas dos bares, disparando os alarmes dos carros. As pessoas gritavam pela rua e corriam para o interior dos estabelecimentos. Apesar do som das buzinas, dos gritos e dos vidros quebrando, era possível ouvir os baques surdos dos punhos fechados atingindo seus alvos.

Escondido na caçamba, tremendo, Ronan viu um dos homens — eram homens de verdade? — ferir o outro com um hidrante arrancado do chão. Uma coluna de água jorrou, alimentando a enxurrada rua abaixo.

O homem ferido disparou na direção do Parque do Ibirapuera e o agressor partiu em sua cola. Eram velozes, como atletas de cem metros. Atrás deles, um Mercedes prateado desviava da balbúrdia, cantando os pneus e arranhando a lataria no que houvesse pela frente.

XIII

— Acelera, Fer! O Max desceu na direção da Vinte e Três — Léo orientou.

O coração de Leonardo batia acelerado quando ele entrou no carro, surpreso porque Max fora misericordioso o suficiente para poupá-lo depois do que havia feito ao amigo. Trazia a camisa rasgada e amarrotada, com marcas de garras pelo corpo, mas estava vivo.

Quando Fernanda destrancou a porta do Mercedes, ele notou a frieza nos olhares de Rica e Rafinha. A decepção. Ele merecia; mas não era hora para explicar-se ou pedir perdão. Havia questões mais urgentes. Havia Max para salvar.

— Não me apressa! Não consigo achá-lo nessa confusão!

— Está vendo os carros freando e rodando no asfalto, batendo uns nos outros? É só seguir o caos! — disse Rica, disputando a visão da rua com Léo, ambos inclinados no assento e agarrados nas costas dos bancos dianteiros. Max e Tobias corriam entre as avenidas como vultos de cão e gato.

— Ali, veja! Foram por ali, estão perto da pedra! — Rafinha apontou na direção do Obelisco do Ibirapuera, o gigantesco colosso de mármore da Praça Ibrahim Nobre.

Um engavetamento obstruía a 23 de Maio, produto do rastro de destruição. Fernanda subiu com o carro sobre o gramado da Praça. As rodas patinaram, tracionando em falso sobre a grama, e o veículo sacolejou no terreno acidentado. O Mercedes era rápido e potente, mas não dava conta da agilidade dos lobisomens, que mudavam de direção como leopardos em caça nas savanas.

— Estão entrando no Parque! — Rafinha apontou e os quatro viram Max e Tobias atravessarem a avenida e saltarem sem dificuldade sobre o portão do Parque do Ibirapuera.

Léo se sentiu aliviado. Àquela hora, o parque estava fechado para visitaçào.

— Encosta na entrada, Fer — Léo pediu. O Mercedes arriou ao terminar de cruzar o gramado, deixando uma trilha de vegetação queimada por onde passou. — Vou sozinho atrás deles.

— Você tá é louco! — Rica gritou. — O que acha que pode fazer? Você viu do que eles são capazes. É suicídio, cara!

— O Max precisa de mim. Fiquem no carro esperando. Obrigado pela ajuda até aqui, irmãos. Daqui pra frente não vou pedir que se arrisquem pra consertar um erro que é meu. É minha culpa. Só minha!

— O parque tá fechado, você sequer vai conseguir entrar — Rafinha interveio.

— Apertem os cintos, vocês três!

— Fer, não faça o que eu estou pensando.. pelo amor de... — Rica balbuciou.

Fernanda endireitou o volante, respirou fundo e fechou os olhos; depois, pisou até o fim no acelerador. O pescoço de Léo chicoteou para trás e o Mercedes C-200 colidiu com força contra o Portão 2 do parque.

Os oito airbags do veículo inflaram, transformando o habitáculo em um protótipo de bote salva-vidas durante os cinco segundos em que as bolsas de ar permaneceram cheias. O portão dobrou e vergou com o impacto até quase cair, mas o carro não atravessou as barras como Fernanda queria, e ficou embrenhado no metal retorcido.

— Estão todos bem? — Léo a ouviu perguntando. Seu ouvido zumbia. O impacto contra as bolsas de ar fora mais forte do que ela devia ter imaginado. — Daqui pra frente, só a pé — Fernanda disse. Um filete de sangue escorreu do nariz dela, mas, *por Deus*, ela estava bem.

Léo abriu a porta traseira do seu lado. Era a única que funcionava — o mecanismo das demais fora danificado na batida. Ele partiu solitário na direção do lago, de onde partiam uivos e rosnados que podiam ser ouvidos a centenas e centenas de metros de distância.

XIV

Quando Tobias o feriu com o hidrante arrancado da calçada, Max fugiu na direção do Parque. Sob a pele do lobo, raciocinava com lentidão. Palavras e pensamentos eram articulados com dificuldade. Era como se ele estivesse bêbado, mas não exatamente, porque em alguns aspectos era o exato oposto.

Seus reflexos eram rápidos como um raio; seus instintos, aguçados, e ele não sentia ter dúvida alguma sobre nada. No entanto, de algum modo, sabia que não estava na pele do lobo por inteiro. Não como seu pai.

Com o peito sangrando e o esterno latejando, era questão de tempo até o velho alcançá-lo e barbarizá-lo. Se ia morrer, que fosse no Parque, sem inocentes por perto, com as árvores como testemunhas. Às margens do lago, no bosque, iria se sentir próximo de casa. Não era o São João, era verdade, mas também não era concreto, poste, tráfego e fumaça. Era natureza, como ele.

Em uma alameda próxima ao edifício discoide do Planetário Municipal, Tobias o alcançou.

Sentiu o golpe nas costas e caiu. O peito machucado esfolou no chão. Ele ganiu... e depois rolou na grama, de dor.

Tobias montou sobre o seu tórax. Uma tempestade de socos se abateu sobre ele. No início, bloqueou a maior parte com os braços, mas logo os punhos do agressor pesavam toneladas. Seus braços incharam — cada pancada parecia afundá-los, quase partí-los.

Tentou desequilibrar Tobias com um movimento de quadril, para levantar-se do chão e correr. Talvez tivesse alguma chance, se fugisse por tempo suficiente, mas não; o filho da mãe pressionou os joelhos contra a ferida em seu peito. E, de novo, os socos. Agora, esmagavam-lhe o crânio.

Max descobriu, sem querer, como eram fortes os ossos do lobisomem. Uma pena que não fossem invulneráveis. Sua visão turvou, enuviada, e ele pensou em dona Raimunda. Será que ela ia sentir sua falta?

Pensou em Brito. Como teria sido quando ele partiu? Sentiu medo? *Perdão, pai, jamais saberei como foi para o senhor.* Por fim, pensou em Léo. Em Fernanda.

Os punhos de Tobias começavam a machucar de verdade. Os nós dos dedos dele voltavam vermelhos, pingando sangue, quando ele recolhia os braços e armava os golpes.

Rezou para que fosse rápido.

— Larga ele!

Max reconheceu a voz do amigo, embora não pudesse enxergá-lo. *Vai embora, Léo!*, pensou, mas não conseguiu dizer coisa alguma; seu maxilar fora deslocado pelos golpes. Sentiu com a língua os pedaços dos dentes arrancados dançando em sua boca.

— Aqui estou, Sr. Muller! Vai ter que me matar primeiro!

Não tenho forças, Léo. Se você soubesse, não estaria distraindo ele.

Léo se aproximou como se fosse forte o bastante para encarar Tobias sozinho, e Max mal pôde enxergá-lo, com sua visão turva de sangue escorrendo dos supercílios. O amigo nutria um desejo de morte? Porque estava prestes a realizá-lo... O lobisomem segurou Léo pelo colarinho com uma das mãos. Com a outra, riscou sua face em diagonal com uma passagem da garra afiada. Gargalhando, Tobias arremessou Leonardo contra o tronco do jequitibá.

Ao ver o amigo ferido, Max levantou o tórax em um esforço hercúleo.

Tobias distraiu-se, e ele cravou os dentes quebrados em seu braço. Ao mesmo tempo, com as mãos, estrangulou o canalha com o que lhe restava de ânimo, usando o tipo de força que apenas o poder místico da lua cheia conseguiria extrair de um corpo moribundo feito o dele.

Tobias Muller urrou.

Max ajustou a mordida e apertou mais o pescoço, os dedos impelidos por uma mistura de ódio e instinto de sobrevivência. *É a sua chance, Max. Deixe tudo!* Fechou os olhos, mas, incrivelmente, continuou vendo o inimigo em pálidos tons de prata enquanto sustentava o ataque. A pegada, porém, perdeu pressão. Os caninos, rachados, não perfuravam o bastante. Tobias se soltou, e rapidamente o dominou.

O velho exibiu suas garras brilhantes, e Max soube que ele teria imenso prazer em rasgá-lo ao meio com elas, demorasse o quanto fosse. Antes de vê-las enterradas em seu peito, no entanto, notou, com o canto de olho, o movimento na alameda.

Rica, Rafinha e Fernanda acudiam Leonardo, tentando reanimá-lo. Tobias os mataria tão logo terminasse com ele. Precisava resistir. Iria lhe custar a vida,

mas daria uma chance ao quarteto.

Um novo golpe, porém, e o pescoço de Max caiu na grama. Ele fechou os olhos, e, desta vez, não enxergou mais nada. Teve medo de jamais tornar a abri-los. Naquele momento, seu ouvido esquerdo, pregado no chão, detectou passos firmes, resolutos. Uma terceira criatura?

As vibrações no solo se intensificavam. Algo *gigantesco* se aproximava. Possivelmente maior que ele e Tobias juntos.

Um delírio. Eu estou delirando.

Tobias cravou as garras em seu peito. Não doeu.

Max abriu os olhos. Podia ser sonho, delírio... Pouco importava. Fosse o que fosse, quis *ver* a terceira fera, saber se existia, e, para o seu espanto, ele a viu, por inteiro.

A criatura era exatamente como aquela, a fatídica, a criatura da noite de vinte anos atrás, a da noite que jamais terminou. Colossal e indomável, ela avançava, absolutamente imparável. Poderia ser Brito, exceto por um detalhe crucial.

O Sr. Muller afiou as garras e encrespou as orelhas feito duas antenas parabólicas: Tobias também a vira.

Max decidiu que faria o possível para ficar vivo por mais alguns momentos. Queria vê-lo em ação. Ele ouviu o Grêmio, os comentários entre eles... Todos o viram, majestoso.

— Não pode ser ele, Rafinha. Não pode ser... — Ouviu a voz do Rica, depois a do Rafinha:

— Eu não acredito, Fer... É ele sim!

O monstro descomunal não tinha um braço, mas avançava como se o membro não lhe fizesse falta. Era ele. Max não saberia explicar como, mas *tinha* que ser ele.

Tobias saiu de cima do corpo inerte de Max e tomou distância para enfrentar a criatura. Disparou para cima do adversário com coragem e imprudência. Quando chegou perto, pulou em seu pescoço, a dois metros do chão, e o mordeu com tanta força que foi possível ouvir o som de suas presas de encontro à carne e à jugular.

Carleto — como era possível? — permaneceu imóvel. Um veio grosso de sangue escorreu do seu pescoço, mas ele não se importou. Suspendeu Tobias no ar com seu único braço, e a terra do Ibirapuera tremeu quando ele o imprensou com

força contra o chão. Carleto forçou o peito de Tobias com o seu pé direito, amassando-o, segurando-lhe pelas unhas curvas como uma ave de rapina.

O velho se debateu, tentando se soltar, aflito. Será que ele sabia? Do Carleto... e do que o Carleto estava prestes a fazer com ele?

O líder do Grêmio Valente segurou-lhe pelo joelho com sua mão solitária e dobrou a pressão da perna sobre o peito nu de Tobias. E, então, Carleto puxou. Uma força atroz dividiu o corpo de Tobias Muller em dois. Carleto urrou. E a cidade inteira ouviu.

*

Estirado sobre o gramado, Max começou a convulsionar. Havia chegado a sua hora, prenunciada por uma dor inédita e excruciante. *É assim a morte?*

De súbito, porém, sentiu seus ossos expandindo. O nariz e os dentes, recém-desfigurados pelos golpes de Tobias, cresceram novamente, mais fortes, recompostos. A ferida no peito, que antes ardia em carne viva, agora cicatrizava de dentro para fora.

Max não ia morrer. Ele estava se transformando na forma plena do lobisomem. Seus pensamentos embaralharam no processo, e a partir de um ponto que nunca soube precisar, não se lembrou de mais nada. Com esforço, iria se recordar mais tarde do caminho e da companhia; de sair do parque com Carleto; dos dois deixando São Paulo juntos, lado a lado, passando por praças, parques públicos, ruas de pouco movimento e áreas menos povoadas enquanto a cidade dormia.

Eles margearam a Rodovia Raposo Tavares; galgaram quilômetros em meio à mata, sem descanso. A caminho de Piedade.

A caminho do São João.

XV

Sítio São João.

Lua cheia de 29 de agosto.

— Não podem ser pequenos demais. O lobo tem que correr, ele precisa de espaço.

Sob a orientação de dona Raimunda, Max e Carleto traçaram dois grandes círculos contíguos no coração da mata do São João, demarcados com sal grosso.

— Daqui vocês não passam — ela disse, apontando o rastro branco no chão.

Quando terminaram, era quase noite. Sob o pôr do sol alaranjado, os três cruzaram de volta a plantação de alcachofras para se reunir ao grupo seleta que os aguardava na varanda da sede: Fernanda, Renata, Léo, Rica e Rafinha.

Max percebeu que Fernanda trocava olhares com Léo; e que, quando sozinhos, conversavam com intimidade. O amigo trazia o rosto riscado da testa ao queixo pela cicatriz deixada pelas garras do lobisomem. Ficou contente pelo casal; desse mato sai cachorro, diria a mãe — se é que já não tinha saído.

Renata segurou a sua mão. Como estava quente! Não, era a dele que estava fria. *Gelada*. Em questão de horas, iria se transformar. Não quis confessar; quis parecer forte para ela, mas a verdade era que estava apavorado. A dor e a falta de controle o atormentariam pelo resto da vida, seria possível acostumar-se?

Se compartilhasse os seus medos, seria mais fácil... mas e se ela o largasse? Era um risco que teria de correr. Se ela não se importasse com a maldição, era porque estavam fadados a ficar juntos.

Carleto veio para perto; Rica e Rafinha estavam no encalço dele, como tientes de um ator de cinema. Ao ver o presidente do Grêmio em paz e tranquilo, o medo da transformação se dissolveu por um momento e Max abriu um sorriso.

— Amanhã você volta ao mundo com a gente, Carleto — disse Max.
— Não volta?

Max não compreendia por que, depois do episódio no Ibirapuera, Carleto tornara a desaparecer.

Dona Raimunda contou ao Grêmio que fora ela quem avisara a Carleto sobre o perigo que Max corria. Fora ela quem lhe pedira que abandonasse o exílio e salvasse a vida do seu filho.

Raimunda havia procurado Rica em segredo a respeito da jaula e dos preparativos para a chegada do lobisomem. Acompanhava à distância, preocupada. Quando Rica veio ao São João reportar sobre a mansão do velho Tobias e o fato de Max estar inacessível em São Paulo, o instinto materno apertou. Raimunda, porém, não contou ao Rica sobre o Carleto; não cabia a ela desrespeitar a vontade do filho de criação. Além do mais, ela própria tinha dúvidas sobre se Carleto atenderia ao seu chamado.

Na manhã seguinte à lua cheia, quando o Grêmio encontrou Max seminu e desacordado na plantação de alcachofras do São João, dona Raimunda revelou ao grupo a história de Carleto; como o garoto passara meses a fio entre a vida e a morte, escondido sob os cuidados atentos dela e de Brito, os únicos capazes de ajudá-lo.

Brito conhecia o lobisomem. Sabia dos tratamentos, das terapias, das reações... dos cuidados que um ataque quase fatal como aquele exigia. Sabia que a medicina tradicional em nada poderia ajudá-lo... nunca vira alguém sobreviver a algo parecido. Se Carleto permanecia vivo fora porque ele havia se contido. Ao invés de matar o menino, infectara-o com a marca do lobisomem.

Ademais, Carleto era um lutador. Quando o garoto parecia desenganado, entregue à morte lenta e dolorosa após ciclos intermináveis de sofrimento e provações, o destino interveio. A superlua. O ponto da órbita lunar em que o astro fica mais perto da Terra coincidiu com a lua cheia. Ela brilhou, redonda, no céu. E, com ela, ele renasceu.

O menino, retirado às pressas do caixão depois do enterro, iria se transformar em um lobisomem ainda maior do que Brito. Passou a viver na mata, cuidado por Raimunda.

Seus pais migraram para Portugal depois da tragédia. Não deixaram endereço, não deram notícia. Apenas foram, e não quiseram olhar para trás. À época, era fácil sumir do mapa. Carleto jamais os procurou; seus pais não mereciam o lobisomem. Ele havia morrido para eles.

Carleto sentou-se na mureta da varanda. Seus ombros caíram e Max viu que ele não passava de um eco do garoto que fora no passado. Ostentava uma barba espessa no rosto, cabelos desgrenhados e vestia as roupas surradas que Raimunda arranjava. Não tivera as mesmas oportunidades que os amigos; não terminara os estudos. Não conhecera da vida.

Passara vinte anos recluso, como um bicho, ou um ermitão, vivendo em cabanas improvisadas que construía nos flancos da Serra do Mar, onde caçava e

pescava para o próprio sustento.

O brilho nos olhos quando ele falava, porém... O brilho mostrava que continuava tudo ali. Iluminado pelos olhos e a alma do amigo, Max teve certeza de que Carleto recuperaria o tempo perdido. Os dois o fariam.

— Um dia eu volto, Max. Tudo a seu tempo.

— Você fez falta, sabe disso. — Fernanda sentou-se ao seu lado. — Todos esses anos pensamos que você tinha morrido.

— De certo modo, morri.

— A gente podia ter te ajudado! — Rica deixou a admiração de lado por um instante. — Você não tinha o direito de fazer isso com a gente, cara!

— Deixa disso, Rica — disse Rafinha. — Ele está aqui agora... e salvou a nossa vida outra vez; como salvou naquela noite. — Rafinha sentou-se do outro lado da mureta da varanda, ensanduichando o amigo, e o abraçou. Seus olhos eram cachoeiras de alegria. — Obrigado, irmão!

— É noite — Max admirou o céu negro. — Me acompanha, chefe?

— Claro — Carleto se levantou e ensaiou um sorriso destreinado. — Está na hora.

Renata beijou Max e eles se abraçaram.

— Quando vem a psicóloga, Léo? — Fernanda perguntou assim que os amigos se afastaram deles.

— Fer, não posso contar! Eu não consigo!

— Claro que consegue. Vai te fazer bem. Não precisa contar *exatamente* como foi, entende? Diga como se sentiu... e conte para ela uma boa história, sim? Algo que explique a última lua cheia na Vila Mariana de um modo, digamos...

— Verossímil? — Léo sugeriu.

Fernanda fez que sim com a cabeça.

— Verossímil.

XVI

Era uma melancólica noite de domingo.

Júlia Akemi requeitou um prato de camarão no micro-ondas. Jantava sozinha, na mesa da cozinha. Talvez fosse coincidência. Talvez não. A televisão sobre o balcão passava o Fantástico e, quando ela deu a última garfada nos crustáceos borrachudos, a reportagem de Gabriela Rios entrou no ar.

A jornalista abordava o crime que, há um mês, ocupava as manchetes do país, provocando as mais loucas teorias da conspiração nas redes sociais. O crime que envolvia o seu nome.

— Foi neste canto arborizado da Praça da Paz, no Parque do Ibirapuera, que a polícia identificou, na madrugada de trinta para trinta e um de julho, o corpo do empresário Tobias Muller. O fundador da Brasitel, um senhor idoso de oitenta e nove anos, foi encontrado com o corpo esquartejado e dividido ao meio neste cartão postal da cidade. A cena brutal chocou o Brasil.

“Um mês depois, a polícia continua a investigar a relação entre o assassinato de Tobias e os vídeos que viralizaram na internet ao mostrarem dois homens brigando em uma das mais famosas zonas boêmias da capital paulista, a Rua Joaquim Távora, que fica pertinho daqui, na Vila Mariana. Quem seriam os estranhos sujeitos que derrubaram carros e levantaram hidrantes como se tivessem uma força sobre-humana?”

Na tela, Júlia viu imagens de Max e Tobias se digladiando na rua, entre carros e pedestres, em vídeos pixelados de celular e de câmeras de segurança. Um deles, que a repórter alegava ser “inédito e exclusivo”, mostrava os lobisomens maltrapilhos com suas camisolas hospitalares esvoaçantes, saltando por sobre o portão dois do Ibirapuera.

— Este vídeo, obtido pela nossa equipe, mostra os suspeitos invadindo o Parque do Ibirapuera naquela madrugada. A polícia não tem imagens da entrada do empresário no parque, e por isso presume que ele estava no local desde o fechamento ao público, às onze da noite.

“Após identificar, na manhã do dia primeiro de agosto, que o corpo mutilado pertencia ao empresário, a polícia despachou viaturas para a residência

do Sr. Muller, na Avenida Conselheiro Rodrigues Alves...”

A reportagem cortou para a mansão de Tobias. Júlia sentiu um calafrio ao rever aquela fachada.

— ...a cerca de um quilômetro daqui, para tentar elucidar o crime. No quintal do imóvel, os policiais encontraram, estirada de costas, no interior desta piscina vazia...”

A repórter, gesticulando no jardim, sobre o gramado da casa, mostrou o local da piscina. Havia terra fresca amontoada junto às bordas. Júlia desviou o olhar da tela por um instante. Não queria ver de novo o buraco onde pensou que fosse morrer.

— ...a doutora Júlia Akemi, agonizando após um dia e meio ao relento, exposta ao frio e incapaz de se mover, com uma fratura no quadril. A médica ficou uma semana e meia em recuperação no hospital, e durante sua internação não parou de perguntar sobre o corpo do marido, o infectologista Hubert Ruas, que permanece desaparecido.

“O que Júlia e Hubert faziam nesta casa? É onde a história parece ficar ainda mais intrigante. A polícia conversou com a empregada doméstica da casa, Isabel dos Santos, que mora em Embu das Artes, na região metropolitana de São Paulo, mas ela não quis gravar entrevista...”

A TV mostrou uma visão panorâmica do bairro onde Isabel morava, com casinhas pequenas e precárias, e crianças brincando na rua.

— Por telefone, Isabel contou à reportagem que fugiu da casa do patrão às dez e meia da noite do dia trinta, porque “temia pela sua vida”. À polícia, ela alegou que sequer subia ao segundo andar da casa, mas, segundo ela, um jovem adulto, ainda não identificado, era mantido refém no sobrado com a ajuda de uma fisioterapeuta conhecida apenas por “Simone”, que teria deixado o país no dia seguinte aos assassinatos e não foi localizada.

“No andar de cima da residência de Tobias, os policiais encontraram duas salas idênticas, equipadas com leitos e equipamentos hospitalares, um laboratório de análises completamente equipado e câmeras de segurança espalhadas por diversos cômodos da propriedade. As imagens não foram recuperadas. Os registros das pesquisas também sumiram.

“Fontes na polícia, que não querem se identificar, disseram que o empresário era um ‘ocultista’ e que há evidências de que patrocinava experimentos científicos esotéricos ‘eticamente questionáveis’, o que explicaria a

presença do casal de médicos hospedados no local. Mas a história de crimes ainda não acabou. E fica ainda mais surpreendente...”

Corte para o quintal novamente, mostrando terra empilhada, cães farejadores e agentes policiais com uniformes encardidos segurando pás e sacos de lixo.

— No dia seguinte à descoberta do laboratório e das salas, cães farejadores da PM localizaram, enterrado debaixo da piscina do imóvel, o corpo do advogado Osmar Stabile, em avançado estado de decomposição. Stabile, que era amigo de Tobias Muller, estava desaparecido desde o dia vinte e três de julho; mas quem teria assassinado o Dr. Stabile?

“Enquanto o laudo da perícia não fornece novas informações, a Dra. Júlia Akemi atribuiu a morte, em depoimento, ao falecido Tobias Muller.

“Com mais perguntas do que respostas, não há pistas concretas da identidade dos assassinos de Tobias e Stabile. Não se sabe quem são os sujeitos que trouxeram caos e terror à Rua Joaquim Távora no dia trinta, e o paradeiro do Dr. Hubert Ruas permanece um mistério.

“Teria ele participado dos crimes? Devido à aparência do suspeito e à sua força descomunal, o assassino anônimo, à solta na cidade, vem sendo chamado na Internet de ‘o lobisomem da Vila Mariana’.”

Júlia desligou a televisão. A carreira dela havia acabado. O relacionamento com Hubert idem, mas ela precisava cuidar dele. Ocasionalmente, mas precisava, obedecendo às instruções do livro de Dom Alfonso Etcheverya que ela encontrara no escritório de Tobias. O marido, ferido de morte, havia engatinhado até o laboratório estancando com a mão o ferimento na garganta. Com a ajuda de Simone, ligou a máquina de transfusão. Quatro litros do sangue de Max entraram em circulação no corpo de Hubert, em plena meia-noite. O sangue de Max salvaria Hubert.

Para sempre.

Agradecimento

Primeiramente, obrigado por ter concluído a leitura de “O Lobisomem da Vila Mariana”. Ele foi escrito com muito zelo e carinho. Espero que você tenha gostado.

Peço-lhe que, se possível, gaste um tempinho para avaliá-lo no site da Amazon. Escreva uma resenha, se possível, contando o que gostou — e, também, o que não gostou. Receber a opinião sincera dos leitores, positiva ou negativa, é uma alegria imensa para qualquer escritor (além de servir de norte para que os próximos livros sejam, sempre, melhores).

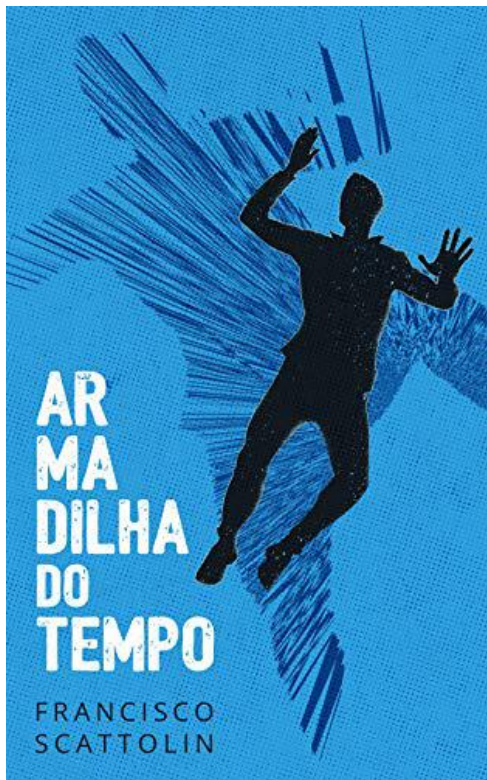
O Autor.

(siga no Instagram para os próximos lançamentos: @fscattolinf)

email: f.scattolin@gmail.com

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

Armadilha do Tempo



Ao mudar-se para a unidade 91 do Cosmopolitan, o protagonista é envolvido em uma fantástica e improvável viagem no tempo: quando sai à rua, ele volta duas décadas no passado. O apartamento, porém, continua no presente, plenamente funcional. O processo parece condenado a repetir-se indefinidamente. O que você faria caso tivesse acesso aos segredos do passado? Se um evento extraordinário lhe concedesse a oportunidade de vivê-lo novamente? Caso fosse obrigado a alternar entre passado e presente? São dessa natureza os questionamentos do protagonista enquanto tenta escapar da armadilha do tempo. Libertar-se irá demandar investigações, trabalho conjunto, sorte e paixão. Nem todos estarão dispostos a ajudá-lo. Há, no passado, alguém à espreita. À espera da sua chegada.

Armadilha do Tempo liderou os rankings de venda na Amazon nas categorias “Mistério e Suspense” e “Viagem no Tempo”, chegando a ocupar a 31ª colocação geral na loja Kindle.

Foi, também, sucesso de crítica nos canais dos youtubers Tatiana Feltrin, Victor Almeida e Isabella Lubrano.